

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP - RIO CLARO**

**INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS**

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Laurita Marconi Schiavon  
Eliana de Toledo  
Marco Antonio Coelho Bortoleto  
Myrian Nunomura  
*Organizadores*

**PUBLICAÇÃO DE RESUMOS E PROGRAMA  
III SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA  
ARTÍSTICA E RÍTMICA DE COMPETIÇÃO  
SIGARC**

**ISBN: 978-85-87197-21-4**

**RIO CLARO – SP  
EDITADO POR  
BIOCÊNCIAS DE RIO CLARO  
2012**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada na biblioteca do IB/UNESP/RC

Seminário Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição  
(3. : 2012 : Rio Claro, SP)

Resumos do III Seminário Internacional de Ginástica Artística e  
Rítmica de Competição: publicação de resumos e programa / Laurita  
Marconi Schiavon ... [et al.]. – Rio Claro (SP) : [s.n.], 2012

192 p. : il., figs., gráfs., tabs., quadros, fots.

Evento realizado em Rio Claro no período de 05/10/2012 a  
06/10/2012 no Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista  
ISBN 9788587197214

1. Ginástica. 2. SIGARC. 3. Esporte. I. Schiavon, Laurita Marconi.  
II. Toledo, Eliana. III. Bortoleto, Marco Antonio Coelho. IV. Nunomura,  
Myrian. V. Título.

CDD 796.41

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**

**CAMPUS RIO CLARO**

**Geraldo Alckmin** Governador do Estado de São Paulo

**Ricardo Samih Georges Abi Rached** Pró-reitor de Administração no exercício da Reitoria

**Eduardo Kokubun** Pró-reitor de Pós-Graduação interino

**Sheila Zambello de Pinho** Pró-reitora de Graduação

**Maria Amélia Máximo de Araújo** Pró-reitora de Extensão Universitária

**Maria José Soares Mendes Giannini** Pró-reitora de Pesquisa

**Maria Dalva Silva Pagotto** Secretária geral

**Carlos Antonio Gamero** Chefe de Gabinete

**INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS – RIO CLARO – SP**

**Jonas Contiero** Diretor

**Adelita Aparecida Sartori Paoli** Vice-Diretora

**Lilian Teresa Bucken Gobbi** Coordenadora do Programa de Pós-Graduação - Ciências da Motricidade

**Afonso Antonio Machado** Coordenador do Programa de PG - Desenvolvimento Humano e Tecnologias

**Cynthia Y. Hiraga** Chefe do Departamento de Educação Física

**Eliane Mauerberg de Castro** Vice-Chefe do Departamento de Educação Física

**Luiz Augusto Normanha Lima** Coordenador dos Cursos de Graduação em Educação Física

**Silvia Deutsch** Docente do Depto. de Educação Física e Membro da Comissão Organizadora do SIGARC  
2012

**Laurita Marconi Schiavon** Presidente da Comissão Organizadora do SIGARC 2012 e Coordenadora do  
Grupo de Pesquisa em Ginástica/UNESP - RC

## **ORGANIZAÇÃO DO SIGARC 2012**

### **COORDENAÇÃO GERAL**

Laurita Marconi Schiavon – DEF / UNESP – Rio Claro  
Marco Antonio Coelho Bortoleto - FEF / UNICAMP - Campinas  
Myrian Nunomura - EEFERP / USP – Ribeirão Preto  
Eliana de Toledo – FCA / UNICAMP - Limeira

### **COMISSÃO ORGANIZADORA**

Andreia Desiderio – USJT/ SP e GPG/UNICAMP  
Cristiane Montozo Fiorin-Fuglsang – Academy of Physical Education at Ollerup/DK e GPG/UNICAMP  
Elizabeth Paoliello - ISCA – GPG/UNICAMP  
Giovanna Regina Sarôa – PUC/CAMPINAS e GPG/UNICAMP  
Gláucia Maria de Jesus Bocalon Pilla – GPG – UNESP/RC  
Helaine Cristina Ferreira Lima – GPG/UNICAMP  
Isabella de Vito Ribeiro Bernardino– GPG – UNESP/RC  
Julio César Pedrosa – Pós graduando UNESP/RC  
Kizzy Fernandes Antualpa – VÉRIS/METROCAMP  
Marcela Rodrigues de Castro – Pós graduanda LAP UNESP/RC  
Maria Dilailça Trigueiro de Oliveira Ferreira – GPG – UNESP/RC  
Maurício dos Santos de Oliveira – Pós graduando EEFE / USP  
Michele V. Carbinatto - UFTM – Uberaba/MG  
Rafaela Rodrigues Segala – GPG/UNICAMP  
Samira Cangiani Santos – GPG – UNESP/RC  
Sílvia Deutsch – DEF – UNESP/RC  
Stephanie Cristina Miranda Pacheco – Pós graduanda LAP – UNESP/RC  
Yara Machado da Silva – GPG – UNESP/RC

### **COMISSÃO DE APOIO**

#### **Grupo de Estudos Pedagógicos em Ginástica – UNESP/RC**

Ana Paula Gonçalves da Silva  
Bruna Fracalanza de Oliveira  
Bruna Gozzi Coradi  
Caio Alessandro de Almeida  
Francielle Bruno Hernandes  
Gustavo Henrique Yoneo Murata  
Jaqueline Porto  
José Lucas Aguillar Petroli  
Marina Aggio Murbach  
Natássia Constanza Fosaluza  
Paulo Roveri de Afonso  
Rebecca Albano Fernandes de Oliveira  
Sarah Cristine Nogueira  
Suélen Bortolucci  
Tahisa Perez Penatti  
Thays Caroline do Santos Cardoso

#### **Grupo de Pesquisa em Ginástica do Laboratório de Experiências e Pesquisas em Ginástica (LAPEGI) – FCA/UNICAMP**

Bianca Assumpção  
Solange Macari

#### **Grupo de Pesquisa em Ginástica – FEF – UNICAMP**

Bruno Tucunduva  
Larissa Granner  
Tabata Larissa Almeida

### **APOIO TÉCNICO**

Ana Paula Pirola – Departamento de Educação Física – UNESP/RC  
Aurélio Teixeira da Silva – Reitoria – UNESP  
Daniel Achui da Silva – Departamento de Educação Física – UNESP/RC  
Emerson Teodorico Lopes – FEF/UNICAMP  
Lorayne Bortolin – Departamento de Educação Física – UNESP/RC (estagiária)  
Nielle Diniz Ribas – FCA/UNICAMP – Limeira  
Paulo Roberto Gimenez – Departamento de Educação Física – UNESP/RC  
Patrícia Roberta Pezzolo – EEFERP/USP – Ribeirão Preto  
*SAEPE - Serviço de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão - UNESP/RC*

### **APOIO INSTITUCIONAL**

Federação Paulista de Ginástica (FPG)

### **COMISSÃO CIENTÍFICA**

Myrian Nunomura - EEFERP/USP  
Eliana de Toledo – FCA/UNICAMP  
Laurita Marconi Schiavon – UNESP/RC  
Marco Antonio Coelho Bortoleto – FEF/UNICAMP

### **PARECERISTAS**

Andrea Desiderio – USJT  
Andresa Ugaya – UNESP – Bauru  
Artemis Soares – UFAM  
Carlos Araújo – Universidade do Porto  
Cesar Peixoto – Universidade Técnica de Lisboa/Portugal  
Cristiane Montozo Fiorin-Fuglsang – Academy of Physical Education at Ollerup/DK e GPG/UNICAMP  
Eliana Ayoub – FE/UNICAMP  
Eliana de Toledo – FCA/UNICAMP  
Giovana Costa Ermetice – FEA/UNICAMP  
Giovanna Regina Sarôa – PUC/Campinas e GPG/UNICAMP  
Ieda Parra Barbosa - Rinaldi - UEM/PR  
Ivana Montandon Soares Aleixo – UFMG  
João Oliva – UFRGS  
Kizzy Antualpa – VÉRIS/METROCAMP  
Laurita Marconi Schiavon – UNESP/RC  
Márcia Aversani – UNOPAR  
Marco Antonio Coelho Bortoleto – FEF/UNICAMP  
Marília Velardi – EACH/USP  
Marta Bobo – Universidad de La Coruña  
Maurício dos Santos de Oliveira – Doutorando EEFE/USP  
Michele Viviene Carbinatto – UFTM  
Myrian Nunomura - EEFERP/USP  
Odilon Roble – FEF/UNICAMP  
Oscar Escalante - Federação Catalana de Ginástica/Espanha  
Patrícia Arruda – UERJ  
Paulo Carrara – FMU e EEFE/USP  
Priscila Regina Lopes – UFVJ  
Sandro Santos - INSEP - França  
Sílvia Deustch – UNESP/RC

### **ORGANIZAÇÃO DOS ANAIS**

Laurita Marconi Schiavon – UNESP/RC  
Eliana de Toledo – FCA/UNICAMP  
Marco Antonio Coelho Bortoleto - FEF/UNICAMP  
Myrian Nunomura – EEFE/USP

PROMOÇÃO



CO-PROMOÇÃO



APOIO



## PALAVRAS DA ORGANIZAÇÃO

Prezados colegas, acadêmicos, técnicos, ginastas, árbitros, pesquisadores, graduandos e pós-graduandos, todos aqueles envolvidos na Ginástica. Temos o prazer de organizar o *Seminário Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição/SIGARC 2012*, que graças às experiências anteriores, e acrescido aos esforços das Universidades estaduais paulistas, nesta 3ª edição revela-se ainda mais fortalecido.

A parceria entre as três Universidades tem aproximado e despertado o interesse de estudantes e pesquisadores de Educação Física para a Ginástica e, assim, elevado o potencial de contribuição da ciência para o crescimento e desenvolvimento da modalidade no país.

O crescimento da Ginástica Artística e Rítmica no Brasil é fato evidenciado pelos recentes resultados e conquistas do Brasil. E, o destaque internacional consagra-se com a primeira medalha olímpica na história de nossa Ginástica, com o ginasta Arthur Zanetti e seu técnico Marcos Goto. Que estes sejam estímulo e exemplo para nosso país apreciar, acreditar e investir na Ginástica, inclusive no âmbito acadêmico.

Assim, o presente evento propõe um espaço de reflexão e de compartilhamento de conhecimento, inovação, tecnologia e experiência que viabilize a continuidade do processo de desenvolvimento da Ginástica no Brasil. Certamente, ainda há muitas lacunas a serem preenchidas e desafios a serem superados, mas também podemos dizer que estamos avançando.

O que podemos esperar para a Ginástica brasileira nos próximos ciclos olímpicos? Como podemos aproximar os pesquisadores e a ciência ao cotidiano dos ginásios? Quais os benefícios reais dessa aproximação? A missão do SIGARC é aproximar treinadores e pesquisadores, para que compartilhem e se beneficiem mutuamente. Este é um dos caminhos para o crescimento da nossa Ginástica, beneficiando ambos os campos.

Vivemos um momento ímpar para o esporte no Brasil e a Universidade pode, por meio deste relacionamento entre pesquisadores e técnicos, auxiliar no entendimento e na solução de problemas dos ginásios. Nosso intuito é aproximar Universidade e técnicos que, por anos, estiveram distantes, mas, com um objetivo em comum: elevar a qualidade do Esporte. E, o SIGARC pode ser este elo que unirá as partes e facilitará o entendimento mútuo.

Para proporcionarmos um momento produtivo e enriquecedor para todos os participantes deste 3º. SIGARC, convidamos expressões da GA e da GR, figuras que muito nos ensinarão com suas experiências e estudos. Estas personalidades cederam um espaço de sua agenda concorrida e aceitaram nosso convite, pois, entendem que o compartilhamento e a globalização do conhecimento e da experiência é o melhor caminho para o crescimento e aperfeiçoamento.

O SIGARC existe porque nós acreditamos na nossa Ginástica, no potencial dos ginastas, técnicos e pesquisadores e nos benefícios e nas contribuições da Ginástica que, além de trazer medalhas, pode ajudar na construção de uma sociedade melhor.

Agradecemos a sua participação e a colaboração das comissões e de todos que se dedicaram para que a 3ª edição deste evento fosse possível.

Sejam bem vindos ao SIGARC 2012!

**Laurita Marconi Schiavon**  
**Marco Antonio Coelho Bortoleto**  
**Myrian Nunomura**  
**Eliana de Toledo**  
Comissão Organizadora

## SUMÁRIO

<b><u>PROGRAMA</u></b>	11
<b><u>RESUMO DAS PALESTRAS</u></b>	13
<b>THE COACHING BIOMECHANICS INTERFACE &amp; EVOLUTION OF COMPLEX SKILLS IN ARTISTIC GYMNASTICS</b> Gareth Irwin	13
<b>THE GYMNASTICS: A GAME OF RULES</b> Jean François Robin	15
<b>HÁ RELAÇÃO ENTRE O PLANEJAMENTO DO TREINAMENTO DE GINASTAS DE ALTO RENDIMENTO E OS AVANÇOS CIENTÍFICOS?</b> Laurita Marconi Schiavon	16
<b>O CONJUNTO NA GINÁSTICA RÍTMICA</b> Márcia Regina Aversani Lourenço	18
<b>A CIÊNCIA DA GINÁSTICA ARTÍSTICA: DESAFIOS E PROPOSTAS</b> Marco Antonio Coelho Bortoleto	19
<b>SISTEMA DE SELECCIÓN DEPORTIVA PARA LA GIMNASIA RÍTMICA EN CUBA</b> Mélix Ilisástigui Avilés	21
<b>THE CONTRIBUTION OF SPORT PSYCHOLOGY TO COMPETITIVE GYMNASTICS</b> Thomas Heinen	22
<b><u>COMUNICAÇÕES ORAIS</u></b>	23
<b>A ESTRUTURA DOS CENTROS DE TREINAMENTO DE GINÁSTICA RÍTMICA NO BRASIL</b> Kizzy Fernandes Antualpa e Roberto Rodrigues Paes	23
<b>ANÁLISE DAS DIFICULDADES DE TROCA NAS COREOGRAFIAS DE CONJUNTO: CATEGORIA JUVENIL - CAMPEONATO BRASILEIRO DE CONJUNTOS DE GINÁSTICA RÍTMICA DE 2011</b> Márcia Regina Aversani Lourenço, Luciane Maria de Oliveira Bernardi e Ana Karolinne de Sousa Colares	35
<b>ANÁLISE DAS FORMAÇÕES NOS CONJUNTOS DA CATEGORIA ADULTO PARTICIPANTES DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE GINÁSTICA RÍTMICA DE 2011</b> Márcia Regina Aversani Lourenço e Fabiana Higa Chagas	44
<b>ATIVIDADES GÍMNICAS: UMA PROPOSTA PARA O DESENVOLVIMENTO DA COORDENAÇÃO EM CRIANÇAS DE 4 A 7 ANOS DE IDADE</b> Alessandra Nabeiro Minciotti, Cristiane Petry Teixeira e Verônica Valério Furtado	53

<b>EFEITO AGUDO DE UMA SESSÃO DE FLEXIBILIDADE SOBRE O DESEMPENHO NOS TESTES DE FORÇA EM MENINAS QUE PRATICAM DE GINÁSTICA ARTÍSTICA</b>	61
Yara Machado da Silva, Lourenço Ritli Filho, Diogo Henrique Constantino Coledam e Laurita Marconi Schiavon	
<b>GINÁSTICA RÍTMICA EM MARINGÁ: A (RE) CONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA</b>	69
Ana Luíza Barbosa Anversa e Ieda Parra Barbosa-Rinaldi	
<b>O APOIO DOS PAIS NA CARREIRA ESPORTIVA DE JOVENS GINASTAS</b>	83
Myrian Nunomura e Maurício Santos Oliveira	
<b>PRÉ-TEMPORADA: UMA ANÁLISE DE ATLETAS DE GINÁSTICA ARTÍSTICA</b>	93
Tiago Henrique Barbosa, Ivana Montandon Soares Aleixo, Márcio Mário Vieira e Izabel Cristina Provenza de Miranda Rohlf	
<b><u>POSTERES</u></b>	98
<b>A GINÁSTICA PARA TODOS (GPT) COMO ESPAÇO DE CONFLUÊNCIA ENTRE OS ESPORTES GINÁSTICOS E AS ARTES DO CORPO</b>	98
Mercè Mateu Serra, Marco Antonio Coelho Bortoleto e Rodrigo Mallet Duprat	
<b>A INFLUÊNCIA DA GINÁSTICA ARTÍSTICA NA COORDENAÇÃO MOTORA DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL</b>	104
Zadriane Gasparetto Marques, Rosana Sandri Eleutério Souza e Sarita de Mendonça Bacciotti	
<b>A INICIAÇÃO A PRÁTICA DE GINÁSTICA ARTÍSTICA: AS EXPECTATIVAS DOS PAIS</b>	110
Nicole Terres Schmitt, Paulo Ricardo Barros Borges, Vivian Alt e Rogério da Cunha Voser	
<b>A QUESTÃO DA AVALIAÇÃO DAS AULAS DE GINÁSTICA RÍTMICA EM PROJETOS SOCIAIS: A VISÃO DOS EDUCADORES NUMA ABORDAGEM DE TOTALIDADE</b>	116
Bárbara Raquel Agostini e Tatiane Gama	
<b>APLICAÇÃO DE JOGOS COOPERATIVOS EM ATLETAS DE GINÁSTICA RÍTMICA, VISANDO O DESENVOLVIMENTO GRUPAL</b>	125
Daniela Vieira da Cruz Matos e Wilson Ferreira Coelho	
<b>ENVOLVIMENTO PARENTAL NA TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE TALENTOS DA GINÁSTICA RÍTMICA</b>	128
Fernanda Soares Nakashima e Lenamar Fiorese Vieira	
<b>GINÁSTICA ESTÉTICA DE GRUPO E GINÁSTICA RÍTMICA: UMA COMPARAÇÃO ENTRE OS ASPECTOS DA TÉCNICA E DA REGULAMENTAÇÃO</b>	135
Natália de Souza Henriques, Márcia Regina Aversani Lourenço, Taiza Daniela Seron e Ieda Parra Barbosa-Rinaldi	
<b>INICIAÇÃO À GINÁSTICA RÍTMICA: UMA PROPOSTA EXTRACURRICULAR</b>	143
Daniela Bento Soares e Marco Antonio Coelho Bortoleto	
<b>INTERFERÊNCIA DE DIFERENTES TIPOS DE ALONGAMENTO NO ESTADO DE HUMOR DE ATLETAS DE GINÁSTICA RÍTMICA</b>	148
Bruna Francalanza, Silvia Deutsch, Laurita Marconi Schiavon e Sarah Cristine Nogueira	

<b>MOTIVOS DE INÍCIO DA PRÁTICA DA GINÁSTICA ARTÍSTICA</b> Myrian Nunomura, Aline Dessupoio Chaves e Michele Viviene Carbinatto	153
<b>O EFEITO DA PRÁTICA SISTEMATIZADA DA GINÁSTICA RÍTMICA SOBRE O DESENVOLVIMENTO EM ESCOLARES</b> Maria Carolina Nogueira Oliveira, Cindy Gonçalves Zeni Oliveira, Graziela de Castro Alves, Enrique Osvaldo Cimaschi Neto	160
<b>OS OBJETIVOS DO PROFESSOR AO MINISTRAR GINÁSTICA ARTÍSTICA COMO ATIVIDADE EXTRACURRICULAR EM ESCOLAS</b> Rosana Sandri Eleutério de Souza e Sarita Mendonça Bacciotti	164
<b>PROJETOS DE EXTENSÃO EM GINÁSTICA PARA CRIANÇAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA/CAMPUS RIO CLARO</b> Laurita Marconi Schiavon, Silvia Deutsch, Bruna Gozzi Coradi, Natássia Constanza Fosaluza, Rebecca Fernandes Albano de Oliveira, Tahisa Perez Penatti e Thays Caroline dos Santos Cardoso	169
<b>SER GINASTA, SER BELA: PEDAGOGIAS DO CORPO FEMININO NA GINÁSTICA RÍTMICA</b> Patrícia Luiza Bremer Boaventura, Alexandre Fernandez Vaz	174
<b>SUBJETIVIDADE NA AVALIAÇÃO DOS COMPONENTES ARTÍSTICOS EM GINÁSTICA ARTÍSTICA</b> Fernanda Regina Pires e Myrian Nunomura	181
<b>TENSÕES DA GINÁSTICA: ENTRE A PRÁTICA ESPORTIVA ACROBÁTICA E OS FUNDAMENTOS DA GINÁSTICA SOCIAL</b> Bruno Barth Pinto Tucunduva	187
<b><u>CADERNO DE NOTAS DO CONGRESSISTA</u></b>	193

**PROGRAMA**

**III SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA ARTÍSTICA E RÍTMICA DE COMPETIÇÃO  
- SIGARC 2012  
05 e 06/10/2012 - UNESP – RIO CLARO**

**05/10/2012 – Sexta-feira**

**8h30** – Recepção dos participantes e entrega do material

**9h - 9h30** - Solenidade de abertura

**9h30 - 10h30** – Conferência de abertura: **A contribuição da Psicologia do esporte para a ginástica de competição** - Dr. Thomas Heinen (Universidade de Hildesheim, Instituto de Ciências do Esporte - Alemanha)

**10h30 - 11h** – Coffee break

**11h - 12h30** – Mesa redonda: **Preparação para os Jogos Olímpicos e o papel da ciência do esporte** - Dr. Keith Russel (Universidade de Saskatchewan/Canadá e Federação Internacional de Ginástica - FIG), Profa. Berenice Wilke (Comitê Olímpico Brasileiro - COB) e Prof. Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto (UNICAMP/Brasil – Confederação Brasileira de Ginástica - CBG)

**14h30 - 15h30** – Apresentação de trabalhos em comunicação oral (4 salas do bloco didático)

**15h30 - 16h** – Coffee break

**16h – 18h30** – **Workshop de Ginástica Rítmica** (Ginásio de Ginástica Artística – DEF/IB) - Dra. Mélix Ilisástigui Avilés (UCCFD /Cuba)

**16h – 18h30** – **Workshop de Ginástica Artística** (Anfiteatro I do IB) – Prof. Esp. Marcos Goto (Comissão técnica da seleção brasileira de GAM)

**06/10/2012 - Sábado**

**9h - 11h** – Mesa redonda de **Ginástica Artística** (anfiteatro do IB) – **O planejamento do treinamento de ginastas de alto rendimento e os avanços científicos recentes** - Dr. Irwin Gareth (Universidade Metropolitana de Cardiff /País de Gales), Prof. Esp. Marcos Goto (Comissão técnica da seleção brasileira de GAM), Profa. Dra. Laurita Marconi Schiavon (UNESP/Brasil)

**9h - 11h** – Mesa redonda de **Ginástica Rítmica (anfiteatro II)** - **O planejamento do treinamento de ginastas de alto rendimento e os avanços científicos recentes** – Profa. Cristina Vital (árbitra de GR dos Jogos Olímpicos de 2012), Dra. Mélix Ilisástigui Avilés (UCCFD /Cuba) e Profa. Ms. Márcia Aversani Lourenço (UNOPAR e doutoranda da UEM)

**11h – 11h30** – Coffee Break (Lançamento de livros)

**11h30 - 12h30** – Apresentação de pôsteres

**14h30 – 17h** – **Workshop de Ginástica Rítmica** (Ginásio de esportes – DEF/IB) – Profa. Cristina Vital (árbitra de GR dos Jogos Olímpicos de 2012) e Profa. Ms. Márcia Aversani (UNOPAR e doutoranda da UEM)

**14h30 – 17h** – **Workshop de Ginástica Artística** (Ginásio de Ginástica Artística – DEF/IB) – Keith Russel (Universidade de Saskatchewan/Canadá e Federação Internacional de Ginástica)

**17h - 17h30** – Coffee Break

**17h30 - 19h** – Mesa de encerramento: **Perspectivas científicas para resolução de problemas atuais da ginástica de alto rendimento esportivo** - Dr. Jean Robin (INSEP - Centro de Alto Rendimento – Paris/França), Profa. Dra. Myrian Nunomura (USP/Brasil) e Prof. Esp. Robson Caballero (Árbitro de GAM dos Jogos Olímpicos de Londres 2012).

**III INTERNATIONAL SEMINAR ON COMPETITIVE ARTISTIC AND RHYTHMIC  
GYMNASTICS - SIGARC 2012  
OCTOBER 5-6, 2012 - UNESP – RIO CLARO**

**Oct 5, 2012 – Friday**

**8h30** – Registration

**9h - 9h30** – **Opening Ceremony**

**9h30 - 10h30** – **Opening Conference: The Contribution of Sports Psychology to Competitive Gymnastics**  
– Dr. Thomas Heinen (University of Hildesheim, Institute of Sport Science – Germany)

**10h30 - 11h** – Coffee break

**11h - 12h30** – **Panel discussion: Preparing for the Olympic Games and the Role of Sports Science** – Dr. Keith Russel (University of Saskatchewan/Canada and International Federation of Gymnastics), Prof. Berenice Arruda (Brazilian Olympic Committee) and Prof. Marco Antonio Coelho Bortoleto, Ph.D. (UNICAMP/Brazil – Brazilian Gymnastics Federation)

**14h30 - 15h30** – **Oral sessions** (to be conducted in 4 rooms)

**15h30 - 16h** – Coffee break

**16h - 18h30** – **Rhythmic Gymnastics Workshop** (Artistic Gymnastics Gymnasium – DEF/IB) – Dr. Mélix Ilisástigui Avilés (Cuba)

**16h - 18h30** – **Artistic Gymnastics Workshop** (Auditorium I - IB) – Prof. Marcos Goto (Technical Committee – CBG - Brazil)

**Oct 06, 2012 - Saturday**

**9h -11h** – **Panel discussion on Artistic Gymnastics** (Auditorium II) – **How to plan training for high-performance gymnastics and recent scientific advances in this field-** Dr. Irwin Gareth (Cardiff Metropolitan University/Wales), Prof. Marcos Goto (Technical committee – Brazilian Men’s Artistic Gymnastics team – Arthur Zanetti coach), Dr. Laurita Marconi Schiavon, Ph.D. (UNESP/Brazil)

**9h -11h**– **Panel discussion on Rhythmic Gymnastics () – How to plan training for high-performance gymnastics and the recent scientific advances in this field** – Cristina Vital (Olympic Games Judge), Dr. Mélix Ilisástigui Avilés (Cuba), Márcia Aversani Lourenço (UNOPAR/UEM - Brazil)

**11h – 11h30**– Coffee Break (Book release)

**11h30 - 12h30** – Poster session

**14h30 - 17h** – **Rhythmic Gymnastics Workshop** (Sports Gymnasium – DEF/IB) – Cristina Vital (Olympic Games Judge) e Márcia Aversani (UNOPAR/UEM - Brazil)

**14h30 - 17h** – **Artistic Gymnastics Workshop** (Artistic Gymnastics Gymnasium – DEF/IB) – Keith Russel (University of Saskatchewan/Canada and International Gymnastics Federation)

**17h - 17h30**– Coffee Break

**17h30-19h** – **Closing session: Scientific perspectives to solve current issues in high-performance Gymnastics training** – Dr. Jean François Robin (INSEP – High Performance Training Center – Paris/France), Dr. Prof. Myrian Nunomura (USP/Brazil) e Prof. Robson Caballero (Olympic Games Judge).

## RESUMOS DAS PALESTRAS

### THE COACHING BIOMECHANICS INTERFACE & EVOLUTION OF COMPLEX SKILLS IN ARTISTIC GYMNASTICS

**Gareth Irwin**

Cardiff Metropolitan University/Wales  
[girwin@cardiffmet.ac.uk](mailto:girwin@cardiffmet.ac.uk)

The desire of competitive gymnastics is to optimize performance, enhance training effectiveness and create a safe and healthy environment. This has been paralleled by a scientific endeavor to objectively address meaningful questions that meet the requirements of this sport. This session will discuss research that has emerged from the Cardiff School of Sports, Sports Biomechanics Research Group following two interrelated themes; 1) the 'coaching biomechanics interface' and 2) the evolution of complex skills. The first theme examines how meaningful scientific information can be used to inform the coaching process. The presentation will explore the origins of this knowledge and how coaches conceptually understand technique, which concurrently informs skill development, training drills and physical preparation. The second part of the presentation will focus on an in-depth examination of the development of release and re-grasp skills in men's and women's gymnastics, and highlight the emergence of new techniques which have allowed gymnast's to optimize performance.

#### 1. Coaching Biomechanics Interface

The 'coaching biomechanics interface' describes the conceptual processes the coach undertakes to understand technique and skill development (Figure 1). The process allows the coach to build a mindset of how a skill works, and in conjunction with the fundamental principles of training provides a mechanism to optimize skill development. The presentation will draw upon specific examples from previous and current research (Ridge et al., 2012; Irwin et al., 2005; 2004), which has used qualitative methods to examine the organization and structure of understanding skills in gymnastics.

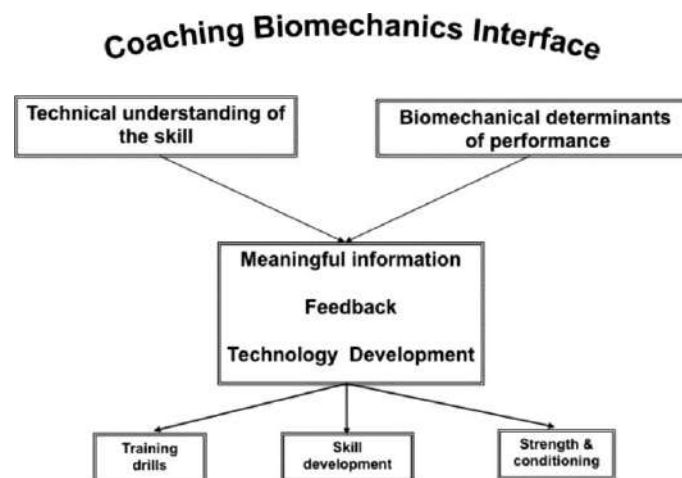


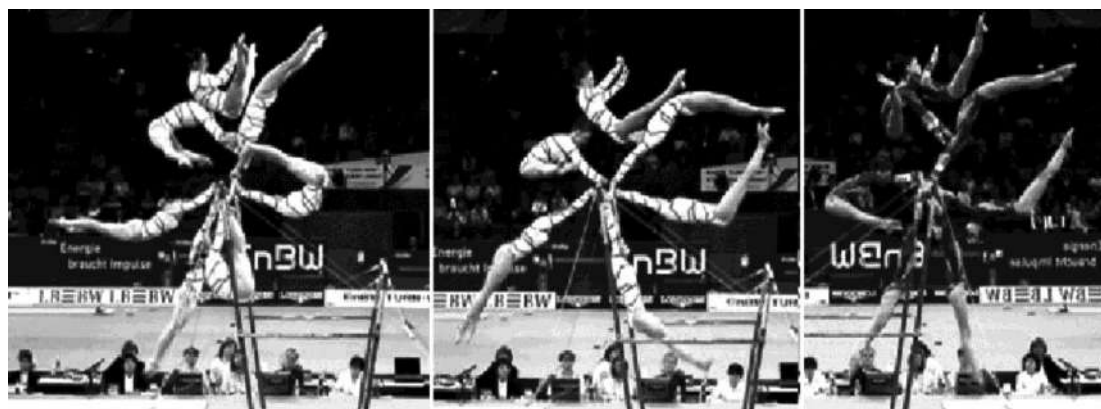
Figure 1. Representation of the coaching biomechanics interface

These examples show how current elite male and female coaches utilize their tacit knowledge to extract key information about how skills work, what the key variables are and how successful performance is achieved.

#### 2. Evolution of complex skills

This section will focus specifically on the Tkatchev release and re-grasp skill performed on men's high bar and women's uneven bars. As with all Tkatchevs, gymnasts are faced with the challenge of maintaining backward angular momentum around the high bar to ensure suitable release conditions for flight over the bar, whilst also reversing the direction of angular momentum around the mass centre close to release providing forward rotation in flight. Using research from the Cardiff group (Irwin and Kerwin, 2011; Kerwin

and Irwin, 2011; 2010) an examination of the development of contemporary versions of this skill by female gymnasts, and comparisons with their male counterparts will explain an evolution of the key characteristic of successful performance i.e. a greater rotational capacity (angular momentum) and optimum take conditions (velocity and angle of release) during newer version of the Tkatchev (Figure 2).



**Figure 2.** Left = Toe-on Tkatchev, Middle = Inwards facing Tkatchev, Right =Outward facing Tkatchev

In addition this section will explore the role of the shoulder and the hips in terms of movement patterns (kinematics) and joint loading (kinetics). Data from World Championships and Olympic games will add to the ecological validity of the data.

## THE GYMNASTICS: A GAME OF RULES

*Jean François Robin, PhD*

*Institut National du Sport, de l'Expertise et de la Performance (INSEP - France)*  
[jean-francois.robin@insep.fr](mailto:jean-francois.robin@insep.fr)

### Introduction

We believe that the rules of the game constitute the first universal knowledge of the sport as far as they are public, formalized, communicated and that they are the object of a social sentence, which joins in registers of efficiency and utility (Robin, 1998). As such, the rules can serve as reference to teach athletes novice as in more expert.

### Method

The rules of the game of the gymnastic and acrobatic activities, called "codes de pointage", are regularly modified for the benefit of a practice always more acrobatic. We study the codes de pointage since their creation, in 1936, by Lapallu (President of the IGF). We use a comparative method stemming from anthropological analyses, which allows to measure the distances, the permanences and the disappearances. A socio-anthropological approach allows to place the codes de pointage in their context. It is a question to understanding better the social and technical transformations of the practice to address better the beginners.

### Results

Three main rules (difficulty, execution, combination) are described to understand foundations and expected transformations. They will have consequences towards the mobility of the gymnasts, the social roles of the activity, finally the shared feelings. The objective of this work is to identify consequences of the rules for the intervention and to locate levers which allow "to play" the gymnastics in a more strategic way. The gymnastics thus is not to be reduced to a traditional activity of control of forms of technical bodies. The glance concerned the populations of gymnasts allow to adapt the rules of the game, which would provoke transformations more fitted to the levels of practice.

### Conclusion

A "code de pointage" is a dynamic human activity, which introduces strategies varied between various protagonists. This vitality exists if the contradiction " risk-taking / control of the risk " in the rules leaves possible of the varied choices. We believe that the study of the codes de pointage included as the foundations of the gymnastic and acrobatic activities, is necessary to train better the followers, from the beginner to the expert.

### Bibliography

- Amarouche, P. & Nouillot, P.** (1989). Objectif gym : vivre à l'heure des interclasses. In L'éducation physique et sportive, aujourd'hui ce qui s'enseigne (pp. 101-104). Éditions du SNEP.
- Deleplace, R.** (1983). La recherche sur la spécialisation, l'entraînement, la performance. In *La recherche en STAPS* (pp. 93-151). Nice 19-20 Sept. 1983.
- Durny, A.,** (2011). Comment envisager la conception de programmes de formation des arbitres et juges à partir d'une analyse de leur activité effective. In F. Dosseville et S.Laborde. Les différentes facettes de l'arbitrage. Publibook
- Goirand, P.** (1996). Techniques sportives et culture scolaire. Éditions de la revue EP. S. : 98-144.
- Robin, JF** (1998). « Transposition didactique : les savoirs de référence développés par quatre leaders de théories didactiques », in Robin (J.-F.) et Hauw (D.) Actualité de la recherche en EPS : bilan et perspectives, Éditions Revue EP.S, p. 109-118.

## HÁ RELAÇÃO ENTRE O PLANEJAMENTO DO TREINAMENTO DE GINASTAS DE ALTO RENDIMENTO E OS AVANÇOS CIENTÍFICOS?

*Profa. Dra Laurita Marconi Schiavon*

*UNESP/RC*

[laurita@rc.unesp.br](mailto:laurita@rc.unesp.br)

Os recentes resultados da Ginástica Artística brasileira são parte de um processo de crescimento desta modalidade no âmbito internacional, que tomou maior proporção a partir da primeira participação brasileira em Jogos Olímpicos em 1980. Mais recentemente é possível perceber que a tomada de decisão em relação ao planejamento e execução do treino está pautada em evidências e conhecimentos científicos, porém em pesquisa desenvolvida em 2009 com ginastas brasileiras femininas desta modalidade participantes de Jogos Olímpicos até 2004, foi possível revelar por meio de seus próprios depoimentos que muitos momentos do processo de preparação esportiva foram pautados mais na tradição ou na perpetuação de ações que em determinados momentos tiveram sucesso, do que na ciência. Esta pesquisa qualitativa foi desenvolvida utilizando-se do método de História Oral, com os depoimentos das dez ginastas brasileiras classificadas para os Jogos Olímpicos entre 1980 e 2004.

Alguns resultados aqui apresentados sobre esse processo de preparação esportiva abordam estrutura e organização dos treinos das ginastas, tempo de duração da etapa de preparação preliminar, volume de treinamento diário nas diferentes etapas e tempo de alcance dos resultados superiores. Observou-se que a estrutura e organização dos treinos das ginastas foram se modificando ao longo do tempo, culminando com uma condição particular entre os anos 1999 e 2008. Independente da “geração”, os resultados revelam que as atletas permaneceram pouco tempo na etapa de preparação preliminar. Quanto à carga horária, as ginastas de transição iniciaram os treinamentos em duas sessões diárias antes da obtenção de grandes títulos ou classificações para os Jogos Olímpicos, se diferenciando das gerações anteriores. Os volumes de treinamento, adicionado a qualidade do processo, associadas, por sua vez à estrutura, parecem ser variáveis críticas para o sucesso das ginastas “de transição” no cenário internacional (SCHIAVON et al., 2011).

Por outro lado, foi também possível notar nos depoimentos, diferentes expectativas e cobranças em gerações distintas de ginastas, assim como o deslumbramento ao estar nos Jogos Olímpicos, que mostra uma falta de preparação para viver este momento, ao mesmo tempo que as ginastas participantes dos Jogos Olímpicos de Atenas (2004) tinham total confiança na seriedade e certeza de um trabalho bem desenvolvido. Contradições que estamos acostumados a viver em nosso país, mas que não podem existir se queremos entrar para o grupo de nações consideradas de excelência no esporte.

## IS THERE ANY RELATIONSHIP BETWEEN TRAINING PLANS FOR HIGH-PERFORMANCE GYMNASTS AND SCIENTIFIC ADVANCES?

*Laurita Marconi Schiavon – PhD*

*UNESP/RC*

[laurita@rc.unesp.br](mailto:laurita@rc.unesp.br)

The recent results of the Brazilian Artistic Gymnastics team are part of a process of international growth of this sports category, which has significantly increased since the first participation of a Brazilian team in the Olympic Games of 1980. More recently we could notice that the decision-making process pertaining training planning and execution is based on scientific evidence and knowledge. However, in a research study conducted with female Brazilian gymnasts of this category who had participated in the Olympic Games until 2004, their testimonials revealed that often times sports preparation was based more on tradition or continuation of actions that were once successful rather than on science. This qualitative research study was developed using the Oral History method and included the testimonials of the ten Brazilian gymnasts who were qualified for the Olympic Games between 1980 and 2004.

Some of the results presented here about this sports preparation process address the structure and organization of gymnasts' training sessions, duration of the preliminary preparation stage, amount of daily training at different stages and time to reach superior results. It was observed that the structure and organization of gymnasts training have changed over time, ultimately leading to unique conditions between 1999 and 2008. Regardless of the “generation”, results revealed that athletes remained in the preliminary preparation stage for a short period of time. As to the time load, transition gymnasts started training in two daily sessions before winning major titles or before qualifying for the Olympic Games, setting themselves apart from previous generations. Training loads, quality of the process and structure seem to be critical variables for the success of “transition” gymnasts in the international scenario (SCHIAVON et al., 2011).

On the other hand, the testimonials also showed that different generations of gymnasts had distinct expectations and pressure put on them. There were also differences in how astonished they were for being in the Olympic Games, which shows how unprepared they were for this moment. Meanwhile, the gymnasts who participated in the Olympic Games in Athens (2004) were confident on their seriousness of the occasion and were certain they had done a good job in their preparation. Those are some of the contradictions we see in our country but that cannot exist if we want to be part of a group of nations considered to have a level of excellence in this sport.

## O CONJUNTO NA GINÁSTICA RÍTMICA

*Márcia Regina Aversani Lourenço*  
UNOPAR  
[marcia.lourenco@unopar.br](mailto:marcia.lourenco@unopar.br)

Trabalhar a modalidade de conjunto nos treinamentos de Ginástica Rítmica não é tarefa fácil. Há que se organizar o treinamento de forma a possibilitar que o grupo sinta o interesse em ser uma equipe e deseje um resultado em comum. Conjunto é assim, um por todos e todos por um! Tudo no conjunto é intenso, escolher uma música que agrade a todas, optar por dificuldades corporais e de aparelhos que possam ser executadas por todo o grupo sem falhas, elaborar as trocas e colaborações sabendo exatamente quem vai realizar os elementos mais difíceis nos momentos de risco, perceber quem tem facilidade para lançar dois ou mais aparelhos ao mesmo tempo, e para definir o modelo do colã e a cor dos aparelhos há a necessidade de ouvir todas as opiniões... e assim vai!

O treinador de conjunto também é diferenciado, a liderança aqui é importante para que o foco não se perca, todos os dias necessita revigorar a energia do grupo pois se uma das ginastas não está bem corre o risco do treino não acontecer e bons treinamentos da unidade fazem a diferença nas competições. Nos Jogos Olímpicos apenas 12 países participam das competições de conjuntos, até a edição de Atenas em 2004 eram apenas 10 vagas para o mundo todo. No último ciclo olímpico a disputa pelas vagas começou no Campeonato do Mundo de Moscou em 2010 organizado pela Federação Internacional de Ginástica (FIG) com a participação de 29 países, destes, 24 foram selecionados para o pré-olímpico que aconteceu em Montpellier em 2011 onde apenas seis países conquistaram a vaga olímpica. Quatro vagas foram definidas no evento teste de Londres no início de 2012 e as demais completadas por um país do continente sem representatividade e pelo país sede. O Brasil vem se destacando a algum tempo nas competições de conjunto, somos o campeão absoluto das quatro últimas edições dos Jogos Pan Americanos, Winnipeg/1999, Santo Domingo/2003, Rio de Janeiro/2007 e Guadalajara/2011 e os clubes que trabalham com conjunto no país vem aumentando em quantidade e também em qualidade o que é muito importante para a continuidade do desenvolvimento e manutenção das posições alcançadas internacionalmente.

Recentemente organizamos uma pesquisa com os alunos do curso de Pós-graduação em Ginástica Rítmica da UNOPAR com o objetivo de mapear o panorama das composições de conjunto no país e os resultados foram muito interessantes no que se refere à escolha de elementos de dificuldades corporais, número e nível de trocas e colaborações, formações, pré-acrobáticos, utilização de elementos proibidos e de risco e ainda as questões relacionadas à expressividade coletiva das equipes das categorias infantil, juvenil e adulta participantes do Campeonato Brasileiro de Ginástica Rítmica de 2011 denominado “Ilona Peuker”. Ao serem divulgados na sua totalidade, estes dados poderão servir como base de estudos para muitos treinadores que terão a oportunidade de repensar suas composições, e principalmente contribuir para que novos profissionais tenham uma referência nacional para iniciar seus trabalhos em conjunto.

## A CIÊNCIA DA GINÁSTICA ARTÍSTICA: DESAFIOS E PROPOSTAS

*Marco Antonio Coelho Bortoleto*  
Faculdade de Educação Física – UNICAMP  
[bortoleto@fef.unicamp.br](mailto:bortoleto@fef.unicamp.br)

Desde que a obra do médico italiano Hieronymi Mercurialis (1530-1606) “*Artis gymnastycae*” (1569) se inaugurou, há mais de quatro séculos, o estudo sistemático da ginástica e as aproximações científicas não pararam de se ampliar. Durante os séculos XVII, XVIII e XIX, foram as aproximações pedagógicas as mais destacadas (PIARD, 1982), promovendo importantes reflexões sobre o papel educativo da ginástica e suas implicações sanitárias, sociais, morais e éticas (BORTOLETO, 2012). A partir da consolidação do conceito moderno de ciência, entre o século XIX e princípio do XX, a análise científica da ginástica tornou-se ainda mais frequente, expondo interessantes leituras sobre a anatomia corporal, a mecânica dos movimentos e os processos fisiológicos, como podemos observar nas contribuições de Étienne-Jules Marey (1994) e Georges Demeny (1931), por exemplo (SOARES, 2000).

Ao longo do século XX, a ginástica competitiva – em especial a Ginástica Artística (GA) – forma-se como uma importante manifestação desportiva, alcançando grande destaque no cenário internacional, em grande medida projetada por sua repercussão nos Jogos Olímpicos. Em decorrência disso, houve um significativo aumento numérico dos pesquisadores, das mais variadas especialidades, que optaram por estudar a modalidade. Neste contexto, testemunhamos, particularmente a partir da década de 1970, a incorporação definitiva do método científico às pesquisas da área com a publicação de diversos tratados acerca do treinamento ginástico (YEUSEYEV, 1990; SMOLEUSKIY; GAVERDOUSKIY, 1991) com o objetivo de aumentar as prestações-resultados dos ginastas de alto rendimento e, dentro do possível, minimizar o impacto do treinamento intensivo e prolongado na saúde e na qualidade de vida dos ginastas<sup>1</sup>.

Contudo, e apesar de inúmeros avanços científicos a respeito da prática da GA, desde a iniciação desportiva até o alto rendimento (TSUKAMOTO; NUNOMURA, 2005) observamos ainda uma enorme distância (temporal, conceitual, etc.) entre as descobertas científicas e sua aplicação no terreno prático, dificultando a incorporação de conhecimentos que certamente poderiam otimizar os processos que configuram a longa preparação pela qual devem passar os ginastas de classe internacional (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2012; SCHIAVON *et al*, 2012). Eis aqui o primeiro grande desafio para o século XXI.

Por outro lado, as últimas três décadas revelam uma importante diminuição da presença da GA na escola (SCHIAVON; NISTA-PICCOLLO, 2007), a formação restrita e insuficiente oferecida pelas instituições de ensino superior aos profissionais da área (BARBOSA-RINALDI e SOUZA, 2008), a omissão das federações no processo de formação continuada dos treinadores e, ademais, a falta de espaços e equipamentos adequados para a prática desta modalidade completa um cenário crítico que assusta até mesmo os mais otimistas (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2009). Vale lembrar que esta crise tem sido camuflada pelos bons resultados individuais obtidos por alguns ginastas brasileiros (Daiane dos Santos, Danielle e Diego Hypolito, Jade Barbosa, Arthur Zanetti, Sergio Sasaki)<sup>2</sup>, conquistados a partir do ano 2000.

Esta situação poderia ser diferente se tivéssemos uma estrutura organizacional distinta, que facilitasse a integração entre as universidades (pesquisadores/laboratórios), os clubes desportivos, as federações estaduais e a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), mediante políticas mais eficientes.

Do mesmo modo, a pulverização da produção científica brasileira, que ainda é restrita a poucos pesquisadores, dificulta a consolidação de um campo de conhecimento e, portanto, que os esforços se somem visando oferecer respostas efetivas aos diferentes a problemas recorrentes nos ginásios. Em suma, nossa prática científica ainda se fundamenta em ações individuais e num certo isolamento acadêmico.

Contudo, novos tempos se apresentam! Assim, as recentes experiências e parcerias realizadas entre a Unicamp (FEF, FCA), USP e Unesp têm caminhado no sentido contrário ao exposto acima, buscando otimizar esforços e somar competências. Em nossa opinião, estas empreitadas coletivas representam um importante salto qualitativo na pesquisa científica.

<sup>1</sup> Podemos mencionar dois exemplos de obras elaboradas visando agrupar algumas destas contribuições científicas: Sands WA, Caine DJ, Borms J: *Scientific Aspects of Women's Gymnastics*. Med Sport Sci. Basel, Karger, 2003, vol. 45; JEMNI, M. (Ed.). *The science of gymnastics*. Londres: Routledge, 2011.

<sup>2</sup> Parte destas e de outras problemáticas que caracterizam a ginástica de competição brasileira foi analisada recentemente pelas seguintes pesquisas: OLIVEIRA, M. S. O panorama da ginástica artística masculina brasileira: um estudo histórico-crítico do período 2005-2008. Dissertação (Mestrado), FEF-Unicamp, 2010; SCHIAVON, L. M. Ginástica Artística feminina e história oral: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de jogos Olímpicos (1980-2004). Tese (Doutorado), FEF-Unicamp, 2009; ANTUALPA, K. F. Centros de treinamento de ginástica rítmica no Brasil: estrutura e programas. Dissertação (Mestrado), FEF-Unicamp, 2011.

Outro ponto que merece destaque é a implementação do Setor de Ginástica do Laboratório Integrado da FEF-Unicamp, inaugurado em abril de 2012. Depois de mais de uma década de trabalho, finalmente dispomos de um espaço de excelência (um ginásio completo) para a pesquisa em GA<sup>3</sup>.

Não menos importante, parece-nos a criação da Comissão Científica<sup>4</sup> da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), em fevereiro de 2012, pela própria CBG. Nestes primeiros meses de existência e funcionando ainda de modo precário, a comissão analisou mais de 20 pedidos para a realização de pesquisa, sinalizando novos e promissores tempos no que tange ao estudo científico da ginástica.

Por fim, entendemos que devemos seguir investindo na organização de eventos que, como o presente SIGARC, promovam o encontro entre especialistas (treinadores, árbitros, dirigentes e pesquisadores), favorecendo novas parcerias e intercâmbios entre estudiosos nacionais e internacionais, assim como em novas publicações que ajudem a difundir os recentes avanços científicos entre os profissionais que atuam nesta área.

### Referências

- BARBOSA-RINALDI, I. P.; SOUZA, E. P. M. de. Saberes ginásticos necessários à formação profissional em educação física: encaminhamentos para uma estruturação curricular. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 29, p. 227-243, 2008.
- BORTOLETO, M. A. C. A lógica pedagógica de la gimnasia: entre la ciencia y el arte. **Revista Acción Motriz**, n. 9, jul.-dez., 2012.
- DEMENY, G.. **Les bases scientifiques de l'Éducation Physique**. 8.a edition. Paris: Librairie Félix Alcan, 1931.
- MAREY, E. J. **Le mouvement**. Marseille: Éditions Jacqueline Chambon, 1994.
- MERCURIALE, Girolamo. **Artis gymnasticae apud antiquos celeberrimae, nostris temporis ignoratae, libri sex**. Venice, 1569.
- PIARD, C. **Fondements de la Gymnastique: technologie et pedagogie**. Paris: Vigot, 1982.
- OLIVEIRA, M. S.; BORTOLETO, M. A. C. A ginástica artística masculina brasileira no panorama mundial competitivo (1987-2008). **Revista Motriz**, v. 15, p. 297-309, 2009.
- OLIVEIRA, M. S.; BORTOLETO, M. A. C. Public Sports Policy: the impact of the Athlete Scholarship Program on Brazilian Men's Artistic Gymnastics. **Science of Gymnastics Journal (SCGM)**, vol. 4 Issue 1: 5-19, 2012.
- SCHIAVON, L. NISTA-PICCOLO, V. L. A ginástica vai à escola. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 131-150, setembro/dezembro de 2007.
- SCHIAVON, L. M.; PAES, R. R.; MOREIRA, A.; MAIA, G. B. M. Etapas e volume de treinamento das ginastas brasileiras participantes de jogos olímpicos (1980-2004). **Revista Motricidade**, 2012.
- SMOLEUSKIY, V.; GAVERDOUSKIY, I. **Tratado General de Gimnasia Artística Deportiva**. Barcelona: Paidotribo, 1991.
- SOARES, C. L. Notas sobre a educação no corpo. Curitiba: **Educar em Revista**, vol. 16, p. 43-60, 2000.
- TSUKAMOTO, M. H.; NUNOMURA, M. Iniciação esportiva e infância: um olhar sobre a ginástica artística. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 159-176, maio 2005.
- YEUSEYEV, S. P. **Training devices in the Soviet System of Gymnastics training: types, designs, methods of application**. Montier: Fédération Internationale de Gymnastique (FIG), 1990.

<sup>3</sup> Para isso, nos pautamos em experiências como as do “EIS National Gymnastics Performance and Research Centre”, da Loughborough University, no âmbito da pesquisa, e do “The University of Birmingham gymnastics and trampolining club”, no âmbito da extensão-formação complementar, que revelam ainda uma interessante relação entre a universidade e a federação nacional.

<sup>4</sup> Presidida pelos professores Dra. Artemis Soares (UFAM) e Dr. Marco A. C. Bortoleto (FEF-Unicamp).

## SISTEMA DE SELECCIÓN DEPORTIVA PARA LA GIMNASIA RÍTMICA EN CUBA

*Profa. Titular Dra.C. Mélix Ilisástigui Avilés*  
UCCFD “Manuel Fajardo”  
[melix@uccfd.cu](mailto:melix@uccfd.cu)

El constante aumento de las exigencias y el anticipado alcance de los máximos resultados competitivos, en el deporte actual, obligan a establecer sistemas de selección deportiva acorde con estos requerimientos. A partir de lo señalado se deduce que la detección, con eficacia, del talento es uno de los problemas que enfrentan los sistemas de preparación deportiva, debido a que no siempre se han aplicado criterios científicamente establecidos para la realización del proceso de selección deportiva.

El sistema cubano de Cultura Física, que tiene como una de sus bases la práctica masiva del deporte, hace posible la formación de una cantera amplia de aspirantes al logro de la maestría deportiva, lo que ha representado una premisa importante para el desarrollo deportivo del país, el que está basado en una rica fuente de conocimiento empírico en esta área a la vez que desarrolla investigaciones para el perfeccionamiento de los sistemas de selección deportiva por especialidad, para lograr sistematizar plenamente el proceso de selección de sus deportistas desde una posición teórico-metodológica definida.

Las posiciones adoptadas por el sistema deportivo cubano y que son expresadas por la autora, potencian la selección como proceso integrado al de la preparación deportiva y que sienta las premisas para la formación del atleta en cada uno de los eslabones de la pirámide de Alto Rendimiento.

Ilisástigui M. (1999) define a la selección deportiva como “Componente del sistema de Preparación Deportiva, que se da como un proceso en donde interactúan las posibilidades y condiciones de los sujetos para la práctica deportiva, que se concreta en la detección, selección y seguimiento del talento deportivo y se materializa como un sistema de medidas organizativas y metodológicas, que posibilitan la determinación de las aptitudes y capacidades de los sujetos, según los criterios de selección para determinada actividad deportiva.

El objetivo del estudio que se presenta fue *“elaborar un sistema de selección deportiva para la Gimnasia Rítmica de Alto Rendimiento, basado en las características del nivel de preparación física, técnica y las particularidades morfofuncionales de las mejores gimnastas cubanas, de manera tal que se garantice el cumplimiento de las premisas esenciales para la consecución de un nivel competitivo superior”*.

En la lógica general de la investigación, de la cual devienen las tareas enunciadas, subyacen dos niveles interactuantes de abstracción - concreción que enlazan aspectos cualitativos y cuantitativos en la conformación del resultado final (sistema perfeccionado). Los primeros están dados por la determinación de las tendencias de la selección en la Gimnasia Rítmica lo que, junto a la conformación del modelo teórico de la gimnasta elite, permitieron develar las cualidades integradoras del modelo “ideal” de la gimnasta más relacionadas con las áreas objeto de estudio. La determinación de las características “modelos” de las gimnastas cubanas posibilitó la concreción parcial del modelo teórico en la práctica cubana. La contrastación de ambos modelos, permitió establecer las normas que distinguen cuantitativamente el sistema propuesto.

## THE CONTRIBUTION OF SPORT PSYCHOLOGY TO COMPETITIVE GYMNASTICS

**Thomas Heinen**

*University of Hildesheim, Institute of Sport Science*  
[thomas.heinen@uni-hildesheim.de](mailto:thomas.heinen@uni-hildesheim.de)

A typical competition situation in gymnastics reveals a great diversity in behaviors. While the gymnast prepares for the upcoming routine, the coach may give some final instructions to him/her. Another group of gymnasts could be relaxing or preparing themselves in the gymnast's area. Such a behavioral diversity suggests a great diversity in influencing factors. The diverse behaviors in gymnastics result from the interplay of person acting in a particular environment with regard to specific task demands. The general intention of gymnastics psychology is to optimize individual gymnasts' person-environment fit for the attainment of peak performance. This optimization may stem from influences on different levels. The task is predominantly defined by the competitive rules, the boundary conditions of the gymnastics apparatus, together with biomechanical and functional constraints related to an appropriate movement technique. On the level of the acting person, physiological factors such as height and weight, as well as psychological factors such as cognitions and emotions are thought to influence performance, and differences in these factors can lead to differences on how a person approaches a particular performance goal. The environment comprises physical factors that are related to the composition and structure of objects in the environment as well as physical variables, and the various social factors such as social support, peer groups, or norms that can have a strong influence on the gymnast.

The systematical application of psychological skills and strategies should support the balance between psychological and environmental factors, thus facilitating learning and stabilizing performance. In this context, several researchers would argue that good coaches are able to develop gymnasts to their personal best. Gymnastics coaches are thus advised to apply state-of-the-art knowledge on psychological methods in a person-centered approach when working with gymnasts on all ages. Psychological methods can be thought of as a set of tools that gymnast could use to optimize his/her psychological states and in turn to optimize subjective and objective performance. To be effective, the methods should be practiced in a systematic and regular manner, and they should be integrated with physical training in such a way, that the gymnast is able to personalize and claim ownership of the methods for his/her individual needs.

## COMUNICAÇÕES ORAIS

### A ESTRUTURA DOS CENTROS DE TREINAMENTO DE GINÁSTICA RÍTMICA NO BRASIL

#### LA ESTRUCTURA DEL CENTROS DE ENTRENAMIENTO EN BRAZIL

#### RHYTHMIC. GYMNASTICS STRUCTURE TRAININGS CENTER IN BRAZIL

**Kizzy Fernandes Antualpa**

Mestre em Educação Física – Faculdade Veris Metrocamp

**Roberto Rodrigues Paes**

Livre Docente em Educação Física – UNICAMP

#### **RESUMO**

*Este estudo foi elaborado com o objetivo de conhecer e descrever o contexto dos centros de treinamento (CT) em ginástica rítmica (GR) no Brasil. O presente estudo buscou analisar a estrutura de três CTs previamente selecionados. O trabalho discutiu os centros de treinamento, contextualizando o tema objeto do presente estudo, e configurando seu cenário no país, para tanto, utilizou-se a pesquisa qualitativa, a fim de suprir as necessidades do estudo. As coletas foram realizadas através da observação não participante, por intermédio do diário de campo, assim como por meio da descrição dos dados obtidos. Por fim, tratou-se, no texto, da coleta e discussão dos dados, apresentando as semelhanças e diferenças entre os centros de treinamento analisados, sempre buscando o enfoque na estrutura física desses locais, e objetivando ao final da pesquisa, permear uma discussão a respeito da utilidade desses centros para o crescimento e desenvolvimento da modalidade.*

#### **RESUMEN**

*Este estudio fue preparado a fin de conocer y describir el contexto de los centros de entrenamiento (CE) en gimnasia rítmica (GR) en Brasil. El presente estudio pretende examinar la estructura de tres CTs preseleccionado. El trabajo examinaron los centros de formación, el objeto de contexto del presente estudio, tema y establecer su situación en el país. Investigación cualitativa ha sido utilizada, a fin de satisfacer las necesidades del estudio, se celebraron las colecciones mediante la observación no participante mediante el diario de campo, así como a través de la descripción de los datos obtenidos Finalmente, fue en el texto de la recopilación de datos y el debate, que muestra las similitudes y diferencias entre los centros de formación, siempre buscando el enfoque que se discutió en la pesquisa, la estructura física de esos lugares y con el objetivo de empezar una discusión en cuanto a impregnar la utilidad de estos centros para el crecimiento y desarrollo del deporte.*

#### **ABSTRACT**

*This study was elaborated with the purpose to know and describe the context of the training centers (TC) in rhythmic gymnastics (RG) in Brazil. The work discussed the training centers, contextualizing the subject object of this study, and configuring your scenario in the country. Qualitative research has been used, in order to meet the needs of the study, the collections were held by observing non-participant through the field journal, as well as through the description of the data obtained. Finally, it was in the text of the data collection and discussion, showing the similarities and differences between the training centers, always seeking the approach in the research, discussing the physical structure of those places, and aiming to end a discussion regarding pervade the usefulness of these centers for the growth and development of the sport.*

#### **Introdução**

A ginástica rítmica vem crescendo a cada década. A inclusão da GR nos Jogos Olímpicos (JO) aconteceu a partir de 1984 em Los Angeles/EUA, apenas com séries individuais, das quais o Canadá obteve a medalha olímpica. Nessas Olimpíadas, houve a primeira representação brasileira na modalidade, com a ginasta carioca Rosane Favilla, convidada a participar da competição com exercícios individuais, porém não conseguindo chegar às finais.

Em 1988 os Jogos Olímpicos se realizaram em Seul/Coréia, sagrando-se campeã uma ginasta da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Porém nesta edição o Brasil não conseguiu classificar nenhuma ginasta. Em 1992 os Jogos Olímpicos foram realizados em Barcelona/Espanha e a campeã foi representada pela Comunidade dos Estados Independentes (CEI). Nesta edição houve a presença da ginasta brasileira Marta Cristina Schonhorst, que se classificou em 51º lugar com exercícios individuais. Com o passar dos anos a GR conquistou cada vez mais admiradores e consequentemente mais apoio, e em 1996 em Atlanta/EUA, a FIG introduziu as competições de conjunto, sendo a equipe espanhola campeã da categoria.

O Quadro 1 descreve a participação brasileira em campeonatos Pan-americanos e Jogos Olímpicos a partir de 1995.

QUADRO 1– Participação Brasileira em Campeonatos Pan-americanos, Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos.

Competição	Local	Ano	Modalidade	Classificação	Observações
<b>Jogos Pan-americanos</b>	Mar Del Plata (ARG)	1995	Conjunto	3º lugar	
<b>Jogos Pan-americanos</b>	Winnipeg (CAN)	1999	Conjunto	Campeão	
<b>Campeonato Mundial (Pré-olímpico)</b>	Osaka (JPN)	1999	Conjunto	8º lugar	Classificação para as olimpíadas
			Individual	34º lugar	
<b>Jogos Olímpicos</b>	Sidney (AUS)	2000	Conjunto	8º lugar	
<b>Jogos Pan-americanos</b>	Santo Domingo (DOM)	2003	Conjunto	Campeão	Classificação para as olimpíadas
<b>Campeonato Mundial (Pré-olímpico)</b>	Budapeste (HUN)	2003	Conjunto	9º lugar	
			Individual	27º lugar	
<b>Jogos Olímpicos</b>	Atenas (GRE)	2004	Conjunto	8º lugar	
<b>Jogos Pan-americanos</b>	Rio de Janeiro (BRA)	2007	Conjunto	Campeão	
<b>Campeonato Mundial (Pré-olímpico)</b>	Patras (GRE)	2007	Conjunto	11º lugar	Classificação para as olimpíadas
			Individual	21º lugar	
<b>Jogos Olímpicos</b>	Pequim (CHN)	2008	Conjunto	12º lugar	
<b>Campeonato Mundial</b>	Mie (JPN)	2009	Conjunto	21º lugar	
			Individual	29º lugar	
<b>Campeonato Mundial</b>	Moscou (RUS)	2010	Conjunto	26º lugar	Não se classificou para o Pré-olímpico 39 equipes
			Individual	22º lugar	
<b>Jogos Pan-americanos</b>	Guadalajara (MEX)	2011	Conjunto	1º lugar	Não Se classificou para as Olimpíadas
			Individual	3º lugar	

Na década de 90 a GR brasileira passou a demonstrar um crescimento nos resultados em campeonatos internacionais, conseguindo boas classificações em jogos sul-americanos e pan-americanos da modalidade, e ainda bons resultados em campeonatos pré-mundiais tanto de individual como de conjunto. O 3º lugar nos Jogos Pan-americanos de Mar Del Plata (Argentina/1995) e o inédito 1º lugar nos Jogos Pan-americanos de Winnipeg (Canadá/1999), ambos na modalidade de conjunto, só reforçaram a idéia de crescimento dos representantes brasileiros no cenário internacional.

Com essa classificação, somada à boa colocação no Campeonato Mundial do mesmo ano (Osaka/Japão), a seleção brasileira de conjunto conquistou a sua primeira vaga para os Jogos Olímpicos, sediados em Sidney/Austrália (2000).

Nos Jogos Olímpicos de Sydney/Austrália, em 2000, o conjunto da Rússia tornou-se campeão e o Brasil garantiu também sua vaga e a inédita 8ª colocação na prova de conjunto, porém no individual, o Brasil não teve representante.

Apesar de não ter representantes na modalidade individual, este é o momento em que se consolida a época de glória da GR brasileira, que passou a ser cada vez mais respeitada no cenário internacional, passando a configurar entre as 10 melhores equipes do mundo.

Essa situação se reforçou, quando em 2003 (Santo Domingo/República Dominicana), a seleção brasileira de conjunto consegue o bicampeonato Pan-americano e mais uma vez conquista a vaga para a Olimpíada de 2004 em Atenas/Grécia. Em 2004, nos Jogos Olímpicos de Atenas/Grécia, a Rússia confirmou

seu favoritismo, ratificando a sua posição na liderança mundial na modalidade, nesta edição dos JO o Brasil também foi representado pela equipe de conjunto, e mais uma vez conquistou a 8ª colocação, reforçando sua posição no ranking mundial. Mais uma vez a seleção brasileira não teve representantes no individual.

Em 2007, no Pan-americano do Rio de Janeiro, a seleção de conjunto conquistou o tricampeonato e mais uma vez conseguiu a vaga para a Olimpíada seguinte, Pequim/China. No entanto, no Campeonato Mundial (qualificatório para as Olimpíadas) daquele ano ficou com a 11ª colocação, e, nos Jogos Olímpicos, com a 12ª colocação, na modalidade de conjunto.

O quadro 1 possibilita uma breve contextualização da GR brasileira no cenário mundial. É possível verificar a importância da modalidade de conjunto para a o crescimento da modalidade nacional e internacionalmente.

No entanto, apesar da evolução que levou o equipe brasileira a três olimpíadas, nota-se na atualidade uma melhora da modalidade individual em relação a modalidade de conjunto. Este fato pode ser justificável por ter, anteriormente (década de 90), a seleção brasileira de conjunto em sua composição a maioria de ginastas provenientes da modalidade individual, com maiores possibilidades técnicas e físicas, o que por sua vez provocava um desfalque na própria seleção de individual.

Hoje, o que se nota, é que as melhores ginastas brasileiras compõem a seleção de individual, enquanto o ‘segundo’ escalão configura a seleção de conjunto, permitindo uma maior evolução do individual em competições internacionais.

Atualmente as seleções brasileiras de individual e de conjunto buscam uma reestruturação interna, tendo juntamente com a mudança da presidência da Confederação Brasileira de Ginástica, uma reorganização dos comitês técnicos das modalidades e das ginastas que compõem as seleções permanentes.

Em 2009 foram definidas as equipes permanentes de individual e conjunto. No entanto, após o desempenho durante o ano de 2009, esta foi modificada e atualizada após a seletiva realizada em Aracaju (SE), sede atual da Confederação Brasileira de Ginástica e do Centro Nacional de Treinamento (CNT).

Os resultados obtidos pela Seleção Brasileira de Ginástica Rítmica no ano de 2010 requisitaram uma nova atualização, com a mudança na composição dos membros dessa seleção. O quadro abaixo relaciona as atletas pertencentes à seleção permanente de ginástica rítmica atual e suas localidades.

QUADRO 2– Ginastas da seleção permanente de 2012 e suas localidades.

<b>Ginasta</b>	<b>Modalidade</b>	<b>Clube</b>	<b>Estado</b>
Angélica Kwieczynski	Individual	Sadia	PR
Rafaela Pedral Costa	Individual	Arquidiocesano	SE
Eliane Rosa Sampaio	Individual	GNU	RS
Drielly Neves Daltoe -	Individual	Clube dos Oficiais	ES
Emanuelle Leal Lopes Lima*	Individual	Clube dos Oficiais	ES
Natalia Gaudio	Individual	Escola de Campeãs	ES
Amanda Pflieger	Conjunto	Norsul	SC
Beatriz Pomini	Conjunto	UNOPAR	PR
Débora Falda	Conjunto	UNOPAR	PR
Isabelle Andriotto	Conjunto	UNOPAR	PR
Jéssica Sayonara Maier	Conjunto	Guairacás	SC
Bianca Mendonça	Conjunto	UDESC	SC
Carolina Garcia	Conjunto	Escola de Campeãs	ES
Dayane Amaral	Conjunto	Agir	PR
Fabielle Cassol	Conjunto	Agir	PR
Bruna Bialecki	Conjunto	Agir	PR
Mayra Gmach	Conjunto	Sadia	PR

Fonte: Adaptado de: CBG, 2012.

O quadro 2 mostra a realidade da ginástica rítmica brasileira na atualidade e a maneira como ela se distribui no território nacional. Vê-se que as ginastas de destaque no cenário nacional se localizam em maior parte no sul do país, que conta com a presença de doze ginastas. A região nordeste também aparece neste quadro com uma atleta, sendo esta compondo a seleção permanente de individual. A região sudeste, que já compôs no passado praticamente 90% da seleção nacional, atua hoje com apenas quatro ginastas, todas provenientes do Espírito Santo.

Fica claro que a GR brasileira na atualidade tem seu destaque nos estados de Santa Catarina, Espírito Santo e Paraná, estados que apresentam nos últimos campeonatos brasileiros os melhores resultados nesta modalidade, assim como investimento em centros de treinamento (CT) e outras entidades promotoras. É necessário relatar que as equipes Sadia (PR), Agir (PR), UNOPAR (PR) e Clube dos Oficiais (ES) contam

atualmente com um centro de treinamento próprio para a prática da modalidade, o que provavelmente implica nos melhores resultados nos campeonatos de significância no cenário nacional.

Os Centros de Treinamento, também chamados como centros de excelência por algumas instituições, são tidos como espaços destinados à prática esportiva que visam incentivar o desenvolvimento e a permanência de atletas de alto rendimento no território nacional, propiciando instalações esportivas compatíveis com as necessidades do esporte de alto rendimento.

Vale ressaltar a necessidade de melhor compreensão do significado de Centro de Treinamento, pois acredita-se que esta auxiliará no entendimento da finalidade desses centros, e uma possível função específica para cada um deles. É importante mencionar que após as visitas em loco, associada às experiências como técnica e atleta, notou-se que a ampliação da quantidade de centros de treinamento pode trazer experiências significativas à ginástica.

Em sua maioria, os centros são criados para possibilitar uma evolução do esporte em todas as suas manifestações: educacional, de lazer e de rendimento. Após uma investigação sobre quais modalidades compartilhariam da ideia de utilização dos centros de treinamento, verificou-se que tal fenômeno está inserido em diferentes modalidades, sejam elas coletivas ou individuais. Mas não há uma unanimidade, já que diversas opiniões coexistem, haja vista as diferentes estruturas pertinentes a cada modalidade.

Atualmente, há no Brasil 18 federações reconhecidas pela Confederação Brasileira de Ginástica, sendo que existem cerca de 224 instituições filiadas ou vinculadas a essas federações (SCHIAVON, 2009). Notou-se a presença de maior número de entidades filiadas a federações nas regiões sul e sudeste, porém não é possível afirmar com exatidão quantas delas são responsáveis pela prática da ginástica rítmica.

Entretanto, após a pesquisa em relação aos campeonatos nacionais (CBG, 2012) nota-se que as entidades situadas nas regiões sul e sudeste, com destaque dos Estados do Paraná e do Espírito Santo, obtiveram maior expressividade em campeonatos nacionais, reafirmando uma das ideias defendidas pela Pedagogia do Esporte de que quanto maior o número de praticantes, melhor os resultados obtidos, corroborando e justificando a presença de atletas desses estados na seleção brasileira permanente de ginástica rítmica.

É importante ressaltar que o campeonato brasileiro engloba a elite das competições nacionais, e é ele o responsável por selecionar atletas para a representação do Brasil a nível internacional. O destaque de entidades como Sadia (PR), UNOPAR (PR), Agir (PR) e Oficiais (ES), revelam o revezamento dessas entidades nas diferentes categorias e provas. É interessante observar o destaque da equipe UNOPAR (PR) nas equipes de base (pré-infantil e infantil), enquanto as outras três entidades se revezam em todas as categorias competitivas.

Entretanto, quais seriam as justificativas para tão ocorrência, quais seriam os fatores que levariam as equipes em continuar demonstrando um destaque significativo nas categorias juvenil e adulto. Acredita-se que investimento em infraestrutura, capacitação dos técnicos e outras questões estruturais auxiliariam neste andamento, no entanto, questões como metodologia de treinamento, cobranças, planejamento e outros interesses também são fatores que podem afetar o mantimento das equipes e todas as suas categorias.

### **Objetivos**

O objetivo geral dessa pesquisa é conhecer e descrever o ambiente dos centros de treinamento de ginástica rítmica e, para tanto, direcionaram-se os seguintes objetivos específicos:

1. Verificar a estrutura física dos centros de treinamento com inspeções aos locais;
2. Conferir a organização dos centros através de relatos e busca documental;

### **Sujeitos e métodos**

Pensando em compreender as inquietações pertinentes aos centros de treinamento realizamos este estudo, que é caracterizado por contemplar a pesquisa qualitativa, primeiramente pelo fato da amostra pesquisada ser quantitativamente pequena, já que se refere a apenas três centros de treinamento. Atendendo aos objetivos da pesquisa qualitativa, este tem-se como meta interpretar o fenômeno estudado a estrutura física dos mesmos e o conteúdo de treino trabalhado, a fim de seguir a linha da observação, descrição, e compreensão do significado, configurando assim a pesquisa descritiva.

A documentação indireta e direta foram as formas utilizadas para a realização do trabalho. A primeira foi realizada através da pesquisa bibliográfica e a segunda, conforme definem Marconi e Lakatos (2003), corresponde ao levantamento de dados no próprio local em que os fenômenos ocorreram.

Nesta pesquisa, uma das formas de se realizar a documentação direta foi por meio da pesquisa de campo, que segundo Chizzoti (2003), é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações acerca do problema a ser investigado, buscando uma resposta, comprovação de hipóteses ou aprofundar os conhecimentos que se tem sobre o fenômeno em questão. Este trabalho consistiu na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente no ambiente sob análise, com o registro de informações relevantes ao fenômeno.

Com os dados da pesquisa direta em mãos, tornou-se possível a delimitação dos sujeitos do estudo. Após a pesquisa a respeito das equipes de destaque no cenário nacional foi possível delimitar quais seriam os centros de treinamento escolhidos para o estudo. Foram observadas ações como:

- Instituição pioneira na implantação de um centro de treinamento no país;
- Ter sido e/ou ser sede da seleção brasileira de ginástica rítmica;
- Possuir ginastas da seleção brasileira em sua instituição;
- Possuir estrutura física específica e exclusiva para a prática da GR.

#### **Apresentação e discussão dos dados**

A partir do momento em que foram estabelecidos os critérios para a seleção dos centros de treinamento a serem observados, encontramos no país a presença de quatro centros, sendo três no Estado do Paraná, um no Estado do Espírito Santo e o último em Sergipe. É importante esclarecer que o centro implantado em Vitória (ES) foi de 2005 a 2008 a sede da seleção brasileira de conjunto, que posteriormente foi deslocado a Aracaju (SE), onde se encontra até hoje. A partir desse momento o centro de Vitória passou a ser chamado de Clube dos Oficiais do Exército.

A pesquisa trabalhou, portanto, com três centros do país, dois da região sul e um da região nordeste. Embora se entenda os demais centros de treinamento como futuros ambientes de pesquisa.

O primeiro, com sede em Londrina (PR), trata-se de uma Universidade – Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR). O segundo local fica em Toledo (PR), no centro de treinamento financiado pelo grupo Sadia/Prefeitura de Toledo/SESI. E o terceiro local, o centro nacional de treinamento em Aracaju, sede da seleção brasileira de conjunto, com apoio da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG).

Como metodologia foi escolhida a observação não participante, através do diário de campo, a fim de registrar a estrutura física dos locais. Os registros da estrutura física foram realizados através de imagens (fotos), com o auxílio de imagens fotográficas, através da câmera fotográfica digital, modelo Sony Ericsson – DSC-W30. Para que fosse possível quantificar a estrutura dos centros de treinamento, um roteiro de observação (APÊNDICE A) foi elaborado, buscando observar itens necessários para a implantação e sustento de um centro de treinamento.

Para a realização da pesquisa, foi necessária a apresentação da mesma ao Comitê de Ética da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP (ANEXO A), juntamente com as autorizações fornecidas pelos centros visitados.

No presente estudo, a partir da interpretação e da tabulação dos dados obtidos com a pesquisa de campo, observacional, e com registro de imagens, pensa-se ser possível verificar itens relevantes à estrutura organizacional e física dos centros.

Para tanto apresentaremos e discutiremos a seguir os dados coletados por esse estudo. Os diários de campo foram elaborados a partir das observações no local onde os fenômenos ocorreram. Foram observados a estrutura física e organizacional. Para melhor entendimento desta estrutura realizou-se a captação de imagens, para uma compreensão real das proporções, possibilidades e instrumentação dos diferentes centros de treinamento abordados por esse estudo.

É importante ressaltar a diferenciação entre os diários de campo elaborados nas visitas aos centros de treinamento. Logo abaixo faremos a apresentação dos centros esportivos, buscando relatar as condições físicas que compõem um CT.

- UNOPAR – Universidade do Norte do Paraná

A partir do protocolo de observação verificou-se a presença de três tipos de ginásios que compõem o centro de treinamento da UNOPAR. Dois são considerados poliesportivos, porém apenas um deles é utilizado pela equipe de competição em GR. Estes são, em outros momentos, divididos com outras modalidades competitivas ou de iniciação. O terceiro ginásio da universidade é o considerado exclusivo e específico para a prática da ginástica rítmica.

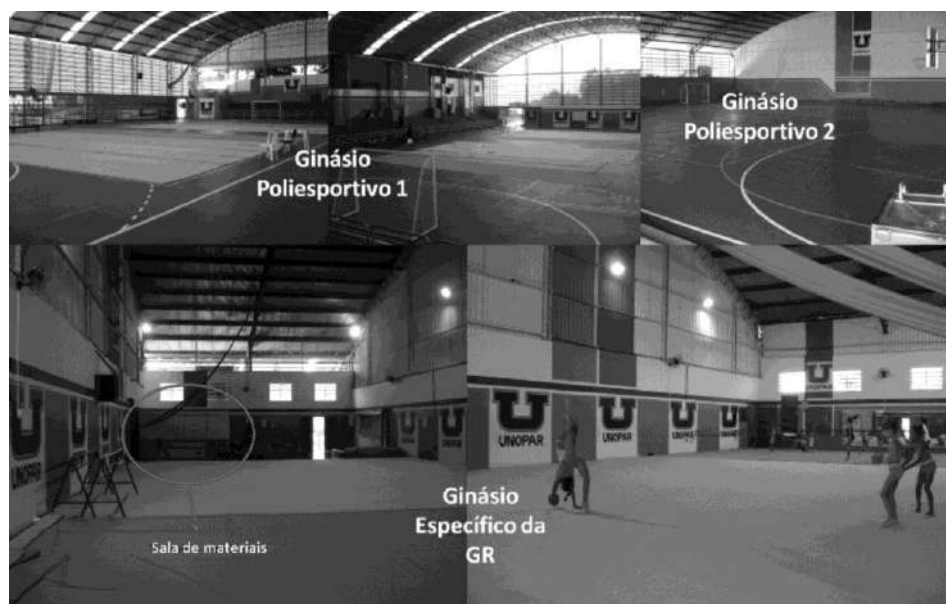


Figura 01: Imagens do espaço físico pertencente ao Projeto Permanente de Extensão - UNOPAR.

O espaço específico para a GR conta com dois tipos de barras de ballet, uma fixa na parede que toma o fundo e parte da lateral do centro de treinamento e outras duas móveis, fabricadas exclusivamente para a prática da ginástica rítmica. O espelho, item importante para o desenvolvimento das ginastas, também ocupa o fundo do ginásio, permitindo que várias das atletas o utilizem ao mesmo tempo. O tapete, fundamental à prática, ocupa toda a área de treinamento; para aproximar o centro de treinamento às exigências das competições internacionais, um tablado oficial foi adquirido, a fim de recriar as situações ideais de competição.

Os materiais estão distribuídos pelo ginásio e podem ser vistos na Figura 02.



Figura 02: Imagens dos materiais presentes no Centro de Treinamento do Projeto Permanente de Extensão - UNOPAR.

Quanto ao espaldar, somam-se cinco ao todo; estão distribuídos ao longo do ginásio, e o mesmo acontece com bancos suecos e cadeiras. Os aparelhos oficiais juntamente a outros acessórios importantes ao

treinamento como colchões e colchonetes, placas de “step”, armários para os pertences das ginastas, para os uniformes e outros acessórios da equipe estão localizados na sala de materiais.

O ginásio específico da ginástica rítmica ainda conta com um sistema de som, um rádio estéreo portátil, um pequeno armário para guardá-lo e a outros documentos de uso imediato (código de pontuação, CDs de música, sistematização do treino, etc.) e uma mesa com algumas cadeiras para as técnicas. Nota-se ainda no local, alguns outros materiais que auxiliam no preparo das ginastas como a lousa, dois colchões com espessura de 30 cm e um cavalo de ginástica artística.

- Sadia/Prefeitura de Toledo/ SESI

Seguindo-se o protocolo de observação notou-se um ginásio reconstruído para a utilização da equipe de ginástica rítmica financiado pela parceria Sadia/Prefeitura de Toledo/SESI. Este ginásio é nomeado pelos fundadores e incentivadores do projeto como: “Centro de Excelência no Treinamento de Ginástica Rítmica de Toledo”, reinaugurado em 07 de Abril de 2010. Este ginásio foi construído com a intenção de atender os treinamentos e possíveis eventos como festivais e competições. Além da arquibancada para o público, o ginásio conta com rampas de acessibilidade para cadeirantes e escadas, além de um sistema de aquecimento e refrigeração do ginásio.

Em relação à estrutura geral do centro de treinamento, este conta com ambientes que buscam contentar aos profissionais e atletas que atuam no CT, e ainda o público em geral no caso de algum evento no local. O centro conta com (Figura 03):

- Administração
- Almoarifado (sala de materiais)
- Cozinha e refeitório
- Sala de fisioterapia
- Sala de manutenção
- Sala para aulas de Ballet
- Sanitário feminino e masculino para uso comum;
- Sanitário para pessoas com necessidades especiais (feminino e masculino);
- Vestiário para uso exclusivo das ginastas.



Figura03: Imagens do espaço salas pertencentes ao Centro de Excelência no Treinamento da Ginástica Rítmica – Sadia.

A sala de ballet é desenvolvida em forma retangular, apresenta uma de suas paredes recoberta por espelhos e outras duas possuem a fixação das barras de ballet, que por sua vez apresentam três tamanhos diferentes para atender as diversas categorias. Esta sala possui também um aparelho de ar-condicionado, mesa, cadeira e aparelho de som portátil.

Já a área específica para o treinamento, verificada na Figura 04, segundo relato dos dirigentes, é pensada como um centro de treinamento internacional, já que possui três carpetes oficiais disponibilizados em

cima do tablado de madeira especial para absorção do impacto. Esses tablados ficam localizados lateralmente um ao outro, e podem ser divididos, quando necessário, por biombos que levam o logo da parceria financiadora.

A utilização desses biombos é interessante, já que além de separar as categorias competitivas e propiciar maior concentração às atletas, possuem a finalidade de preparar uma área adaptável para as aulas de uma pequena equipe de iniciação, que ocupa o CT por duas vezes semanais.

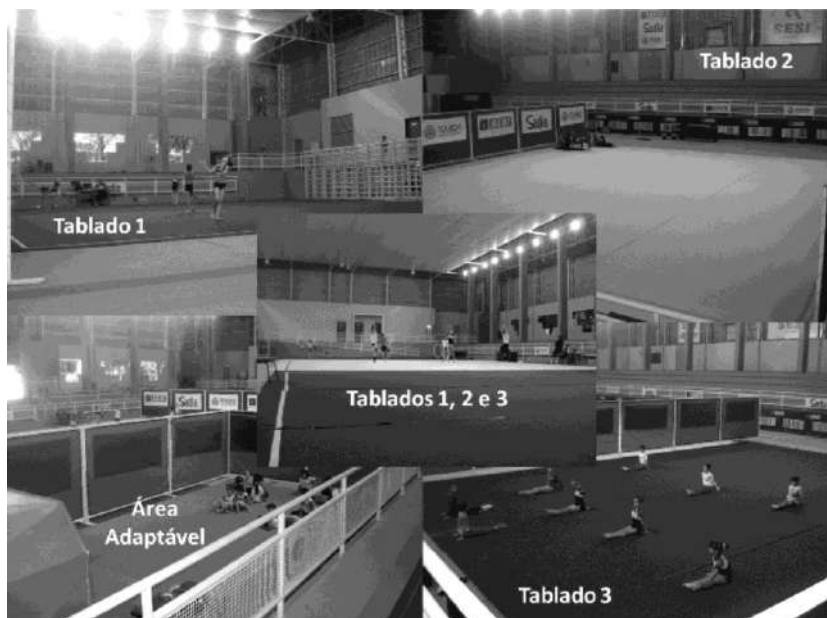


Figura 04: Espaço físico do Centro de Excelência no Treinamento da Ginástica Rítmica – Sadia.

Quanto ao material disponível no centro de treinamento nota-se a presença de seis mesas e cadeiras, divididas pelos três tablados. Essas mesas fazem parte da instrumentação dos técnicos e auxiliares, pois em cima desses locais ficam os aparelhos de som “mini system” e os cadernos pessoais de cada ginasta.

No local existem ainda materiais de grande porte que são utilizados na preparação física das ginastas como o espaldar (dez ao todo, com espelhos por trás), colchonetes, bancos suecos adaptados para a prática da GR.

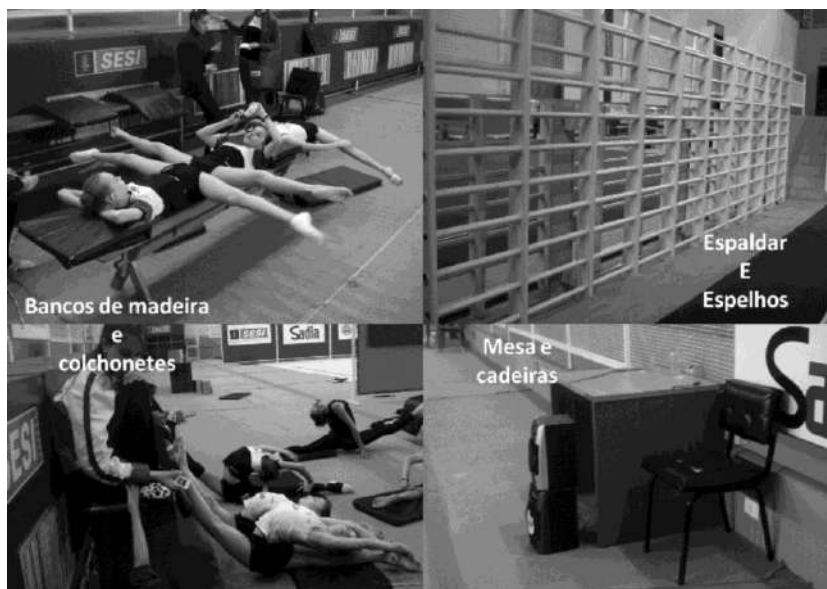


Figura 05: Imagem dos materiais presentes no Centro de Excelência no Treinamento da Ginástica Rítmica – Sadia.

- Centro Nacional de Treinamento de Ginástica Rítmica (CNT) – Aracaju (SE)

O Centro Nacional de Treinamento foi o último local visitado para a pesquisa. A partir do protocolo de observação verificou-se, como nos outros dois centros de treinamento, a construção de um espaço específico e exclusivo para a prática da ginástica rítmica.

O CNT foi construído em 2006 pelo Governo de Sergipe, com o apoio da Confederação Brasileira de Ginástica, na época com sede em Curitiba (PR), para acolher a seleção brasileira permanente de individual, mas atualmente abriga a seleção permanente de conjunto.

O sistema de ventilação é composto por uma porta grande, e janelas constituídas por elementos vazados de cimento, que visam a intensa circulação do ar.

Apesar de algumas salas ainda estarem em reforma, a estrutura operacional do centro de treinamento conta com sete ambientes, além do local de treinamento. Existe também uma antessala que visa atender visitantes já que a entrada no local de treinamento é restrita aos usuários do CT. Desses sete ambientes dois são sanitários (um deles exclusivo para uso da seleção brasileira), um vestiário, um almoxarifado geral, um local em reforma, a cozinha e a sala de materiais para uso de ginastas e técnicos.

A respeito da modalidade, o centro conta com dois tablados oficiais da modalidade, e esteiras de carpete nas áreas de aquecimento e ballet. Existem ainda bancos que simulam uma pequena arquibancada, para uma eventual apresentação ou mesmo treinos abertos ao público, como podem ser vistos na Figura 06.



Figura 06: Imagens do espaço físico pertencentes ao Centro Nacional de Treinamento em Ginástica Rítmica – Aracaju (SE).

Quanto aos materiais para auxílio do treinamento, existem duas mesas (uma para cada tablado), nas quais ficam dispostos os rádios (um portátil e outro mini system) e outros documentos relevantes ao treinamento das ginastas. Alguns outros aparelhos, como esteira e bicicleta ergométrica, colchões de grande espessura, mesa de salto (aparelho da GA), um espaldar, uma maca e cadeiras de plástico são outros itens que auxiliam no treinamento.

Após a apresentação das três instituições, é válida a discussão a respeito das diferentes estruturas físicas abordadas pela pesquisa.

Quanto às semelhanças tem-se:

- Os três locais possuem estrutura específica e exclusiva para a prática da ginástica rítmica;
- Todos são compostos por tablados oficiais e altura viável para a prática da modalidade;
- Barra de ballet e espelhos estão presentes nos três centros de treinamento;
- Bancos, colchonetes, espaldares, entre outros materiais, independente das quantidades estão presentes em todos os locais;
- Todos apresentam mesas, cadeiras e outros acessórios importantes para a ação das técnicas;
- Existe a presença de sala de materiais, ou almoxarifado como é chamado por outros, nos três locais visitados.

- Em relação às diferenças, tem-se:
- O número de tablados oficiais em cada centro.
    - UNOPAR – 1
    - Sadia/Prefeitura de Toledo/SESI – 3
    - CNT – 2
  - Presença de vestiário exclusivo às ginastas, dois deles apresentam essa opção;
  - Número de materiais auxiliares. Os dois centros financiados pela iniciativa privada apresentam quantidade significativa desses materiais disponíveis;
  - Sistema de luz, som e ventilação dos ambientes:
    - A UNOPAR e o CNT dependem de ventiladores e aberturas de ar, enquanto o CT da Sadia/ Prefeitura de Toledo/SESI possui sistema de aquecimento e refrigeração;
  - Presença de arquibancada para visitação do público, todos apresentam essa possibilidade, porém na UNOPAR essa estrutura está construída no ginásio poliesportivo (auxiliar);
  - Sala específica para a prática de ballet, com ambientalização necessária em apenas um dos centros;

### Considerações finais

Após a apresentação e discussão dos dados, é possível delinear um panorama sobre a estruturação física dos diferentes centros de treinamento em ginástica rítmica do Brasil, remetendo a reflexões sobre as consequências dessas iniciativas para a promoção da GR no país.

O objetivo de conhecer e descrever o ambiente dos centros de treinamento em ginástica rítmica foi contemplado ao realizar visitas a três centros de treinamento em GR, possibilitando, de maneira rica, o conhecimento das diversas realidades que permeiam a ginástica rítmica brasileira.

As inspeções locais permitiram a verificação da estrutura física dos centros de treinamento; nestes foi observada semelhança nos materiais que compunham esses centros. Apesar das diferenças entre tamanho, qualidade do material (não foi foco da pesquisa) e quantidade, todos os centros apresentaram estrutura específica e exclusiva para a prática da ginástica rítmica, assim como altura viável para o treinamento de ginastas de alto nível, tablados oficiais e estrutura para o desenvolvimento de aulas de ballet clássico.

A sala de materiais também foi um item observado pelo estudo. Apesar de serem materiais de pequeno porte, o correto armazenamento dos mesmos é necessário para os cuidados específicos e consequentemente um bom desempenho das atletas da modalidade.

Os centros de treinamento da UNOPAR e da parceria Sadia/Prefeitura de Toledo/SESI apresentam uma estrutura organizacional similar; ambas as instituições trabalham com categorias competitivas, atendendo desde a base ao alto rendimento.

Em relação às ginastas, verifica-se que a seleção brasileira de GR é formada em grande parte por atletas provenientes das regiões Sul e Sudeste do país. Entretanto, já existem ginastas da região Nordeste, o que demonstra que outras regiões e estados do país têm conseguido mobilizar suas instituições para promoção da GR no Brasil, inclusive procedendo na participação de suas ginastas em campeonatos como Torneio Nacional, e o próprio Campeonato Brasileiro de GR.

A configuração da atual seleção brasileira de ginástica rítmica, individual e conjunto, confirma as expectativas desse estudo, ao acreditar que a construção e manutenção dos centros de treinamento em ginástica rítmica pode contribuir para o desenvolvimento e o crescimento da modalidade. Portanto, o estudo considera que a criação de novos centros de treinamento acarretaria na ampliação do nível técnico da modalidade no país, incentivando assim maior concorrência nos campeonatos e na formação, com maior nível técnico, da equipe nacional.

É importante ressaltar que este fato é ratificado pela presença de 10 ginastas da seleção brasileira, individual e conjunto, procedentes de centros de treinamento em ginástica rítmica.

Espera-se que este estudo incite a criação de novos centros de treinamento no Brasil, acreditando que isto poderá promover a democratização da GR no país, e assim permitirá que mais crianças pratiquem a modalidade, estimulando a participação destas em eventos regionais, estaduais e nacionais, gerando um crescimento para a ginástica rítmica, buscando ao final do processo melhores resultados em nível nacional e internacional.

### Referências bibliográficas

- ACHOUR JUNIOR, A. **Flexibilidade e alongamento**: saúde e bem estar. Barueri: Manole. 2004.  
ALONSO, H. Meu corpo, minha cultura, minha ginástica rítmica. In: CONGRESSO CIENTÍFICO LATINO AMERICANO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIMEP, 3., 2004, Piracicaba. **Anais ...** Piracicaba: UNIMEP, 2004. p. 438-443.

- ANTUALPA, K. **Ginástica rítmica e contorcionismo**: primeiras aproximações. 2005. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- ARCE, M. B.; PALMEIRO, E. **A ximnasia rítmica desportiva**: adestramento e competición. Santiago de Compostela: Lea, 1998.
- ARENA, S. S; BOHME, M.T. S. Federações esportivas e organização de competições para jovens. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.12, n.4, p.45-50, dez. 2004.
- \_\_\_\_\_. Programas de iniciação e especialização esportiva na grande São Paulo. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.14, n.2, p. 184-95, 2000.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2001.
- BENTO, J. O. **Contextos da pedagogia do desporto**: perspectivas e problemáticas. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.
- BEZZON, L.C. (Org.). **Guia prático de monografias, dissertações e teses**: elaboração e apresentação. 4.ed. Campinas: Alínea, 2009
- BODO SCHMIDT, A. **Gimnasia rítmica deportiva**. Barcelona: Hispano Européia, 1985.
- BORTOLETO, M. A. C. **La lógica interna de la gimnasia artística masculina (GAM) y estudio etnográfico de un gimnasio de alto redimiento**. 2004. 668f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Instituto Nacional de Educación Física, Universitat de Lleida, Lleida, 2004.
- CHIZZOTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Lisboa, ano/vol 16, n. 2, p. 221-36. 2003.
- COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. Disponível em: [http://www.cob.org.br/sobre\\_cob/agnelo\\_piva.asp](http://www.cob.org.br/sobre_cob/agnelo_piva.asp). Acesso em 20 de nov. 2010.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA (CBG). Disponível em: <http://www.cbginastica.com.br/web/>. Acesso em: 10 jun. 2012.
- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA (FIG). Disponível em: <http://www.figgymnastics.com/index2.jsp?menu=diswag>. Acesso em: 10 jul. 2010.
- GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **RAE**, São Paulo, v. 35, n.3, p.20-29, 1995.
- GOMES, A. C. **Treinamento desportivo**: estruturação e periodização. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- GONÇALVES, L. A. P. **Avaliação do crescimento, composição corporal e maturação em ginastas de ginástica rítmica**. 2008. 112f. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas.
- GRECO, P. J. (Org.) **Iniciação esportiva universal**: metodologia da iniciação tática. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998. v. 2.
- KISS, M. A. P. D. M. et al. Desempenho e talentos esportivos. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.18, p.89-100, ago. 2004.
- LAFFRANCHI, B. **Planejamento, aplicação e controle da preparação técnica da ginástica rítmica: análise do rendimento técnico alcançado nas temporadas de competição**. 2005. 267f. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Treinamento desportivo aplicado à ginástica rítmica**. Londrina: Unopar, 2001.
- MINISTÉRIO DO ESPORTE. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/sneap/cenesp/default.jsp/>. Acesso em: mai. 2012.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. V. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. São Paulo: Atlas, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, análise e interpretação de dados. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARQUES, A. et al. Evolução do esporte, treinamento e performance: um universo em ciências do esporte. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, v. 10, n. 14, p.13-26, 01 jan. 2009. Semestral.
- MARTINS, G. **Manual para a elaboração de monografias e dissertações**. São Paulo: Atlas, 2007.
- MATVEIEV, L. **O processo do treino desportivo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1991.
- MONTEIRO, S. **Quantificação e classificação de cargas de treino em ginástica rítmica**: estudo de caso – preparação para o campeonato do mundo de Osaka 1999da seleção nacional de conjuntos Senior. 2000. Dissertação (Mestrado em Ciência do Desporto) - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 2000. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/9941>.
- NEDIALKOVA, G.; SOARES, A; BARROS, D. **Ginástica rítmica**: em busca de novos talentos. Petrópolis: Portal Literário, 2006.
- NUNOMURA, M.; CARRARA, P.; TSUKAMOTO, M. Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão! **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 23, p. 305-14, jul./set. 2010.

- PAES, R. R. Pedagogia do Esporte: contextos, evolução e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v. 20, n. 5, p. 171, set. 2006. (supl.).
- PALMER, H. **Teaching rhythmic gymnastics**: a developmentally appropriate approach. Champaign: Human Kinetics, 2003.
- PLATONOV, V. N. **Teoria geral do treinamento desportivo**. São Paulo: Phorte, 2008.
- \_\_\_\_\_; BULATOVA, M. M. **A preparação física**. Rio de Janeiro: Zamboni Sprint, 2003.
- RIBAS, João Francisco Magno (org.). **Jogos e esportes**: fundamentos e reflexões da praxiologia motriz. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.
- RÓBEVA, N.; RANKÉLOVA, M. **Escola de campeãs**: ginástica rítmica desportiva. 4. ed. São Paulo: Ícone, 1991.
- SARÔA, G. **A história da ginástica rítmica em Campinas**. 2005. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- SCHIAVON, L.M. **Ginástica artística e história oral**: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de Jogos Olímpicos (1980-2004). 2009. 380f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA ARTÍSTICA E RÍTMICA DE COMPETIÇÃO, 2., 2010, Campinas. Anais... Campinas, 2010.
- SOUZA, E. P. M.; TOLEDO, E.; PALERMO, C. **Elementos básicos da ginástica rítmica desportiva**. Campinas: Centro de Comunicação: UNICAMP, 1998. Acompanha CD.
- VAEYENS, R. et al. talent identification and development programmes in sport: current models and future directions. **Sports Medicine**, v. 38, n. 9, p. 703-14, set. 2008.
- VELARDI, M. Ginástica Rítmica: a necessidade de novos modelos pedagógicos.. In: NISTA-PÍCCOLO (org). **Pedagogia dos Esportes**. Campinas: Papyrus, 1998.
- TIBEAU, C. **Ensino da ginástica rítmica desportiva pelo método global**: viabilidade e eficácia. 1988. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola de Educação Física e esportes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.
- WEINECK, J. **Atividade física e esporte para que?** São Paulo: Manole, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Treinamento ideal**. São Paulo: Manole, 1999
- ZAKHAROV, A.; GOMES, A. C. **Ciência do treinamento desportivo**. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Sport, 2003.
- ZAKHAROV, A. **Ciência do treinamento esportivo**. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Sport, 1992.
- ZATSIORSKY, V. **Ciência e prática do treinamento de força**. São Paulo: Phorte, 1999.

Kizzy Fernandes Antualpa  
R. Barão de Atibaia, 825, apto 51 – Vl. Itapura – Campinas/SP. CEP: 13023-100  
[kizzyantualpa@gmail.com](mailto:kizzyantualpa@gmail.com)

**ANÁLISE DAS DIFICULDADES DE TROCA NAS COREOGRAFIAS DE CONJUNTO:  
CATEGORIA JUVENIL - CAMPEONATO BRASILEIRO DE CONJUNTOS DE GINÁSTICA  
RÍTMICA DE 2011**

**ANÁLISIS DE LAS DIFICULTADES DE INTERCAMBIO EN COREOGRAFIAS DE GRUPOS:  
CATEGORIA JUNIOR – CAMPEONATO BRASILEÑO DE GIMNASIA RITMICA DE 2011**

**ANALYSIS OF EXCHANGE DIFFICULTIES IN GROUP COREOGRAPHY: JUNIOR CATEGORY  
– BRAZILIAN CHAMPIONSHIPS OF RHYTHMIC GYMNASTICS OF 2011**

**Márcia Regina Aversani Lourenço**  
Mestre e Docente UNOPAR

**Luciane Maria de Oliveira Bernardi**  
Especialista UNOPAR

**Ana Karolinne de Sousa Colares**  
Especialista UNOPAR

**RESUMO**

*A competição de conjuntos em Ginástica Rítmica foi disputada pela primeira vez em Olimpíadas no ano de 1996 e vem melhorando significativamente a cada Ciclo Olímpico. Em se tratando de conjunto, o Brasil tem dominado o cenário no continente, fato comprovado nas quatro últimas edições dos Jogos Pan Americanos. Esta pesquisa teve como objetivo analisar o número e o nível das dificuldades de troca presentes nas composições coreográficas da categoria juvenil no Campeonato Brasileiro de Ginástica Rítmica 2011 - “Ilona Peuker”, realizado em Belém/PA. O método utilizado foi pesquisa de campo descritiva com análise por meio de vídeo de nove equipes, totalizando 18 coreografias. Todos cumpriram a exigência mínima de quatro dificuldades de trocas por exercício, tanto no aparelho maçãs como fita, e demonstraram preferência por trocas de nível G (valor de 0,70) sendo estas 31% do total de trocas realizadas na competição. Os resultados também apontam para a predominância de utilização de apenas uma dificuldade corporal durante a troca, realizada no início da mesma, ou seja, no momento do lançamento do aparelho. Este estudo justifica-se pela ausência de pesquisas específicas na modalidade de conjunto em Ginástica Rítmica e espera contribuir para o desenvolvimento e crescimento deste esporte no Brasil.*

**RESUMEN**

*Las competencias de conjunto en la Gimnasia Ritmica fue jugado por la primera vez en Olimpíadas en 1996 y ha ido mejorando de manera significativa en cada ciclo olímpico. Cuando se trata de conjunto, Brasil hay dominado la escena en el continente, un hecho demostrado en las últimas cuatro ediciones de los Juegos Panamericanos. Esta investigación tuvo como objetivo la análisis de el número y el nivel de dificultad de intercambios presentes en las composiciones coreográficas de la categoría Junior en el Campeonato Brasileño de Gimnasia Ritmica em 2011 – “Ilona Peuker”, celebrado em Belém/PA. El método utilizado fue la investigación descriptiva con vídeo análisis de nueve equipos, un total de 18 coreografias. Todos hayan cumplido com los requisitos mínimos de cuatro dificultad de intercambio por coreografia, en las mazas e cintas, y mostró una preferència para el intercambio de la dificultad G (valor 0,70), estos el 31% del total. Los resultados también muestran el predominio de utilizar solo una dificultad corporal durante el intercambio, relaizado al comienzo del mismo, em la acción de lanzar. Este estudio se justifica por la ausencia de investigaciones específicas sobre conjuntos y espiera contribuir para lo desarrollo y el crecimiento de este deporte en Brasil.*

**ABSTRACT**

*The group competition in Rhythmic Gymnastics was held for the first time in the Olympics in 1996 an has been improving signifnificantly each Olympic cycle. When it comes to group, Brazil has dominated the scene on the continent, a fact proven in the last four editions of the Pan Americans Games. This research aimed to analyze the number and level of difficulties present in the compositions of the choreographic group used in senior category in the Brazilian Rhythmic Gymnastics Championship Of 2011 – “Ilona Peuker”, held in Belém/PA. The method used in this study was a descriptive field researches with analysis through video the nine teams, totaling 18 choreographies. All of them made the minimum requirement of four exchange difficulties for each exercise, clubs and ribbon, and showed a preference for exchanges of level G (0,70), are 31% of total. The results also point to the predominance to use one only body difficulty during the throwing of the apparatus. This study is justified by the absence of specific research on the Rhythmic Gymnastics groups and to contribute to the development and growth of this sport in Brazil.*

## INTRODUÇÃO

Na Ginástica Rítmica as competições podem ser individuais ou em conjuntos. As competições de conjuntos foram disputadas pela primeira vez em Olimpíadas no ano de 1996, nos Jogos Olímpicos de Atlanta, nos Estados Unidos. Desde então o nível e desempenho dos conjuntos do mundo inteiro vem melhorando significativamente a cada ciclo olímpico. Esta evolução vem sendo norteada pelas exigências do Código de Pontuação da Federação Internacional de Ginástica que a cada quatro anos realizam alterações nas regras dessa modalidade.

A Ginástica Rítmica brasileira hoje domina o cenário no continente americano. Os resultados dos conjuntos levaram o Brasil a se destacar nesta modalidade que cresce em números de participantes a cada ano. As equipes brasileiras vêm buscando espaço no cenário internacional, um grande destaque do conjunto brasileiro são as conquistas consecutivas dos quatro últimos Jogos Pan-americanos realizados em Winnipeg (1999), Santo Domingo (2003), Rio de Janeiro (2007) e Guadalajara (2011), e as participações nos Jogos Olímpicos de Sydney (2000), Atenas (2004) e Pequim (2008). Vale lembrar que em Sydney e Atenas tivemos inclusive nas finais e conquistamos na competição a oitava colocação.

Reconhecendo os últimos resultados alcançados pela seleção brasileira de GR no que se refere a conjuntos, Nakashima e Reis. (2006), cita que atualmente, o nível técnico apresentado pelas ginastas em competições nacionais é perceptivelmente superior ao de tempos atrás. As equipes brasileiras tem criado uma cultura própria de treinamento, no sentido de realizar um trabalho de base mais adequado aos novos desafios que vão surgindo na modalidade, tendo em vista que a mesma está em constante mudança e com exigências cada vez maiores.

Segundo Bobo e Palmeiro (1998), o conjunto representa uma modalidade “especial”, num desporto claramente marcado pelo individualismo. O conjunto é um grupo e como tal uma sociedade que funciona com regras de organização interna, liderança, reconhecimento das próprias possibilidades e limitações, repartidas em tarefas em função das capacidades individuais.

Como características os conjuntos apresentam ou devem apresentar cinco ginastas com o mesmo nível de execução, uma perfeita relação entre as ginastas no que se refere à troca de aparelhos e colaborações e movimentos sincronizados. Monteiro (2000) cita que nos exercícios de conjunto, lançamentos e trocas de aparelhos permitem uma comunicação entre as ginastas, baseada nas relações, colaborações e da própria elaboração da coreografia. Nos conjuntos os aparelhos constituem o cerne da união e comunicação entre as cinco executantes.

Visto o grau de complexidade em um conjunto, o trabalho tem uma intensidade ligeiramente mais elevada e apresenta um menor tempo de recuperação do que em um treinamento de ginastas individuais, pois o treino exige uma precisão mais apurada e um grau de sincronismo elevado (BARRIÈRE, 1997). Os exercícios de conjunto sempre provocaram uma grande atração para o público em geral, destacando a beleza das trajetórias dos aparelhos, associadas aos deslocamentos das ginastas, o imprevisto e os efeitos plásticos que emergem desses encadeamentos, sugerindo uma grande emoção e sentido estético (MONTEIRO, 2000).

É importante, salientar que nos conjuntos inexistente a exigência de grupos corporais obrigatórios dos aparelhos, diferentemente do que ocorre nos exercícios individuais, onde cada aparelho possui dois tipos de elementos corporais obrigatórios. Nas composições de conjunto a obrigatoriedade é exatamente a realização das trocas, objeto do nosso estudo. Para os conjuntos da categoria juvenil está previsto um mínimo de quatro trocas.

Tendo como público alvo ginastas de 12 a 15 anos, o objetivo desta pesquisa é analisar estatisticamente conforme o código de pontuação de Ginástica Rítmica do ciclo vigente, o número e o nível das dificuldades de troca realizadas na categoria juvenil no Campeonato Brasileiro de Conjuntos de Ginástica Rítmica de 2011 denominado “Ilona Peuker”.

Este estudo justifica-se pela ausência de pesquisas específicas na modalidade de conjunto em Ginástica Rítmica e pretende-se a partir do mesmo oferecer aos profissionais da área informações sobre as formações mais utilizadas em conjuntos colaborando com futuros trabalhos na expectativa de contribuir para o desenvolvimento e crescimento deste esporte no Brasil.

## Fundamentação Teórica

De acordo com Gaio (2007), a Ginástica Rítmica nasceu em meados do século XX, na Europa Central, e recebeu muitas contribuições para o seu desenvolvimento, através da influência dos mestres, de pelo menos quatro correntes: Dança, Arte Cênica, Música e Pedagogia. Sugerindo outra corrente ainda anterior (século XIX), Antualpa (2005), cita o circo como um dos grandes precursores da ginástica e da educação física, da qual neste contexto a ginástica surgia como uma nova pedagogia, proporcionando que os movimentos do corpo se enquadrassem segundo as normas vigentes do momento, como as trazidas pelo Movimento Ginástico Europeu.

As diferentes correntes que colaboraram com a criação desta modalidade deram à mesma

um caráter inovador, expressionista, claramente artístico, observados desde sempre nos movimentos das ginastas individuais e em conjunto que com a utilização do acompanhamento musical adequado promove uma relação harmônica entre movimentos corporais e com aparelhos (BARBOSA-RINALDI; MARTINELLI; TEIXEIRA, 2009; GAIO, 2007). A GR ainda é um esporte realizado oficialmente apenas por mulheres, em um tablado específico com espaço de 13x13 metros para as composições individuais e conjunto. Muitas são as definições para esta modalidade que envolve arte com exigências técnicas apuradíssimas.

Em seu lado arte, a Ginástica Rítmica é conceituada como busca do belo, uma explosão de talento e criatividade, em que a expressão corporal e o virtuosismo técnico se desenvolvem juntos, formando um conjunto harmonioso de movimento e ritmo. Como desporto, a Ginástica Rítmica é uma modalidade esportiva essencialmente feminina, que requer um alto nível de desenvolvimento de certas qualidades físicas, com exigências de rendimento elevadas, objetivando a perfeição técnica da execução de movimentos complexos com o corpo e com os aparelhos. (LAFFRANCHI, 2001, P. 3)

A GR visa desenvolver o corpo em sua totalidade. É fundamentada no aprimoramento dos movimentos naturais do ser humano, no aperfeiçoamento de suas capacidades psicomotoras, no desenvolvimento das qualidades físicas e do ritmo, podendo também ser considerada como uma forma de trabalho físico, artístico e expressivo (MOLINARI, 2007).

O conjunto de GR é formado por cinco ginastas ao mesmo tempo na área de competição. Os aparelhos oficiais utilizados nas competições (corda, arco, bola, maçãs e fita) são revezados de dois em dois anos, sendo sempre uma composição com um único tipo de aparelho e outra com dois aparelhos diferentes na categoria adulta. Para os Jogos Olímpicos de 2012 os conjuntos serão: cinco bolas e três fitas e dois arcos. Na categoria juvenil também há a obrigatoriedade de duas coreografias para os conjuntos, porém sempre com um mesmo tipo de aparelho. A Federação Internacional de Ginástica é responsável pelos regulamentos técnicos destas duas categorias, porém as demais categorias de base são de responsabilidades das federações nacionais, no nosso caso, a Confederação Brasileira de Ginástica (SANTOS; LOURENÇO; GAIO, 2010).

Introduzida no Brasil na década de 50, a Ginástica Rítmica teve seus enfoques iniciais no cenário desportivo, na cidade do Rio de Janeiro por meio da professora húngara Ilona Peuker que formou a primeira equipe competitiva de GR, chamado Grupo Unido de Ginastas (GUG), obtendo grande sucesso devido a sua experiência e participação ativa na ginástica internacional (VIEIRA, 2010).

Seguindo a tendência mundial, a GR teve várias denominações, primeiramente sendo chamada de Ginástica Moderna, em seguida de Ginástica Rítmica Moderna, levando em conta, ser um esporte praticado de forma exclusiva por mulheres, passou a ser chamada de Ginástica Feminina Moderna e a seguir, por decisão da Federação Internacional de Ginástica, se intitulou Ginástica Rítmica Desportiva sendo esta a que ficou mais conhecida no Brasil, e desde 1999 passou-se a utilizar o termo Ginástica Rítmica. (LAFFRANCHI, 2001; LOURENÇO, 2003; VIEIRA, 2010; SANTOS; LOURENÇO; GAIO, 2010)

Como todo esporte olímpico, possui suas regras específicas que estão contidas em um código de pontuação da modalidade. Como a cada Ciclo Olímpico, isto é, a cada quatro anos, o código sofre alterações em suas exigências, torna-se necessário manter-se atualizado em relação a este, quer seja árbitro, técnico ou ginasta.

Os exercícios ginásticos possuem forma correta de execução pré-definida e contida no código de pontuação, e a cada um é atribuído um valor de acordo com o nível de dificuldade. As atletas realizam os movimentos da série e os árbitros verificam se a realização de cada um deles foi correta, reconhecendo assim, os valores que lhe são atribuídos (NAKASHIMA; REIS, 2006 p.17).

Uma banca de arbitragem oficial em GR é composta por três grupos de árbitros: quatro árbitros de Dificuldade (dois de Dificuldade Corporal – D1 e dois de Dificuldade de Aparelho – D2), quatro de Artístico e quatro de Execução. Este formato se mantém até os Jogos Olímpicos de Londres, mas a partir de 2013 serão apenas dois quesitos, Composição e Execução.

Os árbitros de Execução – E avaliam as faltas técnicas, ou seja, os erros que acontecem no momento da execução dos elementos corporais e com os aparelhos, no caso do conjunto é necessário ter discernimento sobre as falhas que são descontadas a cada erro de uma ginasta e as falhas que são despontuadas pelo todo, chamadas de penalizações globais. A banca de arbitragem de Artístico – A se ocupa de avaliar o valor artístico da composição de base no que se refere ao acompanhamento musical e à escolha dos elementos corporais e com aparelhos, além da unidade e das variedades presentes em cada uma das coreografias em conjunto ou individual. O árbitro de D2 avalia o valor dos elementos de dificuldade com aparelho, ou seja, as maestrias com ou sem lançamentos e as dificuldades de risco (CÓDIGO DE PONTUAÇÃO FIG – 2009/2012).

Já os árbitros de D1 são os responsáveis pela avaliação do número e nível das dificuldades corporais e no conjunto avaliam também as trocas. O aspecto técnico da Ginástica Rítmica tem evoluído muito, sobretudo nos últimos 20 anos, e “hoje, meninas executam com facilidade elementos que antes campeãs mundiais consideravam grande sucesso” (RÓBEVA; RANKÉLOVA, 1991, p.48).

No Brasil as competições de conjunto acontecem em todas as categorias nos campeonatos brasileiros específicos e nos torneios nacionais. As federações estaduais, que são 24 hoje filiadas à CBG, também promovem sistematicamente competições de conjuntos em níveis escolares, de iniciação e alto nível em várias faixas etárias. Na categoria juvenil, cada composição ou exercício de conjunto pode ter um número máximo de 10 dificuldades, com um valor mínimo de 0,10 (dificuldade A) cada uma, podendo ao final somar até sete pontos. É importante, salientar que nos conjuntos inexistente a exigência de grupos corporais obrigatórios dos aparelhos (CÓDIGO DE PONTUAÇÃO FIG – 2009/2012).



Nas composições de conjunto há a obrigatoriedade de realização das trocas entre as ginastas, foco do nosso estudo. Considera-se troca a realização de duas ações: cada ginasta lança seu aparelho e recupera o aparelho de outra companheira. Segundo Lourenço (2010, p.124): “somente as trocas realizadas por todas as ginastas e com lançamentos (aparelhos em voo) são válidas como tal”.

Para os conjuntos da categoria juvenil a presença de quatro trocas no mínimo é obrigatória e podem ser do mesmo tipo e do mesmo nível para todas as cinco ginastas, ou de tipo ou nível diferentes. As trocas podem ser executadas simultaneamente ou em uma rápida sucessão e ainda com as ginastas estando no lugar ou em deslocamento.

Considera-se que uma troca pode valer como uma ou duas dificuldades. Quando a troca inclui um elemento corporal ou uma dificuldade corporal conta-se uma dificuldade dentre as dez permitidas, e no caso de na mesma ação de uma troca as ginastas realizarem duas dificuldades corporais contarão como duas dificuldades para o D1.

Os valores para dificuldades corporais sem troca obedecem a seguinte ordem: A = 0.10; B = 0.20; C = 0.30; D = 0.40; E = 0.50 e assim sucessivamente. O valor das dificuldades de troca é dado pelo elemento corporal partindo de 0,30 pontos mais a possibilidade de 0,20 pontos pela distância mínima de seis metros e/ou 0,10 pela recuperação do aparelho no solo e ainda o valor da dificuldade corporal executada no momento de lançar, recuperar ou na fase de voo do aparelho. Vejamos um exemplo de valor de troca: Troca **G = 0.70 pontos** (0.30 pela dificuldade de troca + 0,20 pela distância de 6 metros + 0,10 pela recuperação no solo + 0,10 por uma dificuldade corporal A – equilíbrio passê). Então a valoração para as trocas inicia no nível D = 0,40, ou seja, não existem dificuldades de troca que recebam valor inferior a 0,40 pontos. (CÓDIGO DE PONTUAÇÃO FIG – 2009/2012).

Os conjuntos devem apresentar antes da competição suas fichas para avaliação da arbitragem de dificuldade corporal – D1 e dificuldade com aparelhos – D2. As trocas são consideradas responsabilidade dos árbitros de D1, portanto aparecem ao lado direito da planilha, seguindo o exemplo dado anteriormente apresentamos o modelo de transcrição da troca na planilha de competição, baseado nas exigências do 12º ciclo avaliativo da FIG. A letra E se refere a *Exchange*; 0,70 é o valor final da troca; 1 dificuldade porque há apenas uma dificuldade corporal no contexto; → 6 é a simbologia para distância e ↓ representa a recuperação no o solo.

E	0,70	1 Dificuldade
	→ 6	

De posse da planilha os árbitros avaliam todas as fases da troca. Todas as dificuldades previstas para os exercícios individuais são válidas para os exercícios de conjunto. É possível, que uma mesma dificuldade corporal seja realizada numa dificuldade sem troca e em outro momento, na troca, porém as dificuldades corporais realizadas sem qualquer ligação com o aparelho não serão pontuadas.

Seguindo o Código de Pontuação FIG (2009/2012) para que uma dificuldade de troca seja válida não pode ocorrer queda de aparelhos, a única exceção é para o caso de queda de apenas uma das maçãs quando os cinco pares estão em voo. No caso de perda de aparelho os árbitros de D1 não validarão a troca e ainda haverá despontuação por parte dos árbitros de Execução.

## METODOLOGIA

O método utilizado foi a pesquisa de campo descritiva que segundo Lakatos e Marconi (2001), visa obter informações acerca do problema para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou relações entre eles. Dessa forma, faremos uso de fontes

imagéticas (vídeos) das séries de conjuntos do Campeonato Brasileiro de Conjuntos de Ginástica Rítmica intitulado Ilona Peuker.

Os dados foram coletados durante o Campeonato Brasileiro de Ginástica Rítmica de 2011 denominado “Ilona Peuker”, realizado em Belém\PA no mês de novembro de 2011 e armazenados em formato de vídeo. O evento foi organizado pela Confederação Brasileira de Ginástica e oficialmente 15 clubes se inscreveram em quatro diferentes categorias pré-infantil, infantil, juvenil e adulto e apenas um clube não compareceu. Dentre os clubes inscritos e presentes, houve a representatividade de oito diferentes estados brasileiros, sendo quatro clubes do Paraná, dois clubes do Espírito Santo, dois clubes do Pará, dois clubes do Distrito Federal, um clube de Santa Catarina, um clube do Maranhão, um clube de São Paulo e um clube do Amazonas.

Ao todo participaram do evento 152 ginastas, 18 técnicos, 09 auxiliares técnicos, 15 chefes de delegação e ainda 16 árbitros, divididos nas diferentes categorias da seguinte forma:

- Categoria Pré-infantil: 02 equipes, totalizando 12 ginastas
- Categoria Infantil: 07 equipes, totalizando 42 ginastas
- Categoria Juvenil: 09 equipes, totalizando 56 ginastas
- Categoria Adulto: 07 equipes, totalizando 42 ginastas

Para facilitar a análise dos dados, os mesmos foram armazenados em formato de vídeo e foi utilizada uma ficha de observação com finalidade de registrar as informações pertinentes ao objeto da pesquisa. As séries das equipes foram filmadas no Concurso I, ou seja, na fase classificatória da competição e como o foco deste estudo é a categoria juvenil, foram analisadas por meio da visualização das imagens nove equipes, totalizando 18 conjuntos considerando que nesta categoria as equipes apresentaram duas coreografias distintas, cinco maçãs e cinco fitas.

Após análise dos vídeos, os dados foram anotados em planilhas elaboradas especificamente para esta pesquisa já separadas por aparelhos, em seguida foram categorizados e analisados pela frequência (porcentagem).

Este estudo é parte integrante de uma pesquisa realizada pelos docentes e discentes do Curso de Especialização em Ginástica Rítmica da Universidade Norte do Paraná - UNOPAR que visa mapear o panorama das composições de conjunto no Brasil. Após recebimento de parecer positivo pelo Comitê de Ética da instituição (CEP-UNOPAR 0180-11) foi solicitada ao Comitê Científico da Confederação Brasileira de Ginástica a autorização para a realização da pesquisa e após resposta positiva as imagens foram coletadas pela organização local do Campeonato Brasileiro de Conjuntos e posteriormente disponibilizadas para as pesquisadoras. Todas as equipes participantes do evento foram informadas sobre a divulgação e publicação dos dados, bem como foram obtidas as assinaturas dos chefes de delegação nos termos de consentimento livre e esclarecido.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados foram citados de acordo com a ordem de apresentação dos conjuntos nas filmagens, observadas e analisadas detalhadamente. Primeiramente, foram analisados os exercícios com o aparelho maçãs e, posteriormente, as coreografias com o aparelho fitas.

A análise das dificuldades de troca foi realizada utilizando as filmagens dos exercícios de conjuntos das nove equipes participantes na categoria juvenil. Foram observados um total de 18 exercícios, cada equipe com duas coreografias, a primeira com 10 pares de maçãs e a segunda com 5 fitas.

Os dados foram categorizados a partir das informações anotadas nas fichas de observação e analisados pela frequência (porcentagem). Não foi levado em consideração erros cometidos durante a competição, sendo de maior importância identificar a quantidade de trocas realizadas pelas equipes, assim como, o nível das mesmas.

Na tabela 1 identificamos o número total de trocas realizadas por cada conjunto e, também, o nível de cada dificuldade. Podemos constatar que das nove equipes participantes, cinco utilizaram 4 dificuldades de troca com o aparelho maçãs, três realizaram 5 dificuldades de troca e somente um conjunto utilizou 6 trocas na sua composição coreográfica. Nas dificuldades de trocas nos exercícios com 5 pares de maçãs foram observados a predominância do uso de apenas 1 dificuldade corporal por troca, geralmente realizada na ação do lançamento do aparelho, ou seja, no início da troca. Enquanto os critérios de bonificações mais encontrados foram distância de 6 metros, aumentando em 0,20 o valor da troca, assim como, recuperação do aparelho em uma posição no solo, somando 0,10 na nota final da dificuldade. Foi observado que grande parte das trocas foi realizada com lançamentos de apenas uma das maçãs diminuindo assim o nível da dificuldade e o risco de perda de aparelhos.

TABELA 1 – Número de trocas e nível das dificuldades – Aparelho maçãs.

TROCAS	D	E	F	G	H	I	J	K	L	TOTAL
Conjunto 1	0	1	2	0	0	1	0	0	0	4
Conjunto 2	0	3	1	0	0	0	1	0	0	5
Conjunto 3	0	2	0	3	0	1	0	0	0	6
Conjunto 4	0	0	1	1	1	0	0	1	0	4
Conjunto 5	0	0	2	0	1	0	0	1	0	4
Conjunto 6	0	1	1	2	1	0	0	0	0	5
Conjunto 7	0	0	0	1	2	0	1	0	0	4
Conjunto 8	0	2	1	1	0	0	0	0	0	4
Conjunto 9	0	1	0	4	0	0	0	0	0	5
TOTAL	0	10	8	12	5	2	2	2	0	-

A tabela 2, apresenta o total de trocas que foram usadas nas composições dos conjuntos com o aparelho 5 fitas e, ainda, o nível da dificuldade de troca realizadas pelas equipes participantes. Apenas o conjunto 1 realizou seis trocas, o conjunto 7 realizou cinco trocas e as demais equipes realizaram quatro dificuldades de trocas nesta coreografia. Foram observadas que, assim como nos exercícios com as maçãs, predominou o uso de apenas uma dificuldade corporal na ação da troca, no início, quando ocorre o lançamento da fita. As equipes utilizaram também, com este aparelho, os critérios que aumentam o valor da dificuldade, distância de 6 metros e recuperação do aparelho no solo, já citados anteriormente, percebe-se que as trocas mais comuns nos conjuntos de 5 fitas foram as de níveis G, F e E.

TROCAS	D	E	F	G	H	I	J	K	L	TOTAL
Conjunto 1	0	1	2	2	0	0	1	0	0	6
Conjunto 2	0	2	0	2	0	0	0	0	0	4
Conjunto 3	0	1	0	2	0	0	1	0	0	4
Conjunto 4	0	0	2	2	0	0	0	0	0	4
Conjunto 5	0	3	1	0	0	0	0	0	0	4
Conjunto 6	0	1	2	1	0	0	0	0	0	4
Conjunto 7	0	1	2	2	0	0	0	0	0	5
Conjunto 8	0	0	1	1	2	0	0	0	0	4
Conjunto 9	0	1	1	1	1	0	0	0	0	4
TOTAL	0	10	11	13	3	0	2	0	0	-

Observa-se também a predominância de trocas com valores mais baixos, assim como nas coreografias com as maçãs. Analisando o ranking geral da competição, as equipes que obtiveram um maior destaque com o aparelho fita foram as que optaram por dificuldades de trocas com nível mais alto.

Houve uma padronização maior na quantidade de trocas realizadas pelas equipes, ou seja, a maioria realizou apenas quatro dificuldades de trocas, este sendo o mínimo exigido pelo regulamento deste

campeonato, na categoria juvenil. Nesta competição, especificamente, a maior quantidade de trocas não implica nas melhores classificações, e, sim o nível da troca e o quão bem esta foi executada.

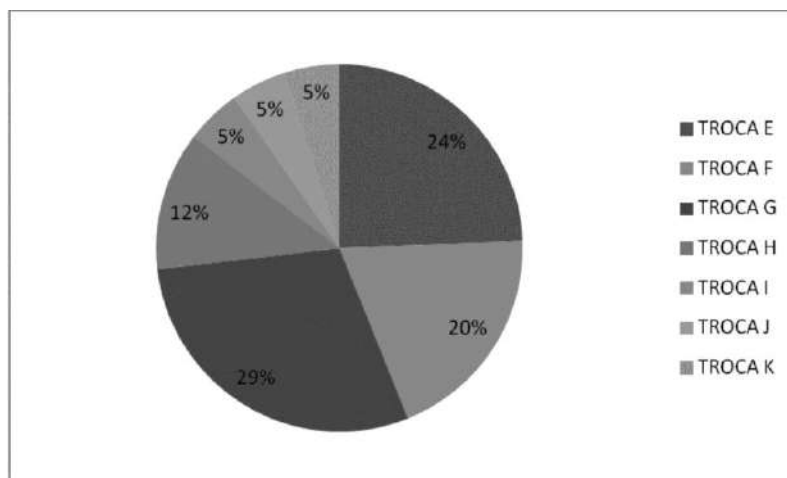


GRÁFICO 1: conjunto juvenil 5 maçãs

Como podemos perceber no gráfico 1, as trocas mais utilizadas pelos conjuntos desta categoria com o aparelho maçãs foram as de nível G, E e F, com 29%, 24% e 20% das trocas totais, respectivamente.

Ao observar a classificação das equipes, com o aparelho maçãs neste campeonato, podemos destacar que os conjuntos que obtiveram um melhor resultado optaram por dificuldades de trocas com o nível maior (troca I, J e K totalizando 15%). Isto implica em dizer que as notas de Dificuldade (D1) de maior valor, quando bem executadas, contribuem bastante para uma maior pontuação e, conseqüentemente uma melhor colocação no resultado geral da competição. Porém, temos que advertir que se a equipe não está tecnicamente preparada para executar corretamente estes níveis de dificuldade o risco de perda de aparelhos é inevitável, anulando o valor da troca e contribuindo para baixar o ranking de classificação.

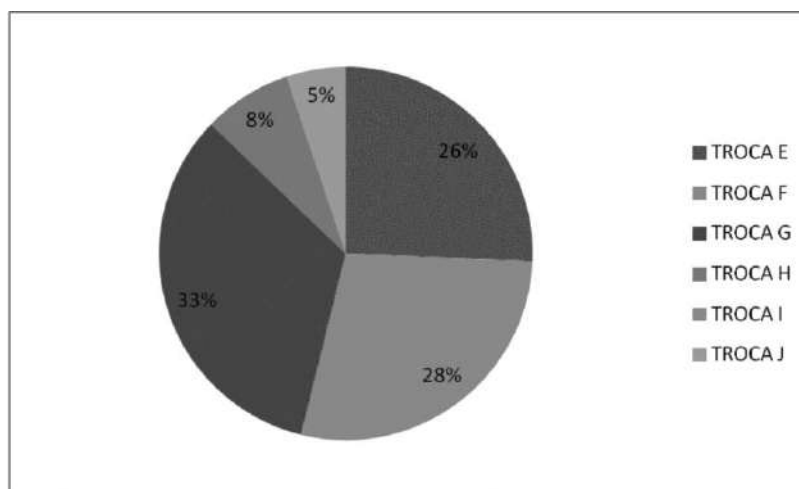


GRÁFICO 2: conjunto juvenil 5 fitas

O gráfico 2 nos mostra a porcentagem das trocas mais utilizadas no aparelho fita, que são as de níveis G com 33% do total, troca de nível F com 28% do total e trocas de nível E com 26% do total de trocas encontrados nesta categoria no campeonato nacional de 2012. Em comparação com a série de maçãs houve uma pequena alteração em relação às trocas F e E. Trocas de nível H totalizaram 8% nas coreografias avaliadas e apenas 5% são trocas de nível J, as trocas de nível K não apareceram neste aparelho.

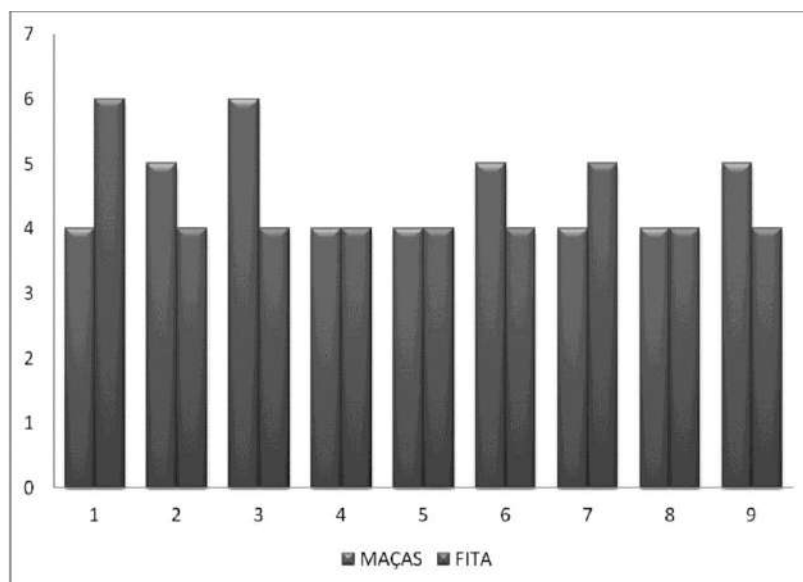


GRÁFICO 3 – Gráfico comparativo do número de trocas apresentadas nas coreografias de 5 maçãs e 5 fitas.

O gráfico 3 nos mostra a comparação do número de dificuldades de troca apresentadas pelas equipes da categoria juvenil em ambas as coreografias, 5 maçãs e 5 fitas. As equipes 2, 3, 6 e 9 optaram por realizar um maior número de trocas nas séries de maçãs, enquanto que as equipes 1 e 7 apresentaram maior número de trocas nas séries de fita, já as equipes 4, 5 e 8 mantiveram o mesmo número de trocas nas duas coreografias. Podemos aqui entender que as treinadoras das equipes que apresentaram mais de quatro trocas por série escolheram executar mais dificuldades de troca em detrimento das dificuldades corporais isoladas.

Lançar e recuperar o aparelho fita é tarefa mais complexa do que a mesma situação com as maçãs, devido ao tamanho da fita que na categoria juvenil tem uma extensão de 5 metros e para uma boa execução a ponta da fita não pode permanecer no solo durante a realização do lançamento, esta dificuldade pode justificar que apenas duas equipes realizaram mais trocas no conjunto de fita em detrimento ao de maçãs, da qual 50% das equipes realizaram mais trocas do que o mínimo exigido.

Nas duas séries apresentadas (5 maçãs e 5 fitas) as equipes mantiveram o mesmo nível e padrão na Dificuldade Corporal (D1), em relação as trocas. De acordo com o regulamento do Campeonato Brasileiro de Conjuntos, cada equipe deve realizar no mínimo 4 trocas em sua série, tendo em vista que todas seguiram essa recomendação, aparentemente nenhuma equipe foi penalizada neste critério.

### Considerações Finais

O Campeonato Brasileiro de Conjuntos "Ilona Peuker" é um evento muito importante no calendário da Confederação Brasileira de Ginástica, participaram em 2011 as melhores equipes de GR do país com bom nível de execução, o que demonstra que os resultados internacionais em conjunto que o Brasil vem conquistando está motivando a prática do treinamento de conjuntos nos clubes nacionais.

De acordo com as observações e análises abordadas neste estudo, podemos concluir que todas as equipes participantes da categoria juvenil realizaram quatro dificuldades de trocas por exercício, nas duas coreografias conforme exigência do código de pontuação atual. Os grupos demonstraram a preferência por trocas de nível G (valor de 0,70) e ainda, a predominância de utilização de apenas uma dificuldade corporal, esta sendo realizada no início da troca, ou seja, no momento do lançamento do aparelho. As possibilidades de aumento na nota com a inserção de recuperação no solo e ou de uma distância de 6 metros entre as parceiras no momento do lançamento ou da recepção foram amplamente utilizadas por todas as equipes.

Foi observado equipes que realizaram mais trocas do que outras, não significando que estas, com mais dificuldades de trocas em suas séries, obtiveram uma melhor colocação no ranking geral da competição. Neste campeonato em específico, equipes que realizaram o número exigido de trocas bem executadas e com valor maior foram as que conquistaram as melhores classificações, portanto realizar mais trocas em uma coreografia não significa uma melhor nota de Dificuldade 1.

Poucas são as pesquisas em Ginástica Rítmica e esperamos que esta venha contribuir para o desenvolvimento desta modalidade especificamente nos conjuntos que oferece a possibilidade de envolvimento de mais ginastas nos clubes e com certeza encontra no nosso país um grande número de admiradores no meio e no público em geral.

### Referências Bibliográficas

- ANTUALPA, K. F. **Ginástica rítmica e contorcionismo: primeiras aproximações**. Campinas, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2005.
- BARBOSA-RINALDI, I. P. **Ginástica Rítmica: história, características, elementos corporais e música** / Ieda Parra Barbosa Rinaldi, Telma Adriana Pacífico Martineli, Roseli Selicani Teixeira. Maringá, PR: Eduem, 2009
- BARRIÈRE, S. La charge em competition de haut niveau en GRS: contribution à la modélisation des situations de compétition et d'entraînement, 1997. **GRS Le sens d'une evolution**, Paris, n.18-9, p.227-238, 1997
- BOBO, M., PALMEIRO, M. A **Ximnasia Rítmica Deportiva - adestramento e competición**". Edicións Lea, Santiago de Compostela, 1998.
- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. Código de Puntuación Gimnasia Rítmica. Comité Técnico Gimnasia Rítmica. 2009-2012.
- GAIO, Roberta. **Ginástica Rítmica “Popular”** – Uma proposta educacional. Jundiaí – SP, Fontoura, 2ª Ed. 2007.
- LAFFRANCHI, B. Treinamento Desportivo Aplicado à Ginástica Rítmica. Londrina, Unopar, 2001.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia do trabalho científico**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2001. 220p.
- LOURENÇO, M. R. A. **Ginástica rítmica no brasil: a ( r ) evolução de um esporte**. 2003, 176f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2003
- \_\_\_\_\_, M. R. A. **O inconstante código de pontuação da ginástica rítmica**. In: PAOLIELO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana de (org.). **Possibilidades da ginástica rítmica**. São Paulo: Phorte Editora, 2010.
- MOLINARI, A. M. P. **Ginástica Rítmica: Esporte, História e Desenvolvimento**. Disponível em: <http://www.cdof.com.br/esportes4.htm>, acesso em: 08 nov. 2011.
- MONTEIRO, S. G. P. Quantificação e Classificação das cargas de treino em Ginástica Rítmica. Universidade do Porto, 2000.
- NAKASHIMA, F. S. REIS, L. N. **Treinamento em Ginástica Rítmica no Estado do Paraná**. 2006, 44f. Monografia (Especialização em Ginástica Rítmica). Universidade Norte do Paraná, Londrina, 2006.
- RÓBEVA, N.; RANKÉLOVA, M. **Escola de campeãs: ginástica rítmica desportiva**. São Paulo: Ícone, 1991.
- SANTOS, E. V. N.; LOURENÇO, M. R. A.; GAIO, R. **Composição Coreográfica em Ginástica Rítmica: do Compreender ao Fazer**. Jundiaí: Fontoura, 2010.
- VIEIRA, E. A. **Manual de Capacitação em Ginástica Rítmica**. Federação Cearense das Ginásticas 2010.
- VIEIRA, L. F.; BOTTI, M.; VIEIRA, J. L. L. Ginástica Rítmica – análise dos fatores competitivos motivadores e estressantes da Seleção Brasileira Juvenil. **Acta Scientiarum Health Sciences**, Maringá, v. 27, n. 2, p. 207-215, 2005.

Márcia Regina Aversani Lourenço

Rua Manoel Barbosa da Fonseca Filho, 466 - Jardim San Izidro – Londrina / PR – CEP 86040-550

[marcia.lourenco@unopar.br](mailto:marcia.lourenco@unopar.br)

## ANÁLISE DAS FORMAÇÕES NOS CONJUNTOS DA CATEGORIA ADULTO PARTICIPANTES DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE GINÁSTICA RÍTMICA DE 2011

### ANÁLISIS DE LAS FORMACIONES DE LOS GRUPOS EM LA CATEGORIA MAYORES PARTICIPANTES DEL CAMPEONATO BRASILEÑO DE GIMNASIA RITMICA DE 2011

### ANALYSIS OF FORMATIONS IN SENIOR CATEGORY GROUP PARTICIPANTS IN THE BRAZILIAN RHYTHMIC GYMNASTICS CHAMPIONSHIPS OF 2011

**Márcia Regina Aversani Lourenço**

Mestre e Docente UNOPAR

**Fabiana Higa Chagas**

Especialista UNOPAR

#### **RESUMO**

*A Ginástica Rítmica é um desporto olímpico com possibilidades de competições individuais e em conjuntos que tem no Brasil um expressivo número de praticantes e particularmente uma grande motivação para os conjuntos devido aos resultados internacionais conquistados ao longo dos anos, em especial os títulos nas quatro últimas edições dos Jogos Pan Americanos. O objetivo deste estudo é identificar quais os tipos e frequência das formações nas composições coreográficas de conjuntos da categoria adulto no Campeonato Brasileiro de Ginástica Rítmica 2011 - "Ilona Peuker", realizado em Belém/PA. O método utilizado foi pesquisa de campo descritiva com análise por meio de vídeo de sete equipes, totalizando 14 coreografias. Após o tratamento dos dados encontramos uma média de 20 de formações por coreografia, sendo a formação em diagonal a mais utilizada nas séries de cinco bolas e as formações mistas as mais utilizadas nas séries de três fitas e dois arcos, percebeu-se que as formações abertas são mais frequentes em detrimento das formações fechadas. Este estudo justifica-se pela ausência de pesquisas específicas na modalidade de conjunto em Ginástica Rítmica e espera contribuir para o desenvolvimento e crescimento deste esporte no Brasil.*

#### **RESUMEN**

*Gimnasia Rítmica es un deporte olímpico con la posibilidad de competiciones individuales y en conjunto que tiene en Brasil un número importante de practicantes y una motivación fuerte para los conjuntos debido a los resultados internacionales obtenidos a lo largo de los años, especialmente los títulos en las últimas cuatro ediciones de los Juegos Panamericanos. El objetivo de este estudio es identificar los tipos y frecuencia de la formación en las composiciones coreográficas de los conjuntos de categoría senior en el Campeonato Brasileño de Gimnasia Rítmica 2011 - "Ilona Peuker", celebrado en Belém/PA. El método utilizado fue la investigación descriptiva de campo con video análisis de siete equipos, un total de 14 coreografías. Después del tratamiento de los datos encuentro un promedio de 20 formaciones por coreografía, la formación en diagonal fue la más utilizada en los conjuntos de cinco pelotas y las formaciones mixtas las más utilizadas en los conjuntos de tres cintas e dos aros, se observó que las formaciones abiertas son más frecuentes en detrimento de las cerradas. Este estudio se justifica por la ausencia de investigaciones específicas sobre los conjuntos y espiera contribuir para lo desarrollo y el crecimiento de este deporte en Brasil.*

#### **ABSTRACT**

*Rhythmic Gymnastics is an Olympic sport with the possibility of groups and individual competitions, and have a significant number of practitioners in Brazil and a particularly strong motivation for group because of the international results achieved over the years, specially the titles in the last four editions of the Pan American Games. His study tries identifying the types and frequency of formations in the choreographic compositions group used in senior category in the Brazilian Rhythmic Gymnastics Championship of 2011 - "Ilona Peuker", held in Belém/PA. The method used in this study was a descriptive field researches with analysis through video the seven teams, totaling 14 choreographies. After processing the data found an average of 20 formations per choreography, diagonal formation was the most used in 5 balls series, as mixed formations was more used in 3 ribbons/2 hoops series, it was noticed that open formations are more used by technicians than closed formations. This study is justified by the absence of specific research on the Rhythmic Gymnastics groups and to contribute to the development and growth of this sport in Brazil.*

#### **INTRODUÇÃO**

A Ginástica Rítmica é um desporto olímpico com possibilidades de competições individuais e em conjuntos que tem no Brasil um expressivo número de praticantes. Os primeiros campeonatos nacionais ocorreram na década de 1970, mas sabemos que o marco introdutório desta modalidade no nosso país aconteceu aproximadamente 20 anos antes com a chegada da professora húngara Ilona Peuker ao Rio de

Janeiro que inovou ao utilizar instrumentos do nosso folclore nas coreografias como, por exemplo, cascas de coco e pandeiros. Ilona também criou o Grupo Unido de Ginastas (GUG) que participou de competições estaduais, nacionais e internacionais e também auxiliou na difusão do esporte em várias regiões. Em 1975 a professora Ilona encerrou suas atividades profissionais participando da VI Gimnastrada, em Berlim com as integrantes do GUG. (LAFFRANCHI, 2001; LOURENÇO, 2003)

Durante 6º Campeonato Mundial realizado em Rotterdam na Holanda no ano de 1973, pela primeira vez o Brasil participou de uma competição de conjunto segundo Santos, Lourenço & Gaio (2010), com uma equipe dirigida pela professora Ilona Peuker conquistando a décima terceira colocação. Em Sydney/2001 o conjunto brasileiro treinado por Bárbara Laffranchi estreou nos Jogos Olímpicos e finalista, terminou na oitava colocação.

Particularmente no Brasil há uma grande motivação para competições em conjunto, os resultados internacionais conquistados nos últimos anos pelas Seleções Brasileiras em especial os títulos nas edições dos Jogos Pan Americanos de Winnipeg/1999, Santo Domingo/2003, Rio de Janeiro/2007 e Guadalajara/2011 tem colaborado para que cada vez mais os clubes invistam no treinamento de conjuntos desde a base até a categoria adulto. Uma prova deste envolvimento é o grande número de equipes no Campeonato Brasileiro de Conjuntos realizado anualmente pela Confederação Brasileira de Ginástica que merecidamente passou a denominar este evento de “Ilona Peuker” a partir de 1999.

Segundo Bueno (2010), a competição de conjunto é um espetáculo à parte na Ginástica Rítmica. A simetria, sincronia e a expressão das ginastas tornam-se um *show* para os espectadores nos ginásios do mundo afora. Independentemente da categoria (pré-infantil, infantil, juvenil ou adulto) uma execução e composição envolvente satisfazem os olhos de todas as pessoas.

As competições de conjunto são o foco do nosso estudo, em especial as composições coreográficas que são organizadas a partir de regras específicas dos regulamentos técnicos que são regidos pela Federação Internacional de Ginástica por meio do seu Código de Pontuação. A característica típica do exercício de conjunto que tem a participação de cinco ginastas ao mesmo tempo é a participação de cada ginasta no trabalho de forma homogênea e com espírito coletivo. A composição deve ser concebida de forma que a ideia de colaboração de todas as ginastas em todas as partes do exercício seja bem visível.

Uma das exigências para as coreografias de conjunto é a organização das formações que podem ser realizadas pelas cinco ginastas simultaneamente, bem como por diferentes possibilidades de organização em subgrupos (CÓDIGO DE PONTUAÇÃO FIG, 2009/2012). Esta pesquisa então, busca identificar os tipos e a frequência das formações utilizadas nas composições coreográficas de conjuntos na categoria adulto no Campeonato Brasileiro de Conjuntos 2011 - “Ilona Peuker”.

Este estudo justifica-se pela ausência de pesquisas específicas na modalidade de conjunto em Ginástica Rítmica e pretende-se a partir do mesmo oferecer aos profissionais da área informações sobre as formações mais utilizadas em conjuntos colaborando com futuros trabalhos na expectativa de contribuir para o desenvolvimento e crescimento deste esporte no Brasil.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Ginástica Rítmica, também conhecida com GR, é uma modalidade praticada por mulheres em nível de competição que tem características muito próprias como a união de movimentos corporais e com aparelhos realizados ao som de acompanhamento musical. Seus aparelhos oficiais são a corda, o arco, a bola, as maçãs e a fita e de acordo com o Código de Pontuação FIG (2009/2012) os elementos corporais fundamentais são saltos, equilíbrios, pivots, flexibilidade e ondas. A partir de 2013 com a entrada de um novo ciclo olímpico os grupos de elementos corporais serão apenas três: saltos, equilíbrios e elementos de rotação.

As composições coreográficas são preparadas para ginastas individuais e para conjuntos compostos por cinco integrantes mais uma reserva. Cada ginasta individual deve apresentar-se obrigatoriamente em quatro aparelhos distintos e os conjuntos devem realizar duas coreografias, sendo uma com aparelho idêntico e outra com dois tipos de aparelhos. Tanto para o individual quanto para o conjunto existem diferentes estratégias de treinamento.

Segundo Laffranchi (2001), a preparação tática é um dos componentes do treinamento que tem como objetivo conseguir a vitória nas competições, levando em conta, as qualidades físicas individuais das ginastas, e as condições das equipes adversárias.

A preparação tática na Ginástica Rítmica é sinônimo de montagem de coreografias, criação de movimentos originais e também a intenção de ressaltar as qualidades das ginastas, a fim de que o todo de composição seja sempre superior ao das equipes adversárias (LAFFRANCHI, 2001; MOLINARI, 2009).

Cada exercício de conjunto deve obrigatoriamente ser executado por cinco ginastas. Um conjunto composto por um número diferente de ginastas não é aceito. Cada equipe pode inscrever cinco ginastas no mínimo e seis no máximo para o programa completo dos exercícios de conjunto, no caso de seis ginastas as mesmas podem ser titulares para os dois conjuntos, ou titulares num exercício e reserva para o outro. A duração mínima é de dois minutos e quinze segundos sendo o cronômetro acionado ao primeiro movimento do

grupo ou de uma das ginastas e o tempo máximo permitido é de dois minutos e trinta segundos cronometrados até o último movimento realizado na coreografia. (CÓDIGO DE PONTUAÇÃO FIG, 2009/2012).

Ao criar uma coreografia de conjunto, o primeiro passo é a escolha da música para o exercício. A música deve seguir as características físicas e psicológicas das ginastas, para que se obtenha a unidade desejada. É importante que a música tenha um ritmo bem marcado e definido e a ginasta ou conjunto deve acompanhar este ritmo por meio dos movimentos criados para a composição. Sua estrutura e conclusão devem ser claras e precisa, e a finalização da execução das ginastas deve acompanhar o último acorde da música perfeitamente. Porém, somente começar e terminar com a música não basta, toda a coreografia deve estar encadeada ao ritmo musical escolhido, caso isso não aconteça corre-se o risco de ter uma “música de fundo” o que não é permitido. Tendo a música como a inspiração inicial para uma composição de GR, a montagem da coreografia deve se desenrolar por meio de uma idéia guia como que contando uma história contendo elementos técnicos estéticos e emocionais, assim os espectadores podem se envolver emocionalmente na apresentação. (LAFFRANCHI, 2001; CÓDIGO DE PONTUAÇÃO FIG, 2009/2012; LOURENÇO, 2010).

A avaliação em competições tanto individual quanto conjunto é realizada por uma banca de arbitragem composta por 12 árbitros que estão divididos em *Dificuldade, Artístico e Execução*. Aspectos relacionados com a música, composição de base e coreografia são avaliados pelos árbitros dentro do quesito *Artístico*.

O artístico representa um aspecto qualitativo muito importante nas coreografias, pois a distinção entre coreografia e música faz treinadoras ou coreógrafas analisem com muita atenção qual estilo adotar na composição dos individuais e dos conjuntos, dando personalidade às coreografias e conduzindo a um resultado final interessante e satisfatório. (LOURENÇO, 2010, p. 126)

A característica típica do exercício de conjunto é a participação de cada ginasta no trabalho coletivo de forma homogênea. A composição deve ser concebida de forma que a ideia de colaboração de todas as ginastas em todas as partes do exercício seja bem visível. Cada composição deve incluir diferentes elementos de “relação entre ginastas” e de “trabalho de grupo” para além das relações estabelecidas para as trocas de aparelho bem como diferentes tipos de organização do trabalho coletivo (CÓDIGO DE PONTUAÇÃO FIG, 2009/2012).

É importante ressaltar que todas essas organizações, dentro de uma composição específica para GR, devem estar de acordo com as características próprias do esporte, ou seja, o manejo do aparelho e a estética gímnica. Assim, impedem-se as ações passivas, como carregar uma ginasta ou arrastá-la pelo solo, desde que não ultrapasse dois passos; andar sobre uma ou várias ginastas, desde que não seja mais de um apoio; formar pirâmides; rolar sobre uma ou mais ginastas sem estar em contato com o solo; ou ainda, girar uma ginasta em decúbito ventral sobre o solo. (LOURENÇO, 2010, p.135)

A escolha dos elementos corporais e com os aparelhos deve ser variada e contemplar o máximo possível de possibilidades. A variedade na escolha dos elementos está relacionada com movimentos pequenos e amplos, simétricos e assimétricos em diferentes tipos, direções, planos, níveis, forma e dinamismo.

A utilização do espaço é também uma exigência nas composições de conjunto, toda a área de 13x13 metros deve ser percorrida durante os dois minutos e meio de coreografia de forma que contemple diferentes direções (para frente, para trás, direita e esquerda), diferentes trajetórias (linhas retas, sinuosas e curvas), diferentes planos (frontal, dorsal, horizontal e sagital), diferentes níveis de altura (alto, médio e baixo) e ainda diferentes modalidades. (BARBOSA-RINALDI, MARTINELLI, TEIXEIRA, 2009; CÓDIGO DE PONTUAÇÃO FIG, 2009/2012).

Em relação aos *tipos* ou *modalidades*, como também são chamados na literatura específica, estes são definidos como a forma em que será realizado o deslocamento ou elemento corporal, como passo de valsa, saltitos, saltos, passos com giros, passos rítmicos, reversões, rolamentos e deslocamentos em apoio sobre outras partes do corpo que não sejam os pés. (LOURENÇO, 2010, P.132)

Para os exercícios de conjunto, é necessário tratar-se de mais um critério indispensável nas composições que são as formações. A coreografia deve prever variedade nas formações, tanto no que se refere a amplitude dos desenhos, como a posição das ginastas no tablado (VIEIRA, 1994; LAFFRANCHI, 2001).

Para Lourenço (2010) as formações podem ser observadas a partir de diferentes posicionamentos das ginastas no tablado de competição durante a execução da coreografia, cada exercício de conjunto deve conter no mínimo seis formações diferentes, com diversidade de amplitude (formações fechadas e formações abertas), utilização de diversas direções. A composição do conjunto deve utilizar toda a superfície do tablado. As formações devem ser organizadas pelas cinco ginastas simultaneamente ou então, em diferentes subgrupos com diversas possibilidades de divisão, criando formações próprias em cada equipe. As ginastas não devem permanecer muito tempo na mesma formação (CÓDIGO DE PONTUAÇÃO FIG, 2009/2012).

A mudança de formação se dá a partir do deslocamento de uma ou mais integrantes do conjunto, o que

significa que com apenas um posicionamento diferenciado de uma das ginastas já é possível obter-se uma nova formação. Estas formações podem ser fixas com as ginastas em seus lugares, como por exemplo, realizando uma dificuldade corporal de equilíbrio ou ainda podem ser visualizadas em movimento. Um exemplo de formação em movimento seria a execução de uma série de saltitos ou saltos ou ainda uma sequência de passos rítmicos em círculo. Nada impede que ao realizar formações em subgrupos, uma parte da equipe esteja realizando um elemento estático e a outra metade um elemento dinâmico de deslocamento. Para Berra (1997) as formações em deslocamentos são particularmente utilizadas para uma melhor visualização das dificuldades de saltos.

Durante o Campeonato do Mundo de Ginástica Rítmica realizado em 1994 em Paris, foram realizados estudos sobre as formações nas diferentes coreografias de conjunto. Berra (1997) identificou 18 tipos diferentes de formações, sendo que formações em linhas retas e em triângulos foram as mais decorrentes. Também constatou que mais de 50% das equipes participantes da competição apresentavam formações em círculo.

Vale lembrar que nesta época os conjuntos eram compostos por seis ginastas titulares, o que facilitava as formações em duplas e trios, caracterizando desenhos na área de competição que não conseguimos organizar em equipes compostas por cinco ginastas titulares. A média de formações por série encontradas por Berra (1997) foi de nove para as coreografias de apenas um tipo de aparelho e dez para as coreografias com dois tipos distintos de aparelhos. Outro fato que deve ser levado em conta é que os conjuntos podiam utilizar um tempo superior a dois minutos e trinta segundos.

Atualmente é raro encontrar composições coreográficas que contemplem poucas formações, na verdade observamos vários desenhos no decorrer da execução do exercício, porém é muito comum a repetição de formações em uma mesma coreografia o que pode prejudicar a avaliação do *Artístico*.

A partir do momento que uma formação é realizada o desenho das ginastas nos 13x13 metros deve ser claro, pois cada alteração de alinhamento na formação causa uma penalização de 0,10 pontos pelo árbitro de *Execução*.

O tempo de duração de uma formação também foi analisado por Berra (1997) em sua pesquisa, de uma forma geral as sequências técnicas de elementos corporais levavam de 10 a 26 segundos em cada formação e as sequências de relação entre as ginastas, em especial nas trocas e colaborações, apresentaram tempo de duração entre 13 e 47 segundos.

Em suas considerações sobre as formações encontradas no Campeonato do Mundo de Paris, Péchillon (1997) concluiu que: a diversidade de formações é falha; o número de formações não é importante; a repetição de certas formações é freqüente; as formações em linhas são preferíveis em relação ao volume; a ocupação total e parcial do espaço é boa e a passagem de uma formação para outra é muito rápida, cerca de dois a cinco segundos.

Laffranchi (2001, p.95) apresenta uma classificação de formações que indica várias possibilidades de variações nas formações:

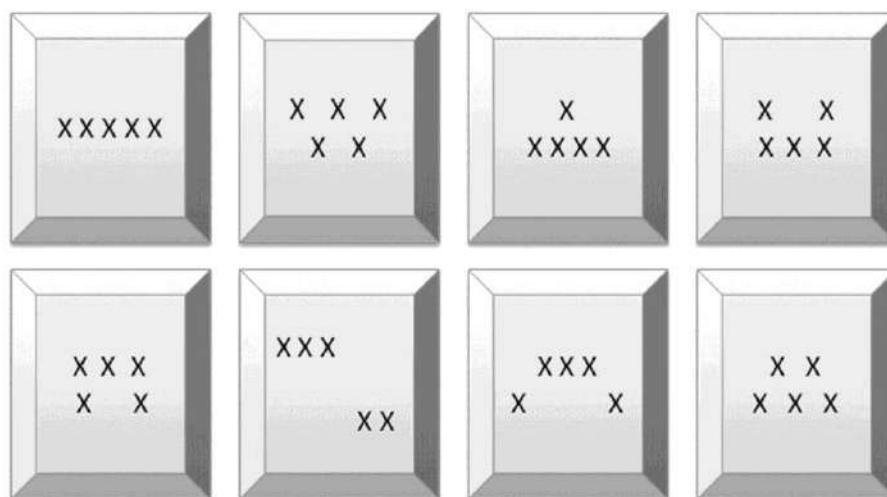


Figura 1 – Exemplos de Formações Horizontais.

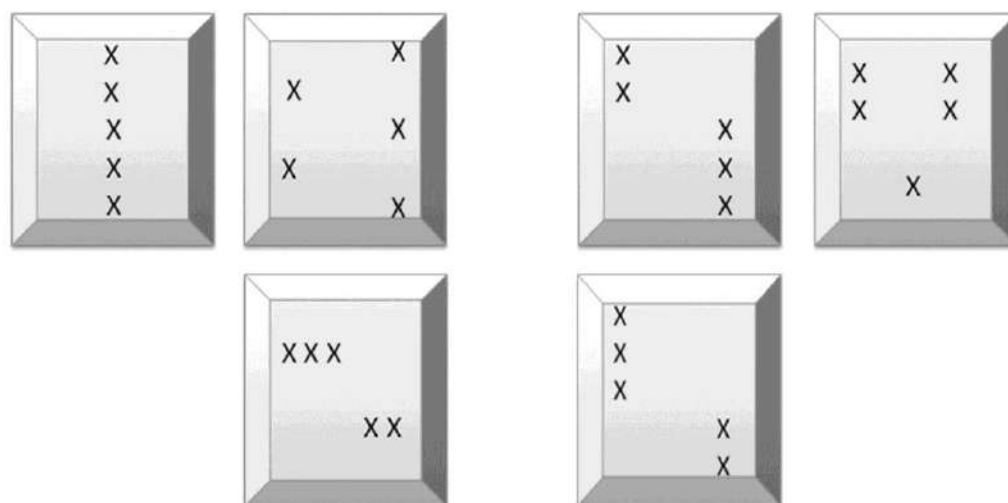


Figura 2 – Exemplos de Formações Verticais.

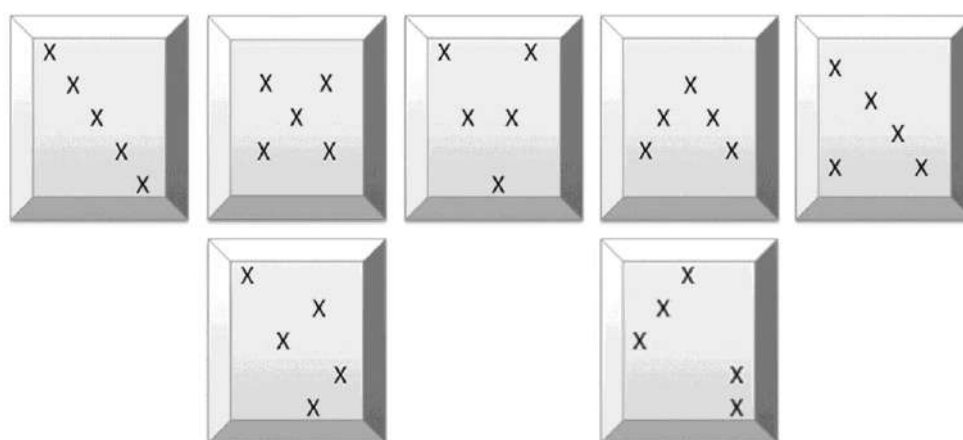


Figura 3 – Exemplos de Formações Diagonais.

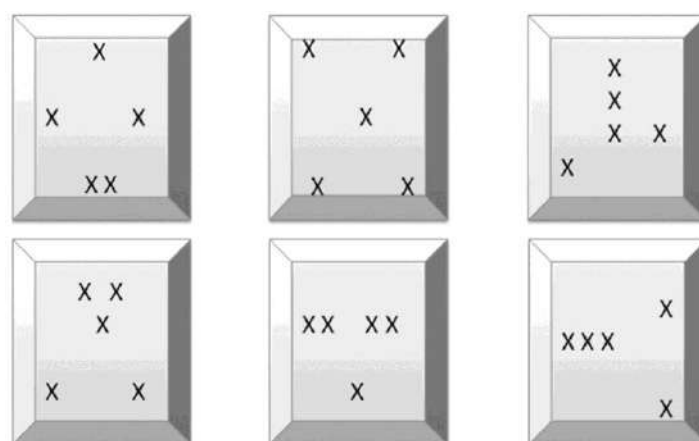


Figura 4 – Exemplos de Formações Mistas ou combinadas.

As figuras apresentadas nos mostram 27 diferentes possibilidades de formação para conjuntos compostos por cinco ginastas titulares em alinhamentos nas posições horizontais, verticais, diagonais e mistas ou combinadas. Em nossa pesquisa iremos utilizar as denominações de formações apresentadas por Laffranchi (2001), bem como analisar os dados a partir das possibilidades apresentadas pela autora. Acrescentamos apenas as formações em círculo ou curvilíneas que não são contempladas nas figuras já apresentadas.

## METODOLOGIA

O método utilizado foi a pesquisa de campo descritiva que segundo Lakatos e Marconi (2001), visa obter informações acerca do problema para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou relações entre eles. Dessa forma, faremos uso de fontes imagéticas (vídeos) das séries de conjuntos do Campeonato Brasileiro de Conjuntos de Ginástica Rítmica intitulado Ilona Peuker.

Os dados foram coletados durante o Campeonato Brasileiro de Ginástica Rítmica de 2011 denominado “Ilona Peuker”, realizado em Belém/PA no mês de novembro de 2011 e armazenados em formato de vídeo. O evento foi organizado pela Confederação Brasileira de Ginástica e oficialmente 15 clubes se inscreveram em quatro diferentes categorias pré-infantil, infantil, juvenil e adulto e apenas um clube não compareceu. Dentre os clubes inscritos e presentes, houve a representatividade de oito diferentes estados brasileiros, sendo quatro clubes do Paraná, dois clubes do Espírito Santo, dois clubes do Pará, dois clubes do Distrito Federal, um clube de Santa Catarina, um clube do Maranhão, um clube de São Paulo e um clube do Amazonas.

Ao todo participaram do evento 152 ginastas, 18 técnicos, 09 auxiliares técnicos, 15 chefes de delegação e ainda 16 árbitros, divididos nas diferentes categorias da seguinte forma:

- Categoria Pré-infantil: 02 equipes, totalizando 12 ginastas
- Categoria Infantil: 07 equipes, totalizando 42 ginastas
- Categoria Juvenil: 09 equipes, totalizando 56 ginastas
- Categoria Adulto: 07 equipes, totalizando 42 ginastas

Para facilitar a análise dos dados, os mesmos foram armazenados em formato de vídeo e foi utilizada uma ficha de observação com finalidade de registrar as informações pertinentes ao objeto da pesquisa. As séries das equipes foram filmadas no Concurso I, ou seja, na fase classificatória da competição e como o foco deste estudo é a categoria adulto, foram analisadas por meio da visualização das imagens sete equipes, totalizando 14 conjuntos considerando que nesta categoria as equipes apresentaram duas coreografias distintas, cinco bolas e três fitas e dois arcos.

Após análise dos vídeos, os dados foram anotados nas planilhas elaboradas especificamente para esta pesquisa com base nas formações propostas por Laffranchi (2001) já separadas por aparelhos. Os dados foram categorizados a partir das informações anotadas nas fichas de observação e analisados pela frequência (porcentagem).

Este estudo é parte integrante de uma pesquisa realizada pelos docentes e discentes do Curso de Especialização em Ginástica Rítmica da Universidade Norte do Paraná - UNOPAR que visa mapear o panorama das composições de conjunto no Brasil. Após recebimento de parecer positivo pelo Comitê de Ética da instituição (CEP-UNOPAR 0180-11) foi solicitada ao Comitê Científico da Confederação Brasileira de Ginástica a autorização para a realização da pesquisa e após resposta positiva as imagens foram coletadas pela organização local do Campeonato Brasileiro de Conjuntos e posteriormente disponibilizadas para as pesquisadoras. Todas as equipes participantes do evento foram informadas sobre a divulgação e publicação dos dados, bem como foram obtidas as assinaturas dos chefes de delegação nos termos de consentimento livre e esclarecido.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo como fonte as imagens das coreografias gravadas durante o Campeonato Brasileiro de Conjuntos de Ginástica Rítmica – “Ilona Peuker” de 2011, apresentaremos os resultados e suas respectivas discussões divididos por aparelhos em relação aos tipos e frequências de formações com base no proposto por Laffranchi (2001) que são “formações horizontais”, “formações verticais”, “formações diagonais” e “formações mistas ou combinadas”. Acrescentamos em nossa planilha o tipo de formação denominada “curvilínea” para os desenhos em linhas curvas. O termo “formações repetidas” foi utilizado para quantificar as formações que apresentaram desenhos e amplitudes exatamente iguais em mais de um momento da coreografia. Também apresentamos um panorama das formações abertas e fechadas nas coreografias da categoria adulto.

Como previsto pelo regulamento técnico da categoria adulto, foram apresentadas duas coreografias, uma com cinco bolas e outra com três fitas e dois arcos. Esta é a última e principal categoria competitiva na Ginástica Rítmica, assim as ginastas já possuem ou deveriam possuir uma vasta experiência em conjuntos, o que nos leva a pensar que uma coreografia nesta categoria utilize uma variedade interessante de formações. Na série de cinco bolas a média foi de 18 formações por equipe. Lembramos aqui dos estudos de Berra (1997) que encontrou uma média de nove formações em coreografias de aparelhos iguais durante o Campeonato do Mundo em Paris no ano de 1994, ou seja, metade do número encontrado aqui.

Acreditamos que esta diferença se deve à alteração da quantidade de ginastas nos conjuntos (eram seis titulares em 1994) e principalmente às exigências cada vez maior de variedades na execução de elementos corporais e com os aparelhos para se obter boas notas em D2 (dificuldade com aparelhos) o que exige uma coreografia mais dinâmica e consequentemente com mais deslocamentos e mudanças de formações.

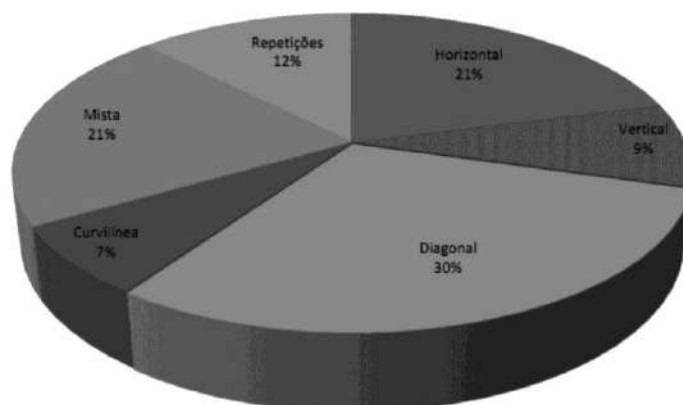


GRÁFICO 1 – Categoria Adulta – Aparelho Bola.

Como podemos visualizar no gráfico 1 as formações mais utilizadas pelos treinadores nas composições de bola foram as formações diagonais com 30%, seguida pelas formações mistas ou combinadas e as horizontais com 21%, formações verticais com 9% e por fim as formações curvilíneas com 7% do total apresentado. O número de formações repetidas é de 12% que consideramos alto, pois está acima de outras formações como as verticais e as curvilíneas.

Chamamos a atenção para a quase ausência de formações curvilíneas. Metade das equipes apresentou apenas uma formação em círculo ou semicírculo, e uma delas não apresentou nenhuma formação com esta possibilidade. Realizar este tipo de formação requer organização sincronizada do grupo e uma boa noção espaço temporal, pois é difícil manter o alinhamento correto por muito tempo.

O número de formações repetidas é bastante alto, se consideramos que mínimo de formações exigido pelo Código de Pontuação FIG (2009/2012) é apenas seis, então não há a necessidade de tantas formações e menos ainda de formações repetidas. Péchillon (1997) também encontrou no Campeonato do Mundo de Paris um número frequente de repetições de certas formações. De acordo com Laffranchi (2001), a coreografia deve prever variedade nas formações, tanto no que se refere a amplitude dos desenhos, como a posição das ginastas no tablado.

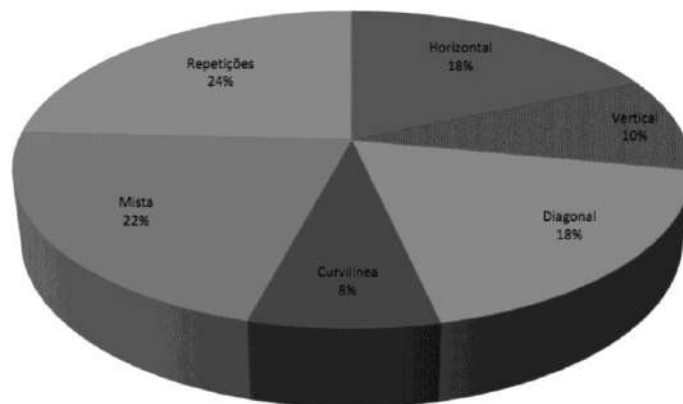


GRÁFICO 2 – Categoria Adulto – Aparelhos Arco e Fita.

Continuando a análise dos dados da categoria adulto, na coreografia de três fitas e dois arcos, a média foi de 22 formações por equipe, diferente dos resultados encontrados por Berra (1997) no Campeonato do Mundo de Paris em 1994, aqui no Campeonato Brasileiro de Conjuntos as coreografias com dois aparelhos distintos apresentaram um maior número de formações do que as coreografias com um só tipo de aparelho.

Também podemos notar uma mudança nos tipos de formações mais presentes nesta série. Observando o gráfico 2 percebemos que nestas coreografias as formações mistas ou combinadas foram as mais utilizadas, ou seja, 22% o que nos leva a crer que diferentes tipos de aparelhos sugerem formações mistas, uma vez que o volume de trabalho em subgrupos é maior com a constante separação de três fitas executando um tipo de

movimento enquanto os dois arcos executam outro elemento. As formações horizontais e diagonais apareceram 18% cada e na sequência as formações verticais com 10% e finalizando as formações curvilíneas com 8% do total encontrado.

O número de formações repetidas no conjunto de fitas e arcos é de 24%, ainda maior do que o encontrado no conjunto de cinco bolas, acreditamos que isto tenha ocorrido também devido ao tamanho das fitas e à necessidade de grandes amplitudes de movimentos para a execução dos desenhos dificultando a variedade de formações.

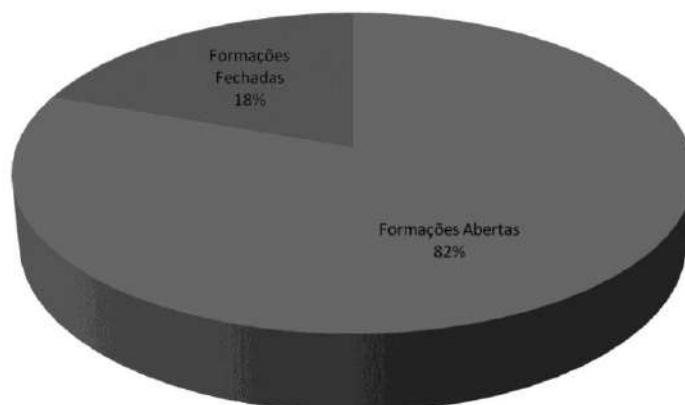


GRÁFICO 3 – Análise Geral das Formações Abertas e Fechadas.

No gráfico 3 encontramos dados relacionados à amplitude das formações, abertas ou fechadas. Analisadas as amostras das duas coreografias apresentadas pelas equipes da categoria adulto, as formações abertas aparecem em uma escala muito superior, ou seja, 82% e as formações fechadas apenas 18%. Como já citado anteriormente, Lourenço (2010) nos lembra que as formações devem ocupar todo o espaço do tablado com forma variada e ampla que podem ser pequenas ou grandes, fechadas ou abertas, regulares ou irregulares.

As formações abertas estão presentes nas trocas e na execução de elementos de dificuldade corporal enquanto que formações fechadas aparecem timidamente nas colaborações e em maior escala nas organizações sincronizadas. Berra (1997) afirma que a escolha do elemento corporal ou técnico do aparelho indica a formação a ser utilizada e que as relações indiretas das ginastas em organização de subgrupos sugerem formações amplas para que a atuação de todas possa ser claramente visualizada.

O número de formações abertas tão superior ao de formações fechadas nos leva a refletir sobre o entendimento de amplitude sugerido pelo Código de Pontuação de GR, pois na organização do trabalho coletivo o treinador deve levar em consideração como posicionar suas ginastas em quadra para obter o resultado desejado e colaborar com a ideia de “acontecimento coreográfico” sugerido por Vidal (1997) que acredita que uma composição coreográfica além de seguir regras deve valorizar os padrões de estética.

No conjunto de cinco bolas há uma pequena diferenciação nos resultados que respectivamente respondem por 76% e 24% para formações abertas e fechadas. Coreografias em conjunto com aparelhos pequenos favorecem a escolha de formações fechadas embora o número de formações abertas ainda seja muito superior, enquanto que aparelhos maiores como a fita exigem formações mais amplas.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os clubes nacionais que desenvolvem bons trabalhos de conjunto participam do Campeonato Brasileiro de Conjuntos “Ilona Peuker” anualmente, pois este é um evento muito importante no calendário da Confederação Brasileira de Ginástica. Em 2011 as melhores equipes de GR do país estiveram presentes e em especial a categoria adulto foi muito competitiva com a participação de sete clubes de diferentes regiões do país, o que demonstra que os resultados internacionais em conjunto que o Brasil vem conquistando está motivando a prática do treinamento nesta modalidade de competição da Ginástica Rítmica.

Apresentamos aqui um panorama das formações encontradas nas coreografias de conjuntos da categoria adulto aparelho cinco bolas e três fitas e dois arcos das equipes participantes em 2011 e chegamos a algumas considerações sobre o assunto. A média encontrada é de 20 formações por coreografia, sendo a formação em diagonal a mais utilizada na série de cinco bolas e as formações mistas ou combinadas as mais utilizadas nas séries de três fitas e dois arcos. Em relação à amplitude das formações há uma tendência a realizar formações abertas, apenas 18% das formações são fechadas. Percebemos que coreografias com aparelhos de grande extensão sugerem um maior número de formações abertas em detrimento de aparelhos menores.

As repetições das formações ocorreram muitas vezes, não havendo a necessidade, pois o exigido pelo Código de Pontuação (FIG 2009/2012) são seis formações. Com isso, observamos que os treinadores estão

utilizando um número muito grande de formações sem variações o que nos leva a acreditar que há certa falta de criatividade em apresentar novas possibilidades de formações e ainda dificuldade na organização do trabalho coletivo na elaboração das coreografias, o que acarreta um não aproveitamento de uma mesma formação para a realização de uma gama maior de elementos.

Utilizar um número muito grande de formações em uma mesma coreografia significa realizar também um maior número de deslocamentos, pois para promover a alteração do desenho há que se deslocar, o tempo utilizado nestes deslocamentos poderia ser revertido em otimização de uma mesma formação possibilitando a elaboração de movimentos gerando inclusive bons momentos coreográficos.

Porém, se o treinador ou coreógrafo aproveita esses deslocamentos para realizar elementos de maestria, pode-se justificar um maior número de formações. Mas, como nossa discussão está centrada nas formações, acreditamos que um número menor das mesmas teria como produto final uma coreografia mais envolvente e sem perder o dinamismo.

Uma variável importante não registrada em nossa pesquisa e que podemos considerar como uma limitação deste estudo é o tempo em que as ginastas do conjunto permanecem na mesma formação, uma vez que o Código de Pontuação FIG (23009/2012) prevê uma despontuação para tempo prolongado nas formações.

Portanto, esperamos colaborar com os treinadores e coreógrafos de conjunto no sentido de chamar a atenção de todos para a organização das formações em suas séries, tanto nas categorias iniciais, ou seja, pré-infantil e infantil, quanto na categoria juvenil quando as ginastas passam a realizar duas coreografias em uma mesma competição e principalmente na categoria adulto quando as ginastas já estão prontas para executarem coreografias mais elaboradas e de maior nível de dificuldade.

Finalizamos nossa pesquisa na expectativa de que um maior número de profissionais da área se interesse pelo tema e que novos possam surgir e contribuir para o desenvolvimento e crescimento da Ginástica Rítmica no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra. **Ginástica Rítmica: história, características, elementos corporais e música** / Ieda Parra Barbosa Rinaldi, Telma Adriana Pacífico Martineli, Roseli Selicani Teixeira. Maringá, PR: Eduem, 2009.
- BERRA, Monique. Analyse de quelques constantes des compositions d'ensembles. **GRS Le sens d'une evolution**, Paris, n.18-9, p.75-81, 1997
- BUENO, Thais Franco. Ginástica Rítmica exercício de conjunto: cinco ginastas, um só corpo. In: **Possibilidades da Ginástica Rítmica**. São Paulo: Phorte, 2010. Cap.xx, p.218-36.
- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. Código de Puntuación Gimnasia Rítmica. Comité Técnico Gimnasia Rítmica. 2009-2012.
- GAIO, Roberta. **Ginástica Rítmica "Popular"**. 2. ed. Jundiaí: Fontoura, 2007.
- LAFFRANCHI, Bárbara. **Treinamento Desportivo Aplicado à Ginástica Rítmica**. Londrina: UNOPAR, 2001.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2001. 220p.
- LOURENÇO, Márcia R. A. Ginástica rítmica no Brasil: a (r)evolução de um esporte. 2003. 176f Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2003.
- \_\_\_\_\_, Márcia R. A. **O inconstante código de pontuação da ginástica rítmica**. In: PAOLIELO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana de (org.). **Possibilidades da ginástica rítmica**. São Paulo: Phorte Editora, 2010.
- MOLINARI, Angela Maria da Paz. **Ginástica Rítmica: Esporte, História e Desenvolvimento**. 2009. Disponível em: <http://www.cdof.com.br/esportes4.htm>. Acesso em: 09/02/2011.
- PÉCHILLON, Françoise. Vecteurs actuels des compositions des exercices d'ensemble analyse de quelques caractéristiques. **GRS Le sens d'une evolution**, Paris, n.18-9, p.65-74, 1997
- SANTOS, Eliana Virgínia Nobre dos; LOURENÇO, Márcia Regina Aversani; GAIO, Roberta. **Composição Coreográfica em Ginástica Rítmica: do Compreender ao Fazer**. Jundiaí: Fontoura, 2010.
- Vidal, Aurora M. **La dimensión artística de la gimnasia rítmica deportiva: análisis del conjunto como acontecimiento coreográfico**. Galicia: Centro Galego de Documentación e Ediciones Deportivas, 1997.
- VIEIRA, Ester de Azevedo. **Ginástica Rítmica Desportiva**. 3 ed. São Paulo: IBRASA, 1994.

Márcia Regina Aversani Lourenço  
Rua Manoel Barbosa da Fonseca Filho, 466 - Jardim San Izidro – Londrina / PR – CEP 86040-550  
[marcia.lourenco@unopar.br](mailto:marcia.lourenco@unopar.br)

**ATIVIDADES GÍMNICAS: UMA PROPOSTA PARA O DESENVOLVIMENTO DA  
COORDENAÇÃO EM CRIANÇAS DE 4 A 7 ANOS DE IDADE**

**ACTIVIDADES GIMNASIAS: UNA PROPUESTA PARA EL DESARROLLO DE LA  
COORDINACIÓN DE LOS NIÑOS DE 4 A 7 AÑOS DE EDAD**

**GYMNASTICS ACTIVITIES: A PROPOSAL FOR THE DEVELOPMENT OF COORDINATION IN  
CHILDREN BETWEEN 4 TO 7 YEARS OLD**

**Alessandra Nabeiro Minciotti**

Mestre em Ed. Física. Universidade Municipal de São Caetano do Sul

**Cristiane Petry Teixeira**

Discente Ed. Física. Universidade Municipal de São Caetano do Sul

**Verônica Valério Furtado**

Discente Ed. Física. Universidade Municipal de São Caetano do Sul

**RESUMO**

*Acredita-se que o desenvolvimento motor é um processo que se inicia no momento da concepção e estende-se após o nascimento. A infância é o período no qual a criança está se desenvolvendo em todas as dimensões. Tendo em vista os múltiplos fatores que podem interferir no desempenho motor da criança, este estudo objetiva verificar a influência da prática de atividades gímnicas no desenvolvimento da coordenação em crianças entre 4 e 7 anos de idade. Participaram 57 crianças de ambos os gêneros alunos da Escola de Ginástica da USCS. Após a avaliação inicial, com base no protocolo de testes de coordenação de Lefèvre (1976), as crianças realizaram a prática gímnica duas vezes por semana com uma hora de duração cada aula por 3 meses. Para cada teste observou-se o sucesso ou insucesso comparando-se as duas avaliações. A taxa de sucesso nos testes de coordenação foi de 74% inicialmente em todas as idades e gêneros, inferior ao padrão de 75%. Após a prática gímnica observamos 82% de sucesso. Os resultados indicam a importância da atividade física no dia a dia das crianças a fim de desenvolver as capacidades físicas, habilidades manipulativas e criar um estilo de vida mais saudável para as mesmas.*

**RESUMEN**

*Se cree que el desarrollando motor es un proceso que comienza en el momento de diseño y se extiende después del nacimiento. La infancia es el período en que el niño se está desarrollando en todas las dimensiones. Teniendo en cuenta los múltiples factores que pueden afectar al rendimiento del motor de los niños, este estudio tiene como objetivo verificar la influencia de la práctica de la gimnasia en el desarrollo de la coordinación en niños de entre 4 a 7 años. Los participantes 57 niños de ambos géneros, estudiantes de la Escuela de Gimnasia USCS. Después de la primera evaluación, basado en la coordinación del protocolo de pruebas Lefèvre (1976), los niños hicieron la práctica gímnica dos veces a la semana con una hora cada clase durante 3 meses. Para cada prueba se observó el éxito o el fracaso mediante la comparación de las dos clasificaciones. La tasa de éxito de las pruebas de coordinación fue del 74% inicialmente a todas las edades y sexos, inferior al nivel del 75%. Después de la práctica gímnica observó 82% de éxito. Los resultados indican la importancia de la actividad física a diario a los niños a desarrollar las capacidades físicas, habilidades manipulativas y crear un estilo de vida más saludables para ellos.*

**ABSTRACT**

*It is believed that the motor developing a process that begins at the time of conception and extends after birth. Childhood is the period in which the child is developing in all dimensions. Given the multiple factors that can affect the motor performance of children, this study aims to verify the influence of the practice of gymnastics in the development of coordination in children between 4 and 7 years old. Participants 57 children of both genders, students of the School of Gymnastics USCS. After the initial assessment, based on the protocol testing coordination Lefèvre (1976), children made gymnastic practice twice a week with one hour each class for 3 months. For each test we observed the success or failure by comparing the two ratings. The success rate of the coordination tests was 74% initially at all ages and genders lower than the standard 75%. After gymnastic practice observed 82% success. The results indicate the importance of physical activity on a daily basis for children to develop physical abilities, manipulative skills and create a healthier lifestyle for them.*

## INTRODUÇÃO

Atualmente acredita-se que o desenvolvimento motor é um processo que se inicia no momento da concepção e estende-se após o nascimento. Este processo é geneticamente determinado, contudo pode ser influenciado por fatores nutricionais, traumáticos, patológicos e psicossociais (PUCCINI e LOUSADA, 2000).

O ambiente desfavorável também pode inibir temporariamente o desenvolvimento de crianças normais. Estudo sobre gêmeos univitelinos demonstrou que a estimulação facilita o desenvolvimento das disposições psicomotoras, visto que uma criança estimulada apresenta uma progressão mais rápida. Em condições ambientais favoráveis, mesmo cessada a estimulação ou suprimida a inibição, as crianças rapidamente se igualaram no desenvolvimento (LEFÉVRE, ALTENHEIM e ARMIRANTE PENNA, 1955).

Sabemos que os aspectos do desenvolvimento neuromotor são padronizados de acordo com cada faixa etária. Com base nesta padronização podemos verificar se a criança apresenta ou não atraso, ou ainda se há prejuízo nas aquisições motoras (VERDERI, 1999).

Os movimentos aprendidos nos primeiros anos de vida caracterizam a base para aprendizado motor futuro. As habilidades motoras que a criança adquire nessa fase serão aperfeiçoadas e se tornarão habilidades básicas na adolescência e na fase adulta; dessa forma, se a criança for pouco estimulada ou tiver qualquer deficiência no desenvolvimento durante os primeiros anos isso refletirá na vida adulta (FERREIRA, 2000).

Até algum tempo atrás, as experiências motoras vivenciadas espontaneamente pelas crianças e suas atividades diárias eram suficientes para que estas adquirissem as habilidades motoras e formassem uma base para o aprendizado de habilidades mais complexas. Entretanto, alterações ocorridas na estrutura social e econômica, dados os processos de modernização, urbanização e inovações tecnológicas, têm proporcionado mudanças nos hábitos cotidianos (NETO et al 2004).

Essas modificações das condições de vida têm influenciado significativamente a população infantil. Nessas condições, crianças em idade escolar brincam no seu dia a dia com brinquedos na maioria das vezes eletrônicos, o que induz os hábitos cada vez mais sedentários (BLAAK et al, 1992; RIBEIRO, 2001).

Um dos fatores socioculturais que interfere no desenvolvimento da criança é a televisão, por ser o veículo de comunicação que mais se expandiu ao longo das últimas décadas. Os longos períodos durante os quais a criança passa em frente ao vídeo, TV e computador reduzem seriamente a prática de atividade física, sendo esse comportamento prejudicial para o desempenho motor da criança e, conseqüentemente, para a sua saúde (MARCONDES et al, 2003).

Atualmente as crianças gastam parte do seu tempo, em média de 4 a 6 horas diárias, assistindo televisão, jogando videogame ou “brincando” com o computador (SPENCE e LEE, 2003; DIETZ, 1993). Este fato propicia menor gasto de energia em seu cotidiano e dificulta aperfeiçoar o equilíbrio em decorrência da falta de atividade física. Além de prejudicar o aperfeiçoamento do equilíbrio, as crianças ainda podem apresentar aumento de peso devido ao sedentarismo associado ainda à ingestão de alimentos de alto teor calórico (DIETZ e GORTMAKER, 1985; KOHL e HOBBS, 1998; COON e TUCKER, 2002).

Sabe-se hoje, que a realização de atividade física proporcionará um estilo de vida mais saudável, tanto a curto como a longo prazo, ou seja, na vida adulta. A promoção de um estilo de vida ativo durante a infância e adolescência tem forte influência no padrão de crescimento e desenvolvimento motor e de habilidades funcionais. Por outro lado, a diminuição na realização de atividades motoras prejudicará o refinamento das estratégias de equilíbrio utilizadas em atividades funcionais e de vida diária, facilitará o ganho de peso e aumentarão o risco do desenvolvimento de doenças como a hipertensão arterial sistêmica (HAS) e diabetes de tipo II (KOHL e HOBBS, 1998; SILVA et al, 2005).

Um programa de atividade física coerente deveria proporcionar às crianças uma gama de experiências e vivências nas quais elas pudessem desenvolver um repertório de movimentos que, mais tarde, seriam utilizados em contextos complexos e sistematizados como, por exemplo, a dança, os jogos e os esportes. A utilização habilidosa do corpo, ou seja, de forma eficiente e econômica, é importante não só para permitir a participação nessas atividades, mas também para as atividades do cotidiano e para garantir a segurança.

A Ginástica, enquanto um dos possíveis conteúdos de um programa de atividade física poderia contribuir para a expansão do repertório motor da criança, assim como proporcionar experiências que auxiliem no desenvolvimento de habilidades sociais, de aspectos cognitivos, afetivos e físicos (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

A natureza das atividades gímnicas, que é a integração dos elementos corporais aos grandes equipamentos, à música e ao ritmo, à manipulação de objetos, à composição de movimentos, associados ao estímulo da criatividade, cooperação, exploração, descoberta, do desafio, entre outros aspectos, constitui-se em um conteúdo indispensável no desenvolvimento da criança.

Estudo comparativo entre menores carentes institucionalizados de 5 a 7 anos de idade e crianças não institucionalizadas em São Paulo (DURIGON et al, 1995), por meio de uma avaliação física geral e neurológica com base na aplicação do teste para desempenho motor descrito por Lefèvre (LEFÉVRE, 1972), mostram que os fatores decorrentes da institucionalização não interferiram no padrão normal do desempenho

destas crianças observando-se inclusive melhor desempenho motor das crianças de 5 para 7 anos de idade. Menores carentes institucionalizados não estão limitados a experiências motoras, as mesmas, não gastam horas do seu dia assistindo TV, jogando videogame ou computadores. Estas crianças realizam atividades físicas como correr, jogar bola entre outras, que promovem o refinamento do equilíbrio estático e dinâmico, da força muscular e da agilidade.

## OBJETIVO

Tendo em vista os múltiplos fatores que podem interferir no desempenho motor de tarefas de vida diária, funcionais e/ou atividades esportivas realizadas por crianças, este estudo tem como objetivo verificar a influência da prática de atividades gímnicas no desenvolvimento da coordenação de crianças entre 4 a 7 anos de idade.

## MÉTODO

### Participantes

Participaram deste estudo 57 crianças entre 4 e 7 anos de idade, de ambos os gêneros da comunidade de São Caetano do Sul, alunos da Escola de Iniciação Gímnica da USCS.

Após as avaliações iniciais o grupo foi submetido a atividades gímnicas adequadas a cada idade. Elas realizaram as atividades duas vezes por semana por um período de uma hora, durante 3 meses.

A Escola de Ginástica oferece atividades direcionadas para o desenvolvimento das capacidades físicas (força, flexibilidade, equilíbrio, potência, coordenação entre outras), habilidades manipulativas (rotações, balanços, lançamentos, movimentos em oito, preensões, saltos entre outras) e os elementos ginásticos (estrelas, rolamentos, mortais, reversões, rodantes, flic-flac, entre outros).

Todos os responsáveis pelas crianças envolvidas no estudo consentiram a coleta de dados para a pesquisa através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aprovado pelo comitê de ética da Universidade USCS que segue as normas de pesquisa com humanos.

### Material

Para realização do estudo foi utilizado o protocolo de testes para desempenho motor desenvolvido por Lefèvre, que embora criado na década de 1970, é aplicado rotineiramente em estudos desta natureza. Para cada teste foi observado o sucesso ou insucesso de cada criança calculando a proporção de sucesso e insucesso em cada teste. Lefèvre verificou em seus achados que 75% das crianças nas idades de 4 a 7 anos de idade realizam com sucesso as atividades propostas em cada teste.

### Procedimentos

As crianças foram submetidas aos testes de coordenação de Lefèvre, no qual observamos o desempenho de cada criança no que diz respeito à coordenação motora.

Os testes para as crianças de 4 anos de idade, são:

- 1) Virar a página de um livro eletricamente;
- 2) Copiar uma cruz do modelo desenhado;
- 3) Manobra indicadora na ponta do nariz com os olhos fechados;
- 4) Fazer uma bolinha de papel com a mão dominante;
- 5) Em pé, enrolar um fio em carretel.

Para as crianças de 5 anos de idade, são:

- 1) Copiar um círculo de modelo desenhado em cartão;
- 2) Copiar um quadrado de modelo desenhado em cartão;
- 3) Jogar uma bola de tênis, por cima, em um alvo na distância de 2 metros;
- 4) Sentado, bater com os pés alternadamente num ritmo escolhido;
- 5) Tocar com a ponta do polegar em todos os dedos, nas duas mãos e nas duas direções;
- 6) Abrir uma mão e fechar a outra alternadamente. Membros superiores horizontalmente para frente.

Para as crianças de 6 anos de idade, são:

- 1) Descrever um círculo com os dedos indicadores, estando os braços estendidos horizontalmente para os lados;
- 2) Andar enrolando a linha do carretel no dedo indicador da mão dominante;
- 3) Bater o indicador direito na mesa e o pé direito no chão, ao mesmo tempo, e alternadamente com os esquerdos;
- 4) Em pé, o examinador força o tronco para trás e observa a flexão dos joelhos.

Para as crianças de 7 anos de idade, são:

- 1) Repetir ritmos com intervalos variáveis, usando dois lápis e anteparo de cartolina;

2) Sentar-se sem apoio estando deitado e deitar-se sem apoio estando sentado.

Após as avaliações iniciais o grupo foi submetido às atividades gímnicas adequadas a cada idade, duas vezes por semana, por um período de uma hora, durante 3 meses.

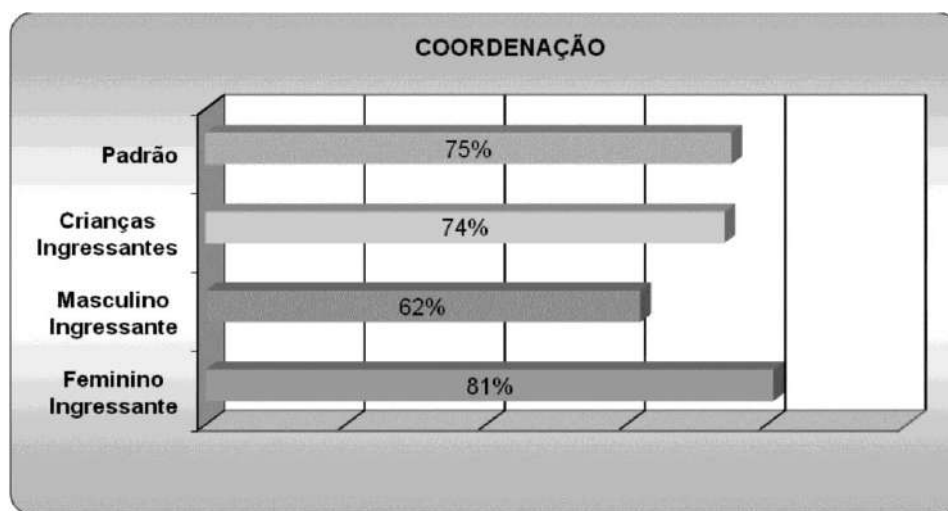
A Escola de Ginástica oferece atividades direcionadas para o desenvolvimento das capacidades físicas (força, flexibilidade, equilíbrio, potência, coordenação entre outras), habilidades manipulativas (rotações, balanços, lançamentos, movimentos em oito, preensões, saltos entre outras) e os elementos ginásticos (estrelas, rolamentos, mortais, reversões, rodantes, flic-flac, entre outros).

### ANÁLISE DE DADOS

Para cada teste verificamos o sucesso ou insucesso da realização por cada criança, de acordo com sua faixa etária (4, 5, 6 e 7 anos de idade). Foi considerado sucesso quando a criança apresentou 75% ou mais de sucesso nos testes para cada avaliação. Ao término dos 3 meses as crianças foram reavaliadas. Para cada teste observou-se o sucesso ou insucesso comparando-se as duas avaliações.

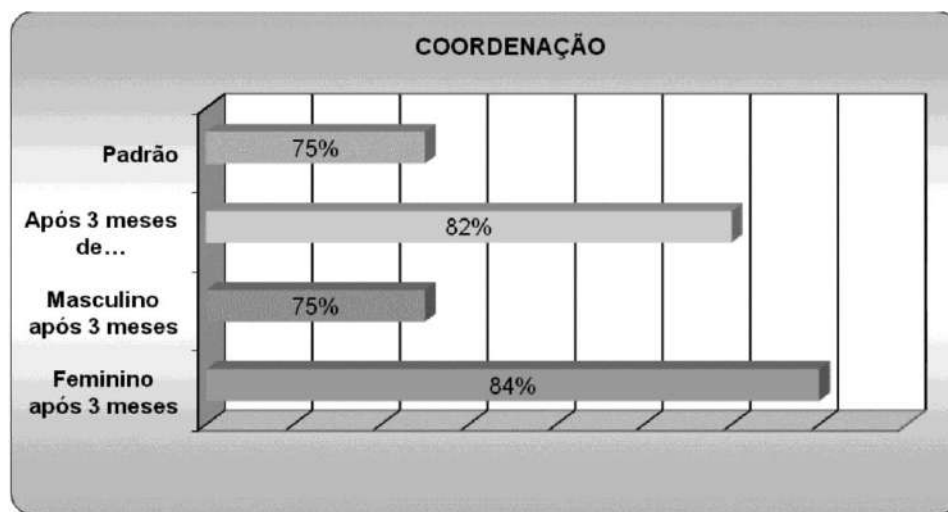
### RESULTADOS OBTIDOS

#### Crianças Ingressantes



% de Sucessos

#### Após 3 meses de intervenção



% de Sucessos

### DISCUSSÃO DOS DADOS

Foram avaliadas 57 crianças entre quatro e sete anos de idade, de ambos os gêneros, alunos da Escola de Iniciação Gímnica da USCS, baseando-se no Protocolo de Testes de Coordenação de Lefèvre. Para cada teste observou-se o sucesso ou insucesso utilizando a referência de 75% de sucessos.

Na primeira avaliação a taxa de sucessos nos Testes de Coordenação foi de 74% inicialmente em todas as idades e gêneros, inferior ao padrão descrito por Lefèvre, o sexo feminino obteve 81% de sucessos contra 62% do sexo masculino.

Em relação a taxa geral de sucessos de Coordenação esta primeira avaliação indicava que o resultado está inferior ao padrão, entretanto o sexo feminino está novamente acima do padrão enquanto o masculino está abaixo.

Os resultados preliminares evidenciaram que o sexo masculino necessitará de uma maior intervenção do professor durante as aulas, em especial nos exercícios orientados para o desenvolvimento da coordenação.

De posse destas informações, iniciamos nossa intervenção dando maior ênfase nos exercícios específicos de coordenação em especial para o sexo masculino.

Após 3 meses de intervenção realizamos a segunda avaliação e obtivemos os seguintes resultados.

A taxa geral de sucessos nos Testes de Coordenação foi de 82% em todas as idades e gêneros, ou seja, superior ao padrão descrito por Lefèvre, alterando consideravelmente a primeira avaliação que foi de 74%, ou seja, 11% a mais. O sexo feminino obteve 84% de sucessos aumentando 4% o seu valor inicial.

Em relação ao sexo masculino, cujo valor percentual foi o mais inferior e distante do padrão descrito por Lefèvre, a segunda avaliação demonstrou que a intervenção foi significativa, pois o sexo masculino passou de 62% para 75%, ou seja, um aumento de 21% na capacidade física de coordenação das crianças, além de se enquadrar no padrão descrito por Lefèvre.

Em relação à taxa geral de sucessos de Coordenação a primeira avaliação indicou que o resultado estava inferior ao padrão, entretanto o sexo feminino estava novamente acima do padrão enquanto o masculino estava novamente abaixo. Na segunda avaliação, os resultados indicaram um aumento em ambos os sexos e especial ao sexo masculino, pois o mesmo atingiu o patamar do padrão descrito por Lefèvre.

Desta forma, os resultados indicam a importância da atividade física no dia a dia das crianças a fim de desenvolver as capacidades físicas, habilidades manipulativas e criar um estilo de vida mais saudável para a criança.

A infância é o período no qual a criança está se desenvolvendo em todas as dimensões, seja motora, física, afetiva, social ou cognitiva. A qualidade das experiências vivenciadas pelas crianças determinará, em certa medida, o adulto no qual ela se tornará. A infância é o momento ideal no qual podemos despertar o prazer e a motivação pela prática, cujas experiências positivas e benefícios obtidos reforçarão a manutenção dessa prática ao longo de toda a vida, podendo influenciar significativamente o histórico de atividade física dos indivíduos.

Nesta fase, a criança interage com o meio em que vive com outras pessoas e com diversos objetos e está enfrentando situações diferentes que exigem sua capacidade de adaptação. Essas interações são, basicamente, estabelecidas com o corpo, uma vez que a habilidade de comunicar-se ainda está em aprimoramento. Portanto, neste momento, o movimento constitui-se na principal ferramenta pela qual a criança aprende sobre o meio que a cerca e, progressivamente, torna-se mais funcional e eficiente na utilização de seu corpo.

Desta forma, a criança necessita conhecer e compreender as possibilidades e o potencial de movimento de seu corpo, para que possa responder às interações de forma apropriada.

Na infância, a perfeição dos movimentos e a rigidez técnica de execução devem ceder lugar a um olhar sobre o processo de aprendizagem e as ações motoras e não se preocupar com as regras norteadoras de determinada modalidade. A Ginástica, nesse período, deve ser entendida como uma forma de recuperar a liberdade de expressão, e não de repressão, de modo que tudo seja possível e aceitável enquanto movimento.

Na fase pré-escolar, por exemplo, compreende-se que as crianças não estão preparadas para a especificidade de nenhuma dessas manifestações. Ao contrário, a necessidade da criança de explorar, de se descobrir e descobrir os outros e os objetos que a cercam, de criar, torna qualquer tentativa de especialização da Ginástica totalmente infundada e ineficaz.

Os programas contemporâneos de Ginástica (RUSSEL & KINSMAN, 1986; SCHEMBRI, 1987; COLLINS, 1991; WERNER, 1994; ENGYM, 1999) procuram despertar o prazer pelo movimento por meio de uma riqueza de experiências que, usualmente, não são vivenciadas no dia-a-dia. Essas escolas abordam a Ginástica em suas diversas manifestações como a Ginástica Artística, a Ginástica Rítmica, a Ginástica Geral, a Ginástica Aeróbica, a Ginástica Acrobática, o Tumbling, os Esportes Acrobáticos, entre outros. Mas ressaltam que, na infância, a ótica sobre a Ginástica deveria ser mais abrangente e que o objetivo de um programa direcionado a esse público seria o de estruturar uma base comum a todas essas manifestações de Ginástica.

As necessidades de movimento da criança continuam as mesmas de centenas de anos atrás. Talvez muito mais hoje, devido a pouca oportunidade e necessidade de se movimentar que o modo de vida moderno incita.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Distintas são as formas de linguagens que devem ser oferecidas às crianças, formas estas, que permitem reconhecer que a oralidade, a escrita, o desenho, a dramatização, a música, o toque, a dança, a brincadeira, o jogo, as inúmeras formas de movimentos corporais, são todas expressões da criança, que não devem ficar limitadas a um segundo plano no desenvolvimento pedagógico (SAYÃO, 2000).

As Ginásticas podem ser exploradas em vários campos da cultura corporal e das atividades físicas em geral, por ser uma vertente rica, desenvolve inúmeros elementos de habilidades e capacidades nos alunos, além da vivência em situações diferenciadas da realidade cotidiana, gerando na criança praticante um grande interesse, um imenso prazer e inúmeros desafios.

A singularidade das habilidades gímnicas promove a atenção, a concentração e a intenção no conhecer a si própria, através da interação com os outros e consigo, no tempo de reação e reflexão, no espaço utilizado e com intervenção pedagógica (LORENZINI in SOUZA et al, 2005).

As atividades gímnicas são compreendidas como um modo particular de movimento, através do qual se torna possível à vivência corporal em sua totalidade, muito mais do que mero condicionamento físico e os propósitos de alto desempenho competitivo. O ensino da Ginástica, baseado nestes aspectos, pode se tornar uma prática muito proveitosa para o ensino infantil, visto que as crianças nesta idade possuem a imensa necessidade de se movimentar, assim como construir um imaginário a partir desses movimentos.

Na primeira infância o contato com as atividades gímnicas possibilitam as mais variadas experimentações motora, enriquecendo o desenvolvimento de gestos e habilidades motoras que podem ser reinventados, alterados, redefinidos e reutilizados nos contextos destes indivíduos (VENDITTI e VENDITTI JUNIOR, 2009).

Para Bezerra, Ferreira Filho e Feliciano (2006) a Ginástica proporciona muitas possibilidades de movimentos, aprimorando as habilidades motoras e capacidades do praticante. Desenvolvem atividades que melhoram a flexibilidade, a coordenação, a consciência corporal, o ritmo, a disciplina, a iniciativa, a organização, a responsabilidade e a integração social. Com sua enorme variedade de movimentos, proporcionam à necessidade de ação da criança sendo fortemente motivadora, estimulando a atenção e o reflexo e despertando o prazer da execução (ALVES e ALVES, 2009).

Expressivamente a Ginástica contribui para um pleno desenvolvimento motor e capacidades físicas, pois ela possibilita experiências corporais, conhecimento de seus limites e possibilidades com a tomada da consciência corporal, além desses benefícios, a Ginástica traz junto com ela as sensações de prazer, satisfação e divertimento para seus praticantes. Tendo focado a parte motora, precisamos também demonstrar o quanto importante essa prática traz para o desenvolvimento do intelecto do homem em todas as idades.

Como o corpo é a maneira que temos de comunicação com o meio em que vivemos, ele é uma unidade que não possui divisões, exemplo: corpo e mente. A Ginástica além de trabalhar com o desenvolvimento das capacidades motoras, ela também tem grande interferência no desenvolvimento do intelecto e cognitivo de quem a pratica. Para Bezerra, Ferreira Filho e Feliciano (2006), é uma atividade que busca o domínio corporal e uma constante interação entre o físico e o intelecto.

Para Nunomura (1997) o desenvolvimento desta modalidade como forma educacional no ponto de vista psicológico, é uma forma de trabalho que motiva a criança emocionalmente e aumenta consideravelmente o ganho de autoconfiança. Em vista para o futuro das crianças, que pratica a construção da autoconfiança é fator importantíssimo para formação de um homem bem estruturado.

Toda criança na sua infância passa por um processo de aprendizado psicomotor enquanto busca o desenvolvimento contínuo de movimentos corporais. A educação psicomotora cresce pela maturação do sistema neurológico auxiliada pelo movimento, pelo ritmo e pela estruturação espacial e temporal. Aqueles que não apresentam um nível de maturidade não conseguem trabalhar os movimentos com sentimento e expressão, sendo os níveis de aprendizagem importantes eles devem ser aplicadas de forma adequada as fases de desenvolvimento psicomotor da criança, essa maturação indicará o comportamento motor (BORDALO et al, 2010).

O desenvolvimento global da criança dependerá de estímulos, recebidos desde o início da vida, sendo este indispensável para um processo harmonioso. O movimento é a base para esse processo, no qual se cria a personalidade intelectual e motora da criança. O movimento é a essência da infância. A criança por meio de exploração e atividades prazerosas recebe diversos estímulos, no qual leva a descobrir seu próprio corpo, construindo sua própria imagem corporal. Quando a criança inicia o ciclo escolar, ela recebe diversos estímulos afetivo-sociais, cognitivos e psicomotores, atuando de forma integrada. O ideal é proporcionar para as crianças hábitos saudáveis, principalmente no início da infância, pois a aptidão física está sendo amplamente desenvolvida (KOREN et al, 2008).

Para atender todo o processo de desenvolvimento motor infantil, é preciso explorar diferentes movimentos para oferecer as mais variadas experiências, levando em consideração a aplicação dos

movimentos, nas mais variadas situações e equivalência motora. No processo de desenvolvimento, as crianças precisam ser devidamente orientadas, só assim, as reais necessidades e expectativas serão alcançadas, é preciso abordar o processo de desenvolvimento humano de forma correta e profunda, para que não haja métodos e conteúdos inapropriados (TANI et al, 1988).

#### REFERÊNCIAS

- ALVES, C. M. C.; ALVES, R. C. A prática da ginástica artística: perfil, influências e preferências. **Revista Ciênc. Ext.** v.5, n.1, 2009.
- BEZERRA, S. P.; FERREIRA FILHO, R. A.; FELICIANO, J. G. A Importância de Aplicação de Conteúdos da Ginástica Artística nas Aulas de Educação Física no Ensino Fundamental de 1º a 4º Série. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte.** (edição especial). 2006.
- BLAAK, E. E. et al. Total energy expenditure and spontaneous activity in relation to training in obese boys. **Am J Clinic Nutrition**, 1992.
- BORDALO, M. F. S. et al. A Importância da Psicomotricidade para Iniciantes de Ginástica Rítmica. In: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA ARTÍSTICA E RÍTMICA DE COMPETIÇÃO- UNICAMP, 2010, SP. **Anais do II Seminário Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição, SIGARC-UNICAMP**, SP: FEF/UNICAMP, 2010, p. 339-343.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.
- COLLINS, J. **Gymnastics: what's in it.** Australian: Gymnastics Federation, 1991.
- COON, K. A., TUCKER, K. L. **Television and children's consumption patterns.** A review of the literature. *Min Ped*, 2002.
- DIETZ, W. H. **Factors increasing risk of obesity and potential for prevention overweight in childhood.** Annals of Workshop in prevention of obesity population at risk, etiologic factors and intervention strategies. Baltimore: National Institutes of Health/ National Institute of diabetes and kidney diseases, 1993.
- DIETZ, W. H., GORTMAKER, S. L. Do we fatten our children at the television set? Obesity and television viewing in children and adolescents. **Pediatrics**, 1985.
- DURIGON, O. F. S. et al. **Evaluation of the neuromotor development institutionalized normal children.** Annals of 12<sup>th</sup> Congress of the World Confederation for Physical Therapy. Washington, DC: American Physical Therapy Association, 1995.
- ENGYM. **Regulamento da Escola Nacional de Ginástica.** Lisboa: Federação Portuguesa de Ginástica, 1999.
- FERREIRA, E. Principais alterações e consequências funcionais no aprendizado motor. São Paulo: **Fisio&terapia**, 2000.
- KOHL, H. W., HOBBS, K. E. Development of physical activity behaviors among children and adolescents. **Pediatrics**, 1998.
- KOREN, S. B. R. et al. Educação Física Escolar: Estímulo ao Crescimento e Desenvolvimento para uma Vida com Qualidade. In: Roberto Vilarta. (Org.). **Atividade Física e Qualidade de Vida na Escola: Conceitos e Aplicações** Dirigidos à Graduação em Educação Física. Campinas: IPES, 2008, v. 1, p. 37-44.
- LEFÈVRE, A. B. **Exame neurológico evolutivo.** São Paulo: Savier, 1972.
- LEFÈVRE, A. B., ALTENHEIM, D., ALMIRANTE PENNA, H. Estudo comparativo do desenvolvimento psicomotor pelo método de Gesell, entre crianças asiladas e crianças mantidas em ambiente familiar. São Paulo: **Pediatria Prática**, 1955.
- LORENZINI, A. R. **O conteúdo ginástica em aulas de educação física escolar.** In: SOUZA, M. et. al. (org.). **Educação física escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica.** Recife: EDUPE, 2005.
- NETO, A. S. et al. Relação entre fatores ambientais e habilidades motoras básicas em crianças de 6 e 7 anos. São Paulo: Revista Mackenzie Educação Física Especial, 2004.
- NUNOMURA, M. Abordagem Educacional para Ginástica Olímpica: Avaliação de sua aplicabilidade num ambiente escolar. **Revista Paulista de Educação Física**, v.11, p.63-77, 1997.
- MARCONDES, E. et al. **Pediatria básica: pediatria geral e neonatal.** 9<sup>a</sup>.ed, São Paulo: Savier, 2003.
- PUCCINI, R. F., LOUSADA, M. W. O crescimento da criança. In: Carvalho ES, Carvalho WB. **Terapêutica e prática pediátrica.** 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2000.
- RIBEIRO, I. C. **Obesidade entre escolares da rede pública de ensino de Vila Mariana – São Paulo:** estudo de caso-controle (Dissertação). São Paulo: Universidade Federal de São Paulo-UNIFESP, 2001.
- RUSSEL, K., KINSMAN, T. **Coaching Certification Manual: Introductory Gymnastics.** Gymnastics Canada Gymnastique, Ontario: Canada, 1986.
- SAYÃO, D. T. Infância, **Educação Física e Educação Infantil.** Secretaria Municipal de Educação/SME. Divisão de Educação Infantil. Prefeitura Municipal de Florianópolis/PMF. Florianópolis, 2000.
- SCHEMBRI, G. **Introductory Gymnastics: a guide for coaches and teachers.** Australian Gymnastics Federation: Moorabbin, 1987.
- SILVA, M. A. M. et al. **Prevalência de fatores de risco cardiovascular em crianças e adolescentes da rede**

- de ensino da cidade de Maceió.** Maceió: Arquivo Brasileiro de Cardiologia, 2005.
- SPENCE, J. C., LEE, R. E. Toward a comprehensive model of physical activity. **Psychol Sport Exercise**, 2003.
- TANI, G. et al. **Educação Física Escolar:** fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- VENDITTI, A. C.; VENDITTI JUNIOR, R. Oficinas de Ginástica Geral como Atividade Extra-Classe em uma Escola Estadual na Região de Campinas, SP. Universo de Possibilidade e Descobertas na Escola Estadual Campo Grande II. **Revista digital** – Buenos Aires. Ano 14 – n°134. 2009
- VERDERI, E. **Encantando a Educação Física.** Rio de Janeiro: Sprint, 1999.
- WERNER, P. Teaching children gymnastics: becoming a Master Teacher. USA: **Human Kinetics Publishers**, 1994.

Alessandra Nabeiro Minciotti  
Rua Teffê, 375 – Apto 31 – Santa Maria – São Caetano do Sul – 09560 140 – SP – Brasil  
[alessandranm@yahoo.com.br](mailto:alessandranm@yahoo.com.br)

**EFEITO AGUDO DE UMA SESSÃO DE FLEXIBILIDADE SOBRE O DESEMPENHO NOS TESTES DE FORÇA EM MENINAS QUE PRATICAM DE GINÁSTICA ARTÍSTICA**

**EFFECTO AGUDO DE UNA SESIÓN DE FLEXIBILIDAD SOBRE EL RENDIMIENTO EN LAS PRUEBAS DE FUERZA EN NIÑAS QUE PRACTICAM GIMNASIA ARTÍSTICA**

**ACUTE EFFECT OF A FLEXIBILITY SECTION ON STRENGTH TESTS IN GIRLS ARTISTIC GYMNASTICS PRACTITIONERS**

**Yara Machado da Silva**

Professora Especialista – Grupo de Pesquisa em Ginástica da UNESP/RC

**Laurenço Ritli Filho**

Professor Especialista

**Diogo Henrique Constantino Coledam**

Professor Especialista – Mestrando em Educação Física da Universidade Estadual de Londrina – UEL

– Grupo de Estudos e Pesquisa em Atividade Física e Saúde (UEL)

**Laurita Marconi Schiavon**

Professora Doutora – Docente do Departamento de Educação Física na UNESP/Rio Claro – SP.

Grupo de Pesquisa em Ginástica da UNESP/Rio Claro e FEF-UNICAMP

**RESUMO**

*O objetivo do estudo foi analisar o efeito agudo de uma sessão de treinamento de flexibilidade para a ginástica artística sobre o desempenho de meninas nos testes: estático de barra (TB), impulsão horizontal (IH), abdominal (AB), flexão de braços (FX) e impulsão vertical (IV). Trinta e sete meninas que praticam ginástica artística, com idade média de 11,5 anos, pré-menarca, realizaram os testes em duas condições diferentes: precedidos por aquecimento e sessão de treinamento de flexibilidade (CSF) e somente aquecimento (SSF), de maneira randômica, em duas semanas consecutivas. O test-t pareado identificou diferença significativa ( $p < 0,05$ ) entre as condições CSF e SSF nos testes TB, IH, AB, FX e IV. A sessão de treinamento de flexibilidade diminuiu o desempenho de meninas praticantes de ginástica artística nos testes TB, IH, AB, FX e IV.*

**RESUMEN**

*El objetivo del estudio fue analizar el efecto agudo de una sesión de entrenamiento de la flexibilidad para Gimnasia artística en el rendimiento de niñas en las pruebas: Barra estático (TB), Impulso Horizontal (IH), Abdominal (AB), Flexión de Brazos (FX) y Impulso Vertical (IV). Treinta y siete niñas que practican la Gimnasia Artística con edad promedio de 11,5 años, pré-menarca, realizó las pruebas en dos diferentes condiciones: precedido por calentamiento y sesión de flexibilidad (CSF) y sólo calentamiento (SCA), al azar, en dos semanas consecutivas. El test-t emparejado indicó diferencia significativa ( $p < 0,05$ ) entre las condiciones CSF y SSF en TB, IH, AB, FX y IV. La sesión de entrenamiento de flexibilidad disminuyó el rendimiento de niñas que practican Gimnasia Artística en las pruebas de TB, IH, AB, FX y IV.*

**ABSTRACT**

*The purpose of the study was to analyze the acute effect of Artistic Gymnastic flexibility training session on girls performance on tests: Static Bar (SB), Horizontal Jump (HJ), Abdominal (AB), Push-up (PU) and Vertical Jump (VJ). Thirty-seven artistic gymnastics practitioner girls, mean age 11.5, not puberty, performed tests on two different conditions: preceded by warm up and flexibility training session (WFS) and only warm up (OWU), on a randomly way, in two consecutive weeks. Paired t-test indicated significant difference ( $p < 0,05$ ) between WFS and OWU on SB, HJ, AB, PU and VJ tests. Specific flexibility training session decrease performance on SB, HJ, AB, PU and VJ tests in girls Artistic Gymnastics practitioner.*

**INTRODUÇÃO**

A ginástica artística é uma modalidade complexa que envolve um acervo grande de exercícios corporais requeridos durante as competições. Capacidades como força, agilidade, flexibilidade, coordenação, equilíbrio são fundamentais para a prática da Ginástica Artística (NUNOMURA; CARRARA; TSUKAMOTO, 2010). Na iniciação do treinamento da ginástica artística em crianças e adolescentes, a ênfase do trabalho deve ser concentrada no desenvolvimento das capacidades físicas básicas, especialmente força e flexibilidade, pois são essas capacidades que proporcionarão aos praticantes condições para desenvolver suas habilidades motoras (ALBUQUERQUE; FARINATTI, 2007; NUNOMURA; PIRES; CARRARA, 2009).

Autores afirmam que a flexibilidade não varia consideravelmente em função da variação dos níveis de força. Para que haja um aumento da flexibilidade simultânea ao desenvolvimento dos músculos em torno de uma determinada articulação é necessário um grande número de exercícios de alongamento e relaxamento (RAMOS; SANTOS; GONÇALVES, 2007; SHEHAB et al., 2006). Além disso, para que haja aumentos significativos de força e flexibilidade é necessário o treinamento de ambas as capacidades de forma específica (NÓBREGA; PAULA; CARVALHO, 2005).

É comum, entre os atletas de diferentes modalidades, a prática de uma seção de treinamento ou o aquecimento por meio de alongamento anteriormente ao treinamento de força, embora esta prática seja contestada em estudos recentes. Alguns estudos demonstraram diminuição da flexibilidade após o treinamento de força (FOWLES; SALE; MacDOUGALL, 2000; KUBO; KANEHISA; FUKANAGA, 2002), assim como a diminuição da força após o treino de flexibilidade (ENDLICH et al., 2009; ROBBINS; SCHEUERMANN, 2008) ou aquecimento utilizando alongamentos (CHAOUACHI et al., 2008; FLETCHER; ANNESS, 2007; MAREK et al., 2005; RUBINI; COSTA; GOMES, 2007; PEARCE et al., 2009).

Diversos autores têm verificado o aumento de desempenho subsequente em testes de força e potência após realizar diferentes modelos de aquecimentos sistematizados em atletas e praticantes de diferentes modalidades esportivas (BISHOP, 2003; COLEDAM; DOS-SANTOS, 2011; FLETCHER; JONES, 2004; FAIGENBAUM et al., 2006). No entanto, quando são utilizados exercícios de alongamento estático durante o aquecimento, as informações disponíveis na literatura demonstram redução do desempenho em atividades que requerem força como, por exemplo, o salto vertical (FAIGENBAUM et al., 2005; 2006; PEARCE et al., 2009), a velocidade (TAYLOR et al., 2008) e a agilidade (FAIGENBAUM et al., 2005) em crianças e adolescentes.

Apesar da grande quantidade de informação disponível existente sobre o efeito do alongamento estático sobre o desempenho de crianças e adolescentes, apenas um estudo utilizou em sua amostra crianças praticantes de Ginástica Artística (McNEAL; SANDS, 2003) e outro utilizou adolescentes praticantes de Ginástica Rítmica (DI CAGNO et al., 2010). Em ambos os estudos foram verificados efeitos negativos do alongamento estático sobre o desempenho subsequente, com aumento do tempo de contato com o solo e diminuição da técnica do salto tipo *Split* (DI CAGNO et al., 2010) e diminuição do tempo de voo no salto do tipo *Drop* (McNEAL; SANDS, 2003). Assim, tem sido sugerido não realizar alongamento estático anteriormente à realização de tarefas que requerem força em praticantes de modalidades esportivas que necessitam realizar tarefas que envolvem saltos e corridas de velocidade e agilidade.

No entanto, na Ginástica Artística a força e flexibilidade são capacidades fundamentais para o desempenho dos atletas e, nas fases de formação da ginástica artística os treinamentos não acontecem diariamente, normalmente são divididos em três sessões semanais, dependendo da carga horária de cada sessão de treinamento (NUNOMURA, PIRES, CARRARA, 2009). Esta distribuição das sessões de treinamento faz com que força e flexibilidade tenham que ser treinadas em um mesmo dia, uma vez que, sendo capacidades fundamentais, devem ser treinadas em mais de uma sessão durante a semana.

Devido a escassez de informações acerca do efeito do alongamento estático sobre o desempenho de crianças envolvidas em treinamento de Ginástica Artística, os resultados do presente estudo podem fornecer informações acerca do efeito do alongamento estático sobre diferentes aspectos do desempenho motor de crianças praticantes de ginástica, uma vez que até o presente momento só foram estudados movimentos de saltos (DI CAGNO et al., 2010; McNEAL; SANDS, 2003). Além disso, os resultados auxiliarão na estruturação da sessão de treinamento da Ginástica Artística em crianças com relação à realização do treinamento de flexibilidade por meio do alongamento estático.

## OBJETIVOS

Verificar o efeito agudo de uma sessão de treinamento de flexibilidade por meio do alongamento estático passivo sobre o desempenho motor de crianças praticantes de Ginástica Artística.

## MÉTODO

O estudo é de cunho quantitativo e utilizou método semi experimental.

### Amostra

A amostra foi constituída por 37 praticantes de Ginástica Artística do gênero feminino, com idade entre 10 e 13 anos, de três Centros Esportivos do estado de São Paulo. Como critério de inclusão no estudo foi utilizado a experiência mínima de um ano e seis meses na modalidade. Além disso, foram incluídas apenas ginastas em condições pré menarca Ginástica Artística. Todas as participantes treinavam com uma frequência mínima de três vezes por semana. Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos da Universidade Estadual Paulista, protocolo 11018/46/01/10, de acordo com a resolução nº 196/96, os responsáveis pelas participantes foram informados sobre todos os procedimentos do estudo, assinaram um termo de consentimento livre esclarecido referente ao trabalho a ser desenvolvido.

#### *Procedimentos*

Todas as ginastas realizaram os seguintes testes: teste estático de barra (TB), teste de impulsão horizontal (IH), teste abdominal (AB), teste de flexão de braços (FX) e teste de impulsão vertical (IV). Os testes foram realizados, após um aquecimento sistematizado, nas condições com a sessão de flexibilidade (CSF) e sem a sessão de flexibilidade (SSF) precedente ao teste de força.

Anteriormente ao início da coleta de dados, todos os participantes realizaram os testes para aprendizagem. Os testes foram realizados em dois dias diferentes e em duas semanas consecutivas, adotando sempre o mesmo dia da semana e o mesmo horário de treinamento para aplicação dos testes.

As participantes realizaram de forma aleatória a ordem dos protocolos, sendo que metade do grupo realizou, no primeiro dia, os testes após o aquecimento e a sessão de flexibilidade (CSF); e, no segundo dia, realizou os testes após o aquecimento somente (SSF). A outra metade parte do grupo realizou, no primeiro dia, os testes após o aquecimento somente (SSF); e, no segundo dia, realizou os testes após o aquecimento e a sessão de flexibilidade (CSF).

O aquecimento foi constituído por cinco minutos de corridas variadas seguida de exercícios dinâmicos para todo o corpo. Os exercícios dinâmicos utilizados foram: corrida (trote), corrida lateral (para esquerda e para a direita), corrida em skipping (com elevação dos joelhos), corrida em anfersen (com elevação de calcanhares), corrida com rotações de braços (para trás e para frente) e corrida para trás.

A sessão de flexibilidade foi feita de forma estática e passiva, com o avaliador utilizando a intensidade do ponto de desconforto articular e mantendo essa amplitude por trinta segundos em cada uma das posições. Esta condição foi realizada após a realização do aquecimento descrito acima. A sessão foi constituída por oito exercícios utilizados freqüentemente nos treinamentos de flexibilidade da Ginástica Artística nas posições em pé, sentada, em decúbito dorsal e em decúbito ventral.

Na posição sentada os exercícios foram: *fechamento* – movimento de sentar e alcançar; *fechamento*: sentar e alcançar com flexão dorsal dos pés. Na posição em pé os exercícios foram: *Espacate lateral* – abdução dos membros inferiores estendidos partindo da posição em pé até a aproximação do quadril do solo; *Espacate* – afastamento ântero-posterior dos membros inferiores estendidos com a perna direita à frente; *Espacate* – afastamento ântero-posterior dos membros inferiores estendidos com a perna esquerda à frente. Na posição de decúbito dorsal os exercícios foram: *Ponte* – partindo da posição deitada, apóiam-se as palmas das mãos e dos pés no chão e eleva-se todo o corpo realizando uma hiper extensão da coluna. Na posição de decúbito ventral: elevação dos membros superiores estendidos atrás da cabeça; abdução dos braços para trás das costas.

Os testes foram aplicados de acordo com os protocolos propostos por Soares e Sessa (1998).

#### *Teste Estático de Barra (TB)*

Para realização do teste estático de barra, a avaliada foi colocada em suspensão em uma das barras nas paralelas assimétricas, com os braços flexionados, de forma que o queixo ficasse sobre a barra. O avaliador dava um sinal para que o auxiliar soltasse a avaliada nessa posição e iniciava a marcação no cronômetro. O cronômetro era parado quando a avaliada estendia os braços até o queixo ficar abaixo da linha da barra. Os valores foram expressos em segundos.

#### *Teste de Impulsão Horizontal (IH)*

Para realização teste de impulsão horizontal foi fixada uma fita métrica de cinco metros sobre a pista de salto (da ginástica artística). A avaliada se posicionava lateralmente a fita com os pés totalmente apoiadas no chão, diante da marcação que indicava o ponto zero da fita métrica. A partir daí realizava um salto horizontal, flexionando e estendendo as pernas, com auxílio dos braços para atingir o ponto mais distante possível do seu ponto de partida. Os valores foram expressos em centímetros.

#### *Teste de força Abdominal (AB)*

A avaliada se posicionava no solo em decúbito dorsal com as pernas flexionadas apoiando totalmente as plantas dos pés no chão. Um auxiliar segurava as pernas da avaliada para facilitar a execução correta do abdominal. O avaliador dava um sinal para que a avaliada iniciasse a realização dos abdominais e marcava um minuto no cronômetro, dando outro sinal para que ela parasse ao término do minuto. Os valores foram expressos pelo número de abdominais realizados no tempo estabelecido.

#### *Teste de Flexão de Braços (FX)*

A avaliada se posicionava no solo em decúbito ventral, apoiando as mãos, os joelhos e os pés no solo. O avaliador dava um sinal para que a avaliada iniciasse a realização das flexões e então ela só parava quando atingisse seu limite, independente do tempo (contudo as flexões tinham que ser realizadas de forma contínua, não podendo haver pausa durante a execução do teste). Os valores foram expressos pelo número máximo de flexões que a avaliada conseguisse realizar.

#### *Teste de Impulsão Vertical (IV)*

Para realização do teste de impulsão vertical foi fixada uma fita métrica de três metros em uma parede lisa. A avaliada se posicionava lateralmente a parede com os pés totalmente apoiadas no chão e um braço estendido acima da cabeça, assim marcava-se o ponto mais alto alcançado com o dedo médio. A partir daí a avaliada realizava um salto flexionando e estendendo as pernas com auxílio dos braços para tocar o ponto mais alto possível na parede. O valor era calculado pela diferença entre a maior altura alcançada pelo salto e a altura marcada com a avaliada parada. Os valores foram expressos em centímetros.

#### *Análise Estatística*

O cálculo do tamanho amostral foi estimado utilizando os seguintes parâmetros: Tratamento estatístico a ser utilizado Test-*t* para amostras dependentes,  $\alpha = 0,05$ , poder = 80% e *Effect size* = 0,5, utilizando o programa estatístico G\*Power 3.0. Desta forma, o número mínimo necessário de participantes foi de 34. A análise inferencial dos resultados dos testes motores nas duas condições experimentais foi feita através da estatística paramétrica, uma vez que foi confirmada a normalidade dos dados pelo teste de *Kolmogorov-Smirnov*. A análise entre as condições CSF e SSF foi feita por meio do Teste-*t* pareado. Foram apresentados os valores de coeficiente de variação (CV%) e intervalos de confiança das diferenças de 95% (IC95%) entre as condições. Em todos os casos foi considerando o nível de significância de 5%.

### **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A Ginástica Artística é um esporte no qual há grande necessidade de três componentes principais da aptidão física: A coordenação motora, força muscular e a flexibilidade (TRICOLI; SERRÃO, 2005).

A força muscular é um componente da aptidão física que é requerida em diferentes modalidades esportivas. De acordo com suas características, a força muscular pode ser dividida basicamente em força rápida, força máxima, resistência de força e suas variações, torque muscular, força explosiva e potência (CARVALHO; CARVALHO, 2006), podendo ser avaliada por diferentes testes (HOLM et al., 2008).

Dentre as diferentes classificações da força muscular as ginastas, durante a execução dos movimentos específicos requerem tanto os componentes de força máxima quanto os de força rápida (explosiva e potência). Desta forma, em todas as sessões de treinamento são treinadas a capacidade física força (NUNOMURA; PIRES; CARRARA, 2009) por meio de exercícios específicos de sustentação do peso corporal estáticos ou dinâmicos e exercícios que envolvem a utilização do ciclo alongamento e encurtamento por meio de saltos (WILSON; FLANAGAN, 2008).

Devido a necessidade de atingir grandes amplitudes articulares para realizar os movimentos da modalidade, a flexibilidade é parte fundamental do treinamento diário da Ginástica Artística (NUNOMURA; PIRES; CARRARA, 2009). Este tipo de treinamento é realizado por meio de exercícios estáticos de forma ativa ou passiva e por meio de exercícios dinâmicos específicos de acordo com a necessidade da modalidade.

Apesar de escassas as informações longitudinais acerca do efeito do treinamento da Ginástica Artística sobre a aptidão física de atletas, em crianças a eficácia do treinamento de força por meio da pliometria sobre a força muscular e outras capacidades físicas como a velocidade e agilidade já foram descritas (JOHNSON; SALZBERG; STEVESON, 2011). Da mesma forma que a força, o treinamento por meio de alongamentos exerce efeito crônico positivo aumentando a flexibilidade de crianças e, a frequência de treinamento é um fator determinante do aumento da flexibilidade, fato que justifica a inclusão deste tipo de treinamento nas sessões diárias (SANTOJA MEDINA et al., 2007).

A partir da premissa de que a força e a flexibilidade são duas capacidades determinantes para o desempenho da Ginástica Artística e que ambas rotineiramente são treinadas na mesma sessão, surge a questão da possibilidade de um tipo de treinamento interferir no desempenho do outro. Uma vez que, exercícios de flexibilidade geralmente já são inclusos durante o aquecimento, diversos estudos buscaram verificar o efeito agudo da execução de exercícios de alongamentos sobre o desempenho de força e outras capacidades como agilidade e velocidade em crianças e adolescentes (FAIGENBAUM et al., 2005; MCNEAL; SANDS, 2003).

Em crianças de ambos os sexos foi verificado que realizar exercícios de alongamento no aquecimento diminui significativamente o desempenho subsequente nos testes de salto vertical, salto horizontal e agilidade (FAIGENBAUM et al., 2005). Da mesma forma que para crianças, em adolescentes a inclusão de exercícios de alongamento anteriormente a realização de testes de força diminui o desempenho nos testes de salto vertical, salto horizontal e arremesso de *medicine ball* (FAIGENBAUM et al., 2006) quando comparados a execução de exercícios dinâmicos. Outro ponto importante a ser destacado é o tempo necessário para que o efeito negativo provocado pela execução do alongamento seja eliminado. De acordo com os resultados encontrados por Pearce et al. (2009) após 60 min de recuperação os valores de impulsão vertical continuaram significativamente inferiores comparados à condição pré aquecimento, indicando que caso alguma atividade que requer força ou velocidade seja realizada nesse período de tempo seria prejudicada. Em crianças atletas de ginástica, a execução do alongamento estático diminui significativamente o tempo de voo, resultado que demonstra a diminuição da potência de membros inferiores (MCNEAL; SANDS, 2003).

Além de testes motores gerais como saltos verticais, saltos horizontais, agilidade e velocidade o efeito da execução de exercícios de alongamentos sobre exercícios específicos da Ginástica Artística em crianças também foi verificado. Di cagno et al. (2010) verificaram que após a execução de exercícios de alongamento estático há aumento significativo do tempo de contato com o solo e diminuição dos escores obtidos em três saltos do tipo *Split*.

Devido a grande quantidade de estudos que verificaram a diminuição do desempenho motor de crianças e adolescentes após realizar exercícios de alongamentos estáticos, os prováveis mecanismos responsáveis por este efeito negativo foram estudados, porém ainda não estão bem elucidados (YOUNG; BEHN, 2003). Tem sido proposto que a diminuição da rigidez musculotendínea reduz a ativação muscular e, conseqüentemente, a geração de força (KAY; BLAZEVIČH, 2010; KOKKONEN; NELSON; CORNWELL, 1998). A rigidez musculotendínea pode alterar o posicionamento dos elementos contráteis do músculo alongado e este novo posicionamento torna-se menos eficiente em gerar força (THOMPSEN et al., 2007). A rigidez músculo tendínea diminuiu após uma sessão de 5 min de alongamento para o músculo gastrocnêmio em adultos logo após o término do alongamento e o efeito negativo é mantido por até 10 min (NAKAMURA et al., 2011). Knudson et al. (2001) reportaram que o aquecimento com alongamentos prejudica a impulsão vertical, provavelmente, devido à diminuição na transmissão e ativação neural provocada pelo alongamento. A menor atividade neurológica representada pela diminuição da amplitude de sinais eletromiográficos também foi descrita como um dos fatores responsáveis pelo efeito negativo do alongamento estático sobre o desempenho do salto vertical em adultos (HOUGH; ROSS; HOWATSON, 2009).

No entanto apesar de alguns estudos demonstrando os mecanismos que podem diminuir o desempenho após a realização dos exercícios de alongamento não há um consenso na literatura, uma vez que outros resultados demonstraram não haver prejuízo neural avaliado pela eletromiografia após sessões de alongamento estático (MURPHY et al., 2010) ou diminuição da rigidez músculo tendínea (HOGE et al., 2010).

## RESULTADOS

Os resultados dos testes de Testes de Barra Estática, Impulsão Horizontal, Abdominal, Flexão de Braços e Impulsão Vertical nas condições com sessão de flexibilidade e sem sessão de flexibilidade estão expressos na Tabela 1, em média, desvio padrão, assim como os valores de coeficiente de variação e intervalos de confiança das diferenças de 95%. Houve diferença significativa entre as condições com sessão de flexibilidade e sem sessão de flexibilidade nos testes realizados.

**Tabela 1.** Resultados dos testes de barra estática (TB), impulsão horizontal (IH), abdominal (AB), flexão de braços (FX) e impulsão vertical (IV) nas condições com sessão de flexibilidade (CSF) e sem sessão de flexibilidade (SSF).

	CSF	SSF	CV(%)	IC(95%)	P
<b>TB(s)</b>	19,78 (16,06)	21,32 (16,87)	7,8%	1,53 (0,70-3,00)	=0,04
<b>IH(cm)</b>	169,85 (28,52)	174,22 (29,26)	2,6%	4,37(1,92-6,83)	=0,001
<b>AB(rep)</b>	43,54 (11,17)	49,11 (12,40)	11,4%	5,56 (3,71-7,41)	<0,001
<b>FX(rep)</b>	33,19 (11,15)	40,92 (13,61)	18,9%	7,72 (4,78-10,67)	<0,001
<b>IV (cm)</b>	30,49 (9,91)	34,08 (7,82)	10,6%	3,59 (2,04-5,14)	<0,001

Resultados expressos em média (desvio padrão); Coeficiente de Variação (CV%); Intervalo de confiança da diferença de 95% (IC95%); Teste-t pareado (p<0,05); s = segundos; cm = centímetros; rep = repetições.

## DISCUSSÃO

A partir do objetivo desse estudo de verificar o efeito agudo de uma sessão de treinamento de flexibilidade sobre o desempenho motor de crianças praticantes de Ginástica Artística, os principais resultados foram: Testes de Barra Estática, Impulsão Horizontal, Abdominal, Flexão de Braços e Impulsão Vertical apresentaram valores significativamente inferiores na condição em que foram realizados alongamentos passivo estatístico comparados à condição que foi realizado apenas o aquecimento.

Os resultados do presente estudo corroboram com outros estudos que já demonstraram o efeito negativo do treinamento de flexibilidade e do alongamento estático realizado durante o aquecimento sobre testes de força em diferentes amostras (CHAUUACHI et al, 2008; FLETCHER; ANNESS, 2007; MAREK et al, 2005; PEARCE et al, 2009; RAMOS; SANTO; GOLÇALVES, 2007; RUBINI; COSTA; GOMES, 2007). Faigenbaum et al (2005) analisaram o efeito do alongamento estático sobre o teste de impulsão vertical e horizontal de crianças e verificaram que o alongamento estático exerce efeito negativo sobre ambos os testes. Tais resultados também foram verificados nos testes de impulsão vertical e arremesso de medicine ball em adolescentes (FAIGENBAUM et al, 2006). Por outro lado Di Cagno et al (2010) não verificaram efeito negativo do alongamento sobre a impulsão vertical, porém foi verificado diminuição do desempenho com aumento do tempo de contato com o solo e diminuição da técnica do salto tipo *Split* da Ginástica Rítmica.

O único estudo que analisou o efeito do alongamento estático no desempenho motor de crianças envolvidas em treinamento de Ginástica Artística teve como principal resultado a diminuição do tempo de voo no teste de salto vertical do tipo *Drop* (McNEAL; SANDS, 2003), efeito negativo considerando que quanto maior o tempo de voo mais a altura alcançada. Tais resultados são corroborados com os do presente estudo, que verificou redução significativa em todos os testes analisados após a sessão de alongamento estático passivo. No entanto, o presente estudo verificou o efeito de uma sessão de alongamento estático passivo específico da modalidade e sobre testes para membros superiores, inferiores e abdômen, características que tornam os resultados com maior aplicação prática.

Apesar do grande número de estudos demonstrando diminuição no desempenho da força em diferentes populações após a realização do alongamento estático, isto é dependente do protocolo de alongamento. Isto fica evidente no estudo proposto por Taylor et al (2008) no qual verificaram que a execução de exercícios dinâmicos específicos da modalidade netball após o alongamento estático restabelece o desempenho do salto vertical anteriormente diminuído devido ao alongamento estático. Por outro lado Pearce et al (2009) verificaram que o efeito negativo do alongamento não é eliminado após a execução de exercícios dinâmicos moderados. A diferença entre os dois estudos se encontra na quantidade e intensidade dos exercícios realizados após o alongamento, sendo que no estudo proposto por Taylor et al (2008) a intensidade e o volume foram maiores comparadas ao protocolo proposto por Pearce et al (2009). Esta pode ser uma opção para que o alongamento estático seja incluído nas sessões de treinamento em esportes que necessitam de força e flexibilidade como caso da ginástica artística.

Ainda não é consenso o principal mecanismo responsável pela diminuição da força muscular após a realização de alongamentos estáticos (YOUNG; BEHN, 2003), contudo existem estudos elucidando que o alongamento utilizado nos treinamentos de flexibilidade reduzem a geração de força devido a diminuição da rigidez musculotendínea e o atraso na ativação muscular (KOKKONEN; NELSON; CORNWELL, 1998). Knudson et al. (2001) atribuem à diminuição na transmissão e ativação neural provocada pelo alongamento o fato de o aquecimento com alongamentos prejudicar a impulsão vertical. A menor atividade neurológica representada pela diminuição da amplitude de sinais eletromiográficos também foi descrita como um dos fatores responsáveis pelo efeito negativo do alongamento estático sobre o desempenho do salto vertical em adultos (HOUGH; ROSS; HOWATSON, 2009). Apesar de vários mecanismos possíveis, qual a contribuição de cada um ou de todos em conjuntos sobre a diminuição do desempenho após a execução de exercícios de alongamentos estáticos ainda precisa ser descrita.

Os resultados apontaram que a execução prévia de exercícios de alongamento estático passivo exerce efeito negativo diminuindo significativamente o desempenho nos testes de força e potência. Desta forma, sugere-se cautela ao utilizar exercícios de alongamento estático passivo durante as sessões de treinamento e competições em crianças praticantes de Ginástica Artística, principalmente ao utilizar o exercício de alongamento estático imediatamente antes de atividades que requerem força e potência. Caso não seja possível realizar os exercícios de alongamento estático passivo em sessões diferentes às que serão utilizados exercícios que requerem força e potência, como alternativa, sugere-se ser incluídos exercícios de alta intensidade entre o final da sessão de alongamento e o início das tarefas de força e potência a serem realizadas posteriormente (TAYLOR et al., 2008).

Apesar dos resultados obtidos por meio do presente estudo, esse possui a limitação de não ter verificado o efeito crônico da execução do alongamento estático passivo sobre a força e potência. Este fato impossibilita a generalização do efeito agudo encontrado em apenas uma sessão de treinamento a todas as sessões ao longo de um período de treinamento. Além disso, no presente estudo foram utilizados exercícios gerais de força e potência muscular, dificultando a generalização desses resultados para os exercícios específicos requeridos pela Ginástica Artística Feminina. Desta forma, devido à escassez de informações acerca do efeito do alongamento estático passivo, muito utilizado em treinamentos de Ginástica Artística, sobre o desempenho motor de crianças, sugerem-se outros estudos utilizando diferentes tipos de alongamento e testes específicos da modalidade, com a análise sendo feita de forma aguda e crônica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A execução de um treinamento de flexibilidade por meio de exercícios de alongamento estático passivo diminuiu significativamente o desempenho das ginastas no teste Estático de Barra, Impulsão Horizontal, Abdominal, Flexão de Braços e Impulsão Vertical. Sugere-se cautela ao utilizar este tipo de treinamento anteriormente a atividades que requerem força e potência muscular de crianças praticantes de Ginástica Artística.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, P. A.; FARINATTI, P. T. Desenvolvimento e validação de um novo sistema de seleção de talentos para ginástica olímpica. **Revista brasileira de medicina do esporte**, v. 13, n. 3, p. 157-164, 2007.
- BISHOP, D. Warm up II: Performance changes following active warm up and how to structure the warm up;

- Sports medicine**, Auckland, v. 33, n. 7, p. 483-498, 2003.
- CARVALHO, C.; CARVALHO, A. Não se deve identificar força explosiva com potencia muscular, ainda que existam algumas relações entre ambas. **Revista portuguesa de ciência do desporto**, v. 6, n. 2, p. 241-248, 2006.
- CHAOUACHI, A. et al. Stretch and sprint training reduces stretch-induced sprint performance deficits in 13- to 15-year-old youth. **Europe journal applied the physiology**, v. 104, p. 515-522, 2008.
- COLEDAM, D. H. C; DOS-SANTOS, J. W.. Efeito agudo do aquecimento realizado através de exercícios dinâmicos e jogo de futebol em campo reduzido sobre a agilidade em crianças. **Revista da Educação Física da UEM**, v. 22, n. 2, p. 255-64, 2011.
- DI CAGNO, A. et al. Pre exercise static stretching effect on leaping performance in elite rhythmic gymnasts. **Journal of strength and conditioning research**. v. 24, n. 8, p. 1995-2000, ago.2010.
- ENDLICH, P. W. et al. Efeitos agudos do alongamento estático no desempenho da força dinâmica em homens Jovens. **Revista brasileira de medicina do esporte**. v. 15, n. 3, p. 200-203, mai/jun.2009.
- FAIGENBAUM, A. D. et al. Acute effects of different warm-up protocols on fitness performance in children. **Journal of strength and conditioning research**, v. 19, n. 2, p. 376-381, 2005.
- FAIGENBAUM, A. D. et al. Acute effects of different warm-up protocols on anaerobic performance in teenage athletes. **Pediatric exercise science**. n. 17, p. 64-75, 2006.
- FARINATTI, P. T. V. Flexibilidade e esporte: Uma revisão de literatura. **Revista paulista de educação física**. São Paulo, v. 14, n. 1, p. 85-96, jan/jun.2000.
- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. **Ginástica artística: Código de pontuação**. Disponível em: < <http://www.fig-gymnastics.com>>. Acesso em: 05 outubro 2008.
- FLETCHER, I. M.; JONES, B. The effect of different warm-up stretch protocols on 20 meter sprint performance in trained rugby union players. **Journal of strength and conditioning research**. v. 18, n. 4, p. 885-888, 2004.
- FLETCHER, I. M.; ANNESS, R. The acute effects of combined static and dynamic stretch protocols on fifty-meter sprint performance in track-and-field athletes. **Journal of strength and conditioning research**. v. 21, n. 3, p. 784-787, 2007.
- FOWLES, J. R.; SALE, D. G.; MacDOUGALL, J. D. Reduced strength after passive stretch of the human plantarflexors. **Journal applied the physiology**. v. 89, p. 1179-1188, 2000.
- HOGUE, K. M. et al. Gender differences in musculotendinous stiffness and range of motion after an acute bout of stretching. **Journal of strength and conditioning research**. v. 24, n. 10, p. 2618-2626, 2010.
- HOLM, I. et al. A normative sample of isotonic and isokinetic muscle strength measurements in children 7 to 12 years of age: **Acta Paediatr**. v. 97, n. 5, p. 602-607, mai.2008.
- HOUGH, P.A.; ROSS, E.Z.; HOWATSON, G. Effects of dynamic and static stretching on vertical jump performance and electromyographic activity. **Journal of Strength and Conditioning Research**, v.23, n.2, p. 507-512, 2009.
- JOHSON, B. A.; SALZBERG, C. L.; STEVESON, D. A. A systematic review: plyometric training programs for young children. **Journal of strength and conditioning research**. v. 25, n. 9, p. 2623-2633, set.2011.
- KAY, A. D.; BLAZEVIK, A. J. Concentric muscle contractions before static stretching minimized, but not remove, stretch-induced force deficits. **Journal of applied physiology**. v. 108, p. 637-645, jan.2010.
- KNUDSON, D. et al. Acute effects of stretching are not evident in the kinematics of the vertical jump. **Journal of strength and conditioning research**. v. 15, n. 1, p. 98-101, fev.2001.
- KOKKONEN, J.; NELSON, A.G.; CORNWELL, A. Acute muscle stretching inhibits maximal strength performance. **Research quarterly for exercise and sport**. v. 69, n. 4, p. 411-415, dez.1998.
- KUBO, K.; KANEHISA, H.; FUKANAGA, T. Effects of resistance and stretching training programmes on the viscoelastic properties of human tendon structures in vivo. **Journal of physiology**. v. 538, n. 1, p. 219-226, 2002.
- MCNEAL, J. R.; SANDS, W. A. Acute static stretching reduces lower extremity power in trained children. **Pediatric exercise science**. v. 15, p. 139-145, 2003.
- MAREK, S.M. et al. Acute Effects of Static and Proprioceptive Neuromuscular Facilitation Stretching on Muscle Strength and Power Output. **Journal of athletic training**. v. 40, n. 2, p. 94-103, 2005.
- MURPHY, J. R. et al. Aerobic activity before and following short-duration static stretching improves range of motion and performance vs. a traditional warm-up. **Journal of applied physiology and nutrition on metabolism**. v. 35, p. 679-690, 2010.
- NAKAMURA, M. et al. Acute and prolonged effect of static stretching on the passive stiffness of the human gastrocnemius muscle tendon unit in vivo. **Journal of orthopaedic research**. v. 29, n. 11, p. 1759-1763, nov.2011.
- NÓBREGA, A. C.; PAULA K. C.; CARVALHO, A. C. Interaction between resistance training and flexibility training in healthy young adults. **Journal of strength and conditioning research**. v. 9, n. 4, p. 842-846, nov.2005.

- NUNOMURA, M.; PIRES, F. R.; CARRARA, P. Análise do treinamento na ginástica artística brasileira. **Revista brasileira de ciência do esporte**. v. 31, n. 1, p. 25-40, set.2009.
- NUNOMURA, M.; CARRARA, P. D. S.; TSUKAMOTO, M. H. Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 24, n. 3, p. 305-314, jul/set.2010.
- PEARCE, A. J. et al. Effects of secondary warm up following stretching. **European journal applied the physiology**. v. 105. p. 175-183, 2009.
- RAMOS, G. V.; SANTOS, R. R.; GONÇALVES, A. Influência do alongamento sobre a força muscular: uma breve revisão sobre as possíveis causas. **Revista brasileira de cineantropometria e desempenho humano**. v. 9, n. 2, p. 203-206, 2007.
- ROBBINS, J. W.; SCHEUERMANN, B. W. Varying amounts of acute static stretching and its effect on vertical jump performance. **Journal of strength and conditioning research**. v. 22, n. 3, p. 781-786, mai.2008.
- RUBINI, E, C.; COSTA, A. L L.; GOMES, P. S. C. The Effects of stretching on strength performance. **Sports medicine review**, v. 30, n. 3, p. 213-224, 2007.
- SALE, D. G. Postactivation potentiation: Role in human performance. **Exercise and sport sciences reviews**, v. 30, n. 3, p. 138-143, 2002.
- SANTOJA MEDINA, F. M. et al. Effects of frequency of static stretching oh straight-leg raise in elementary shool children. **Journal of sports medicine and physical fitness**. v. 47, n. 3, p. 304-308, set.2007.
- SHEHAB, R et al. Pre-exercise stretching and sports related injures: knowledge, attitudes and practices. **Clinic journal sport medicine**. v. 16, n. 3, p. 228-231, mai.2006.
- SOARES, J. SESSA, M. Medidas da força muscular. In: MATSUDO. V. K. (Edt.) **Testes em ciências do esporte**. 6.ed. São Caetano do Sul: Gráficos Burti LTDA, 1998. p. 57-68.
- TAYLOR, K. L. et al. Negative effects of static stretching restored when combined with a sport specific warm-up component. **Journal of science and medicine in sport**. doi: 10.1016, 2008.
- THACKER, S. B.et al. The Impact of Stretching on Sports Injury Risk: A Systematic Review of the Literature. **Official journal of the american college of sports medicine**. Doi: 10.1249/01. p. 371-378, 2003.
- THOMPSEM, A. G. et al. Acute effects of different warm-up protocols with and without weighted vest on jumping performance in athletic women. **Journal of Strength and Conditioning Research**. Champaign. v. 21, n. 1, p. 52-56, 2007.
- TRICOLI, V.; SERRÃO, J. C. Aspectos científicos do treinamento esportivo aplicados a ginástica artística. In: NUNOMURA, M.; NISTA-PÍCCOLO, V. L. (Orgs.). **Compreendendo a ginástica artística**. São Paulo: Phorte, 2005. p. 143-152.
- WILSON, J. M.; FLANAGAN, E. P. The role of elastic energy in activities with high force and power requirements: a brief review. **JJournal of strength and conditioning research**. v. 22, n. 2, p. 22-25, set.2008.
- YOUNG, W.B.; BEHN, D.G. Effects of static stretching and practice jumps on explosive force production and jumping performance. **Journal sports and medicine physical fitness**. v. 43, n. 1, p. 21-27, 2003.

Yara Machado da Silva

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências de Rio Claro.

Avenida 24 A, nº 1515 – Depto. de Educação Física - Bela Vista - Rio Claro – SP - CEP: 13506-900.

[yaramsilva@hotmail.com](mailto:yaramsilva@hotmail.com)

## GINÁSTICA RÍTMICA EM MARINGÁ: A (RE) CONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA

### GIMNASIA RÍTMICA EN MARINGÁ: LA (RE) CONSTRUCCIÓN DE UNA HISTORIA

#### RHYTHMIC GYMNASTICS IN MARINGÁ: RECONSTRUCTION OF A HISTORY

**Ana Luíza Barbosa Anversa**

Mestre em Educação Física pelo Programa de Pós Graduação Associado UEM/UEL

**Ieda Parra Barbosa Rinaldi**

Doutora em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas.

Professora/membro do Programa de Pós Graduação Associado UEM/UEL

#### **RESUMO**

*Essa pesquisa teve por objetivo reconstruir a história da ginástica rítmica em Maringá, tomando por foco o registro de imagens e discursos de atores sociais que participaram desse processo, buscando compreender como a modalidade se desenvolveu e consolidou no município. Foram utilizados arquivos imagéticos e documentais que permitiram utilizar a História Oral como método para obtenção de dados, bem como realizadas entrevistas com sete professoras que tiveram atuação relevante na consolidação da ginástica rítmica em Maringá, contribuindo para sua divulgação em diversos campos de atuação. Constatou-se que ao longo das décadas pesquisadas, de 1970 a 2000, a ginástica rítmica em Maringá atravessou quatro ciclos, da iniciação, do aperfeiçoamento técnico, da divulgação da modalidade no contexto escolar, e o da massificação da modalidade, que perdura até os dias atuais, desenvolvendo um trabalho voltado para o aspecto de inclusão social e de esporte educacional.*

#### **RESUMEN**

*Esta investigación tuvo como objetivo reconstruir la historia de la gimnasia rítmica en Maringá, teniendo como foco la grabación de imágenes y discursos de los actores sociales que participaron en este proceso, intentando comprender cómo el deporte se ha desarrollado y consolidado en la ciudad. Fue utilizado los archivos de imágenes y documentos que permite utilizar la historia oral como un método para la obtención de datos, así como entrevistas con siete profesoras que tuvieron una actividad relevante en la consolidación de la gimnasia rítmica en Maringá, contribuyendo a su difusión en diversos campos. Se encontró que durante las décadas estudiadas, de 1970 a 2000, la gimnasia rítmica en Maringá asume cuatro ciclos, de la iniciación, de la mejora técnica, la promoción del deporte en el contexto escolar, y de la masificación de la modalidad, que dura hasta hoy en día, desarrollando un trabajo de se centró en el aspecto de inclusión social y de deporte educacional*

#### **ABSTRACT**

*This research aims to reconstruct the history of rhythmic gymnastics in Maringá, taking as its focus the recording of images and discourses of social actors who participated in this process, trying to understand how the sport has developed and consolidated in this city. Was used imagery files and documents that allowed to use oral history as a method for obtaining data, as well as interviews with seven teachers who have relevant activity in the consolidation of rhythmic gymnastics in Maringá, contributing to their dissemination in various fields. It was found that over the decades studied, from 1970 to 2000, in Maringá, this sport passed for four cycles, the initiation of technical improvement, promotion of the sport in the school context, and the massification of the sport, which lasts until nowadays, developing work focused on the aspect of social inclusion and educational sport .*

#### **INTRODUÇÃO**

De acordo com a confederação Brasileira de Ginástica (CBG, 1989, p. 171), a modalidade ginástica rítmica se configura como “uma arte dinâmica, criativa, natural, orgânica, com movimentos de características próprias, diferentes das outras escolas de expressão corporal”. Teixeira (1996) destaca que a mesma se configura como uma das ginásticas competitivas, podendo ser praticada de duas maneiras: a mãos livres e com aparelhos, sendo estes, corda, bola, arco, maça e fita. Nas mãos livres o praticante utilizará somente sua capacidade corporal, num conjunto com música e movimento, enquanto que, com os aparelhos, o ginasta ou praticante utilizará o corpo, o aparelho e a música de forma harmônica, sendo que o aparelho deve ser uma extensão do corpo do praticante. Sobre o assunto, vale salientar que as provas de mãos livres são feitas apenas pelas categorias iniciantes.

Devido às amplas possibilidades motoras e o trabalho de elementos corporais, com ou sem a manipulação de aparelhos, mas sempre com acompanhamento musical, a prática da ginástica rítmica, se bem trabalhada, garante aos seus praticantes estímulos manipulativos que os levam a interagir com o ambiente e consequentemente auxiliar no seu desenvolvimento motor, cognitivo e social, assim por meio desta prática corporal é possível auxiliar na formação da personalidade, desenvolver o espírito de iniciativa e favorecer relações interpessoais e de relacionamento no âmbito social.

Sabe-se que a ginástica rítmica tem suas raízes dos métodos ginásticos europeus, em especial na Escola Alemã que de acordo com Soares (1998) preconizava manifestações corporais denominadas como artístico-rítmico-pedagógicas e técnico-pedagógicas e, sobretudo por meio dos trabalhos de Bode e Medau, que uniram em uma mesma prática esportiva; corpo, música, movimento e aparelhos. De acordo com o processo histórico da ginástica, resgatado por diversos autores como Ramos (1982), Soares (1994), Barbosa- Rinaldi (2010), entre outros, pode-se perceber que esta prática foi deliberada sob influência dos princípios e pensadores da pedagogia, da dança, das artes cênicas e da música.

A implantação da modalidade no Brasil se deu no início da década de 1950, na cidade de São Paulo, com os trabalhos da professora austríaca Margareth Froehlich auxiliada por Erica Saur e em paralelo, no estado do Rio de Janeiro com a professora Ilona Peuker, responsável pela formação do primeiro grupo de ginástica moderna em nosso país, conhecido como “Grupo Unido de Ginástica” (GUG). Estes primeiros trabalhos foram direcionados para o contexto escolar, tendo por objetivo, de acordo com Laffranchi (2001), caracterizar um trabalho corporal com base nos movimentos orgânicos e naturais, explorando as qualidades estéticas e rítmicas da mulher, podendo ser praticada a mãos livres e com aparelhos. Estas características peculiares contribuíram para a propagação da modalidade e inserção no componente curricular dos cursos de formação inicial em Educação Física. Entretanto como aponta Santos (1994), com a valorização do esporte competitivo o caráter educacional da modalidade passou a ser relegado para um segundo plano.

Diante dos pressupostos apresentados, a presente pesquisa teve por objetivo reconstruir a história da ginástica rítmica em Maringá, tomando por foco o registro de imagens e discursos de atores sociais que participaram desse processo, buscando compreender como a modalidade se desenvolveu e consolidou no município em questão. Os atos desta história foram resgatados por meio de entrevistas, aguçando as memórias dos atores sociais que fizeram parte do desenvolvimento da modalidade na cidade, e para anular ambiguidades nas falas dos entrevistados e garantir o relato da história real, fez-se uso de recursos documentais e imagéticos que possibilitaram salientar o que não foi apontado, fortalecer memórias apresentadas e ilustrar momentos históricos, possibilitando que atos fossem (re) descobertos, permitindo a compreensão de dimensões históricas, que podem servir como objetos auxiliares na ampliação do olhar sobre a conjuntura social.

Ao realizar as incursões históricas sobre a GR, percebeu-se que ao longo das décadas de 1970 a 2010, em Maringá, esta modalidade assumiu múltiplas facetas, apresentando diversas modificações e adjetivações de acordo com seu contexto social e histórico. Verificou-se, nas falas dos atores sociais envolvidos na disseminação da modalidade em Maringá e nos recursos documentais e imagéticos coletados ao longo da pesquisa, que os primeiros indicativos da modalidade na cidade não fugiram do modelo nacional que se instaurava, ou seja, se deu no contexto escolar, como atividade física recreativa realizada no contraturno, por meio de projetos sociais, incentivados por ações governamentais, no qual algumas atletas se destacaram, possibilitando que os trabalhos se voltassem para o âmbito competitivo, conquistando o reconhecimento no cenário nacional, entretanto no fim da década de 1990 e início dos anos 2000 as ações interventivas relacionadas à modalidade começaram a se voltar com maior intensidade para os aspectos sociais e para a popularização da modalidade, focando ações inclusivas e a formação integral de seus participantes.

Ressalta-se, por fim, que este estudo busca contribuir com os referenciais teóricos acerca do assunto, valorizarmos os profissionais da área sejam valorizados e reconhecer seus esforços, além de, por meio do resgate das memórias da modalidade em Maringá, projetarmos a história que gostaríamos de contar no futuro.

#### **METODOLOGIA: uma ferramenta na (re) construção da história**

Buscando reconstruir os atos da história da ginástica rítmica em Maringá, adotou-se como metodologia a história oral, por possibilitar o preenchimento de lacunas deixadas pelos estudos dialetos de valor histórico e documental sem, no entanto desvalorizá-los, haja vista que são de grande valia no auxílio da reconstituição da história e na legitimação das falas dos atores sociais envolvidos.

Adotou-se então um processo dialético que confronta a teoria, as noções que o historiador possui a respeito do objeto de estudo e a prática social concreta apresentada nos de depoimentos coletados, por meio de entrevistas semiestruturada com sete *ex* e atuais técnicas e ginastas, que tiveram representatividade na modalidade, em campeonatos estaduais e nacionais, além das técnicas e professoras que participaram da introdução e consolidação da ginástica rítmica em Maringá. Segundo Triviños (1987), um roteiro semiestruturado permite ao informante seguir espontaneamente sua linha de pensamento e de suas experiências, trilhando um caminho principal colocado pelo investigador.

Para o registro das respostas utilizou-se de um gravador, que é considerado o material ideal para tal fim e, posteriormente, as entrevistas foram transcritas com as mesmas palavras utilizadas. Em um segundo momento, foram interpretadas a partir da triangulação com a matriz teórica da área. Alberti (1990) destaca que a história oral possibilita ampliar o conhecimento sobre acontecimentos, a partir do resgate de experiências e versos particulares de vida dos sujeitos envolvidos em um determinando contexto social, estabelecendo-se relações entre o geral e o particular por meio de análises comparativas de testemunhos. Este método de pesquisa é muito utilizado em pesquisas sociais, por permitir ir além do teórico por meio de outros recursos que contenham aspectos novos acerca da história a ser contada, haja vista que deixa à mostra a experiência vivida, podendo ser utilizada de acordo com Thompson (1992, p.20) para devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

Ressalta-se que esta metodologia assume caráter qualitativo, devido ao fato dos dados serem obtidos mediante um contato direto do pesquisador com o objeto de estudo, dando direção à interpretação do fenômeno a partir das perspectivas dos participantes da situação, o entrevistado se faz construtor do conhecimento, partindo de uma inter-relação entre o mundo real e sua experiência, além de um vínculo entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. Com base em Aberti (1990) e Campos et al. (1998) verifica-se que a partir de depoimentos orais é possível ampliar o conhecimento sobre o acontecimento e conjunturas do passado se embasado em um estudo aprofundado de experiências e versões particulares, buscando-se compreender a sociedade a partir de depoimento de indivíduos que nela viveu estabelecendo relações entre o geral e o particular por meio da comparação de diferentes testemunhos, que não buscam o estabelecimento de verdade mas conhecimento de diferentes versões.

Para garantir uma fidedignidade maior à pesquisa, veracidade aos testemunhos e complementação dos dados existentes na bibliografia, outras fontes foram utilizadas (jornais, documentação imagética, fotos e acervos pessoais dos entrevistados), possibilitando a coleta de dados diversificados, entendendo o uso das fotografias e outros materiais visuais como um grande aliado na construção do estudo, tanto como forma de ativar a memória dos entrevistados, bem como uma fonte a mais para estabelecer o diálogo com as vozes da história. Para Cardoso e Mauad (1997, p. 405) a fotografia pode ser várias coisas como “materialização da experiência vivida, doce lembrança do passado, memórias de uma trajetória de vida, flagrantes sensacionais, ou ainda, mensagens codificadas em signos”, ou nada disso. Desta forma, o diálogo entre diferentes fontes (história oral e documentação imagética) poderá fazer aparecer o inesperado, o encontro com o que ainda não foi escrito, e com isto, buscar contar uma história real e passível de erros, mas que existiu para os que a fizeram.

Destaca-se que, todos os participantes da pesquisa foram informados sobre a divulgação e publicação das informações e imagens coletadas, e que o mesmo foi aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa- COPEP sob o parecer nº342/2007.

## **GINÁSTICA RÍTMICA EM MARINGÁ: atos de uma história**

### **DÉCADA DE 1970**

A década de 1970 se caracterizou como o período de desenvolvimento intelectual, crescimento urbano, industrial e cultural da cidade de Maringá. O curso de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá (UEM), criado no ano de 1972 passava por alterações curriculares e contratação de novos professores visando atender aos novos indicativos da formação inicial. Neste cenário iniciou-se o trabalho pioneiro da ginástica rítmica em Maringá, com a professora Sarah Machado Genari, que introduziu a modalidade a ementa curricular do curso de educação física da UEM, buscando garantir as acadêmicas, novos conhecimentos, complementando os já trabalhados na ginástica olímpica e na ginástica feminina (condicionamento físico). Formou-se neste momento a primeira equipe de ginástica rítmica da cidade de Maringá.

Por ser uma modalidade que, na época, exigia poucos recursos materiais, horas de treino, e técnica corporal, se adequou aos objetivos acadêmicos da época e em função disso, a equipe de acadêmicas pôde estar presente em eventos e festivais da modalidade, aperfeiçoando os saberes vistos em sala de aula com vivências práticas. De acordo com a professora Sarah Machado Genari

O treino da modalidade junto às acadêmicas era realizado em um salão, de altura razoável, com piso de cimento. Lá eram feitos nossos treinos e ensaios. A turma era mais maluca que eu, imaginavam as coisas e afoitas já queriam tentar fazer. Foi uma época divertida, com seus altos e baixos, mas de uma maneira geral boa (GENARI, 2007).



Figura 1: Primeira equipe de ginástica rítmica de Maringá  
Fonte: Acervo pessoal cedido pela professora Sarah Machado Genari

Mesmo com as dificuldades iniciais no trabalho com a modalidade, pode-se perceber pelo depoimento da professora Sarah Machado Genari, que a motivação e o gosto pela nova prática corporal eram visíveis. Confiante em seu conhecimento e na capacidade de suas alunas, Sarah começou a focar o aspecto pedagógico em sua disciplina, levando as acadêmicas a intervirem no ambiente escolar, disseminando os elementos fundamentais da modalidade entre as crianças e a partir de elementos obrigatórios, elaboraram coreografias que deveria ser apresentada no festival promovido pela Universidade Estadual de Maringá no mês de novembro de 1974, como critério de avaliação da disciplina.



Figura 2: Acadêmicas com as crianças envolvidas no festival  
Fonte: Acervo pessoal cedido pela professora Glória Soares Nakashima



Figura 3: Cerimônia de abertura do Festival promovido pela Universidade Estadual de Maringá- 1974  
Fonte: Acervo pessoal cedido pela professora Glória Soares Nakashima

Todas as acadêmicas envolvidas neste trabalho se encantaram pela modalidade e passaram a ter um ideal em comum, propagar a GR em Maringá sob seus aspectos educacionais e pedagógicos, buscando além de trabalhar com os talentos propiciar o desenvolvimento integral das crianças envolvidas nos projetos. Nesta década, meados do ano de 1976, diferentes esportes começam a ser trabalhados no contexto escolar, devido aos ideários governamentais do esporte para todos (EPT), que pregava um trabalho massificado, voltado para os princípios do rendimento, resultados e regras. Bracht (1989) salienta que neste período a escola era vista como a base da pirâmide esportiva, identificando e afinando talentos. Além deste aspecto, a implantação de aulas em contra turno servia para manter os alunos ocupados com práticas esportivas em fuga da situação social e econômica.

Embora o objetivo do trabalho com o esporte na escola fosse educacional, o bom rendimento dos alunos para com a modalidade, estimulava a participação cada vez maior em competições nacionais, dando um retorno positivo para a escola e também auxiliando na propagação a modalidade. De acordo com Bracht (2003) “os

sucessos esportivos fornecem prestígio nacional. Tais sucessos testemunham que o sistema está em condições de resolver seus problemas tecnicamente de forma eficiente”.

Outro marco importante na história desta modalidade se deu no momento em que as acadêmicas da primeira equipe de ginástica rítmica de Maringá se formaram e a professora Sarah Machado Genari foi transferida para a cidade de Curitiba, para coordenar o novo projeto da Secretária de Estado da Cultura e do Esporte. Por meio de um acordo do governo do Estado e da prefeitura do município, as ex-acadêmicas e então professoras, se engajaram ao Projeto Pólos Esportivos com o objetivo divulgar e massificar o trabalho com a ginástica rítmica em Maringá e região.

O projeto pólo foi uma parceria da Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte com a prefeitura para instalar a modalidade na cidade. O objetivo era divulgar o trabalho na cidade e região. Eram feitos festivais internos, regionais, enfim tudo que pudesse ser feito para divulgar as modalidades e o projeto pólos esportivos (NAKASHIMA, 2007).

Com a implantação deste projeto esportivo e a procura, cada vez maior, de professores e crianças interessadas na modalidade, a prefeitura instituiu o Ginásio de Esporte Francisco Bueno Neto como sede para a modalidade, sob a coordenação da professora Glória Soares Nakashima. Este trabalho teve um papel importantíssimo para a contribuição do crescimento deste esporte na cidade e no estado do Paraná. De acordo com a professora Glória Soares Nakashima

No ano de 1976 eu comecei um trabalho de base da ginástica rítmica. Trabalhava flexibilidade, saltito, exercícios na barra, manuseio de materiais. Eu tinha que ensinar elementos básicos para as crianças que não tinham consciência corporal nenhuma para que estas pudessem a vir a se destacar na modalidade (NAKASHIMA, 2007).

Como podemos observar, a década de 1970 foi o ponto inicial para a propagação da modalidade ginástica rítmica em Maringá, destacando-se as ações das professoras Sarah Machado Genari, Odete Tozzo, Wanda Horta de Lima, Deiva Mara D. B. Ribeiro, e Glória Soares Nakashima, que não pouparam esforços em propagar esta prática para a comunidade. Constata-se que em Maringá, a ginástica rítmica assumiu, no início de seu trabalho, um caráter mais pedagógico, voltado para a formação básica dos movimentos e formação integral das alunas, mas com a grande adesão de crianças e com a evolução técnica e corporal atingida, os trabalhos tomaram novos rumos, que se consolidaram no ano de 1981, com a chegada de uma nova professora, direcionando as ações interventivas para um caráter técnico com ênfase em resultados competitivos.

#### DÉCADA DE 1980

Como apresentado no parágrafo anterior, a década de 1980 foi marcada pelo aperfeiçoamento técnico competitivo da ginástica rítmica em Maringá, e as ações interventivas contaram com o apoio da Prefeitura Municipal e demais órgãos governamentais, bem como de estabelecimentos privados, como a Secretaria de Esporte e Cultura e do Jornal O Diário, auxiliando na divulgação da modalidade no cenário esportivo da cidade. Esse perfil competitivo não se instaurava apenas no município e região, e sim em todo o âmbito nacional. Ghiraldelli Júnior (1988) classifica o período dos anos de 1980, como tendência competitiva na educação física, devido ao sistema econômico que se instaurava e também por ter como princípios a competitividade como uma ação inerente ao homem.

É no contexto da interrupção do trabalho desenvolvido pela Professora Glória Soares Nakashima (Prefeitura) que entra para a história da modalidade em Maringá, outra personagem importante, a Professora Márcia Dib, com seus conhecimentos técnicos, resultado de seus estudos e trabalhos na cidade de Londrina como auxiliar da professora Elizabeth Laffranchi. Márcia Dib transformou Maringá em sede esportiva da modalidade, iniciando a equipe da cidade em competições estaduais. As razões desta mudança são explicadas quando a professora Márcia salienta que:

Eu era extremamente brava e enérgica, tive que mostrar para elas que eram capazes de competir, até mesmo com Londrina, a principal equipe do estado na época. Adotei um treinamento muito rígido, nós tínhamos uma parte de aquecimento, de preparação física. Nós treinávamos todas as tardes, das duas às três horas da tarde, com carga de areia, fortalecimento de perna, de abdominal e de braço. Trabalhávamos os aspectos técnicos e depois tinha toda a montagem das séries (DIB, 2007).

Telma Adriana Pacífico Martineli, uma das ginastas que fazia parte da equipe principal da Prefeitura de Maringá da época e agora Professora do DEF/UEM, ao falar do seu tempo como atleta, afirma que:

A professora Márcia Dib era formada na FEFI pela professora Elizabeth. Com a saída da professora Glória ela veio para Maringá para desenvolver o trabalho com a equipe da prefeitura, adotando uma nova perspectiva, voltada para a competição, com uma técnica mais rígida. Por isso penso que teve uma

grande diferença em termos de objetivos, ela era mais brava e tínhamos treino todas às tardes (MARTINELLI, 2007).

Mesmo com todo este rigor técnico, as ginastas do município não abandonaram os trabalhos demonstrativos, nos anos de 1983 a 1985, fizeram diversas apresentações em aberturas de jogos e eventos, municipais e de cidades vizinhas, contribuindo para a disseminação da prática tanto no âmbito competitivo como demonstrativo além de servir como fator motivacional para as atletas iniciantes das equipes de base. A professora Márcia Dib julga que este trabalho de demonstração foi muito importante porque, possibilitou:

Que as pequenas, da escolinha de base, tivessem contato com a equipe principal, e assim não perdiam o estímulo. Daí nas aberturas de jogos, inauguração de ginásio e jogos de cidade do interior, nós fazíamos coreografias de espetáculo, que envolviam todas as crianças e neste momento tinha apresentação da série de competição. Era uma forma de divulgar e diluir nosso trabalho (DIB, 2007).

Podemos observar que este período, década de 1980, foi um período que de certa forma a ginástica rítmica do município assumiu diferentes facetas (competitiva e demonstrativa), porque por um lado havia o trabalho demonstrativo, mais voltado para os princípios básicos da ginástica rítmica, antes de seu formato competitivo, hoje relacionado à ginástica para todos, e por outro lado o trabalho direcionado para o treino técnico e competitivo.



Figura 4: Apresentações Artísticas no formato da atual Ginástica para Todos  
Fonte: Acervo pessoal cedido pela professora Márcia Dib

Com o intenso trabalho técnico desenvolvido no Ginásio Francisco Bueno Neto, a seleção maringense, filiada a Prefeitura Municipal, foi se destacando nas competições estaduais, conquistando prestígio no contexto regional. No ano de 1983 a equipe maringense, formada pelas ginastas: Angelise Carradore, Giselma Serconeck, Helenice Zotto, Joelma H. Barbosa, Leila Cezário e Telma A. Pacífico, conquistou o vice-campeonato, na Primeira Olimpíada Estudantil Global do Paraná realizado no mês de junho em Curitiba, sendo considerada revelação do campeonato, causando grande surpresa na cidade, e incentivando as empresas privadas do município a participar do Projeto Adote um Atleta, ajudando este com os custos advindos dos campeonatos que participavam.

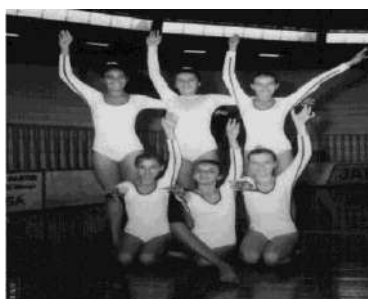


Figura 5: Equipe da Prefeitura no ano de 1983  
Fonte: Acervo pessoal cedido pela professora Telma Adriana Pacífico Martinelli

Neste mesmo mês, devido aos bons resultados obtidos nas olimpíadas estudantis, a professora londrinense Elizabeth Laffanchi, convocou a atleta Leila Cesário, adotada pela empresa Sport Center Han, para fazer parte da equipe paranaense nos Jogos Estudantis Brasileiro (JEB's), realizado no período de 17 a 23 de julho de 1983 ano na cidade de Brasília. Este marco contribuiu para motivar as atletas que já treinavam e, principalmente, despertar interesse em novas crianças para a prática.

As conquistas não pararam por aí, no ano de 1984, Maringá conquistou o vice-campeonato nos Jogos Escolares Paranaenses, realizado em junho na cidade de Curitiba, e a mesma colocação nos Jogos Abertos do

Paraná, no mês de setembro. No ano de 1986, a professora Márcia Dib, por motivos profissionais e pessoais, mudou-se de cidade deixando o trabalho da GR do município nas mãos de sua ex-ginasta Telma Adriana Pacifico Martineli, que já desenvolvida um bom trabalho na escolinha de base e acabava de ingressar no curso de educação física da UEM. Para a professora Telma, este foi um momento muito complicado:

Eu tinha a minha experiência como ginasta e não tinha uma formação, tinha só o conhecimento acumulado como ginasta, então foi muito difícil porque não tinha condições de desenvolver um trabalho, participar de uma reunião de jogos. Eu tinha 16 anos, era uma menina, não tinha maturidade, não tinha conhecimento (MARTINELLI, 2007).

Mesmo com toda a dificuldade de se posicionar perante o grupo, já que até então as ginastas eram suas companheiras de equipe, Telma Adriana Pacifico Martineli desenvolveu um bom trabalho.

Foi muito difícil no primeiro momento porque a professora Márcia Dib era muito rígida e eu não era. Eu não gostava de ser assim, então era difícil. Por outro lado, eu não sabia fazer diferente, vivia um conflito tanto que nas primeiras competições eu não consegui manter os resultados nas competições, mas com algum tempo de trabalho os resultados começaram a melhorar (MARTINELLI, 2007).

Com os reflexos dos trabalhos iniciados pela professora Márcia Dib e a continuidade dada pela professora Telma A.P. Martineli, a ginástica rítmica de Maringá manteve seu destaque no contexto municipal e estadual, e novos nomes começaram a se destacar na história da modalidade por meio dos trabalhos desenvolvidos no Projeto Pólos Esportivos. De acordo com a Professora Ieda Parra Barbosa Rinaldi, no fim da década de 1980 se destacam os trabalhos de:

Angelise Carradore, com a equipe pré-infantil, Helenice Zotto com a equipe infantil. Eu nos anos de 1986 a 1988, como estagiária, auxiliava a Telma na equipe que competia em Jogos abertos, e trabalhava com as equipes de base. No ano de 1989 já contratada como professora da Secretaria de Esportes, além de continuar com a equipe de Jogos Abertos, iniciei um trabalho com uma equipe pré-infantil, com 30 crianças, fruto de um projeto de seleção de talentos, elaborado por mim em minha especialização. Esta equipe treinava inicialmente no Ginásio Francisco Bueno Neto, passando nos anos seguintes a treinar na UEM (BARBOSA-RINALDI, 2007).

No início do ano de 1989 ocorreu a implantação da formação de equipes de ginástica rítmica em todos os Centros Esportivos da Prefeitura Municipal de Maringá, e a partir de cursos e reuniões pedagógicas oferecidas pelas coordenadoras do Projeto Massificação da ginástica rítmica em Maringá<sup>1</sup>, Professora Ieda Parra Barbosa Rinaldi e Telma Adriana Pacifico Martineli, novas professoras foram capacitadas para trabalharem com a modalidade. Sobre este projeto a professora Ieda nos aponta que:

Além do Projeto Pólos Esportivos, também existia na prefeitura o projeto de massificação da GR. Eu e a professora Telma trabalhávamos juntas, ministrando cursos, para formarmos professoras da prefeitura, para que elas desenvolvessem um trabalho com a ginástica rítmica nos centros esportivos (BARBOSA-RINALDI, 2007).



Figura 6: Professoras da Secretaria de esportes de Maringá, 1988  
Fonte: Acervo pessoal cedido pela professora Ieda Parra Barbosa Rinaldi

Com o trabalho de disseminação da modalidade, novos centros esportivos passaram a ofertar a GR, oportunizando a formação de novas equipes, garantindo um período de efervescência da área, que resultou em

<sup>1</sup> O projeto intitulado “Massificação da GRD em Maringá” foi elaborado pela professora Ieda Parra Barbosa Rinaldi em sua especialização e coordenado pelas duas professoras (Ieda e Telma), haja vista que as duas eram contratadas pela Prefeitura Municipal de Maringá e que a Professora Telma Adriana Pacifico Martineli já coordenava o Projeto Pólos Esportivos - modalidade GRD e que tinha objetivos semelhantes.

grandes conquistas na década de 1990. Em outra instância, foi nesta década que discussões acadêmicas voltadas para questões humanistas começaram a ganhar espaço no cenário nacional, discutindo os rumos que o esporte estava tomando. De acordo com Bracht (1989), Daólio (2003), entre outros autores que escrevem sobre o período, o esporte passou a ser visto como um lazer de função integrativa, que deveria intervir com o objetivo de promover relações interpessoais, voltando-se para práticas culturais amplas que proporcionassem momentos de lazer e entretenimento.

Com estes novos preceitos, a ginástica rítmica de Maringá acaba assumindo as características deste debate. Se por um lado o aspecto técnico competitivo avança, por outro, o número de trabalhos de cunho social e de crianças atendidas também crescia. O projeto massificação da GR, elaborado pela professora Ieda no ano de 1989, (fruto de inquietações que surgiram a partir de sua prática pedagógica como estagiária nos anos de 1986 a 1988) tinha por objetivo possibilitar a todas as crianças o acesso a prática, mesmo sem aptidão e traços físicos necessários para o formato competitivo, oportunizando a vivência de conhecimentos historicamente produzidos, garantindo uma formação integral, por meio de experiências corporais do movimento não esportivizado. Por meio dessas mudanças a ginástica rítmica maringaense continuou caminhando em fluxo contínuo, mantendo sua essência, mas também assumindo novas perspectivas.

#### DÉCADA DE 1990

Dando continuidade aos preceitos de pedagogização do esporte, a GR maringaense assumiu como principal objetivo, na década de 1990, o trabalho comunitário de cunho social, sem abandonar as competições, haja vista que nesta época a cidade de Maringá começa a colher frutos do trabalho desenvolvido dos anos de 1986 a 1989, pelas professoras Telma, Ieda, Helenice e Angelise.

No ano 1990, foi realizado um Campeonato Inter Pólos de ginástica rítmica na cidade de Porecatu, no qual Maringá garantiu o terceiro lugar na categoria mirim, segundo na infantil, primeiro na infantojuvenil e primeiro lugar na colocação geral. Além do campeonato Inter Pólos, Maringá também realizava festivais internos, nos quais as ginastas que se destacassem no município seriam convidadas para integrarem a equipe principal da Secretaria de Esportes de Maringá. É importante ressaltar que com estes festivais internos as professoras, Telma, Helenice, Ieda e Angelise, responsáveis pelas equipes de Maringá, tiveram a oportunidade de pré selecionar meninas que se destacavam para o treinamento nas equipes maringaense. Com o trabalho técnico realizado em conjunto, garantiram à ginástica rítmica maringaense uma grande evolução, como salienta Telma:

Os festivais internos, era um momento de integração entre as equipes, ocorria uma troca de experiência entre as técnicas e o intercâmbio com outras professoras dos grandes centros, que vinham até nossa cidade para ministrarem aulas e palestras para as ginastas locais, visando o aperfeiçoamento técnico (MARTINELLI, 2007).

Formada a nova equipe, iniciou-se um trabalho de aperfeiçoamento, com aulas de ballet, na Escola Municipal e em outras escolas particulares, além de treinos diários sob os olhares das técnicas responsáveis. Toda esta preparação resultou em boas performances durante as apresentações nas competições, e com isso, a equipe maringaense garantiu o segundo lugar nos Jogos Abertos do Paraná – fase final em 1990, terceiro lugar geral nos Jogos da Juventude realizado na cidade de Apucarana em 1991, sob o comando da Professora Helenice Zotto Amarin, além do bom rendimento no Campeonato Brasileiro de ginástica rítmica, realizado no mesmo ano na cidade de Joinville - Santa Catarina. Este acontecimento foi uma ótima oportunidade para voltar o foco para a modalidade e mostrar o potencial que vinha sendo desenvolvido no município.

No ano de 1993, a professora Ieda Parra Barbosa Rinaldi se desligou da prefeitura, e continuou seu trabalho com a ginástica rítmica no Colégio Regina Mundi. De acordo com a professora Ieda:

No ano de 1992, começa também um trabalho com a GR nas escolas. A primeira escola foi o Colégio Regina Mundi, em seguida a professora Telma, assume o Marista, com GR e GA, na seqüência temos o colégio Santa Cruz, com a professora Roseli, Colégio Santo Inácio com a professora Jaqueline, e mais adiante no colégio São Francisco Xavier, o trabalho da professora Ingrid (BARBOSA-RINALDI, 2007).

No entanto, a mesma ressalta ainda que:

No Regina Mundi, eu trabalhava com equipe de base porque não tinha objetivo competitivo, mas o trabalho surte efeito e em 1995 eu começo a levá-las para os campeonatos Paranaenses e Brasileiros, a ponto da equipe do Colégio Regina Mundi se sobressair nos anos que se seguem e ter os melhores resultados de Maringá em competições estaduais e nacionais (BARBOSA-RINALDI, 2007).

Nos anos subsequentes a equipe da prefeitura continuou participando de campeonatos estaduais e nacionais com bons resultados, o que garantiu que algumas ginastas chegassem a participar da seletiva brasileira para a escolha das atletas que iriam integrar a seleção brasileira no pan-americano, disputado em 1994 no México, e para a Seleção Paranaense que iria disputar os Jogos da Juventude Brasileiros, em

novembro do mesmo ano, em Brasília. A seleção Paranaense seria dirigida pela professora Helenice, convidada devido aos bons resultados conquistados pela equipe maringaense nos Jogos da Juventude.

O ano de 1995 foi marcado também pelos bons resultados nos Jogos Inter Escolares, o Colégio Regina Mundi destacou grandes talentos no esporte. Segundo o Jornal do Colégio Regina Mundi (s/d), o crescimento da modalidade foi vertiginoso, porque nos Jogos Escolares do Paraná, em sua fase final, o colégio teve duas campeãs, a ginasta Aline Volponi, na categoria C e Fernanda Soares Nakashima na categoria B, além da segunda colocação geral.

Com estes bons resultados, além da Associação Atlética Ingá, Maringá, passa a ter mais um clube filiado à Federação Paranaense de Ginástica e à Confederação Brasileira de Ginástica, o Colégio Regina Mundi/COCAMAR. Este fato destacou o trabalho realizado pelas professoras Ieda e Ingrid no Colégio Regina Mundi e por Helenice, Lirian e Ana Maria na equipe da prefeitura. Essa situação resultou na hegemonia destes centros no contexto da ginástica rítmica Maringaense. A respeito disso a professora Telma ressalta que:

Olha-se muito o desenvolvimento de uma prática pelo seu aspecto competitivo, pelos resultados que conquista. Eu poderia dizer que em termos de disseminação desta prática, nós tivemos momentos na história da ginástica rítmica em Maringá que ela tinha um meio de disseminação, tinha mais meios para divulgar, mas no momento percebo que temos alguns centros de ginástica mais tradicionais como o Ginásio Francisco Bueno Neto e o Colégio Regina Mundi (MARTINELI, 2007).

Ao final dos anos 1990, com o ingresso de Ieda Parra Barbosa-Rinaldi e Telma Pacífico Martineli, como professoras efetivas no departamento de educação física da UEM, a ginástica rítmica de Maringá novamente se direciona a novos rumos. Emerge uma nova prática pedagógica, adotada por muitos profissionais, que passaram a defender uma visão crítica ao modelo de esportivização da educação física, visando expandir o papel social e político e não mais se basear unicamente na técnica. De acordo com Soares et. al. (1992) é apresentada uma proposta pedagógica baseada na concepção histórico-crítica ou crítico-superadora, que busca uma orientação filosófica, que proporcione ao aluno a compreensão do movimento histórico a partir de uma posição crítica, apontando meios de intervir nesta realidade, buscando pontos falhos que possibilite superar a realidade imposta. Sendo assim, esta nova proposta visa:

Desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas (SOARES et al., 1992, p.38)

É neste contexto, assumindo um novo direcionamento no trabalho, que o departamento de educação física da UEM, no ano de 1996, começa a desenvolver o Projeto de Extensão de Ginástica Rítmica, no qual docentes e graduandos buscam refletir sobre a atuação profissional, comprometidos em desenvolver um trabalho que possibilite às crianças e adolescentes novas experiências corporais e uma formação humanizadora. Com este projeto, a modalidade entendida como uma esportista elitista passa a receber uma visão diferenciada, a da democratização da modalidade.



Figura 7: Projeto de Extensão de Ginástica Rítmica- Ginástica Demonstrativa  
Fonte: Acervo pessoal cedido pela professora Telma Pacífico Martineli

De acordo com Barbosa-Rinaldi e Martineli (2003), o projeto no ano de 2003 havia atendido cerca de 300 crianças entre seis e quinze anos de idade, e os estudos desenvolvidos “possibilitaram a elaboração de uma nova proposta pedagógica para a GR comunitária”. É neste contexto de adoção de novos direcionamentos para a prática, que fechamos mais uma década da história da ginástica rítmica maringaense, chegando ao momento atual, em que novos profissionais estão sendo integrados no contexto educacional, com novas perspectivas de trabalho, visto que a formação acadêmica deixou de ser extremamente técnica e rígida. De acordo com a professora Lorena, ex-ginasta e que fez sua graduação na década de 2000 a formação se volta para o contexto escolar.

Minha formação acadêmica foi bastante voltada para a área escolar até mesmo porque o curso tem o caráter de licenciatura, trabalhando bem a base da GR, tentando adaptá-la a realidade que encontramos na escola. E apesar de um ano ser muito pouco, eu acho que foi uma base muito boa, que me deu noção de possibilidades de aprendizagem e intervenção (REIS, 2007).

Assim, a década de 1990 é marcada por uma mudança dos rumos do acesso a prática esportiva, busca-se neste momento formar organizações livres que desenvolvam um projeto que contextualize o esporte no contexto social, problematizando seus aspectos competitivos, buscando levar para a escola a compreensão do contexto do esporte de rendimento e possibilidades de exploração lúdica e criativa dos movimentos corporais presentes em cada modalidade esportiva. Para Daolio (2003, p.120) o projeto escolar não tem como prioridade “compreender o desenvolvimento motor, cognitivo ou afetivo do indivíduo, mas a compreensão corporal como linguagem, como conhecimento universal criado pelo homem”.

#### DÉCADA DE 2000

Maringá abre a década de 2000 com várias escolas mantendo a prática da ginástica rítmica, principalmente as particulares, ainda com o embalo da década de 1990, que garante à cidade frutos deste período até o ano de 2002. Concomitante, a Secretaria de Esportes de Maringá intensifica sua preocupação com o contexto social, desenvolvendo no ano de 2003 um projeto, para incentivar a prática esportiva para crianças.

O CIAGYM Maringá é uma ONG de utilidade pública federal, cadastrada como entidade beneficente de assistência social no ministério da justiça, que prioriza o desenvolvimento integral das crianças por meio da prática desportiva. Voltado para a prática da ginástica rítmica, esta associação visa viabilizar melhores condições e recursos para a disseminação dos pólos esportivos, em escolas municipais, estaduais, e centros esportivos. De acordo com o site do CIAGYM (2007) a fundadora e primeira Presidente da Associação Maringaense de ginástica rítmica foi a Prof. Helenice Zotto Amorim, que contava na primeira diretoria com: Anna Wilma Costa; Alcides Giroto; Cecília Honda; Vera Boligon; Sueli Muradas; Regina Antonio; Ivone Ohara e Lirian Maeda.

Com o projeto CIAGYM, Maringá tem hoje mais de 10 pólos de ginástica rítmica em Maringá com mais de 800 crianças. Além da parte técnica, esta organização é apoiada por uma ONG's, que ajuda a propagar bastante o projeto, oportunizando a participação de várias crianças, porque as ginastas recebem o passe para o transporte até aqui. Nem todas que participam do projeto social têm aptidão esportiva necessária para a modalidade, mas oportunizamos a elas terem uma prática esportiva (AMORIN, 2007).

No que diz respeito ao cenário competitivo, em maio de 2000, Maringá vai até os Jogos Universitários Brasileiros, com as ginastas que ingressaram no Curso de Educação Física da UEM. Assim, Lorena Nabanete dos Reis, Marília Damásio dos Santos e Fernanda Soares Nakashima, disputaram os Jogos Universitários Brasileiro, conquistando o 2º lugar no Brasil. Esta equipe estava sob treinamento da professora e técnica Ieda Parra Barbosa Rinaldi.



Figura 8: Ginastas/ Acadêmicas que competiram nos Jogos Universitários Brasileiro  
Fonte: Acervo pessoal cedido pela professora Ieda Parra Barbosa Rinaldi

No ano de 2001, voltando os olhos para a ampliação da equipe de base da cidade, a Associação Maringaense de Ginástica Rítmica Desportiva da Secretaria de Esportes de Maringá, participou de mais uma edição dos Jogos Interescolares, que teve Maringá como sede. Deste evento, participaram ginastas de escolas da rede pública e privada de Cascavel, Londrina, Toledo e outras. Segundo a reportagem do jornal O Diário (maio 2001) para a presidente desta associação, Helenice Zotto, estes jogos foram de fundamental importância para região, que teria a oportunidade de mostrar o trabalho que vinha sendo desenvolvido, incentivando a

massificação do esporte de base. Além disso, o campeonato visava também descobrir novos talentos para a equipe da cidade, que no mês de agosto competiria no XV Jojup's (Jogos da Juventude do Paraná).

O ano de 2001 também foi marcado pela parceria da Associação Maringaense de Ginástica Rítmica Desportiva da Secretaria de Esportes de Maringá, com o Departamento de Educação Física da UEM, por meio do Projeto Escola de Ginástica, vinculado ao Programa Pró-Esporte, e coordenado pelas professoras Ieda Parra Barbosa Rinaldi e Telma Adriana Pacífico Martineli, com objetivo de proporcionar às crianças uma prática saudável e com qualidade técnica. Esta parceria repercutiu em ótimos resultados, destacando novos talentos que foram encaminhados para a equipe de base da cidade, para aperfeiçoarem suas técnicas sob orientação das técnicas Anna Maria Martins, Ingrid Cavalcanti, Lirian Maeda, Helenice Zotto Amorim, Marília dos Santos e as estagiárias, Fernanda Soares Nakashima, Lorena Nabanete dos Reis e Natália Batista.



Figura 9: Técnicas e Ginastas que se destacam no Projeto Escola de Ginástica  
Fonte: Acervo pessoal cedido pela professora Ieda Parra Barbosa Rinaldi

Em agosto deste mesmo ano, a equipe da Associação Maringaense de Ginástica Rítmica parte para o Campeonato Brasileiro, realizado em Salvador-Bahia, sob orientação da técnica Ieda Parra Barbosa Rinaldi, que se apresentava confiante na apresentação de suas ginastas e via neste campeonato um preparativo para os Jogos Abertos, que seria disputado na cidade de Toledo. Com toda essa preparação não poderia ser diferente, no mês de outubro a cidade de Maringá conquista o título inédito: Primeiro Lugar nos Jogos Abertos. No ano de 2002 esse resultado se confirma mais uma vez.

A segunda metade da década de 2000 se caracteriza como o fim dos anos dourados, os resultados se tornam menos satisfatórios, tanto nas competições estaduais, quanto nacionais. No entanto, há a fundação de novos centros de treinamento de ginástica rítmica, gerando um aumento no número de crianças que praticam ginástica rítmica. Este acontecimento, na visão das entrevistadas, demonstra que o fato da ginástica rítmica estar sendo praticada por mais atletas e em mais escolas, não significa que o esporte esteja evoluindo na direção de uma melhor qualidade técnica.

Isso vem mostrar que de certa forma, a ginástica rítmica maringaense passa a assumir uma nova característica, voltada para o contexto social, assumindo como objetivo central, possibilitar uma prática esportiva a todas as crianças que se interessarem pela modalidade. Ressaltamos que com a separação dos trabalhos, cada equipe passou a desenvolver um treinamento de forma isolada e diferenciada não sendo mais possível a interação entre as técnicas e a formação de uma equipe municipal com os destaques dos diferentes centros.

Neste contexto, aconteceu a grande trama desta pesquisa. A partir dos depoimentos, verifica-se que em Maringá não se tem mais uma estrutura ideal para o trabalho com esta modalidade. Estrutura esta entendida como: um espaço exclusivo da modalidade que permitisse o trabalho desde a iniciação ao treinamento das diferentes equipes/categorias; contratação de número de profissionais adequados para o desenvolvimento do trabalho; materiais adequados para o treino; bem como, recursos para viagens de competição e para estágios em outros países.

Para a professora Lorena, ginasta da equipe de Maringá na década de 1990:

Maringá já foi uma grande potência na ginástica do Paraná, mas hoje ela enfrenta um novo período. Talvez as outras cidades tenham crescido e Maringá não tenha acompanhado, mas a cidade sempre foi de disputar primeiro e segundo lugar e hoje está entre terceiro quarto e às vezes até quinto lugar em alguns níveis. No entanto, ela vem sendo bastante difundida, muitos lugares têm oferecido gratuitamente a modalidade, muitas crianças estão praticando. Mas apesar disso em nível competitivo a ginástica rítmica tem caído bastante (REIS, 2007).

Falar da segunda fase desta década (2005 a 2010) é começar a entrar em um período em que a ginástica rítmica maringaense competitiva estacionou, deixando que as outras potências como Londrina e Toledo se sobressaíssem no cenário estadual e nacional, repercutindo em uma mudança no quadro de medalhas e posicionamento no podium. Para professora Telma, este momento que começa a se formar demonstra que:

Maringá não acompanhou o desenvolvimento técnico como outras cidades da região que tinham as mesmas condições que nós (MARTINELLI, 2007).

Confirmando esta situação a professora Ieda, ressalta ainda que:

Tivemos um período que a modalidade cresceu tecnicamente, as equipes de Maringá começaram a disputar com Londrina (grande centro de treinamento do Estado) o primeiro lugar do podium. Na sequência, a cidade de Toledo também começa a desenvolver um grande trabalho e a se destacar. No entanto, nos últimos anos, Maringá parece não acompanhar o crescimento do nível técnico de dessas outras cidades (Londrina e Toledo). Infelizmente, Maringá perde a posição conquistada em duas décadas (BARBOSA-RINALDI, 2007).

Percebemos que o trabalho de Maringá tem se voltado para um trabalho de massificação, para o aspecto social, diferente de outras cidades que selecionam atletas e só trabalham com quem apresenta talento para a modalidade. Em Maringá a prática da ginástica rítmica é de acesso a todos, e as alunas que se destacam nestes projetos, recebem um trabalho técnico mais individualizado, resultando no quadro que a professora Márcia Dib destaca:

A ginástica rítmica em Maringá cresceu muito, apesar de que nos últimos dois anos ela deu uma estacionada, não sei se é porque a equipe brasileira foi para outra região, eu acho que em nível de conjunto ela deu uma estacionada, mas em nível individual ela vem crescendo (DIB, 2007).

Entendemos que a problemática atual enfrentada pela ginástica rítmica maringaense resulta em uma nova roupagem desta modalidade gímnica, uma modalidade que tem buscado e conseguido resultados em seu caráter social, possibilitando a prática a uma grande quantidade de crianças (quer seja ela promovida pelo CIAGYM, pela UEM ou ainda pelas Escolas da rede privada de ensino).

Contudo, para a professora Helenice, um trabalho social pode resultar em bons resultados para a cidade também na questão competitiva, porque por meio desta associação firmada entre prefeitura e CIAGYM a ginástica rítmica evoluiu muito.

Com a associação, e isso é muito bom, temos apoio financeiro, o que garante o pagamento de professores, auxilia nas despesas das competições. Estamos mais amparados hoje do que antigamente pelo sistema público, e isso é importante para o desenvolvimento da modalidade (AMORIN, 2007).

Apesar desta melhora, da possibilidade da contratação de novos professores por meio desta associação entre Prefeitura de Maringá e CIAGYM, o trabalho com a GR em Maringá demonstra carecer de uma melhor estrutura para enfrentar os desafios de reconquistar seu lugar no pódio ou ainda, a melhora do nível técnico que garante a cidade lugares ainda não conquistados. Se hoje temos maior amparo dos órgãos públicos, cabe aos professores da modalidade e aos responsáveis pelas equipes de Maringá, buscar meios para intervir na realidade. É necessário conciliar o trabalho social com o crescimento do nível técnico. Além disso, seria importante buscar organizar novos festivais, novos campeonatos internos que possibilitassem a troca de conhecimentos entre as diferentes equipes do município, sem a tensão competitiva. Para a professora Lorena, essa mudança é possível, ela acredita que:

É possível recuperar o nível técnico de Maringá. Existe material humano. O que precisa é de uma organização para crescer como modalidade competitiva, porque na iniciação tem um trabalho legal. O que a falta é um planejamento dos profissionais com um objetivo comum. Centralizar, fazer uma seleção técnica e direcionar um objetivo para cada equipe, isso vai fazer com que o trabalho cresça (REIS, 2007).

Assim, com uma organização, um trabalho social mais amplo e uma definição de meta comum, Maringá pode voltar a se desenvolver como potência da modalidade. Para a professora Telma isso seria possível a partir de:

Um trabalho social mais amplo, que permita também desenvolver um trabalho mais técnico, com objetivos de performance, com um planejamento de trabalho em longo prazo, com perspectivas de intercâmbio de conhecimento mais desenvolvido, de contribuição das pessoas que são da área da ginástica de Maringá (MARTINELLI, 2007).

Por fim, torna-se possível fazer um resgate cronológico da ginástica rítmica em Maringá desde que esta foi introduzida no currículo da universidade no ano de 1973, os enfoques foram: atividades ginásticas de conhecimento básico e voltadas para a propagação da modalidade; posteriormente ganha também um foco voltado para a técnica esportiva e competitiva; e, na sequência o foco social, possibilitando uma prática para todos, independente de capacidades físicas e condições financeiras. Por fim, desejamos que a história continue a ser contada nos diferentes campos de atuação (espaço escolar e comunitário) da ginástica rítmica, a partir de suas muitas dimensões: técnica-educacional, competitiva-demonstrativa, estética-expressiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa, entendemos que passamos por momentos difíceis, tentando localizar respostas para as ansiedades pessoais sem distorcer a história real, buscando encontrar referenciais que pudessem nos apoiar na fala das professoras, pontos que mostraram o quanto o trabalho com a ginástica rítmica vai assumindo novas facetas ao longo dos anos. No meio de tantos desafios, também nos deparamos com descobertas interessantes, ao ter contato com pessoas, histórias e fotos, e que foram cruciais para o desenvolvimento desse estudo.

A histórica da ginástica rítmica em Maringá nos fez refletir sobre os verdadeiros motivos que resultam no quadro em que a modalidade se encontra nos dias atuais. Muitos atos da história foram esquecidos, muitas coisas já se perderam, se fazendo necessários trabalhos que se interessem em contribuir para que a ginástica rítmica maringaense reconquiste bons resultados competitivos e preencha as lacunas de sua história.

Percebemos que a ginástica rítmica ao longo dos seus 40 anos apresentou diferentes prioridades que acarretou mudanças na forma de trabalhá-la. Não é nosso objetivo nos defrontarmos com as mudanças, pois de certa forma elas são as responsáveis pelo processo de desenvolvimento da modalidade, mas buscamos compreendê-las em seu real sentido, absorvendo-as e buscando subsídios que nos levem a intervir na realidade imposta, atingindo assim a principal proposta deste estudo.

Abrangemos no presente estudo quatro décadas da história, constatando que a ginástica rítmica passou por quatro ciclos, o da iniciação, com os trabalhos de base desenvolvidos pela professora Sarah Machado Genari e professora Glória Soares Nakashima; o ciclo do aperfeiçoamento técnico, que destacou vários nomes nesta história, como o da professora Márcia Dib, professora Telma Adriana Pacifico Martineli, Professora Ieda Parra Barbosa Rinaldi, Professora Helenice Zotto Amorim entre outras; o ciclo da divulgação da modalidade no contexto escolar, mantendo os nomes do ciclo anterior e destacando também outros nomes como da Ingrid Bárbara Cavalcanti, Cláudia, Natália e Jacqueline; e por fim o quarto ciclo, da massificação da modalidade, que mostra um trabalho mais voltado para o aspecto social e formação integral das crianças envolvidas na modalidade, mas que ao mesmo tempo trabalha o aspecto competitivo, que busca resultados individualizados, que não se remetam ao quadro esportivo da cidade.

Diante destes apontamentos, e procurando resgatar de forma sintetizada o que foi discutido até então, temos que o trabalho com a ginástica rítmica em Maringá se autodefiniu como um trabalho social, com os trabalhos de pólos esportivos desenvolvidos, e os demais projetos de massificação da modalidade. Não podemos esquecer-nos de ressaltar que outras manifestações gímnicas como a ginástica artística e a ginástica de academia, não conquistaram seu espaço em nossa realidade, sejam pela falta de recursos financeiros, incentivos governamentais, falta de materiais e iniciativa de profissionais em divulgá-las e difundí-las, como aconteceu com a ginástica rítmica.

Hoje cabe a nós profissionais da área buscar meios de intervir neste contexto, procurando resgatar o trabalho técnico, voltado para as competições, mas sem deixar que a brecha para a inserção da ginástica na escola se feche, mantendo o trabalho de cunho social, que divulgue um trabalho livre que permita aos alunos explorarem suas possibilidades de movimento, em espaços amplos, que permita interagir com o outro, praticando ações comuns.

Assim, ao fim deste estudo, ressaltamos a necessidade de pesquisas na área que contribuam para o desenvolvimento da ginástica rítmica. Fica aqui a expectativa que este estudo sirva como referencial para os profissionais que queiram trabalhar este conteúdo e torná-lo marcante no contexto educacional, social e político, dando continuidade a esta história que não tem fim...

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **História Oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Instituto de documentação, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- AMORIM, H. Z. **Entrevista concedida a Ana Luiza Barbosa Anversa**. Realizada em 2007. Maringá-Paraná.
- BARBOSA RINALDI, I. P., MARTINELI, T. A. P. O percurso histórico e os novos desafios de um projeto de ginástica rítmica. **Anais VIII Festival de Ginástica da UEM**, Maringá -PR, nov, 2003, p. 22-27.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARBOSA RINALDI, I.P. **Entrevista concedida a Ana Luiza Barbosa Anversa**. Realizada em 2007. Maringá-Paraná.
- BRACHT, V. Educação Física: a busca da autonomia pedagógica. **Revista da Educação Física/ UEM\_ V.1, n.0(1989)- Maringá- UEM**, 1989, p. 28-32.
- \_\_\_\_\_. **Sociologia Crítica do Esporte**. Editora Unijuí, 2003
- CAMPOS, M. C. et. al. **História Oral e Pesquisa Sociológica: A experiência do CERU**. São Paulo: Humanistas publicações FFLCH/USP, 1998.
- CARDOSO, C. F.; MAUAD, A. M. **História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema**. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Orgs.) **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA (CBG). **Regras oficiais**. Rio de Janeiro: Palestra edições desportivas, 1986.
- DAOLIO, J. A ordem e a (des) ordem na educação física brasileira. **Revista brasileira de ciência do esporte**. Campinas, V.25, n.1, p.115-127, setembro, 2003.
- DIB, M. M. **Entrevista concedida a Ana Luiza Barbosa Anversa**. Realizada em 2007. Londrina-Paraná.
- GENARI, S. M. **Entrevista concedida a Ana Luiza Barbosa Anversa** Realizada em 2007. Curitiba-Paraná.
- G.R. D DE MARINGÁ NO BRASILEIRO NA BAHIA. **O Diário**, Maringá, 07 ago. 2001. Caderno Esporte.
- G.R. D E SUA BELEZA. **Jornal do Colégio Regina Mundi**, s/d.
- GUIRALDELLI JR, P. **Educação Física Progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira**. São Paulo: Loyola, 1988.
- LAFFRANCHI, B. **Treinamento desportivo aplicado à ginástica rítmica**. Bárbara Laffranchi; prefácio Vicélia Ângela Florenzano. - Londrina: UNOPAR, 2001.
- MARTINELLI, T. A. P. **Entrevista concedida a Ana Luiza Barbosa Anversa** Realizada em 2007. Maringá-Paraná.
- NAKASHIMA, G. S. **Entrevista concedida a Ana Luiza Barbosa Anversa**. Realizada em 2007. Maringá-Paraná.
- SANTOS, M. P. A ginástica rítmica desportiva e as concepções pedagógicas de educação física. In: REIS, L. N. **Entrevista concedida a Ana Luiza Barbosa Anversa**. Realizada em 2007. Maringá-Paraná.
- ROMERO, E. **Ensaio: educação física e esporte**. Vitória: Centro de Educação Física e Desportos/UFES, 1994.
- SOARES. Et.al. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Cortez, 1992.
- TEIXEIRA, R. T. S. **A ginástica rítmica desportiva nas universidades públicas do Paraná: um estudo de caso**. Piracicaba, SP: [s.n], 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Metodista de Piracicaba.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

Ana Luíza Barbosa Anversa  
Rua Arthur Thomas, 244 – Maringá- Paraná – Brasil – CEP: 87013-250  
[ana.beah@gmail.com](mailto:ana.beah@gmail.com)

## O APOIO DOS PAIS NA CARREIRA ESPORTIVA DE JOVENS GINASTAS

### EL APOYO DE LOS PADRES EN LA CARRERA DEPORTIVA DE LOS JÓVENES GIMNASTAS

#### THE PARENTS' SUPPORT IN YOUNG GYMNASTS' SPORT CAREER

**Myrian Nunomura**

Doutora em Educação Física e Professora Associada na EEFERP/USP

**Maurício Santos Oliveira**

Mestre em Educação Física e Doutorando na EEFEP/USP

#### **RESUMO**

*Desde o momento de ingresso no esporte até o sucesso no alto rendimento, os pais exercem uma influência pronunciada na carreira esportiva dos filhos. Isto é evidenciado ao analisarmos o grande envolvimento, dedicação e investimento, emocional e financeiro que os pais depositam na prática esportiva dos filhos, com o objetivo de possibilitar que o jovem atleta possa se manter envolvido e manifeste o seu potencial atlético. Para identificar a qualidade do apoio dos pais no contexto competitivo da GA brasileira nas categorias formativas, este estudo abordou a percepção dos jovens ginastas acerca dos comportamentos e atitudes de seus pais através de uma pesquisa de campo realizada entre 29 instituições esportivas e que envolveu um total de 163 atletas. Observamos que o apoio dos pais possibilitou e influenciou a introdução no esporte, o acesso à prática esportiva, o nível de participação, o grau de envolvimento, o bem estar físico e emocional da criança. Ademais, constatamos que o apoio dos pais é determinante para o comprometimento e a aderência do jovem ginasta na prática esportiva, pois quando esse apoio é percebido de forma negativa ele pode resultar em estresse, atrito entre pais e filhos, burnout e dropout.*

#### **RESUMEN**

*Desde el momento del ingresen en el deporte hasta el éxito en el alto rendimiento, los padres ejercen una influencia aguda en la carrera deportiva de los niños. Eso es evidenciado cuando se analiza la gran participación, dedicación y la inversión, emocional y financiera, que los padres depositan en el deporte de sus hijos con el fin de que el joven atleta podrá involucrarse en la práctica deportiva y pueda expresar todo su potencial atlético. Para identificar la calidad del apoyo de los padres en el contexto competitivo de la Gimnasia Artística brasileña en las categorías formativas, este estudio acercó a las percepciones de los jóvenes gimnastas sobre los comportamientos y actitudes de sus padres a través de un estudio de campo que fue realizado en 29 instituciones deportivas y que implicó la participación de un total de 163 atletas. Observamos que el apoyo de los padres ha permitido y ha influido en la introducción, el acceso, el nivel de participación, el grado de implicación, el bienestar físico y emocional del niño en la práctica deportiva. Además, se encontró que el apoyo de los padres es crucial para el compromiso y la adhesión del joven gimnasta en el deporte, por lo tanto cuando se percibe el apoyo de forma negativa este puede dar lugar a estrés, agotamiento entre padres e hijos, burnout y dropout.*

#### **ABSTRACT**

*Since the moment of the entrance into sport practice until the success in highest level, parents exert a pronounced influence on children sport career. It is evident when we analyze the great involvement, commitment, and emotional and financial investment, that parents place in the children's sport practice aiming to keep young athletes involved in the sport and to be able to realize their full potential. To identify the quality of parental support in the competitive context of the Brazilian Artistic Gymnastics in the formative stages/levels, this study investigated the young gymnasts' perceptions concerning the parents behaviors and attitudes through a field survey conducted in 29 sport institutions and involved 163 athletes. We found out that parental support had enabled and influenced the beginning of the sport, the access to practice, the level of participation, the degree of involvement, the emotional and physical wellbeing. Furthermore, we observed that this support is crucial to the commitment and engagement of the young gymnast in sport, therefore when this support is perceived as negative it can result in stress, conflict between parents and children, burnout and dropout.*

## INTRODUÇÃO

Para ascender ao alto rendimento na Ginástica Artística (GA), os jovens ginastas precisam desenvolver uma coordenação motora complexa associada à fineza técnica, força, resistência, velocidade, flexibilidade e persistência para suportar as longas horas de treinamento. A maestria técnica, o virtuosismo e a coragem dos grandes ícones da GA fascinam as crianças e muitas se tornam aspirantes à nova estrela ou astro da ginástica. Estes se inserem na cultura gímnica visando desafiar as leis da Física ao executarem movimentos técnicos e perfeitos que só são possíveis com disciplina, empenho, determinação e paixão.

Essa paixão é definida por Gustafsson, Hassmén e Hassmén (2011) como um forte interesse do indivíduo pela atividade que ele aprecia e considera importante e na qual ele investe tempo e esforço. Embora as crianças e os jovens possam encontrar sozinhas as suas próprias paixões no contexto esportivo, elas necessitam do apoio dos pais para que a sua participação e o seu sucesso atlético sejam possíveis.

Os pais desempenham uma função essencial ao apoiar, de diferentes formas, o envolvimento das crianças e dos jovens no esporte competitivo (CÔTÉ, 1999). Segundo Fraser-Thomas et al (2008), os pais são os responsáveis por apresentar às crianças a prática esportiva e proporcionam os meios e recursos necessários para que os filhos se mantenham ativos.

Ademais, os pais possuem uma importância vital no bem estar dos jovens atletas. Cogan e Vidmar (2000) consideram que, sem o apoio e a assistência parental, tanto emocional quanto financeira, seria muito difícil, se não impossível, um ginasta atingir o sucesso. A grande estrela da GA feminina dos Estados Unidos, durante a década de 90, Shannon Miller, exemplifica a importância dos pais na vida de um atleta: “meus pais me apoiaram em todo o meu caminho. (...) eles fizeram com que eu soubesse que não importasse o que acontecesse, eu sabia que eles me amavam, como filha, não apenas como uma ginasta” (COGAN; VIDMAR, 2000, p.112).

Os pais representam uma grande fonte de apoio durante a infância e, na GA, eles são essenciais e são os principais responsáveis pelo ingresso das crianças na modalidade, pois, a iniciação esportiva nesse esporte ocorre em tenra idade devido às demandas da modalidade. Baxter-Jones e Maffulli (2003) citam que 42% dos ginastas entrevistados no seu estudo atribuíram a sua inserção no esporte à influência dos pais. Além disso, a criança depende dos pais para se deslocar aos locais de prática, alimentar-se corretamente, receber apoio emocional, custear os encargos do treinamento, entre outros fatores.

Embora a participação e o apoio dos pais no esporte estejam associados, em grande medida, aos aspectos positivos, Karen e Vidmar (2000) alertam para o fato de que muitos pais, entusiastas em apoiar os seus filhos, podem prejudicar a carreira dos jovens atletas. Alguns pais têm dificuldade em perceber que o seu grau de envolvimento no esporte pode ser percebido pelas crianças e jovens, em alguns casos, como uma fonte de estresse (KANTERS; BOCARRO; CASPER, 2008).

Conforme Nunomura (2008), alguns pais cobram resultados, impõem regras rígidas de alimentação e interferem no trabalho dos técnicos. Embora o objetivo desses pais seja proporcionar condições que auxiliem e facilitem o atleta a atingir o seu potencial esportivo, o seu envolvimento pode comprometer e influenciar de forma negativa a participação da criança (WOOLGER; POWER, 1993). Jowett e Timson-Katchis (2005) e Hellstedt (1987) ressaltam que quando a influência dos pais se torna excessiva e negativa ela pode acarretar ansiedade, estresse, desgaste esportivo, *burnout* e *dropout*.

Muitos pais são influenciados pela cultura esportiva contemporânea e estabelecem padrões de sucesso no qual enfatizam a vitória e, em determinados casos, utilizam os filhos para obter *status* e gratificações. Na opinião de Doherty (1999), essa atitude parental acarreta consequências que podem causar danos físicos e psicológicos que irão perdurar por toda a vida dos atletas.

Com o objetivo de averiguar o apoio dos pais no contexto competitivo da GA brasileira nas categorias formativas, este estudo abordou a percepção dos jovens ginastas acerca dos comportamentos e atitudes de seus pais através de uma pesquisa de campo realizada em 29 instituições esportivas e que envolveu um total de 163 atletas.

Através dos depoimentos será possível compreender melhor como os ginastas percebem o apoio dos seus pais e como as atitudes e os comportamentos destes podem influenciar, positivamente ou negativamente, o processo de formação dos atletas. Os dados obtidos nesse estudo poderão fornecer subsídios para a atuação de técnicos e pais com o intuito de proporcionar experiências positivas que possam contribuir para o sucesso esportivo e em outros campos da vida dos jovens ginastas.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No presente estudo, optamos pela abordagem qualitativa de pesquisa. A coleta de dados foi realizada através de entrevista semi-estruturada, pois acreditamos que esta técnica valoriza a presença do investigador e permite que os sujeitos atinjam a liberdade e a espontaneidade necessárias para colaborar com o estudo (TRIVIÑOS 1987).

Para a seleção dos indivíduos participantes na pesquisa, consultamos as Federações estaduais a fim de identificar as instituições esportivas filiadas que participavam dos torneios oficiais estaduais e nacionais nas

categorias formativas da modalidade. Na GA masculina foram abordadas as categorias pré-infantil, infantil, infanto-juvenil e juvenil. E, na GA feminina, as categorias pré-infantil, infantil e juvenil.

O recorte do estudo ficou restrito ao estado de São Paulo e as cidades do Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre devido à representatividade destes locais no panorama nacional competitivo da modalidade. Os sujeitos estão apresentados pela abreviatura A (atleta) seguida por uma numeração, recurso adotado para fins de organização e sigilo da identidade.

A participação dos ginastas foi de caráter espontâneo e as entrevistas foram realizadas no local de treinamento. Assim, entrevistamos 163 ginastas que estavam distribuídos em 29 instituições esportivas, sendo: 40 meninos e 123 meninas.

Para o tratamento dos dados foi utilizada a técnica da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2010). As informações coletadas foram organizadas e analisadas em três etapas: pré-análise, exploração do material e inferência. Ressaltamos que não foi nosso interesse efetuar uma análise quantitativa dos depoimentos dos ginastas, mas, dissertar e analisar sobre os conteúdos latentes das mensagens.

O estudo foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo e recebeu parecer favorável à sua realização. O estudo recebeu o apoio financeiro da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

## CONSTRUTO TEÓRICO

Conforme Van Rossum (2004), o desempenho esportivo é influenciado pelo resultado da interação de fatores relacionados à quantidade e à qualidade do treinamento, além do talento inato do indivíduo. Entretanto, os autores afirmam que fatores sociais, culturais e o apoio de pais são essenciais para atingir o alto nível de desempenho esportivo, opinião corroborada por Hedstrom e Gould (2004) e Côté (1999).

Nas últimas décadas, o esporte infanto-juvenil foi se configurando em práticas que se tornaram “cada vez mais privatizadas, localizadas regionalmente, custosas, orientadas para o alto rendimento e altamente estruturadas no que diz respeito às programações de participação” (COAKLEY, 2006, p.159). Estes aspectos tornam as crianças mais dependentes do envolvimento dos pais para que a sua participação esportiva seja possível. Na opinião de Cogan (2008), no caso da GA, os pais estão sempre envolvidos, porque os ginastas iniciam o treinamento sistematizado em tenra idade.

Na literatura, autores como Holt et al (2009) apud Ede et al (2012) definem esse envolvimento parental como o nível de interesse, o grau de conhecimento e o papel ativo que os pais representam na participação esportiva dos filhos. E, conforme Hedstrom e Gould (2004), esse envolvimento pode variar desde motorista até auxiliar técnico ou dirigente esportivo.

A participação dos pais pode influenciar a carreira dos jovens ginastas de diferentes formas. Na opinião de Vilani e Samulski (2002), uma carreira de sucesso no esporte depende, em grande medida, dos familiares, pois eles podem oferecer um ambiente propício e favorável ao desenvolvimento do atleta. Isso pode ser comprovado ao analisar o processo de formação de um atleta, pois percebemos que o envolvimento dos pais é proporcional ao nível competitivo dos filhos. O fato pode ser evidenciado por meio do grande envolvimento, dedicação e investimento emocional e financeiro que os pais dispõem a fim de proporcionar um ambiente no qual o jovem atleta possa manter-se envolvido e manifeste o seu potencial esportivo (WEISS; WEISS, 2007).

Na GA, os pais são essenciais na formação, no desenvolvimento e na estabilidade da carreira do jovem ginasta e são considerados um fator chave para o sucesso na modalidade sendo instrumentos catalisadores do êxito esportivo (COGAN, 2008). A influência deles é proeminente e, na opinião de Lally e Kerr (2008), os pais são os responsáveis por inserirem seus filhos na modalidade, além de incentivarem e direcionarem as crianças e os jovens para as equipes competitivas. Nas palavras dos autores, “essa iniciação em tenra idade foi seguida de anos de treinamento extenuantes e competições para os atletas e anos de fornecimento material, financeiro e sacrifícios emocionais pelos pais” (p.43).

Conforme Fredricks e Eccles (2004), os pais desempenham diferentes papéis na vida esportiva de seus filhos, quais sejam: de provedor, de intérprete e de modelo.

O papel de provedor significa tornar possível o acesso dos filhos à prática esportiva. As ações envolvem oferecer transporte para os treinos, competições, acampamentos de treinamento e apoiar financeiramente o jovem atleta. A função de intérprete está relacionada à influência que os pais exercem nos valores, crenças, expectativas e na percepção de competências relativas ao envolvimento no esporte. E, o papel de modelo abrange a influência que os pais têm como exemplo a ser seguido, tanto ao executar uma habilidade motora ou ao mostrar comprometimento e a forma como se relaciona com outras pessoas no âmbito esportivo (FREDRICKS; ECCLES, 2004).

Ao desempenhar esses papéis, os pais se envolvem na carreira esportiva dos filhos com diferentes intensidades. Hellstedt (1987) classifica este envolvimento dos pais em pouco, moderado ou excessivo. Esses níveis de envolvimento refletem a quantidade de interesse, conhecimento e a forma como os pais atuam na vida esportiva dos filhos.

Os pais com pouco envolvimento são caracterizados pela falta de apoio funcional, emocional e financeiro. Hellstedt (1987) relaciona que os pais com baixo nível de envolvimento demonstram pouco interesse em acompanhar as competições, investem poucos recursos na aquisição de materiais esportivos, não participam de ações que visam angariar fundos para a equipe e não buscam discutir com os técnicos o desenvolvimento dos filhos.

Acerca dos pais moderados, estes são caracterizados pela flexibilidade, mas com direcionamento firme da carreira esportiva dos filhos. A decisão sobre a participação e atuação da criança ou do jovem no esporte pertence aos filhos, embora os pais sejam grandes incentivadores. Diferente dos pais pouco envolvidos, os moderados buscam o *feedback* dos técnicos sobre o desenvolvimento esportivo dos filhos e sabem distinguir o seu papel de pai daquele de técnico. Ademais, auxiliam no estabelecimento de metas realísticas com o oferecimento de apoio financeiro e emocional sem exageros (HELLSTEDT, 1987).

Os pais que demonstram envolvimento excessivo enfatizam a vitória e exibem características de pessoas que não conseguem distinguir suas necessidades daquelas de seus filhos. Parte de sua própria autoestima está relacionada ao sucesso dos filhos e eles buscam realizar seus sonhos, desejos e expectativas não cumpridas através das crianças e dos jovens ao estabelecer metas que, na maioria dos casos, são irreais. Amanda Borden, uma das estrelas da equipe americana dos Jogos Olímpicos de 1996, afirma que "(alguns pais) vivem através dos seus filhos (...)" (COGAN; VIDMAR, 2000, p.114).

Segundo Hellstedt (1987), pais com essas características possuem a expectativa de que o sucesso esportivo trará um retorno financeiro ou oportunidades educacionais (ex: bolsas de estudo). O envolvimento excessivo reflete-se, também, no acompanhamento dos treinos e/ou competições, no oferecimento de um respaldo financeiro acima do necessário e na interferência na relação técnico-atleta, pois os pais com comportamento excessivo querem tomar decisões e fazer o papel de "técnico". Cogan e Vidmar (2000) caracterizam esses pais como aqueles que nos treinos e nas competições gritam instruções mais do que os técnicos, fazem críticas e cobram a criança por bons resultados.

Sacks, Tenenbaum e Pargman (2008) ressaltam que, ao definir as intensidades do envolvimento dos pais e utilizar os termos supracitados, devemos ter uma atenção especial, pois estes refletem uma visão unidimensional e linear que é apresentada em uma quantificação de pouco para muito envolvimento. Os autores acreditam que o mais apropriado seria compreender esse envolvimento de forma multidimensional no qual as interações seriam classificadas e incluiriam aspectos como "saudável" e "não saudável", pois um pai pode ser classificado como muito envolvido, porém, de uma maneira saudável. Isso significa que o importante não é apenas a intensidade do envolvimento, mas, se o envolvimento de pais reflete formas de interação saudáveis e adequadas.

O aspecto multidimensional também está presente nas diferentes formas de percepção das crianças, pois um atleta pode compreender o apoio dos pais como aceitável e até mesmo desejável, enquanto outro concebe essa mesma forma de apoio como uma fonte de estresse (WUERTH et al., 2004). Assim, podemos inferir que "o impacto do comportamento dos pais está totalmente dependente da percepção da criança" (KANTERS; BOCARRO; CASPER, 2008, p. 66). Por essa razão, corroboramos com Ede et al (2012) que entende como fundamental considerar as percepções das crianças para compreender melhor esse envolvimento dos pais no contexto esportivo e, no caso do nosso estudo, se o mesmo é percebido como positivo ou negativo pelos filhos.

## APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### *GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA*

Baxter-Jones e Maffulli (2003), Headstrom e Gould (2004) e Araújo (2005), vêem o ambiente familiar como a fonte de influência mais importante para proporcionar à criança as condições para alcançar o sucesso na vida esportiva. Conforme os relatos obtidos no estudo, percebemos que a maioria das crianças percebe os pais como grandes incentivadores, o que é favorável para o progresso na carreira esportiva (SANMARTIN, 1995; BAXTER-JONES e MAFFULLI, 2003; HEADSTROM & GOULD, 2004). No Quadro 1 estão relacionados os aspectos positivos e negativos desse apoio dos pais segundo a percepção das jovens ginastas nas categorias pré-infantil, infantil e juvenil.

**QUADRO 1** – Aspectos positivos e negativos do apoio dos pais segundo a percepção das ginastas.

CATEGORIA	PRÉ-INFANTIL	INFANTIL	JUVENIL
	UNIDADE DE REGISTRO		
ASPECTOS POSITIVOS	Acompanham as atividades	Acompanham as atividades	Acompanham as atividades
	Incentivam	Incentivam	Incentivam
	Tem considerações com saúde	Preocupam com bem-estar	Buscam recursos
	Buscam recursos	Confortam	Confortam
	Tem Expectativas		
Logístico			
ASPECTOS NEGATIVOS	Tem considerações com a saúde	Tem consideração com a saúde	Tem consideração com a saúde
	Impõem pressão	Impõem pressão	
	Preocupam-se com estudos	Desconcentram Desestimulam	Impõem pressão
NEUTRO	São indiferentes	-	-
NÃO SOUBE OPINAR	Não soube definir o apoio	-	-

Ao analisar os aspectos positivos, verificamos que a Unidade de Registro “acompanham as atividades” está presente nas três categorias femininas contempladas no estudo. As ginastas citam que os pais acompanham os treinos e, com maior frequência, participam das competições. Como exemplos, relacionamos as seguintes falas: “*sempre vêm assistir competição*” (A157), “*eles vêm ver treino*” (A73), “*vêm assistir competição*” (A125), “*acompanham as competições*” (A152), entre outros. Segundo Cogan e Vidmar (2000), alguns pais se envolvem com grande intensidade ao acompanhar os treinos dos filhos. E, muitos, passam a conhecer as terminologias da modalidade e adquirem conhecimentos de arbitragem. No âmbito das competições, os autores consideram que os “os pais podem compartilhar os triunfos, conquistas e auxiliam a lidar com os desapontamentos” (p. 112). Apenas uma ginasta citou que não aprecia que seus pais venham às competições, pois ela se desconcentra. Isso pode estar relacionado ao medo do fracasso que pode ter como fonte de origem de estresse as expectativas dos pais (GOULD; HORN; SPREEMANN, 1983).

Outra Unidade de Registro categorizada como positiva e que emergiu com frequência nas três categorias foi o “incentivo”. As respostas não tiveram um conteúdo muito explicativo, mas, nos levam a entender que a participação dos pais se manifestou através de diferentes formas, tais como: “*eles me apóiam muito*” (A47), “*incentiva, dá força*” (A35), “*dão força quando tô cansada*” (A68), “*quando quero desistir, falam: você tem chances*” (A24), “*desejam boa sorte na competição, parabenizam no treino*” (A131), “*eles falam que eu não posso faltar*” (A109), entre outros relatos.

Observamos que a atuação dos pais nesse aspecto está relacionada, em grande medida, ao apoio emocional. De acordo com Martens (2001), os pais devem proporcionar aos filhos um ambiente que corrobore com a prática esportiva e o incentivo é fundamental nesse contexto. Babkes e Weiss (1999) citam que a percepção das crianças e jovens acerca do comportamento e atitudes dos pais, em prol da atividade esportiva, está relacionada ao senso de competência e motivação, aspecto corroborado por Burstad (1988) e que confirmam a importância do incentivo dos pais.

Os depoimentos revelaram, também, o interesse dos pais pela satisfação e bem estar das crianças. Na categoria infantil, as ginastas A5 e A50 citam que os pais acompanham o desenvolvimento da carreira atlética e questionam se elas se sentem bem com a prática e se é isso que elas almejam fazer. Martens (2001) ressalta que é responsabilidade dos pais conhecer a filosofia de trabalho dos técnicos e saber se suas condutas são benéficas para as crianças. Na categoria pré-infantil, houve um relato sobre “considerações sobre a saúde” com ênfase na questão alimentar: “*falam que preciso comer bem para fazer as coisas*” (A75).

Outra forma de apoio relatada pelas ginastas está relacionada à busca de recursos para a permanência na prática esportiva. O esporte infanto-juvenil acarreta custos consideráveis para a adesão e a permanência das crianças e jovens nos programas esportivos. Bailey et al (2010) consideram que o *status* socioeconômico da família é vital na criação de estratégias e ações que visem ao desenvolvimento atlético desde tenra idade. Os autores relacionam os gastos com a filiação a um clube/academia, os subsídios para o treinamento, os custos com o transporte e a compra de itens/equipamentos utilizados para a prática. Nas entrevistas, esse aspecto emergiu nas categorias pré-infantil e juvenil, nas quais as ginastas citam que os pais: “*vão atrás de patrocínio*” (A33), “*ajudaram a arrumar patrocínio*” (A3). Weiss e Hayashi (1995) revelam que os pais de crianças envolvidas com a GA comprometem de 5-25% da renda familiar para custear as atividades gímnicas dos filhos.

Ao analisar os depoimentos, percebemos que os pais se envolvem em ações que visam buscar patrocínios a fim de minimizar os encargos para a família.

Alguns relatos apontaram que o apoio dos pais é demonstrado através do "conforto" em momentos de desânimo e frustração, como podemos verificar nos seguintes discursos: “*quando vou mal, apóiam*” (A130), “*se perder, não ficar chateada, não desanimar, olhar para frente*” (A120), “*dá força, tenta levantar meu astral*” (A125). Conforme Cogan e Vidmar (2000), os pais devem compartilhar as vitórias bem como os desapontamentos dos filhos. “É natural que os pais queiram compartilhar os momentos de vitória e parabenizar os filhos após uma grande apresentação, mas, os pais também podem estar presentes para dar força após erros e frustrações” (p.112). Essa forma de interação positiva dos pais colabora com a autoestima da criança e propicia o bem-estar psicológico da jovem ginasta.

O apoio “logístico” foi outro aspecto citado nas entrevistas. Além de oferecer o apoio emocional e financeiro, os pais também respaldam os filhos na questão do acesso ao esporte. Dixon, Warner e Bruening (2008) explicitam que essa forma de apoio abrange desde o transporte, o custeio das aulas até o cuidado com os uniformes. As ginastas A34 e A21 exemplificam essa questão respectivamente: “*vem me trazer (aos treinos)*”, “*paga tudo que precisar*”.

Hoefler et al (2001) ressaltam que prover transporte para a atividade física consiste em uma forma de apoio físico e social no qual os pais atuam como facilitadores das oportunidades esportivas. Weiss e Hayashi (1995) e Stein, Raedeke e Glenn (1999) citam que o envolvimento esportivo dos pais contempla o oferecimento de transporte para os treinos e competições, o que é fundamental para a manutenção do jovem atleta na prática esportiva, principalmente, em modalidades nas quais a iniciação e a especialização ocorrem em tenra idade, como é o caso da GA.

As ginastas relacionaram a “expectativa” como outra forma de apoio. As atletas relataram que os pais: “*eles sabem que eu posso ser alguma coisa na vida*” (A147), “*fica falando que eu vou ganhar medalhas e conseguir fazer as coisas*” (A18). Segundo Côté e Hay (2002), alguns estudos mostram uma relação positiva entre as expectativas dos pais, o sucesso e o prazer da criança no seu envolvimento esportivo. Apesar disso, Brustad (1988) afirma que essas expectativas dos pais podem tornar-se fontes de ansiedade, pressão e estresse e interferir na experiência atlética das crianças e dos jovens. As expectativas podem transformar-se em cobranças e exigências que, segundo Vilani e Samulski (2002), podem “promover uma atmosfera de regras rígidas e expectativas irreais” (p.9). Isso comprometeria o futuro esportivo do atleta caso ele não atenda a estas expectativas (CANDEIAS, 1998). Nash (1987) cita que é comum a pressão dos pais em exigir que seus filhos se esforcem cada vez mais para atingir a perfeição e que esta pressão, talvez, seja responsável por doenças físicas e psicológicas.

A “pressão” foi elencada entre as percepções negativas do apoio parental. Hellstedt (1990) define essa pressão como a quantidade de influência motivacional que os pais exercem na criança-atleta para que ela participe em competições, atue em um determinado nível e continue a prática esportiva. As ginastas revelaram que os pais: “*não deixam parar, porque senão vou perder oportunidades de fazer outras coisas*” (A147), “*falam pra me esforçar, trazer medalha, falam que não posso faltar mesmo quando to cansada*” (A117), “*meu pai fala que preciso ficar aqui até 18 anos, não sei porque*” (A22), “*meu pai falou que se eu parasse não ia ficar bem*” (A148).

Wuerth, Lee e Alfermann (2004) relacionam a pressão com o direcionamento e o controle dos comportamentos dos atletas por parte dos pais. Essa pressão dos pais está associada àqueles que enfatizam a vitória, possuem grandes expectativas, são muito envolvidos com a prática esportiva e que cobram o sucesso dos filhos (LAUER et al, 2010). Brustad (1988) e Anderson, Funk e Smith (2003) afirmam que a pressão exercida pelos pais está associada a níveis baixos de motivação e perda de entusiasmo pela atividade esportiva. Isso pode resultar em estresse, *burnout* e *dropout* (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008).

Outra Unidade de Registro associada à percepção negativa é a “considerações com a saúde”. Esse item relaciona o cansaço, os sacrifícios e os riscos de lesão inerentes à modalidade: “*meu pai acha cansativo*” (A61), “*meu pai é nervoso, tem medo que caia*” (A64), “*eles acham exagerado o que eu faço*” (A63), “*minha mãe não pode me ver, porque tem medo, passa mal*” (A52). Inferimos que os pais acreditam que seja um exagero, talvez, mencionando a canalização de esforços para o esporte, ou preocupações com as viagens para competir. Além disso, os pais têm receio de que as ginastas se lesionem durante os treinos e competições devido às próprias características da modalidade.

No estudo realizado por Boufous, Finch e Bauman (2004), os resultados revelam que alguns pais desencorajam e impedem os filhos de participarem em atividades esportivas nas quais acreditam que haja problemas de segurança ou o risco de lesão. Segundo os autores, “alguns participantes consideram que o potencial para se lesionar ou a seriedade das lesões prováveis associadas com alguns esportes era muito grande e indicaram que desaprovam, ou não permitem seus filhos de participarem daqueles esportes” (p.484). Embora em menor número, a GA foi relacionada como um dos esportes em que os pais desencorajam ou impedem a participação. Byrne (1993) citado por Vilani e Samulski (2002) classificam esses pais como super protetores e

são caracterizados por ameaçarem, constantemente, em privar os filhos da prática esportiva por possuírem receios que estão associados aos riscos inerentes à prática esportiva.

A ausência de apoio foi percebida no item “preocupação com os estudos”. Uma das ginastas citou que os pais têm intenção de tirá-la do esporte para que ela possa se dedicar aos estudos a fim de obter melhores oportunidades no mercado de trabalho no futuro.

Uma das ginastas, A6, citou que os pais não interferem nas suas decisões, o que consideramos uma atitude neutra, pois, a resposta não permitiu uma análise pormenorizada, o que nos levou a classificá-la nessa categoria. Outra atleta, pertencente à categoria pré-infantil, não soube opinar.

### GINÁSTICA ARTÍSTICA MASCULINA

Assim como na categoria feminina, os resultados do masculino apontam uma gama variada de aspectos positivos e negativos acerca do apoio dos pais para a prática esportiva dos ginastas. No Quadro 2, é possível verificar que o número de Unidades de Registro referentes às percepções positivas emergiram em maior número no discurso dos jovens atletas.

**QUADRO 2** – Aspectos positivos e negativos do apoio dos pais segundo a percepção dos ginastas.

CATEGORIA	PRÉ-INFANTIL	INFANTIL	INFANTO-JUVENIL	JUVENIL	
	UNIDADE DE REGISTRO				
ASPECTOS POSITIVOS	Incentivam	Incentivam	Incentivam	Incentivam	
	Acompanham as atividades	Acompanham as atividades	Acompanham as atividades		
	Tem expectativas	Tem expectativas	Tem considerações com saúde		Tem considerações com saúde
		Respaldam financeiramente			
	Confortam	Confortam			
Logístico	Logístico	Tem considerações com saúde			
ASPECTOS NEGATIVOS	Tem considerações com a saúde	Tem considerações com a saúde	Tem considerações com a saúde	Impõem pressão	
	Impõem pressão		Preocupam-se com os estudos		

Da mesma forma que no setor feminino, podemos observar que a maioria dos pais foi considerada incentivadora e oferece apoio positivo aos ginastas, o que favorece a continuidade destes na carreira esportiva (SANMARTIN, 1995). Esse aspecto ficou evidente devido à frequência da Unidade de Registro “incentivam” em todas as categorias masculinas abordadas no estudo. Como exemplos, seguem alguns discursos que abrangem essa temática: “*apóiam, gostam que eu treine*” (A142), “*eles me apóiam bastante*” (A144), “*muita força, apóiam muito, sempre tudo*” (A1), “*meu pai é tipo corujão, torce pra caramba*” (A2), “*incentiva desde criança*” (A81).

Outros depoimentos revelaram que a participação dos pais se manifestou de forma positiva através do acompanhamento dos eventos competitivos. Apenas um dos atletas citou a presença dos pais nos treinos. Inferimos, através dos relatos dos ginastas, que os pais demonstram interesse em oferecer apoio às crianças nas competições dentro de suas possibilidades: “*vem ver competição, treino*” (A137), “*eles vão ver apresentações*” (A124), “*quando não é longe vem nas competições*” (A91), “*a maioria das vezes vão nas competições*” (A90), entre outros.

Três atletas citaram que seus pais têm expectativas em relação a suas carreiras, mas, que eles percebem isso como um apoio positivo: “*minha mãe quando pequena queria fazer GA. Então, ela gosta e meu pai também*” (A60), “*que vou ser bom um dia e vou ter chances*” (A59) e “*acham que tenho futuro aqui*” (A144). Embora a expectativa parental seja benéfica, esta pode se converter em pressão, pois alguns pais revivem suas próprias ambições no campo esportivo através dos filhos como verificamos no discurso de A60. Essa expectativa pode se converter em uma fonte de estresse e ocasionar possíveis níveis de ansiedade, principalmente, em situações pré-competitivas e competitivas (NUNOMURA; ARAÚJO, FERREIRA-FILHO, 2005).

O apoio dos pais acerca dos cuidados com a saúde emergiu, também, na categoria masculina. Esse aspecto foi vinculado à alimentação e aos benefícios do esporte para a manutenção da saúde: “*cuida da alimentação, fala não come isso, come aquilo, ajuda bastante para controlar o peso, porque não vou conseguir treinar*” (A46), “*este lado da saúde, de fazer esporte*” (A124). Os pais reforçam o hábito saudável da prática esportiva, o que é muito favorável, tanto para a continuidade do jovem atleta na GA, como para uma vida ativa e saudável em geral.

A unidade “confortam” reaparece como uma forma positiva de apoio. O fato fica explícito no discurso dos ginastas A12 e A8, respectivamente: “*conversa comigo quando to mal*” e “*se a gente tá triste perguntam o que aconteceu, se não consegue fazer exercício conversa, fala para não parar*”. Essa forma de apoio emocional proporciona segurança em momentos de estresse, ansiedade e favorece a autoestima das crianças (COTÊ; HAY, 2002).

Assim como na categoria feminina, os pais respaldam os ginastas na questão da logística, conforme podemos acompanhar nos relatos de A163 e A89: “*me trazem no treino*” (A163), “*meu pai me traz aqui*” (A89). Essa forma de apoio permite que os jovens ginastas ultrapassem a barreira do acesso e da oportunidade que é imposta a muitos indivíduos que gostariam de praticar esportes, mas, possuem obstáculos para ter acesso aos locais de prática, equipamentos e programas esportivos (WIESE-BJORNSTAL; LAVOI; OML, 2009).

Dentre os aspectos relacionados à percepção negativa do apoio dos pais, os ginastas mencionaram considerações com a saúde, como: “*meu pai acha meio puxado*” (A137), “*quase não vem no treino, porque é ruim, eles às vezes sentem dó*” (A90), “*gostam, mas minha mãe não vem ver treino de medo*” (A127), “*queria que eu parasse, mas é meu sonho*” (A138). Os relatos da Unidade de Registro “tem considerações com a saúde”, da GA masculina, assemelham-se aos da categoria feminina e refletem que os pais têm preocupações com a segurança e o risco de lesão dos filhos e, por isso, eles tendem a desencorajar ou até mesmo impedir a participação das crianças na prática esportiva (BOUFOUS; FINCH; BAUMAN, 2004). Através da análise das atitudes supracitadas, acreditamos que os pais podem desenvolver uma imagem negativa do esporte ou da GA para os filhos. Ainda que o volume de treino seja considerável, os pais poderiam tentar ajudar as crianças a equilibrarem suas atividades esportivas com estudos e lazer. E, conversar com os técnicos sobre os riscos inerentes a esse esporte e como estes são prevenidos durante os treinamentos.

Outra Unidade de Registro, pertencente aos aspectos negativos do apoio dos pais, abrange a questão do “preocupam-se com os estudos”. O relato do ginasta A127 revela que sua mãe considera que a dedicação à GA acarreta prejuízos a sua formação acadêmica e, por isso, pediu para o jovem atleta abandonar a prática da modalidade. No estudo elaborado por Bara Filho e Garcia (2008), os autores citam a falta de tempo para os estudos como o motivo, de maior incidência, para o *dropout*.

Embora com menor frequência, se comparado ao setor feminino, a pressão ressurgiu como aspecto negativo no discurso dos ginastas masculinos: “*minha mãe me cobra bastante, ela pega no meu pé*” (A2), “*(se eu tentar parar) acho que vão mandar continuar, pois perde Kombi, bolsa, e muito mais coisas*” (A152). Corroboramos com Hellstedt (1990, p. 141) que afirma que “pais que pressionam de forma excessiva os filhos correm o risco de eliciar uma resposta negativa e precisam estar atentos para a possibilidade de que essa pressão excessiva na sua participação possa resultar em um conflito entre pai-criança ou a desistência esportiva do jovem”. Além disso, o ginasta pode se sentir encurralado com essa pressão dos pais e desenvolver o sentimento de obrigação em continuar na GA para satisfazer as expectativas dos pais (WEISS; WEISS, 2003), como no caso de A142, que pode se sentir pressionado para não desistir devido às perdas materiais apontadas pelos pais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados do estudo sinalizaram diferentes percepções do apoio positivo e negativo dos pais segundo os relatos dos ginastas pertencentes às categorias formativas da GA. Verificamos que a quantidade de Unidades de Registro que contemplou os aspectos positivos apresentou-se em maior volume e frequência nas duas categorias e nos diferentes níveis competitivos.

As crianças apreciam a participação e o interesse dos pais no acompanhamento de suas atividades esportivas. Contudo, os pais devem estar atentos e cientes do nível e da forma do seu envolvimento para que a experiência das crianças no contexto esportivo seja positiva, pois, conforme a literatura abordada e os resultados obtidos no estudo, dependendo do grau e da forma desse envolvimento, este pode ser percebido pela criança de forma negativa.

Corroboramos com Headstrom e Gould (2004) que afirmam que as crianças precisam sentir prazer e satisfação na sua experiência esportiva e devem estar envolvidas por opção e vontade própria. Quando os pais sustentam altas expectativas, cobram e pressionam as crianças para obterem resultados ou para continuarem no esporte, provavelmente, as crianças se sentirão encurraladas e muitas permanecerão na prática esportiva apenas para não frustrarem ou decepcionarem seus pais ou por medo.

Verificamos que os jovens ginastas dependem do apoio parental para que seja possível participar e desenvolver o seu potencial esportivo. E mais, que os pais desempenham diferentes papéis nos quais suas

ações e interesses influenciam aspectos que contemplam desde a introdução no esporte, o acesso, o nível de participação, o grau de envolvimento, a continuidade, o bem estar físico e emocional e a dedicação da criança. Constatamos que esse apoio é determinante para o comprometimento e a aderência da criança e do jovem na GA.

Ressaltamos que os pais devem estar cientes de que as suas ações podem resultar em percepções negativas que contribuem para níveis baixos de motivação e para a perda de entusiasmo pela GA e que, conseqüentemente, resultam em estresse, atrito entre os pais e filhos, *burnout* e *dropout*.

Concordamos com Hellstedt (1990) e Sacks, Tenenbaum e Pargman (2008) que relatam a necessidade dos pais serem orientados pelos técnicos ou através de cursos e seminários que possam fornecer subsídios, direcionamentos e esclarecimentos sobre porque e como eles poderiam apoiar e participar da vida esportiva dos filhos de forma positiva e não invasiva.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, J. C.; FUNK, J. B.; SMITH, P. H. Parental support and pressure and children's extracurricular activities: relationships with amount of involvement and affective experience of participation. **Applied Developmental Psychology**, v. 24, n. 2, p. 241-257, 2003.
- BABKES, M. L.; WEISS, M. R. Parental influence on children's cognitive and affective responses to competitive soccer participation. **Pediatric Exercise Science**, v. 11, n.1, p. 44-62, 1999.
- BAILEY, R.; COLLINS, D.; FORD, P.; MACNAMARA, A.; TOMS, M.; PEARCE, G. Participant Development in Sport: an academic review. Leeds: Sports Coach UK, 2010.
- BARA FILHO, M. G.; GARCIA, F. G. Motivos do abandono no esporte competitivo: um estudo retrospectivo. **Rev. bras. Educ. Fis. Esp.**, v. 22, n. 4, p. 293-300, 2008.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BAXTER-JONES, A. D.; MAFFULLI, N. Parental influence on sport participation in elite young athletes. **Journal of Sports Medicine and Physical Fitness**, v. 43, n. 2, p. 250-255, 2003.
- BOUFOUS, S.; FINCH, C.; BAUMAN, A. Parental safety concerns – a barrier to sport and physical activity in children? **Australian and New Zealand Journal of Public Health**, v. 28, n. 5 p. 482-486, 2004.
- BRUSTAD, R. J. Affective outcomes in competitive youth sport: the influence of intrapersonal and socialization factors. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v.10, n.3, p.307-321, 1988.
- BYRNE, T. Sport: it's a family affair. In LEE, M. (Ed.) *Coaching children in sport: principles and practice*. Londres: Spon, 1993 apud VILANI, L. H. P.; SAMULSKI, D. M. Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. In: SILAMI GARCIA, E.; LEMOS, K. L. M. **Temas atuais VII: educação física e esportes**. Belo Horizonte: Editora Health, 2002.
- CANDEIAS, J. G. Crianças e formação desportiva. **Treino Desportivo**, Lisboa, n.1, p. 3-10, 1998.
- COAKLEY, J. The good father: parental expectations and youth sports. **Leisure Studies**, v. 25, n. 2, p. 153-163, 2006.
- COGAN, K. D.; VIDMAR, P. **Sports psychology library: gymnastics**. Morgantown: Fitness Information Technology, 2000.
- COGAN, K. D. Sport Psychology in Gymnastics. In DOSIL, J. **The sport psychologist's handbook: A guide for sport-specific performance enhancement**. Chichester: John Wiley & Sons Ltd, 2008.
- CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in Sport. **The Sport Psychologist**, v.13, n.4, p.395-417, 1999.
- CÔTÉ, J.; HAY, J. Family influences on youth sport participation and performance. In: SILVA, J.; STEVENS, D. (Org.) **Psychological foundations of sport**. Boston: Allyn and Bacon, 2002.
- DIXON, M. A.; WARNER, S. M.; BRUENING, J. E. More than just letting them play: parental influence on women's lifetime sport involvement. **Sociology of Sport Journal**, v. 25, n. 4, p. 538-559, 2008.
- DOHERTY, E. M. Winning isn't everything... it's the only thing: a critique of teenaged girls' participation in sports. **Marquette Sports Law Review**, v. 10, n. 1, p. 127-160, 1999.
- EDE, S.; KAMPHOFF, C. S.; MACKAY, T.; ARMENTROUT, S. M. Youth hockey athletes' perceptions of parental involvement: they want more. **Journal of Sport Behavior**, v. 35, n. 1, p. 3-18, 2012.
- FRASER-THOMAS, J.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. Understanding dropout and prolonged engagement in adolescent competitive sport. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 9, n. 5, p. 645 – 662, 2008.
- FREDRICKS, J. A.; ECCLES, J. S. Parental influences on youth involvement in sports. In M.R. Weiss (Ed.) *Developmental sport psychology: a lifespan perspective*. Morgantown: Fitness Information Technology, 2004.
- GOULD, D.; HORN, T.; SPREEMANN, J. Competitive anxiety in junior elite westlers. **Journal of Sport Psychology**, v. 5, n. 1, p. 58-71, 1983.
- GUSTAFSSON, H.; HASSMÉN, P.; HASSMÉN, N. Are athletes burning out with passion? **European Journal of Sport Science**, Cologne, v. 11, n. 6, p. 387-395, 2011.
- HEDSTROM, R.; GOULD, D. **Research in Youth Sports: critical issues status**. Michigan: Michigan State

University, 2004

- HELLSTEDT, J. C. The coach/parent/athlete relationship. **The Sport Psychologist**, v. 1, p. 151-160, 1987.
- HELLSTEDT, J. C. Early adolescent perceptions of parental pressure in the sport environment. **Journal of Sport Behavior**, v. 13, n. 3, p. 135-144, 1990.
- HOEFER W. R.; MCKENZIE, T. L.; SALLIS, J. F.; MARSHALL, S. J.; CONWAY, T. L. Parental provision of transportation for adolescent physical activity. **American Journal of Preventive Medicine**, v. 21, n. 1, p. 48-51, 2001.
- HOLT, N. L.; TAMMINEN, K. A.; BLACK, D. E.; MANDIGO, J. L.; FOX, K. R. Youth sport parenting styles and practices. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v. 31, n. 1, p. 37-59, 2009.
- JOWETT, S.; TIMSON-KATCHIS, M. Social network in sport: parental influence on the coach-athlete relationship. **The Sport Psychologist**, v. 19, p. 267-287, 2005.
- KANTERS, M. A.; BOCARRO, J.; CASPER, J. M. Supported or Pressured? An Examination of Agreement Among Parent's and Children on Parent's Role in Youth Sports. **Journal of Sport Behavior**, v. 31, n. 1, p. 1-17, 2008.
- LALLY, P.; KERR, G. The effects of athlete retirement on parents, v. 20, n. 1, p. 42-56, 2008.
- LAUER, L.; GOULD, D. ROMAN, N.; PIERCE, M. Parental behaviors that affect junior tennis player development. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 11, n. 6, p. 487-496, 2010.
- MARTENS, R. **Directing youth sport programs**. Champaign: Human Kinetics, 2001.
- NASH, H. L. Elite child-athletes: how much does victory cost? **Physician and Sportsmedicine**, v.15, n.8, p.128-33, 1987.
- NIPPERT, A. H.; SMITH, A. M. Psychologic Stress Related to Injury and Impact on Sport Performance. **Physical Medicine and Rehabilitation Clinics of North America**, v. 18, p. 399-418, 2008.
- NUNOMURA, M.; ARAÚJO, C. M., FERREIRA-FILHO, R. Stress Pré-competitivo na Ginástica Artística Feminina. **Treino Desportivo**, Lisboa, v.7, n.29, p.04-13, 2005.
- NUNOMURA, M. **Ginástica Artística**. São Paulo: Odysseus, 2008.
- SACKS, D. N.; TENENBAUM, G.; PARGMAN, D. Providing sport psychology services to families. In DOSIL, J. (Ed.) **The sport psychologist's handbook: a guide for sport-Specific performance enhancement**. Chichester: John Wiley & Sons Ltd, 2008.
- SANMARTÍN, M. G. **Valores sociales y deporte**. Madrid: Editorial Gymnos, 1995.
- STEIN, G. L.; RAEDEKE, T. D.; GLENN, S. D. Children's perceptions of parent sport involvement: it's not how much, but to what degree that's important. **Journal of Sport Behavior**, v. 22, n. 4, p. 591- 601, 1999.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- VAN ROSSUM, J. H. A. Perceptions of Determining Factors in Athletic Achievement: An Addendum to Hyllegard, et al. (2003). **Perceptual and Motor Skills**, v.98, n. 1, p.81-85, 2004.
- VILANI, L. H. P.; SAMULSKI, D. M. Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. In: SILAMI GARCIA, E.; LEMOS, K. L. M. **Temas atuais VII: educação física e esportes**. Belo Horizonte: Editora Health, 2002.
- WEISS, M. R.; HAYASHI, C. T. All in family: parent-child influences in competitive youth gymnastics. **Pediatric Exercise Science**, v. 7, p. 36-48, 1995.
- WEISS, M. R.; HAYASHI, C. T. All in family: parent-child influences in competitive youth gymnastics. **Pediatric Exercise Science**, v.7, n.1, p.36-48, 1995.
- WEISS, W. M.; WEISS, M. R. Attraction- and Entrapment-Based Commitment Among Competitive Female Gymnasts. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v. 25, n. 2, p. 229-247, 2003.
- WEISS, W. M.; WEISS, M. R. Sport commitment among competitive female gymnasts: a developmental perspective. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 78, n. 1, p. 90-102, 2007.
- WIESE-BJORNSTAL, D. M.; LAVOI, N. M.; OMLI, J. Child and Adolescent Development and Sport Participation. In BREWER, B. W. (Ed.) **Sport Psychology** Oxford: Jey-Blackwell, 2009.
- WOOLGER, C.; POWER, T. G. Parent and sport socialization: views from the achievement literature. **Journal of Sport Behavior**, v. 16, n. 3, p. 171 - 189, 1993.
- WUERTH, S.; LEE, M. J.; ALFERMANN, D. Parental involvement and athletes' career in youth sport. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 5, n. 1, p. 21-33, 200.

Myrian Nunomura

Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo

Av. dos Bandeirantes, 3900 14040-907 - Ribeirão Preto/SP – Brasil

[mnunomur@usp.br](mailto:mnunomur@usp.br)

## PRÉ-TEMPORADA: UMA ANÁLISE DE ATLETAS DE GINÁSTICA ARTÍSTICA

### PRE SEASON: AN ANALYSIS OF ARTISTIC GYMNASTICS ATHLETES

### PRE TEMPORADA: ANÁLISIS DE LOS ATLETAS GIMNASIA ARTÍSTICA

#### **Tiago Henrique Barbosa**

Graduando em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Brasil

#### **Ivana Montandon Soares Aleixo**

Professora Doutora da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Membro Grupo de Estudos Sociologia e Pedagogia do Esporte GESPE/UFMG. Membro GEDAM/UFMG - Grupo de Estudos em Desenvolvimento e Aprendizagem Motora. Membro Núcleo de Estudos em Ginástica Artística – NEGIN/UFMG. Brasil

#### **Márcio Mário Vieira**

Professor Mestre em Ciências do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Professor da Faculdade Estácio BH- FESBH. Membro GEDAM/UFMG - Grupo de Estudos em Desenvolvimento e Aprendizagem Motora. Membro Núcleo de Estudos em Ginástica Artística – NEGIN/UFMG. Brasil.

#### **Izabel Cristina Provenza de Miranda Rohlfs**

Professora. Mestre, Coordenadora do Núcleo de Integração das Ciências do Esporte – NICE - Chefe de Departamento de Programas Esportivos do Minas Tênis Clube. Brasil.

#### **RESUMO**

*O presente estudo teve como objetivo apresentar os resultados obtidos durante a pré-temporada do ano de 2012 dos atletas de ginástica artística do Minas Tênis Clube de Belo Horizonte. A avaliação realizada na pré-temporada permite aos treinadores saber em qual estado de treinamento o atleta se encontra e a partir das informações iniciais, prescrever de seu treinamento físico. Limita-se a apresentar os dados coletados através de 5 testes físicos realizados durante a pré-temporada, nos atletas de ginástica artística. Os resultados apresentaram em média Salto CMJ (cm) 32,91, Arremesso de Medicine Ball (cm) 243,50, Agilidade (seg) 6,62, Velocidade - 20 metros (seg) 3,76, VO2 máximo (ml/kg\*min) 45,18. Este trabalho traz informações a cerca dos testes físicos e permite uma visão geral do perfil do atleta, uma análise da condição do grupo, oferecendo dados capazes de subsidiar os programas da preparação física adequada em atletas da ginástica artística.*

#### **RESUMEN**

*El presente estudio tiene como objetivo presentar los resultados obtenidos durante la pretemporada de 2012 atletas de gimnasia en Minas Tennis Clube de Belo Horizonte. La evaluación llevada a cabo en la pretemporada permite a los entrenadores para saber qué estado de la atleta es la formación y la información de la prescripción inicial de su entrenamiento físico. Se limita a presentar los datos recogidos a través de cinco pruebas físicas realizadas durante la pretemporada, los atletas de gimnasia. Los resultados mostraron promedio de salto CMJ (cm) 32.91, lanzamientos de balones medicinales (cm) 243.50, Agilidad (s) 6.62, la velocidad - 20 metros (seg) 3.76, el VO2 máx (ml / kg \* min) 45.18. Este documento proporciona información acerca de las pruebas físicas y ofrece una visión general del perfil del deportista, un análisis de la situación del grupo, aportando datos que puedan apoyar los programas de preparación física adecuada de los atletas de gimnasia.*

#### **ABSTRACT**

*The present study aims to present the results obtained during pre-season of 2012 athletes from gymnastics in Minas Tennis Clube de Belo Horizonte. The assessment carried out in the pre-season allows coaches to know which state of the athlete is training and information from the initial prescribing of his physical training. It merely present the data collected through five physical tests performed during the pre-season, athletes in gymnastics. The results showed average jump CMJ (cm) 32.91, Medicine Ball Throw (cm) 243.50, Agility (sec) 6.62, Speed - 20 meters (sec) 3.76, VO2 max (ml / kg \* min) 45.18. This paper provides information about the physical tests and provides an overview of the profile of the athlete, an analysis of the condition of the group, providing data that can support the programs of adequate physical preparation of athletes in gymnastics.*

## INTRODUÇÃO

O esporte para crianças e jovens pode seguir vários propósitos, entre os quais se destacam proporcionar uma vida esportiva duradoura, ser base de uma futura elite esportiva e, ainda, ser via para uma auto-realização plena, palco insubstituível de transcendência humana (BENTO, 1999).

O esporte de alto rendimento visa o melhor desempenho dos atletas nas competições, e este desempenho está diretamente ligado ao treinamento que foi realizado (MORAES, 2011). Para que o rendimento esperado seja atingido, é necessário desenvolver o desempenho esportivo. Para Gomes (2009), a preparação desportiva é um processo tão complexo que o resultado final só será alcançado pela união de diversos fatores. O desempenho esportivo desejável dependerá do bom desenvolvimento de fatores como a preparação psicológica ou mental, capacidades perceptivo-motoras ou táticas, da técnica esportiva, e também do condicionamento físico (ELLIOTT; PLATONOV, 2008). Devido à complexidade do desempenho esportivo, atualmente clubes e treinadores têm buscado nas ciências do esporte, novas maneiras de aumentar o desempenho e as chances de sucessos de seus atletas nas competições (NUNOMURA; TSUKAMOTO, 2006).

O acesso aos resultados obtidos através das pesquisas científicas de alto reconhecimento atualmente são amplos. Apesar da confiabilidade dos resultados, e a acessibilidade e reprodutibilidade dos testes, muitos treinadores insistem em apenas reproduzirem treinamentos e comportamentos, sem que estes tenham algum suporte teórico e científico (NUNOMURA, CARRARA e CARBINATTO, 2010). Conhecer as metodologias e teorias do treinamento tem sido de grande valia para os treinadores, que tem encontrado o sucesso através das investigações científicas na área esportiva (CASTRO, 2007). A avaliação física é uma das ferramentas da ciência do esporte que vem crescendo com o aumento de estudos que focam a melhoria do desempenho e tem se tornado imprescindível no acompanhamento dos atletas (FERNANDES FILHO, 2003).

A Ginástica Artística (GA) é uma modalidade esportiva de beleza, força e plasticidade, demonstrada através da enorme variedade de habilidades e elementos técnicos realizados durante a série (ALEIXO; VIERA, 2003). É um esporte olímpico em crescimento no Brasil estimulado pelos resultados internacionais cada vez mais expressivos de atletas renomados. Desta forma é necessária aos treinadores a capacidade de conseguir transmitir de forma clara e objetiva os pressupostos teóricos já existentes sobre a ciência do treinamento desportivo e sensibilizarem a orientá-la de forma apropriada.

O treinamento é um processo progressivo e de longo prazo, e posiciona o atleta em seu nível adequado de preparo físico e condicionamento (TUBINO, 2003). Deve ser dividido entre períodos úteis com objetivos variados, dependendo do tempo disponível até o evento esportivo em si. A pré-temporada é de fundamental importância para que se possam quantificar as cargas de trabalho para cada sessão de treinamento, para estruturação do macrociclo e para determinar o nível do atleta, criando dessa forma novos parâmetros para traçar objetivos de curto e longo prazo. O presente estudo tem o objetivo de apresentar os resultados obtidos durante a pré-temporada do ano de 2012, pelos atletas de ginástica artística (GA) do Minas Tênis Clube (MTC). Tal irá permitir obter informações pertinentes, oferecendo elementos úteis para a melhoria da prática profissional.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O condicionamento físico pode ser considerado a interação de várias valências físicas, visando o melhor funcionamento musculoesquelético e metabólico do indivíduo (GROSSER; STARICHKA; ZIMMERMANN; 1988; WEINECK, 2003). As principais valências físicas relacionadas são: força muscular, potência, resistência cardiovascular, resistência muscular localizada e flexibilidade. A avaliação deve ser feita de forma confiável, um treinamento de alto desempenho a curto, médio e longo prazo somente pode ser estabelecido através de uma avaliação exata e minuciosa do estado atual de condicionamento e das condições de saúde do atleta. É necessário identificar quais as necessidades da modalidade, e de forma mais específica do atleta, para saber o que treinar, para que sirva de norte para as avaliações na pré-temporada.

O desenvolvimento das capacidades físicas é de fundamental importância para que os atletas criem condições físicas para realizar um movimento de ginástica. Este trabalho deve ser direcionado para o desenvolvimento da musculatura responsável no desempenho e também na musculatura envolvida no controle postural. A Condição física no esporte segundo Grosser; Starichka; Zimmermann, 1988 é a soma ponderada de todas as qualidades motoras importantes para o desempenho.

A preparação física na GA é de grande valor para o bom desenvolvimento das capacidades físicas que proporcionarão aos ginastas maior economia de energia, maior facilidade de execução e de aprendizagem das técnicas de movimentos da GA (NARRA, 2005).

A periodização constitui a divisão, em etapas, para se atingir objetivos específicos de uma parte do processo elaboração do plano e procura responder a necessidade de integrar todas as variáveis que constituem o programa de preparação dos atletas (TUBINO, 2003). A principal função da periodização é promover a melhor performance possível, no momento desejado e previamente estabelecido, e, concomitantemente, preservar a integridade dos atletas, evitando a ocorrência de efeitos negativos decorrentes da estimulação dos treinos, através da coerente distribuição dos conteúdos e da adequada manipulação das cargas de treinamento

por etapas específicas, ao longo de toda a carreira esportiva (GOMES, 2002). O conceito de pré-temporada, segundo vários estudiosos, é preparar os atletas para a temporada. Nesse tempo, os mesmos têm condições de fazer uma real preparação, em todos os quesitos que envolvem o seu treinamento. A pré-temporada é uma fase prévia de fundamental importância dentro do planejamento, pois permite iniciar nos atletas as adaptações funcionais necessárias para suportarem os esforços que a competição vai exigir.

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo integrou o total 30 atletas de GA do Minas Tênis Clube (MTC). Foram 15 atletas do sexo masculino e 15 atletas do sexo feminino das categorias pré-infantil, infantil e juvenil, na faixa etária entre 10 a 17 anos. Antes do início dos testes os atletas foram instruídos sobre como deveria ser a realização dos testes. A participação dos atletas foi voluntária e todos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, juntamente com seus respectivos pais, autorizando a participação nos testes. O presente estudo foi aprovado pelo comitê de ética do NICE - Núcleo de Integração das Ciências do Esporte do Minas Tênis Clube.

Os testes foram selecionados através de uma revisão da literatura atualizada, e designação dos técnicos e preparadores físicos integrantes do Núcleo de Integração das Ciências do Esporte (NICE), do Departamento de Programas Esportivos (DPES) do Minas Tênis Clube. Foram utilizados os seguintes testes: teste de velocidade de 20 metros (GAYA, 2009; MARKOVIC ET. AL, 2007; NARRA, 2005; ALBUQUERQUE E FERINATTI, 2007). Teste de salto com contramovimento (MARKOVIC ET. AL, 2007; WISLOFF ET. AL, 2004; MARQUES E GONZÁLEZ-BADILLO, 2005; VESCOVI ET. AL, 2008; MENZEL, CAMPOS, 1999). Teste de agilidade do quadrado (GAYA, 2009). Teste de arremesso de *medicineball* (GAYA, 2009) de potência de membros superiores. Teste de resistência (FERNANDES FILHO, 2003).

A análise dos dados foi realizada com as estatísticas descritivas pelo recurso a frequências com valores absolutos e relativos (percentagens). A análise estatística foi realizada usando o *Statistical Package for Social Science* (SPSS) versão 19.0 para Windows. Os resultados foram analisados em média e desvio padrão para as variáveis quantitativas

### RESULTADOS

Os resultados gerais são apresentados na tabela 1, em média e desvio padrão (DP). O salto contramovimento (SCM) no feminino apresentou a média de 31,33cm de altura, já o masculino SCM apresentou o valor de média de 34,48cm, a média total dos grupos no SCM foi de 32,91cm de altura. O arremesso apresentou no grupo feminino média de 205,33cm, e no grupo masculino teve média de 281,67, a média total dos grupos para o arremesso foi de 243,50cm. O teste de agilidade apresentou o resultado de 6,66s nos feminino e de 6,57s no masculino, com a média total de 6,62s. Os resultados do sprint de 20m foram em média no grupo feminino de 3,88s e de 3,65s no masculino, com uma média total de 3,76s. Os resultados do teste de VO<sub>2</sub> máx apresentaram o resultado de 46,46(ml/kg/min) no grupo feminino, e no grupo masculino média de 43,79(ml/kg/min), a média total dos dois grupos foi de 45,18(ml/kg/min).

Tabela1: Salto com contramovimento (SCM) arremesso de *Medicineball*, agilidade, velocidade 20m e VO<sub>2</sub> máximo.

	Feminino		Masculino		Total	
	n	Média (DP)	n	Média (DP)	n	Média (DP)
Salto SCM (cm)	15	31,33 (3,79)	15	34,48 (5,59)	30	32,91 (4,96)
Arremesso Medicine Ball (cm)	15	205,33 (48,68)	15	281,67 (100,88)	30	243,50 (86,97)
Agilidade (seg)	15	6,66 (0,70)	15	6,57 (0,78)	30	6,62 (0,73)
Velocidade - 20 metros (seg)	15	3,88 (0,31)	15	3,65 (0,23)	30	3,76 (0,29)
VO <sub>2</sub> máximo (ml/kg*min)	12	46,46 (7,91)	11	43,79 (8,45)	23	45,18 (8,10)

### DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O presente estudo objetivo de apresentar os resultados obtidos durante a pré-temporada do ano de 2012, pelos atletas de GA do Minas Tênis Clube.

Segundo os estudos de Bosco e Komi (1980) de salto com contra movimento pondera a respeito do comportamento mecânico do músculo extensor da perna usando saltos verticais, com e sem o ciclo de alongamento-encurtamento, foi potencializado pelo ciclo de alongamento-encurtamento, mostrando que o pré-alongamento pode influenciar na curva da velocidade da força e que a melhoria do desempenho pode estar relacionada à combinação do uso da energia elástica, para a potencialização do reflexo miotático. O teste reflete a força/potência de membros inferiores, no presente estudo seus dados serviram como base uma vez que a qualidade dos múltiplos saltos realizados na modalidade pode interferir na execução dos diferentes

elementos. Faz-se importante, então, um controle rigoroso da técnica visto os diferentes movimentos de segmentos corporais em intensidade máxima durante os saltos podem influenciar nos demais resultados.

O teste de arremesso se caracterizou pela medida da força/ potência de membro superior, sendo seu objetivo medir a foga explosiva. Segundo Gaya (2009) os resultados encontrados são classificados bons na categoria masculina e fraco na categoria feminina. Desta forma o indicativo de intensificar os treinamentos físicos refrente a esta capacidade física.

O teste de agilidade mensurou a capacidade dos ginastas de realizar mudanças de direção em alta velocidade utilizando a coordenação membro superior e inferior. Segundo Gaya (2009) os resultados foram classificados bons, é interessante ressaltar que na GA a capacidade do ginasta tem de realizar movimentos rápidos com mudança de direção e sentidos favorecem o resultado positivo no conjunto de elementos de uma série. Devem ser intensificados para melhores resultados no rendimento do treinamento e resultados futuro. Barbanti et al., (2004) ressalta que treinadores e atletas querem saber, por meio de testes, como as sobrecargas do treino nas diferentes fases do treinamento, afetam o nível das capacidades e do rendimento competitivo. Assim contribuir para no rendimento dos ginastas e mostrar efetividade na avaliação da pré-temporada. A velocidade segundo WEINECK (2003) é a capacidade, com base na mobilidade do desenvolvimento da força muscular, de completar ações motoras, sob determinadas condições, na GA a proposta desta capacidade na pré-temporada foi de verificar a capacidade de executar ações motoras de maneira mais rápida possível e assim desenvolver os ginastas a partir dos primeiros parâmetros.

Um dos desafios na GA é traçar um programa cujas demandas sejam progressivas e contrabalançadas, que atinja os objetivos, mantenha a integridade e prolongue a carreira do ginasta (Público, 1983).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos que nesta fase a avaliação é produtiva quando bem realizada irá dimensionar o planejamento para que seja iniciado e conduzido de forma mais segura. Os resultados expressam a condição inicial dos atletas na pré-temporada indicando a qualidade de retorno aos treinamentos, a partir desses dados poderão ser realizadas as devidas planificações, como também a criação de tabelas de referência.

Os treinadores devem conhecer a fundo as características de seus ginastas e assim, desenvolver de forma eficaz um programa de treinamento, não esquecendo também da diferenciação do trabalho por faixa etária, sexo e habilidade técnica. A correta programação e execução do condicionamento físico acarretarão ganhos importantes aos ginastas, podendo assim ser um fator determinante, de forma positiva, no resultado de preparação de um futuro ginasta de qualidade.

Em suma, testes da pré-temporada devem fazer parte do treinamento de qualquer modalidade, pois esses podem representar a primeira ação concreta para o sucesso do treinamento em longo prazo.

### REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, P. A. E FERINATTI, P. T. V. Desenvolvimento e validação de um novo sistema de seleção de talentos para a ginástica olímpica feminina: a Bateria PDGO. **Revista Brasileira Medicina do Esporte**. Vol. 13, Nº 3 – Mai/Jun, 2007.
- ALEIXO, I & VIERA, M. Processo ensino-aprendizagem de Ginástica Olímpica para crianças na extensão da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG. Uma proposta experimental. In: Silame, E; Lemos K. **Temas Atuais VIII-** BH; Editora Health, 2003.
- BENTO, J. O; Garcia, R., Graça A. **Contextos da Pedagogia do desporto**. Livros Horizonte; 1999.
- BOSCO, Carmelo. KOMI, P.V. Influence of aging on the mechanical behavior of leg extensor muscles. **European Journal of Applied Physiology**. v. 45.p.209-2191980.
- CASTRO, 2007; CASTRO, G. G. e SANTOS, F. C. P. Treinamento mental na aprendizagem do elemento reversão simples por crianças iniciantes na ginástica artística de solo. **Movimentum -Revista Digital de Educação Física – Ipatinga**, v.2, n.2, 11 p. ago/dez. 2007.
- ELLIOTT, B. e MESTER, J. **Treinamento no esporte: aplicando ciência no treinamento**. 1. ed. 474 p.Guarulhos, SP: Phorte Editora, 2000.
- FERNANDES FILHO, J. **A prática da avaliação física**. 2. ed. 266 p.Rio de Janeiro, Shape, 2003.
- GAYA, 2009; PROJETO ESPORTE BRASIL. Disponível em: [HTTP://www.proesp.ufrgs.br](http://www.proesp.ufrgs.br) Acesso em: 03 março 2012.
- GROSSER, M; STARICHKA, S; ZIMMERMANN, E,. **Principios del entrenamiento deportivo**. 1. ed. Barcelona, Ediciones Martínez Roca, S. A., 1988.
- MARKOVIC ET. AL, 2007; MARKOVIC, G; JIKIC, I; MILANOVIC, D; METIKOS, D. Effects of sprint and plyometric training on muscle function and athletic performance. **Journal of Strength and Conditioning Research**, 2007, 21(2), 543-549.
- MARQUES E GONZÁLEZ-BADILLO, 2005; MARQUES, M. A. C.; GONZÁLEZ-BADILLO, J. J. O efeito do treino de força sobre o salto vertical em jogadores de basquetebol de 10-13 anos de idade. **Revista Brasileira Ciência e Movimento** 2005; 13(2): 93-100.

- MENZEL, H. J.; CAMPOS, E. C. Análise do Squat Jump e Countermovement Jump através de testes motores e biomecânicos. In: Org. Garcia, E. S.; Lemos, K. L. M. e
- MORAES, V. A. **Análise do perfil de liderança de treinadores de natação**. 41 p. 2011. Monografia de graduação (Bacharel em Educação Física) – Faculdade de educação física, fisioterapia e terapia ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- NARRA, B. Caracterização dos ginastas portugueses de 7 - 12 anos de idade em Ginástica Artística Masculina. 2005. 53 p. Monografia de graduação (Licenciatura em Educação Física e Desporto) – Faculdade de Educação física e desporto, Universidade Lusófona, Lisboa, 2005.
- NUNOMURA, M. & TSUKAMOTO, M. Análise e ensino da Ginástica Olímpica In: G. Tani, J.O. Bento, & R.D.S Petersen, (Eds). **Pedagogia do Desporto** 1ªed, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, pp.355-371; 2006.
- NUNOMURA, M. CARRARA, P. D. S. e CARBINATTO, M. **Análise dos objetivos dos técnicos na Ginástica Artística**. Motriz, Rio Claro, v.16 n.1 p.95-102, jan./mar. 2010.
- PLATONOV, V. N. **Tratado geral de treinamento desportivo**. 1. ed. São Paulo: Phorte, 2008.
- PUBLIO, N. **Flexibilidade e desenvolvimento técnico na Ginástica Olímpica**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Desporto, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.
- TUBINO, M.J.G ; MOREIRA, Sérgio Bastos . **Metodologia Científica do Treinamento Desportivo**. 13. ed. v. 1. 462 p., Rio de Janeiro: SHAPE, 2003.
- VESCOVI ET. AL, 2008; VESCOVI, D; MICHAEL, M. Relationships between sprinting, agility, and jump ability in female athletes. **Journal of Sports Sciences**, v26(1) p: 97 – 107, 2008.
- WEINECK, J **Treinamento Ideal**. Manole, SP2003.
- WISLOFF ET. AL, 2004; WISLOFF, U. CASTAGNA, C.; HELGERUD, J. et al. Strong correlation of maximal squat strength with sprint performance and vertical jump height in elite soccer players, v38. p191-196, **Journal Sports Medicine** 2004.

Tiago Henrique Barbosa

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.  
Departamento de Esportes- Av. Antonio Carlos 6627, Pampulha- CEP: 31270010. [eefto-dir@ufmg.br](mailto:eefto-dir@ufmg.br)  
[tiagohenrique.barbosa@gmail.com](mailto:tiagohenrique.barbosa@gmail.com)

## POSTERES

### **A GINÁSTICA PARA TODOS (GPT) COMO ESPAÇO DE CONFLUÊNCIA ENTRE OS ESPORTES GINÁSTICOS E AS ARTES DO CORPO**

### **LA GIMNASIA PARA TODOS (GPT) COMO ESPACIO DE CONFLUENCIA ENTRE LOS DEPORTES GIMNÁSTICOS Y LAS ARTES DEL CUERPO**

### **THE GYMNASTIC FOR ALL (GfA) AS A PLACE OF CONFLUENCE BETWEEN GYMNASTICS SPORTS AND THE ARTS OF THE BODY**

**Mercè Mateu Serra**, Profa. Dra.

Instituto Nacional de Educación Física da Catalunya – INEFEC – Centro de Barcelona  
GISEAFE – Grup d'Investigació Social i Educativa en Activitat Física i Esport

**Marco Antonio Coelho Bortoleto**, Prof. Dr.

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

GPG – Grupo de Pesquisa em Ginástica

CIRCUS – Grupo de Estudos e Pesquisa das Artes Circenses

**Rodrigo Mallet Duprat**, Prof. Ms.

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

CIRCUS – Grupo de Estudos e Pesquisa das Artes Circenses

#### **RESUMO**

*A Ginástica para Todos possibilita uma interessante aproximação entre as atividades artístico-expressivas e os esportes ginásticos, convertendo os festivais, e particularmente a World Gymnaestrada, num importante espaço de encontro dos esportes ginásticos com distintas práticas artísticas. Esta relação vê-se sintetizada nas composições coreográficas apresentadas. Deste modo, este estudo teve como objetivo principal discutir, a partir do ponto de vista da Práxiologia Motriz, o modo no qual a GPT vêm incorporando características típicas das práticas artísticas (dança circo, teatro etc.) e dos esportes ginásticos (GA, GR etc.). Como resultado, observamos que muitas das apresentações de GPT incluem interpretações cênicas/personagens/temas/enredos, diversidade de figurino e maquiagem (em relação com os participantes); variedade na cenografia, nos equipamentos e na iluminação (em relação com espaço), bem como um novo arranjo musical que visa integrar todos os elementos numa obra gímnica-artística.*

#### **RESUMEN**

*La Gimnasia para Todos possibilita una interesante aproximación entre las actividades artístico-expresivas y los deportes gimnásticos, convirtiendo los festivales, y particularmente la World Gymnaestrada, en un importante espacio de encuentro entre los deportes gimnásticos y las diversas prácticas artísticas. Esta relación se concreta en las composiciones coreográficas que se presentan. De este modo, este estudio tiene como objetivo principal, discutir, desde el punto de vista de la Praxiología Motriz, la forma en la que la GPT viene incorporando las características típicas de las prácticas artísticas (danza, circo, teatro, etc.) y de los deportes gimnásticos (GA, GR etc.). Como resultado, observamos que muchas de las representaciones de GPT incluyen interpretaciones escénicas/ personajes/ temas/ conflictos, diversidad de vestuario y maquillaje (en relación con los participantes); variedad en la escenografía y en los signos de la iluminación (en relación con el espacio) y en los signos relacionados con la música y los sonidos, intentando integrar todos los elementos en una obra gímnico-artística.*

#### **ABSTRACT**

*The Gymnastic for All provides an interesting approach between artistic-expressive activities and sports gymnastics, and their festivals, in particular the World Gymnaestrada, have become an important place of intersection between the gymnastic sports and different artistic practices. We can see this relationship synthesized in the compositions choreography shown. This study aimed to discuss, from the Motor Praxiology's perspective, the way that the GFA are including some typical characteristics from the artistic practices (dance circus, theater, etc.) and Sport Gymnastics (AG, RG etc.). As a result, we found that many of the GFA's choreographies include scenic interpretations / characters / themes / storyline, different costumes and make-up (compared with the participants); variety in scenery, equipment and lighting (in relation to*

space), and as a new musical arrangement that aims to integrate all the elements in a gymnastic-artistic performance.

## INTRODUCCIÓN

En el ámbito deportivo, la acción motriz, aun participando de una dimensión expresiva, va a potenciar básicamente aspectos adaptativos de la mecánica de las respuestas. Dichas prácticas son normativizadas por las reglas de juego en las cuales se señala que el objetivo es la eficacia motriz. En ellas, la expresividad aparece como anexa a la acción, integrándose en ella según las formas particulares exigidas por esta acción con el fin de hacerla más productiva. En cambio, en las prácticas artísticas, la expresividad aparece como protagonista de la acción y es la eficacia motriz la que complementa esta finalidad expresivo-comunicativa (MATEU, 2010).

Diferentes estudios han analizado las relaciones históricas y prácticas entre las prácticas gimnásticas y las artísticas (BORTOLETO, 2010; BROZAS, 2008). Mateu y De Blas (2000) hicieron una primera aproximación entre la lógica interna (LI) de la Gimnasia Artística, con los aparatos fijos y móviles del circo; de la modalidad de manos libres de la Gimnasia Rítmica, con la danza; y de las técnicas malabares, con las distintas especialidades de la Gimnasia Rítmica, que, entre otras cosas, muestra interesantes relaciones posibles. Es, según Pérez Gallardo y Souza (1998), en la Gimnasia Para Todos (GPT)<sup>1</sup>, que estas interesantes aproximaciones entre la actividad artístico-expresiva y los deportes gimnásticos ocurren.

Por su parte, la GPT tiene en los festivales su espacio de manifestación, y es por ello que debemos recurrir a ellos si queremos estudiar cómo esta actividad está desarrollándose. A lo largo de más de un siglo muchos festivales nacionales y otros tantos internacionales han logrado consolidarse como espacio de encuentro de grupos de GPT. En España se organizan anualmente desde hace más de cincuenta años el Festival Blume en Las Palmas de Gran Canaria (BORTOLETO y MATEU, 2001a; BORTOLETO y MATEU, 2001b), y ya en la esfera internacional destaca la World Gymnaestrada (WG), el mayor festival de GPT organizado por la FIG.

## OBJETIVOS

El objetivo de la presente comunicación se centró en discutir la GPT y la WG, desde el punto de vista de la Praxiología Motriz (PARLEBAS, 2001), como práctica y espacio de confluencia entre los deportes gimnástico-artísticos y las prácticas motrices artístico-expresivas.

## METODOLOGÍA

Se realizó un estudio comparativo entre tres tipos de prácticas motrices a partir del concepto de *lógica interna* desarrollado por la Praxiología Motriz (PARLEBAS, 2001). A partir de éste, se caracterizan por un lado, y de forma sintética, algunos de los deportes gimnásticos artísticos (GAM, GAF, GR, Gimnasia Estética<sup>2</sup>, Aeróbic, Acrosport y Trampolín); por otro, las prácticas motrices artístico-expresivas, y por último, las prácticas de GPT. En cada una de ellas se estudia la interacción entre los participantes, y de los mismos con el espacio, con el tiempo y con los objetos, con el objetivo de establecer similitudes y diferencias.

## FUNDAMENTACIÓN TEÓRICA

La persona que participa en un juego o deporte es un practicante que interpreta sus leyes internas, su *lógica interna* (LI), protagonizando acciones motrices de forma individual o colectiva. Dicha *lógica* emerge del *estatuto práxico* de la actividad, que en ocasiones se localiza a partir del estudio teórico del reglamento, y /o a partir de la observación y del conocimiento de las acciones motrices que emergen de tal praxis (BORTOLETO, 2004).

En las reglas se refleja la LI de una práctica. Son, como decíamos, todas las condiciones necesarias para actuar. En algunas situaciones motrices expresivas las reglas se explicitan, se encuentran escritas, y en cambio, en otras, tienen un carácter implícito. En las situaciones de “espectáculo motor”, de circo, danza, de mimo o teatro gestual, podemos afirmar que las reglas sobre las que se va a edificar la práctica motriz se confeccionan por los propios protagonistas de la creación a *medida* para cada espectáculo.

A grandes rasgos podríamos hablar en un primer momento de los *estatutos práxicos* de ambas prácticas (el de los deportes gimnástico-artísticos y el de las prácticas motrices artísticas).

En relación con la LI de los deportes artísticos, nos ceñiremos fundamentalmente a las aportaciones hechas por Bortoleto (2004) al estudiar la GAM y Sierra (2000) la GR. Para el estudio de las prácticas motrices artísticas nos remitimos a las publicaciones hechas a propósito del circo por Hotier (1984), a propósito de la danza por Pérez et Thomas (1994) y Commandé (2002); y, a propósito de las prácticas de expresión motriz en general por Bortoleto y Mateu (2005), Mateu (2010) y Mateu y Bortoleto (2011). Todas

<sup>1</sup> Actividad denominada hasta 2008 por la Federación Internacional de Gimnasia (FIG) como Gimnasia General.

<sup>2</sup> Por el momento, la Gimnasia Estética de Grupo no es todavía reconocida como modalidad oficial de la FIG.

ellas nos hablan de esta interrelación entre los participantes, con el espacio, con el tiempo y con los objetos que intervienen en las prácticas.

## RESULTADOS

Los resultados se describen a partir de los rasgos generales de la LI de los deportes gimnástico-artísticos, la LI de las prácticas motrices artístico-expresivas y la LI de la GPT, y sobretodo, en los aspectos que permiten el diálogos entre dichas prácticas.

### Rasgos generales de la lógica interna de los deportes gimnásticos

Observamos que su estatuto prático se basa en códigos de puntuación (CP), establecidos con el objetivo de poder comparar un atleta con el otro, creando una lógica de competición en la cual los atletas son orientados a competir para ganar, en ese caso tienen una función estrictamente práctica dirigida a la búsqueda del máximo éxito en la ejecución del movimiento.

Al analizar los deportes gimnásticos vemos que en muchos casos se tratan de prácticas psicomotrices (GA, GR individual, Trampolín Acrobático y Aeróbic individual), en las que no hay interacción esencial entre sus practicantes. No obstante, las modalidades GR de conjuntos, Gimnasia Estética, Acrosport, Aeróbic por parejas y tríos, presentan interacciones entre sus practicantes, por lo que son consideradas prácticas motrices sociomotrices.

En la relación con el espacio, todas las modalidades presentan un espacio estable, sin incertidumbre y observamos sub-espacios de los aparatos (caso de la GA y del Trampolín), o sea que están organizados de forma que cuando en la competición, un atleta se encuentra en un aparato, no influencia a otro gimnasta durante su presentación.

Al analizar la relación con el tiempo, en todas las modalidades hay una participación sucesiva, cada gimnasta o grupo de gimnastas ejecutan su serie con un tiempo determinado y en un orden predeterminado. En cuanto la relación con los objetos, en muchas modalidades los aparatos son fijos (GA y Trampolín), y en otras hay aparatos de manipulación (GR).

De este modo observamos que, aunque los ejercicios obligatorios ya no existan, las presentaciones son muy parecidas, elaboradas en relación con la obtención de la mayor puntuación posible respecto a las reglas que ofrece el CP. Por consiguiente, observamos poca variación y diversidad en las presentaciones.

### Rasgos generales de la lógica interna de las prácticas motrices artístico-expresivas

En las prácticas de expresión escénica, cada proyecto resultante creará sus propias reglas de juego escénico, por lo que podríamos hablar de una lógica interna particular para cada una de los montajes y las producciones resultantes (MATEU, 2010).

Los objetivos motores de las prácticas artísticas se orientan a la expresión y a la comunicación (entre un polo creador -los ejecutantes-, y un polo receptor -los espectadores-) (MATEU y TORRENTS, 2012). Por lo tanto, en los espectáculos se potencia la función práctica, pero especialmente las funciones poética y referencial (MATEU y BORTOLETO, 2011).

En cuanto a la lógica interna de las actividades artísticas, podemos hablar de la existencia de una interacción con los compañeros a nivel simbólico a través de una posible creación de personajes, de una interacción simbólica con el espacio a través de una relación con espacios de ficción, de una interacción simbólica con el tiempo a través del tiempo dramático y de una interacción simbólica con los objetos, que transforman su función inicial.

Asimismo, a nivel de la interacción con los compañeros podemos encontrar espectáculos psicomotrices, junto a espectáculos sociomotrices, desde una pareja hasta un gran número de personas.

La relación con el espacio puede ser estable (espacio conocido y domesticado) o un espacio salvaje (un espectáculo por ejemplo en el mar); se puede utilizar cualquiera de las dimensiones, planos y ejes espaciales; el cuerpo puede relacionarse con aparatos fijos, móviles, fijos-móviles, etc.; la relación con el tiempo, en el caso de darse varios números, es sucesiva y la duración global de los espectáculos puede llegar a ser muy variada; por último, a nivel de los objetos, la interacción puede darse con todo tipo de ellos.

Podríamos decir que se utilizan todo tipo de acciones motrices gimnásticas y acrobáticas al servicio de la poética y referencialidad de cada espectáculo, y por eso, se busca la variedad, y la innovación en cada nuevo montaje.

### Rasgos generales de la lógica interna de la GPT

Del mismo modo que las prácticas artísticas, el análisis de la GPT debe hacerse según cada montaje (composición coreográfica). Las modalidades de ejecución envueltas en ese grupo son todas las formas relacionadas con las acciones motrices gimnásticas y las acciones motrices artísticas, o sea pueden utilizar las modalidades prácticas gimnásticas en diferentes contextos y con una lógica distinta según el estatuto práctico que recoge las normas para poder exhibir-comunicar los montajes. Los objetivos motores de la exhibición

están orientados a exhibir y mostrar, con funciones práxica, poética y referencial, al igual que en las prácticas artísticas.

En relación con los compañeros, las interacciones son esencialmente sociomotrices (BORTOLETO, 2012), presentando grupos numerosos, y muchas veces en las demostraciones hay interacciones simbólicas que envuelven personajes y la representación de una historia. Normalmente los espacios son estables, sin incertidumbre, aunque algunas veces se realizan montajes en entornos exteriores. Algunas de las presentaciones utilizan aparatos fijos, móviles, híbridos y/o fijos-móviles, otras crean un espacio simbólico. Como podemos observar hay una libertad de creación y exploración amplia y variada.

Al analizar la relación con el tiempo, específicamente en la WG, se presentan intervenciones simultáneas en varias salas. La duración de las mismas se extiende a un máximo de 15' y se puede jugar con el tiempo simbólico. Observando la relación con los objetos, notamos una apertura en la utilización de todo tipo de objetos, desde los implementos tradicionales de las actividades gimnásticas, hasta materiales alternativos y reciclados. Muchos de esos objetos contienen un significado simbólico en su utilización, enriqueciendo las composiciones coreográficas de modo singular.

Este análisis nos permite elaborar el cuadro siguiente, de forma que la GPT aparece como un espacio de confluencia, entre los deportes gimnásticos artísticos y las prácticas motrices artístico-expresivas.

	Deportes gimnásticos artísticos	GPT	Prácticas motrices artístico-expresivas
<b>ESTATUTO PRÁXICO</b>	Códigos de puntuación establecidos para poder comparar	Normas generales (algunas flexibles) para poder exhibir-comunicar los montajes	Reglas explícitas (danzas colectivas) Reglas implícitas creadas para cada producción (espectáculos)
<b>OBJETIVOS MOTORES</b>	Orientados a competir para ganar (competición)	Orientados a exhibir, mostrar (exhibición)	Orientados a comunicar (actuación con un polo creador-polo receptor)
<b>FUNCIÓN</b>	Práxica	Práxica, poética y referencial	Práxica, poética y referencial
<b>LÓGICA INTERNA (I)</b>	Deportes gimnásticos artísticos	GPT	Prácticas motrices artísticas
<b>INTERACCIÓN CON COMPAÑEROS</b>	Ausencia de interacciones sociomotrices (todos los aparatos de GA, GR, Cama elástica y Aeróbic individuales) Sociomotrices en GR de conjuntos, Gimnasia Estética, Acroport, Aeróbic por parejas y tríos	Esencialmente sociomotrices con grupos numerosos (a partir de 15 hasta miles de participantes). Énfasis en el colectivo y no en un sujeto. Interacción simbólica: personajes	Psicomotrices y sociomotrices. Interacción simbólica: personajes
<b>RELACIÓN CON EL ESPACIO</b>	Estable, sin incertidumbre Sub-espacios de los aparatos	Estable, sin incertidumbre. Se realizan montajes en entornos estables, y en el exterior Aparatos fijos, móviles, híbridos, fijos-móviles Espacio simbólico	Estable e inestable, con y sin incertidumbre. Suelo, suelo elevado, aéreos, utilización paredes. Aparatos fijos, móviles, híbridos, fijos-móviles Espacio simbólico
<b>RELACIÓN CON EL TIEMPO</b>	Participación Sucesiva	Intervenciones simultáneas en varias salas. Duración que se extiende a un máximo de 15'. Tiempo simbólico	Actuaciones simultáneas y sucesivas Duración variada. Tiempo simbólico
<b>RELACIÓN CON LOS OBJETOS</b>	Aparatos fijos Aparatos de manipulación	Obertura en la utilización de todo tipo de objetos Objetos simbólicos	Obertura en la utilización de todo tipo de objetos Objetos simbólicos

LÓGICA INTERNA (II)	Deportes gimnásticos artísticos	GPT	Prácticas motrices artísticas
<b>MODALIDADES DE EJECUCIÓN</b>	6 aparatos de la GAM 4 aparatos de la GAF Aparatos manipulables de la GR GR de conjuntos Gimnasia Estética de Grupo (manos libres) Aeróbic Acrosport Aparatos de impulsión (trampolines)	Todas las formas relacionadas con las acciones motrices gimnásticas y las acciones motrices artísticas. Búsqueda por la variedad y la creación (creatividad)	Utilización de las acciones motrices acrobáticas en sus diversos modos de ejecución puestos al servicio de una poética y una referencialidad

### ANÁLISIS Y DISCUSIÓN DE LOS DATOS

El primer punto de confluencia entre las prácticas, es el propio adjetivo “artístico” que relaciona ya de entrada ambas prácticas. Aunque la GPT no contemple este adjetivo, se sitúa como un lugar de encuentro entre las lógicas deportiva y artística. Consecuentemente, las WG presentan toda la diversidad que la GPT permite. De las diferentes manifestaciones abordadas, en los deportes gimnásticos hay códigos de puntuación muy rígidos y restrictivos, con la intención de establecer comparación entre los participantes. Por otra parte, en las prácticas motrices artísticas, en algunos casos como en las danzas colectivas, hay reglas de actuación explícitas. En otros casos, como en los espectáculos, hay reglas implícitas creadas para cada producción. Y en las coreografías de GPT hay algunas normas para poder exhibir y comunicar los montajes, al igual que en las prácticas artísticas motrices, hay mucho espacio y libertad para la innovación y la creatividad. Otra semejanza es que ambas prácticas tienen una función praxica, poética y referencial.

Las relaciones con los compañeros en la GPT son mayormente de tipo sociomotriz, aunque reúne todo tipo de interacción, asemejándose en muchos aspectos a las prácticas motrices artísticas. Esas relaciones son mucho más complejas y variadas que las presentadas en los deportes artísticos gimnásticos.

A nivel de la relación con el espacio, la GPT se aproxima a las prácticas motrices artísticas por un lado, por utilizar aparatos fijos y aparatos de manipulación iguales y en ocasiones distintos a los propios de las gimnásticas. Hay una apertura en la utilización de todo tipo de objetos, tradicionales o alternativos, así como en la utilización de objetos simbólicos. Por otro lado, se realizan presentaciones en locales estables, sin incertidumbre, aunque también se pueden realizar montajes en el exterior y se admite todo tipo de relaciones con diferentes aparatos, solamente se distingue de las prácticas motrices artísticas, porque en éstas se pueden establecer relaciones con espacios inestables y con incertidumbre, como el mar o la montaña.

Las modalidades de ejecución son un punto clave para la confluencia, ya que en la GPT pueden utilizarse la mayor parte de las acciones motrices gimnásticas y las acciones motrices artísticas con diferentes niveles de ejecución, desde el más espontáneo hasta el más complejo. Las acotaciones son menores, y no hay comparación, sino exhibición.

Aparte de las exhibiciones, existen las galas generales, en las que curiosamente se incorporan los signos complementarios de los espectáculos: personaje, vestuario, maquillaje (en relación a los participantes gimnastas-artistas) y escenografía (en relación al espacio escénico), a los signos de la iluminación (relacionados con el espacio) y los signos del espacio sonoro (relacionados con la música y los sonidos).

### CONSIDERACIONES FINALES

Para la FIG, la GPT puede contribuir a la salud y el bienestar personal, desde el punto de vista físico, social, intelectual y psicológico. Seguramente su gran contribución consiste en promover la diversidad, demostrar las posibilidades ilimitadas de diferentes ideas, reunir a los gimnastas de los cuatro rincones del mundo contribuyendo a la amistad de las naciones y sobre todo, a la integración entre los deportes gimnásticos y las artes del cuerpo.

Todo ello es posible gracias a la apertura que posee la GPT y que permite incorporar, en ocasiones, elementos derivados de distintas prácticas artísticas (circo, danza, mímica, teatro gestual,...) integrándolos con la gestualidad típica de las modalidades gimnásticas, y construyendo así un nuevo modelo de práctica gimnico-artística. La riqueza motriz y el valor educativo que tiene este tipo de práctica (la GPT) es lo que ha motivado publicaciones como las de Mateu (1992), Peralta (1993), Vernetta; López Bedoya y Panadero (1996), en relación con el Acrosport, pero principalmente, las obras de Brozas y Vicente (1999), Froissart y Lorrain (2007), que desarrollan el contenido de la creatividad y las producciones gimnásticas colectivas, impensables

hace unas décadas y totalmente reflejadas en la GPT (BORTOLETO, 2012) y por consiguiente, en los festivales (como la WG) en donde se presentan tales composiciones coreográficas.

#### REFERENCIAS

- BORTOLETO, M.A.C. (2004). *La lógica interna de la Gimnasia Artística Masculina (GAM) y estudio etnográfico de un Gimnasio de alto rendimiento (CAR)*. Tesis Doctoral, Universidad de Lleida, INEFC Centro de Lleida.
- BORTOLETO, M. A. C. (2010). *A ginástica e as atividades circenses*. In Ana Angélica Freitas Góis, Roberta Gaio e José Carlos Freitas Batista. A GINÁSTICA EM QUESTÃO: Corpo e Movimento. **Editora Phorte**, São Paulo.
- BORTOLETO, M. A. C. (2012). *A lógica pedagógica de la gimnasia: entre la ciencia y el arte*. **Revista Acción Motriz**, n.9, jul.-dez. Las Palmas de Gran Canaria.
- BORTOLETO, M. A. C.; MATEU, M. (2001a). La Gimnasia General en España, en PAOLIELLO, E., AYOUB, E. (org.) (2001). *Anais do I Fórum Internacional de Ginástica Geral*. Campinas: SESC-UNICAMP, 44-51.
- BORTOLETO, M.A.C.; MATEU, M. (2001b): La Gimnasia General en España. Parte II, en PAOLIELLO, E.; AYOUB, E. (Org.). *Anais do II Fórum Internacional de Ginástica Geral*. Campinas: SESC-UNICAMP, 60-67.
- BORTOLETO, M. A. C.; MATEU, M. (2005). *La Gimnasia General en España*. REF, 98, p.11-19.
- BROZAS, M/ P. (2003): Fundamentos de las actividades gimnásticas y acrobáticas. León, Editorial de la Univ. León.
- BROZAS, M. P.; VICENTE, M. (1999). *Actividades acrobáticas grupales y creatividad*. Madrid: Gymnos.
- Comandé, E. (2002). *Passeport pour l'enseignement. Passeport Danse*. Préparer l'oral 3.CAPEPS. Paris: Editions Revue EPS
- COMANDE, E. (2002). *Passeport pour l'enseignement. Passeport Danse*. Préparer l'oral 3.CAPEPS. Paris: Editions Revue EPS.
- FROISSART, T. ; LORRAIN, A. (2007). *Enseigner les activités acrobatiques collectives en milieu scolaire (Collèges et Lycées) et au club. De l'acroport à la production collective de spectacle*. Paris: Editions Actio.
- HOTIER, H. (1984). *Signes du cirque. Approche sémiologique*. Bruxelles: AISS-IASPA, Collection Tréteaux.
- MATEU, M. (1992). 1000 ejercicios y juegos aplicados a las actividades gimnásticas. Barcelona: Paidotribo.
- MATEU, M. (2010). Observación y análisis de la expresión motriz escénica: estudio de la lógica interna de los espectáculos artísticos profesionales - Cirque du Soleil (1986- 2005). Tesis doctoral no publicada, Universidad de Barcelona, INEFC Centro de Barcelona.
- MATEU, M.; BORTOLETO, M. A. C. (2011). La lógica interna y los dominios de acción motriz de las situaciones motrices de expresión (SME) *Emancipação*, Ponta Grossa, n° 11(1): p. 129-142, 2011. Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao>
- MATEU, M.; DE BLAS, X. (2000). El circo y la expresión corporal. *Actas de las VIas. Jornadas provinciales de Educación Física*, Calatayud. Disponible en <http://www.clownplanet.com/circo.htm>
- MATEU, M.; TORRENTS, C. (2012). *Lógica interna de las actividades físicas artístico-expresivas*. Tanden, 39, p. 48-61.
- PARLEBAS, P. (2001). *Juegos, deporte y sociedad. Léxico de praxiología motriz*. Barcelona: Paidotribo.
- PERALTA, H. J. (1993). *Hacia posibilidades infinitas de la enseñanza de la gimnasia*. Bogotá. Arte Publicaciones.
- PEREZ, T.; THOMAS, A. (2000). *Danser les arts*. Nantes: CRDP des Pays de Loire.
- PEREZ GALLARDO, J. S.; SOUZA, E. P. M. de (1998). *Critérios de avaliação de composições coreográficas desenvolvidas em cursos de Ginástica Geral da Faculdade de Educação Física da UNICAMP - BRASIL*. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Sao Paulo, Brasil.
- SCHWIRTZ, K. H. (2006). Histoire de la gymnastique générale. General Gymnastics. 125 ans/years 1881-2006. Fédération Internationales de gymnastique. FIG Edition. Schweiz: Roos SA.
- SIERRA, Elena Palmeiro (2000): Análisis Praxiológico de la Gimnasia Rítmica: las situaciones motrices de conjunto. Tesis doctoral. Universidade da Coruña, A Coruña.
- VERNETTA, M.; LÓPEZ BEDOYA, J.; PANADERO, F. (1996). El acroport en la escuela. Barcelona: INDE.
- Referencias online  
<http://www.fig-gymnastics.com/vsite/vtrial/page/home/0,11065,5187-187975-205197-45048-285446-custom-item,00.html>

Mercè Mateu Serra

INEFC (Instituto Nacional de Educación Física de Cataluña) - Avda. de l'Estadi, s/n - 08038 Barcelona, España.

[mmateusea@gmail.com](mailto:mmateusea@gmail.com)

## A INFLUÊNCIA DA GINÁSTICA ARTÍSTICA NA COORDENAÇÃO MOTORA DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

## LA INFLUENCIA DE LA GIMNASIA ARTISTICA EN LA COORDINACIÓN MOTORA DE NIÑOS CON DISCAPACIDAD INTELECTUAL

## THE INFLUENCE OF ARTISTIC GYMNASTICS IN MOTOR COORDINATION OF CHILDREN WITH INTELLECTUAL DISABILITY

**Zadriane Gasparetto Marques**

Especialista, NUPEF/UCDB

**Rosana Sandri Eleutério Souza**

Mestre, NUPEF/UCDB

**Sarita de Mendonça Bacciotti**

Mestre, NUPEF/UCDB

### **RESUMO**

*A coordenação motora em crianças com deficiência intelectual, reconhecida como um componente importante no desenvolvimento das mesmas vem sendo alvo de diversos estudos, dado o crescimento e a importância sobre o domínio motor para o desenvolvimento do ser humano. O presente estudo teve como objetivo geral analisar o progresso de crianças com deficiência intelectual com relação aos aspectos da coordenação motora global, resultante de uma avaliação e intervenção que se utiliza de uma prática seqüencial de ginástica artística, sendo os objetivos específicos: a) avaliar a capacidade de coordenação total, utilizando como instrumento o teste KTK, b) comparar os resultados de pré e pós-teste, após aplicação de uma intervenção com atividades motoras orientadas, c) analisar os efeitos de uma prática pedagógica de tarefa orientada específica e d) analisar as variáveis que contribuem para as desordens da coordenação. Participaram do estudo sete alunos com deficiência intelectual leve e moderada (na classificação pedagógica) do Centro de Educação Especial Girassol/APAE, de Campo Grande, MS, com idade variando de seis a dez anos, sendo três do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Para tanto, foi realizado o teste de coordenação corporal KTK e um programa de Ginástica Artística. A partir dos resultados de pré e pós-testes, foi realizado teste "t" de Student, para amostras dependentes. Observou-se que todos os sujeitos tiveram progresso na coordenação corporal total, porém algumas características individuais como déficit de atenção, ansiedade, distração e timidez, contribuíram para um desempenho não satisfatório em algumas tarefas. Estes dados podem indicar um referencial de que o Programa de Ginástica Artística exerceu nos sujeitos do estudo progresso na coordenação corporal dos indivíduos com deficiência intelectual, sugerindo, entretanto a necessidade de aprofundamento de estudos em cada uma das variáveis numa amostra mais abrangente desta população, o que se pretende realizar no futuro.*

### **RESUMEN**

*La coordinación motora en los niños con discapacidad intelectual, reconocida como un componente importante en su desarrollo ha sido objeto de varios estudios, dado el crecimiento y la importancia del dominio motor para el desarrollo de los seres humanos. El presente estudio tuvo como objetivo analizar el progreso de los niños con discapacidad intelectual en relación con los aspectos de la coordinación a nivel mundial, resultante de una evaluación e intervención que se utiliza de una práctica secuencial de gimnasia artística, y los objetivos específicos: a) evaluar la capacidad total de la coordinación, utilizando como prueba de KTK, b) comparar los resultados de pre-y pos-prueba después de la aplicación de una intervención específica con las actividades de motor, c) analizar los efectos de una práctica pedagógica en una tarea específica y orientada d) el análisis de las variables que contribuyen a los trastornos de la coordinación. Los participantes fueron siete los alumnos con discapacidad intelectual leve y moderada (clasificación pedagógica) del Centro de Educación Especial de girasol/APAE, Campo Grande, MS, de edades comprendidas entre seis y diez años, tres hembras y cuatro machos. Para ello, se realizó una prueba de coordinación del cuerpo y de un programa de Gimnasia Artística KTK. De los resultados de pre-y pos-prueba se llevó a cabo la "t" de Student para muestras dependientes. Se observó que todos los sujetos tenían la coordinación total del cuerpo en marcha, pero algunas de las características individuales, tales como, la ansiedad por déficit de atención, la distracción y la timidez, han contribuido a un desempeño insatisfactorio en algunas tareas. Estos datos pueden indicar una referencia del Programa de Gimnasia Artística ejercerá sin perjuicio del progreso del estudio en la coordinación del cuerpo de las personas con discapacidad intelectual, lo que sugiere, sin embargo la necesidad de realizar más estudios en cada una de las variables en una muestra de esta población en general, a alcanzar en el futuro.*

### **ABSTRACT**

*Motor Coordination in children with intellectual disability, recognized with an important component in their development has been come target of sundries studies, given the growth and the importance about the motor domain for the human development. The present study had with general analyze objective the progress of children with intellectual disabilities in relation to aspects of global motor coordination, resulting from an assessment and intervention that uses a sequential artistic gymnastics practice, being the specific objectives: a) to assess the capacity of full coordination, using as the test KTK, b) compare the results of pre-and post-test after application of an intervention with oriented motor activities, c) analyze the effects of a pedagogic practice in a specific task oriented and d) analyze the variables that contribute to the coordination disorder. The studies participants were seven students with mild and moderate intellectual disabilities (pedagogic classification) of the Center for Special Education Sunflower/APAE, Campo Grande, MS, ranging in age from six to ten years, three female and four male. For this purpose, was performed the test body coordination KTK and an Artistic Gymnastics program. From the results of pre-and post-tests was carried out "t" Student test for dependent samples. It was observed that all subjects had total body coordination in progress, but some individual characteristics such as attention deficit, anxiety, distraction and shyness, contributed to an unsatisfactory performance on some tasks. These data may indicate a reference whereof Program in Artistic Gymnastics exercised subject of the study progress in body coordinating of individuals with intellectual disabilities, suggesting, however the need for further studies in each of the variables in a sample more comprehensive of this population, to be achieved in the future.*

### **INTRODUÇÃO**

Ginástica Artística (GA) é uma modalidade olímpica caracterizada pela prática sistemática de exercícios físicos em aparelhos grandes e fixos e no solo. Os movimentos dos ginastas são elegantes e demonstram força, agilidade, flexibilidade, coordenação, equilíbrio e controle do corpo.

Considerada como esporte básico para crianças, a GA envolve uma rica variedade de movimentos que desenvolve a agilidade, a flexibilidade, a percepção - espacial, o equilíbrio e principalmente a coordenação motora pois as atividades coordenativas da modalidade favorecem o desenvolvimento integral do praticante. Com a realização de um trabalho pedagógico em um ambiente prazeroso, educativo e social, contribui para o desenvolvimento e formação da criança e jovens em geral, incluindo aqueles com deficiências, entre elas a intelectual.

Teixeira (2005) afirma que uma das bases necessárias para realizar os gestos e acrobacias da ginástica artística é a coordenação motora. Tendo como base esta afirmação esta pesquisa se insere, porém com o diferencial de tentar responder a seguinte questão: “Qual a influência da Ginástica artística na coordenação motora de crianças com deficiência intelectual?”.

Considerando que a criança com deficiência intelectual atravessa o mesmo processo de desenvolvimento motor, porém com atraso na passagem das fases e às vezes não chegando ao ápice de determinada fase, este estudo considera a necessidade de estímulos especiais ao desenvolvimento motor e funcional das pessoas com deficiência intelectual, por meio de uma atividade física orientada, neste caso a Ginástica Artística, para a melhoria da condição física, o que é importante no que diz respeito aos benefícios das funções fisiológicas, neuro-motoras e somáticas voltadas à saúde destes indivíduos.

### **OBJETIVOS**

O presente estudo teve como objetivo geral analisar o progresso de crianças com deficiência intelectual com relação aos aspectos da coordenação motora global, resultante de uma avaliação e intervenção que se utiliza de uma prática seqüencial de ginástica artística, sendo os objetivos específicos: a) avaliar a capacidade de coordenação total, utilizando como instrumento o teste KTK, b) comparar os resultados de pré e pós-teste, após aplicação de uma intervenção com atividades motoras orientadas, c) analisar os efeitos de uma prática pedagógica de tarefa orientada específica e d) analisar as variáveis que contribuem para as desordens da coordenação.

### **METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo da qual participaram sete alunos com deficiência intelectual, com idade variando de seis a dez anos, sendo três do sexo feminino e quatro do sexo masculino, do CEDEG/APAE de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Como instrumento de avaliação, utilizou-se o teste de coordenação motora KTK de KIPHARD E SCHILING (1974 apud GORLA, 1997). O teste KTK é composto por quatro testes e visa avaliar a coordenação motora de pessoas com deficiência intelectual. De acordo com Gorla (1997) a confiabilidade do teste individual fica entre 0,65 – 0,85. Para o teste inteiro a confiabilidade é de 0,90, um fato que sugere a usar a escala total do teste.

O estudo foi dividido em duas fases. Na primeira, após serem demonstrados e explicados os exercícios que compõem o teste, é que se iniciou a realização da coleta de dados do pré-teste.

No período entre o pré e o pós-teste, foi desenvolvido um programa de atividades sistematizadas e específicas da Ginástica Artística com o grupo. Essas atividades práticas desenvolvidas, visando diretamente às habilidades motoras, foram aplicadas duas vezes por semana, com duração de cinquenta minutos cada sessão com o grupo todo, e teve duração de três meses, com o objetivo de promover e desenvolver a coordenação motora geral. A Segunda fase do trabalho consistiu em coletar os dados para o pós-teste. Para tratamento estatístico, foi realizada a estatística inferencial em nível de percentual e a aplicação do teste T de *Student*, para a verificação do grau de significância dos resultados.

Antes de iniciar o trabalho foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos pais/responsáveis, para a autorização da realização da pesquisa com seus respectivos filhos e/ou filhas. Como retorno à instituição os resultados foram apresentados à direção e corpo docente do CEDEG/APAE, e aos pais das crianças avaliadas.

As aulas foram planejadas de maneira a começarem e terminarem da mesma forma para que os alunos tivessem uma rotina, dado que, com crianças que apresentam deficiência intelectual deve-se ter o cuidado de estar sempre repetindo as tarefas para melhor compreensão e adaptação. Foram compostas de três partes, sendo elas: 1)Aquecimento: pega-pega; corrida-caranguejo; borboletinha; abertura frontal e lateral; Joãozinho e Maria (articulação do ombro); ponta de pé; canoinhas; parada de mãos; ponte. 2)Parte principal: cada dia um aparelho diferente. Foram realizadas aulas no solo, trave, salto sobre cavalo e mini-trampolim. 3)Final: abertura frontal e lateral; Joãozinho e Maria (articulação ombro); ponta de pé; canoinhas.

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A GA tem sido utilizada na iniciação esportiva com objetivo de aumento de repertório motor, desenvolvimento de conhecimento e domínio corporal, melhora de capacidades físicas básicas e de habilidades motoras fundamentais (PICCOLO, 2004). Cada aparelho oferece possibilidades diferentes de desenvolver as habilidades diversas. No solo desenvolve a liberdade de expressar-se, força, equilíbrio (estático e dinâmico), agilidade; na trave: segurança, graciosidade, equilíbrio, audácia, concentração; barra e argolas: suspensão, força nas mãos, superação do medo de altura, girar em torno de um eixo; salto: atenção, noção espacial, coragem.

A GA engloba o domínio do corpo em situações inabituais, em diferentes alturas, velocidades, deslocamentos, posicionamentos e empunhaduras, que proporcionam diversificadas experiências motoras. Proporciona experiências motoras, cognitivas e sócio-afetivas por meio da utilização de materiais e em situações diversificadas, possibilitando o enriquecimento da consciência corporal e promovendo um conhecimento de ações vivenciadas individualmente e em grupo (CARRASCO, 1982). WINNICK, 2004; NUNOMURA, 2005).

Esta atividade é vista em dimensões múltiplas e com impactos sobre a conduta motora do indivíduo, implicando sempre nos planos afetivo, motor e cognitivo como: mostrar, ajudar, avaliar, organizar, criar e agir. Dessa forma, independentemente da faixa etária, sexo e nível de habilidade, a GA proporciona uma incrível satisfação como opção de atividade física, dando embasamento até para a prática de outras modalidades (LEGUET, 1987).

Todas as crianças têm necessidade de desenvolver as habilidades físicas básicas e estas devem ser exploradas. A ginástica põe a criança em relação com seu próprio corpo, permite que ela descubra diversos movimentos (NUNOMURA, 2005). A GA permite a criança explorar e conhecer seu corpo, em consequência o ambiente ao seu redor.

A prática de atividade física e/ou esportiva por pessoas com algum tipo de deficiência, pode proporcionar dentre todos os benefícios da prática regular de atividade física que são mundialmente conhecidos, a oportunidade de testar seus limites e potencialidades, prevenir as enfermidades secundárias à sua deficiência e promover a integração social do indivíduo.

Quanto ao aspecto físico, pode-se ressaltar ganhos de agilidade, de equilíbrio dinâmico ou estático, de força muscular, coordenação motora, dissociação de cinturas, de resistência. Na esfera psíquica, podemos observar ganhos variados, como a melhora da auto-estima, integração social, redução da agressividade, dentre outros benefícios. (LIANZA, 1985, ROSADAS, 1989, ALENCAR, 1986; SOUZA, 1994).

A deficiência mental é considerada condição deficitária, que segundo Carvalho e Maciel (2003) envolve um conjunto de fatores entre eles as habilidades intelectuais, comportamento adaptativo (conceitual, prático e social) participação comunitária, interações e papéis sociais, condições etiológicas e de saúde, aspectos contextuais, ambientais, culturais e as oportunidades de vida do sujeito. A definição de Deficiência intelectual adotada pela Associação Americana de Deficiência intelectual (AAMR) é: “Deficiência caracterizada por limitações significativas no funcionamento adaptativo, como expresso nas atividades práticas, sociais, e conceituais, originando-se antes dos dezoito anos de idade”. (LUCKASSON *et al*, 2002, p.8).

Segundo critérios das classificações internacionais, o início da Deficiência intelectual deve ocorrer antes dos 18 anos, caracterizando assim um transtorno do desenvolvimento e não uma alteração cognitiva (ALMEIDA, 2004).

Para GORLA (1997) uma pessoa com deficiência intelectual tem uma diminuição de adaptabilidade provocada por uma perda de caráter permanente, de certa(s) capacidade(s), apresentando diferentes características quanto ao desenvolvimento do seu esquema corporal, da organização espacial, do equilíbrio, da agilidade e da força, entre outras, que se desenvolvem com particularidades e seqüências distintas do desenvolvimento considerado “normal”, em outros simplesmente atrasados, isto é, quando se verifica uma evolução em tudo semelhante ao desenvolvimento normal, mas defasada em relação à idade cronológica.

Segundo Winnick (2004), a maioria das crianças com deficiência intelectual tem evidentes atrasos no desenvolvimento motor, porém estes atrasos estão mais relacionados a fatores cognitivos de atenção e compreensão do que déficits psicológicos ou motores.

Parte do comportamento observado, em pessoas com deficiência intelectual nos testes de habilidades físicas, auxilia os profissionais a detectar características de deficiências, homogeneizar um grupo, graduar o aluno excepcional, motivar, propor situações novas e alternar programas. Entretanto, a avaliação deve ser constante e global, na qual cada profissional faz o diagnóstico relativo à sua área (ROSADAS, 1986). O mesmo autor observa, ainda, que as características que são relevantes para o desempenho físico e sobre as quais o indivíduo tem pouco ou nenhum controle inclui: sexo, idade, somatotipo, estatura.

Damasceno (1992) comenta os testes de habilidades físicas como um dos elementos importantes de avaliação para uma melhora da condição neuro-psico-social de pessoas com deficiência intelectual, que gera possibilidades e alternativas aos profissionais de educação física quanto à necessidade de elaborar programas de condicionamento físico, levando em consideração desde exercícios básicos como coordenação motora viso-manual até exercícios de maior complexidade, como no desporto coletivo ou individual. Rosadas (1986) considera que sem um programa de atividades físicas cientificamente elaborado a criança, deficiente ou não, estará sujeita aos principais problemas da civilização moderna, em que acarretará insuficiência de movimentos, lentidão de reações, sistemas cárdio-respiratório com pouco movimento e consequentes distúrbios neurológicos.

Watson (1986) comenta que o desempenho físico resulta de um conjunto de todas as características físicas e mentais do indivíduo. Para que haja um resultado efetivo, devemos conhecer quais os fatores que influenciam o processo de crescimento, maturação e aprendizagem.

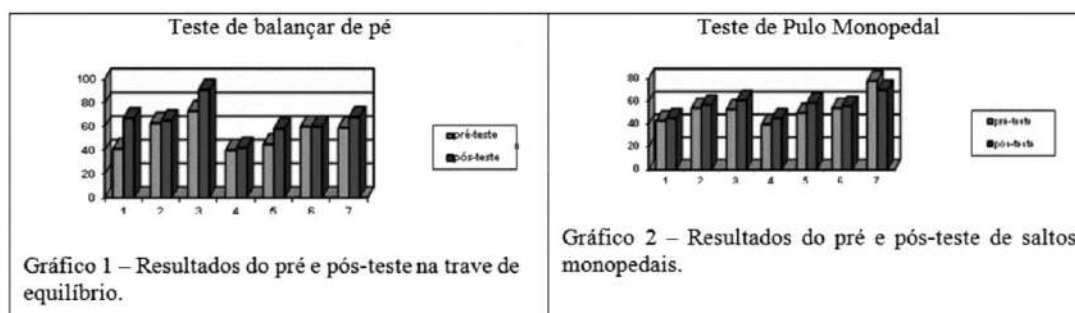
O desenvolvimento motor das crianças passa por vários estágios, e algumas etapas evoluem mais rapidamente que outras. Le Boulch (1983) comenta que é necessário propiciar à criança a oportunidade de se desenvolver da melhor forma possível, num ambiente próprio, através de atividades que auxiliem a organização do seu comportamento sensório-motor e sua formação social.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos através da aplicação do pré e pós-testes foram organizados em gráficos, registrando-se o escore individual obtido pelos sujeitos da amostra.

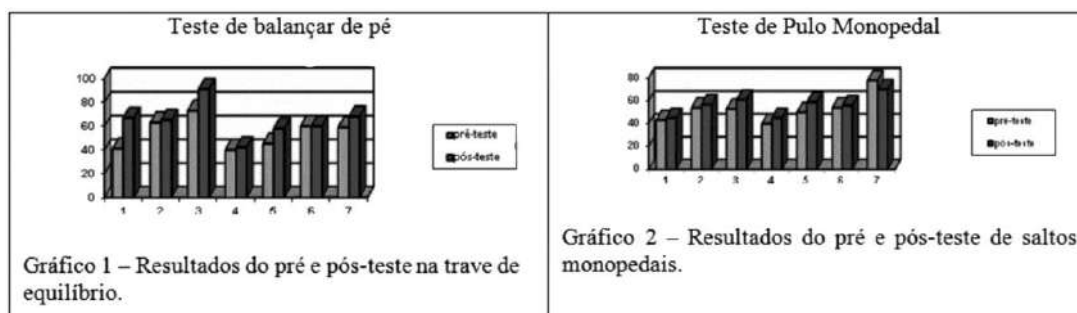
Durante o teste de “caminhar à retaguarda” (caminhar para trás nas traves), houve uma maior segurança na realização após o desenvolvimento do programa estabelecido.

Podemos constatar, observando o gráfico 1, que na maioria dos sujeitos não houve diferença estatisticamente significativa, apesar da melhora nos resultados na maioria dos sujeitos.



No gráfico 2, podemos afirmar que houve um progresso no desenvolvimento dos saltos monopedais.

O gráfico 3 mostra a evolução da maioria dos sujeitos após a aplicação do programa de Ginástica Artística, com relação aos saltos laterais. GESELL (1987) afirma que, na faixa etária de seis a dez anos, as crianças gostam muito de correr, pular, subir e descer estando sempre em atividade. Esses dados são importantes pois nessa faixa etária a criança já tem uma predisposição para estímulos da coordenação motora global.



No teste de transferência lateral, ocorreu uma diferença considerada estatisticamente significativa, ficando a coordenação motora, de forma geral, aperfeiçoada.

HOLLE (1979) afirma que a atenção concentrada em alguma coisa por um tempo considerável exige maturidade, a qual nas crianças com deficiência intelectual, bem como em todas as crianças que se encontram na mesma faixa etária da amostra, ainda está sendo adquirida.

De um modo geral, podemos observar que os sujeitos apresentaram um nível de desenvolvimento satisfatório em sua coordenação motora, podendo levar-nos a dizer que o fato da estimulação de crianças com deficiência intelectual, com atividades de Ginástica Artística programadas pode resultar em uma melhoria significativa no desenvolvimento de uma forma geral.

Ocorreu uma melhora estatisticamente significativa, em nível de  $p < 0,01$  nas tarefas de salto monopedal e transferência sobre plataformas e  $p < 0,05$ , em todas as tarefas constantes do teste: equilíbrio na trave, salto monopedal, salto lateral e transferência de plataformas. Estes dados podem indicar um referencial de que o programa de Ginástica Artística exerceu nos sujeitos do estudo um progresso na coordenação corporal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, verificamos que a ação da Ginástica Artística é ampla, possuindo características educacionais e sociais. Através dos movimentos, a criança conhece seu corpo e busca desenvolver ao máximo sua capacidade cognitiva, afetiva e motora, explorando e vivenciando suas possibilidades, pois é na Ginástica Artística, que é considerada como um dos esportes básicos para crianças por diversos autores como Carrasco (1982), Gessel (1987), Leguet (1987), Nunomura (2005), que se pode envolver uma rica variedade de movimentos.

A Ginástica Artística adquire um papel importante na medida em que pode estruturar um ambiente facilitador e adequado para o indivíduo, oferecendo experiências que irão resultar num grande auxiliar de seu desenvolvimento motor, social, afetivo e cognitivo, já que o trabalho realizado na maioria das vezes é em grupo, estimulando os alunos a alcançarem sucesso nas tarefas a eles designadas, tendo até mesmo uma forma de desafio a ser cumprido principalmente quando tratamos de crianças com deficiência intelectual.

A observação inicial das crianças com deficiência intelectual mostrou que elas apresentavam dificuldades no desenvolvimento motor, já que experiências do cotidiano não proporcionavam o estímulo necessário para o bom desempenho motor dessas crianças, por elas terem atraso na aprendizagem causado pela deficiência. Estudamos, então, uma proposta que estimulasse essa área do desenvolvimento (coordenação, equilíbrio dinâmico e domínio corporal), particularizando a criança de seis a dez anos.

Após a pesquisa, pôde-se perceber melhora na realização de tarefas que exigiam uma maior coordenação motora, bem como uma socialização entre as crianças, e ainda muito importante para o seu desenvolvimento, estímulo de aprendizagem de novas experiências, pois, através das atividades realizadas com sucesso a auto-estima tinha significante melhora fazendo com que o aluno procurasse realizar tarefas com maior dificuldade procurando superar seus limites.

Segundo Winnick (2004), a Ginástica Artística pode ser trabalhada como ginástica educacional, adotando uma abordagem criativa, voltada à solução de problemas, para o ensino de conceitos básicos de movimentos.

Dessa maneira pode-se concluir que o trabalho da Ginástica Artística, de atividades direcionadas ao desenvolvimento motor mais especificamente, mostra-se importante, pois pode proporcionar resultados satisfatórios tanto no aspecto motor como psicossocial de seus participantes.

#### REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A. - **Apresentação e Análise das Definições de Deficiência intelectual Propostas pela AAMR**- Associação Americana de Retardo Mental. Revista de Educação Física PUC, Campinas, n 16, pág. 33-48, junho 2004.
- ALENCAR, B. Paraolimpíada - **O Brasil no pódio**. Rio de Janeiro: Comitê Paraolímpico Brasileiro. Rio de Janeiro, (1986).
- CARRASCO, R. **Tentativa de sistematização da aprendizagem – Ginástica Artística**. São Paulo: Editora Manole, 1982.
- CARVALHO E. N. S; MACIEL, D. M. A. **Nova Concepção de deficiência mental segundo a American Association on Mental Retardation – AAMR : sistema 2002**. Temas em Psicologia da SBP – 2003, Vol. 11, no 2, 147 - 156.
- DAMASCENO, L.G. **Natação, psicomotricidade e desenvolvimento**. Brasília (DF), Secretaria dos Desportos da Presidência da República, 1992.
- GESSEL, A. **A criança dos 5 aos 10 anos**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- GORLA, J.I. **Educação Física Especial: testes**. Rolândia: Editora Physical-Fisio, 1997.
- HOLLE, Brita. **Desenvolvimento motor na criança normal e retardada**. São Paulo: Manole, 1979.
- LE BOUCH, J. **Psicomotricidade**. Uberlândia: Universidade Federal Uberlândia, 1983.
- LEGUET, J. **As Ações Motoras em Ginástica Esportiva**. São Paulo: Editora Manole, 1987.
- LUCKASSON, R., BORTHWIICK,-DUFFY,S. BUNTINX, W. H. H. Coulter, D. L. Craig, E. M. Reeve, A. e Snell, M.E (2002). **Mental Retardation – definition, classification and systems of support**. Whashington, D.C. American Association on Mental Retardation.
- NUNOMURA, M.; NISTA-PICCOLA, V.L. **Compreendendo a Ginástica Artística**. São Paulo: Phorte Editora, 2005.
- ROSADAS, S C. **Educação física especial para deficientes**. Rio de Janeiro- São Paulo, Livraria Atheneu, 1986.
- SCHIAVON, L. M. **A Ginástica Artística como conteúdo da Educação Física Infantil**. Monografia de Graduação. Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas. 1996.
- WATSON, A. W. S. **Aptidão física e desempenho atlético**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- WINNICK, J. P. **Educação Física e Esportes Adaptados**. Apud Lopes, F. A. Barueri, SP: Editora Manole, 2004.

Rosana Sandri Eleutério de Souza  
Rua: Dos Dentistas, 425, Bairro Tiradentes, Campo Grande-MS.  
[rosanasandri@hotmail.com](mailto:rosanasandri@hotmail.com)

## A INICIAÇÃO A PRÁTICA DE GINÁSTICA ARTÍSTICA: AS EXPECTATIVAS DOS PAIS

### LA INICIACIÓN Y LA PRÁCTICA DE LA GIMNASIA ARTÍSTICA: LAS EXPECTATIVAS DE LOS PADRES

#### INITIATION OF GYMNASTICS ARTISTIC: THE EXPECTATIONS OF PARENTS

Nicole Terres Schmitt<sup>1</sup>, Paulo Ricardo Barros Borges<sup>2</sup>, Vivian Alt<sup>2</sup>, Rogério da Cunha Voser<sup>1</sup>.

<sup>1</sup>Mestres – <sup>2</sup>Especialistas – Colégio Gonzaga, Faculdade Sogipa de Educação Física

#### RESUMO

*Esta pesquisa de campo, transversal, qualitativa e descritiva teve como principal objetivo identificar quais são as expectativas dos pais em relação a seus filhos na prática da Ginástica Artística (GA) e diagnosticar qual a influência que eles exercem sobre os filhos na iniciação esportiva, em uma equipe de iniciação em Ginástica Artística (GA). A pesquisa foi realizada durante o segundo semestre de 2011 através de uma entrevista semi-estruturada com 4 tópicos de assuntos para serem desenvolvidos pelos entrevistados. Como resultados notou-se que as expectativas dos pais estão mais no campo do desenvolvimento total de suas filhas, tanto física como psicologicamente, do que esperar que elas se tornem atletas de alto nível. Verificou-se também que é importante que os pais tenham o conhecimento de que eles têm grande responsabilidade sobre a escolha da modalidade e principalmente nas atitudes que suas filhas terão durante a sua vida esportiva já que pelos seus depoimentos, nas entrevistas, mostram que exercem influência sobre as expectativas delas*

#### RESUMEN

*Esta investigación de campo, transversal, descriptivo y cualitativo tuvo como objetivo identificar cuáles son las expectativas de los padres hacia sus hijos en la práctica de la Gimnasia Artística (GA) y diagnosticar cuál es la influencia que tienen sobre sus hijos en la iniciación deportiva en una iniciación en el equipo de Gimnasia Artística (GA). La encuesta se realizó durante el segundo semestre de 2011 a través de entrevistas semi-estructuradas con cuatro hilos de los temas a ser desarrollados por los entrevistados. Como resultado se observó que las expectativas de los padres están más en el campo del desarrollo integral de sus hijos, tanto física como psicológicamente, que esperan que se conviertan en atletas de élite. Se encontró también que es importante que los padres tienen el conocimiento que ellos tienen una gran responsabilidad en la elección del modo y en especial las actitudes que sus hijas tienen durante sus actividades deportivas como por sus declaraciones, las entrevistas muestran que la influencia de acerca de sus expectativas.*

#### ABSTRACT

*This field research, cross-sectional descriptive qualitative and aimed to identify what are the expectations of parents toward their children in the practice of Artistic Gymnastics (GA) and diagnose what influence they have on their children in sports initiation in a team initiation in Artistic Gymnastics (GA). The research was conducted during the second half of 2011 through semi-structured interviews with four threads of subjects to be developed by the interviewees. As a result it was noted that parents' expectations are more in the field of the total development of their children, both physically and psychologically, than expect them to become elite athletes. It was also found that it is important that parents have the knowledge that they have a great responsibility on the choice of mode and especially the attitudes that their daughters will have during their sports activities as for his statements, the interviews show that influence about their expectations*

#### INTRODUÇÃO

O Brasil tem a Ginástica Artística (GA) como esporte em ascensão com grande número de adeptos, principalmente crianças, e já alcançou muitos títulos importantes, tanto de maneira individual como por equipes, inclusive títulos mundiais e boas colocações em Jogos Olímpicos.

Vários fatores influenciam na adesão à prática da ginástica artística. Na visão das crianças e iniciantes a obtenção de reconhecimento ou de um alto nível de rendimento através da GA, podem ser alcançados com relativa facilidade.

Outro fator é a mídia de uma maneira geral, que começa a oferecer maior espaço na cobertura de eventos e na divulgação da GA fomentando assim o interesse geral. Isso faz com que aconteça um ciclo, quanto melhores resultados, mais espaço na mídia que por sua vez faz com que haja mais adeptos para que o esporte se desenvolva fechando assim este ciclo.

A iniciação ao esporte esta cada vez mais presente na vida das crianças e das suas respectivas famílias, seja por questões de saúde, educacionais ou até mesmo de se tornar um atleta de rendimento.

A família e principalmente os pais são, em nosso ponto de vista, o fator mais importante e decisivo para a adesão da criança em programas de treinamento esportivo, sendo pelo incentivo ou pela consciência da necessidade da prática esportiva ou ainda outros fatores que serão discutidos e abordados em nosso trabalho.

A pesquisa proposta, objetiva identificar quais são as expectativas dos pais em relação a seus filhos na prática da GA e diagnosticar qual a influência que os pais exercem sobre os filhos na iniciação esportiva.

Acredita-se que sabendo o quanto a influência paterna age no comportamento de seus filhos, pode-se ter uma melhor noção de como proceder com as crianças nas mais diversas situações esportivas, tanto didáticas como competitivas visando o desenvolvimento positivo da criança em primeiro lugar.

## REVISÃO DE LITERATURA

Em tempos passados, todo dia era dia de se encontrar com os amigos, brincar, ser livre, inventar, mas com o crescimento urbano e a necessidade da busca incessante do saber, estes espaços onde nascia o jogo de improviso e criatividade, foram desaparecendo. Vieram as empresas, os edifícios, casas trocadas por apartamentos, o brincar deu espaço ao inglês e informática. Assim surgem as escolinhas esportivas. Sem espaço e sem liberdade na rua, este tipo de atividade cria vida e se introduz com velocidade na sociedade.

Assim, ocorre uma mudança de comportamento e expectativa, pois o que era brinquedo se tornou um investimento. Só um detalhe foi esquecido: não avisaram as crianças, e elas por sua vez, queriam brincar, mas quando o faziam ouviam gritos, reclamações e gente dizendo como deveriam agir sem entender o que estava acontecendo.

Através de estudos, verificou-se a necessidade de direcionar o trabalho das escolinhas para uma iniciação preocupada com o desenvolvimento tanto intelectual como físico, pois estava comprovado que a metodologia de trabalho utilizada interferia diretamente na formação da personalidade da criança causando conseqüências negativas e positivas que a acompanhariam para sempre.

De acordo com Samaranch (1966 apud BUSTO, 2008) a ginástica escolar é à base de toda prática desportiva.

Na ginástica, o corpo encontra-se, geralmente, em posições incomuns, permitindo que a criança o descubra nos diversos segmentos, bem como sentir e realizar melhor os vários movimentos (HOSTAL, 1982).

Não importa o que a criança venha a ser quando adulta, ela tem que adquirir recursos para viver com dignidade. Isso supõe oportunidades para desenvolver a inteligência prática, a inteligência conceitual, as relações com os outros, os sentimentos, a motricidade.

Ainda em Hostal (1982), a ginástica nos ensina a enfrentar progressivamente, a partir de situações seguras, situações mais perigosas, a lutar para vencer sozinho a dificuldade do problema proposto, a superar e a sentir o prazer de sair-se vitorioso.

É possível verificar que os autores concordam que a iniciação esportiva e o brincar devem andar lado a lado, os conteúdos do processo ensino-aprendizagem deverão conter atividades com movimentos naturais, através principalmente do lúdico, de forma que assim ocorrerá a aproximação dos interesses e necessidades do jovem iniciante. Voser & Giusti, em *O futsal e a escola* (2002), coloca que o importante é ver a alegria da criança brincando, estimulando a sua fantasia e ao mesmo tempo enriquecendo suas vivências. É importante para a criança conhecer o esporte, aprender seus fundamentos brincando, vivenciando novas experiências motoras.

A liberdade também deve estar relacionada com a iniciação, a fim de que possam ser desenvolvidos a criatividade, o improviso e o prazer de realizar as atividades propostas.

Claessens e colaboradores (2002) destacam que as ginastas iniciam muito jovens na modalidade e precisam treinar muitas horas por semana para alcançar o alto nível, citando as ginastas holandesas que iniciavam os treinos por volta dos 7.5 anos de idade, e mostram também outras pesquisas que mencionam que as ginastas iniciam por volta de 5/6 anos de idade e treinam mais de 20-30 horas por semana.

Todas estas afirmações induzem que a iniciação esportiva na GA aconteça muito cedo, treinando crianças a serem pequenos atletas, muitas vezes esquecendo-se do mais importante que é o interesse da própria criança, de seu desenvolvimento motor, de seu futuro como cidadão, esquecendo que nem todos poderão ser atletas de alto nível e que a criação de expectativas pode ser causador de grande frustração.

Existem inúmeros fatores que influenciam e estimulam a prática da GA. Abordaremos alguns destes fatores de acordo com a importância, forma e intensidade de atuação de cada um deles.

Segundo Weinberg e Gould (2001), a motivação para a prática esportiva depende da interação de fatores pessoais (necessidades, interesses, metas, personalidade) e situacionais (estilo de liderança do técnico, facilidades, tarefas atrativas, desafios, influências sociais).

A ginástica artística parece estar atraindo o interesse da mídia no Brasil em virtude das conquistas internacionais de nossos ginastas (NORMILE, 2007, apud NUNOMURA et al 2009). A mídia é considerada uma grande incentivadora de crianças e jovens a participarem de Programas de Iniciação a GA. Desde a maior inserção do esporte pelos meios de comunicação devido ao crescimento da GA no Brasil.

Embora pouco em comparação a outros esportes, em qualquer dia da semana, há mais espaço para GA nos noticiários e programas esportivos de TV, do que alguns anos atrás. Tudo isto leva a um maior interesse e compreensão do esporte pelas crianças e jovens, fazendo com que a procura por esta prática seja cada vez maior e mais exigente em relação ao trabalho dos profissionais da área.

Os pais também exercem papel fundamental no interesse das crianças em praticar esportes, às vezes por almejam um objetivo sócio-econômico, outras vezes por uma realização pessoal transferida para os filhos e em outras vezes até por verem nos filhos futuros atletas de alto nível.

A família que, provavelmente, representa a primeira fonte de motivação para a iniciação esportiva, quando ocorre o primeiro contato com o esporte. Lopes e Nunomura (2007) citando Uva (2005) considera normal que os pais intervenham na prática esportiva dos filhos, pois são eles que desempenham funções diretamente relacionadas à atividade escolhida, tais como transporte para treinos e competições, pagamento das mensalidades, aquisição de materiais esportivos, entre outros.

Em muitos casos, os pais contribuem de forma significativa para o sucesso dos programas esportivos das crianças. Contudo também é verdade que alguns pais provocam um impacto negativo nos próprios filhos.

A este respeito, Bull e Smoll (1989), apud Robert e Treasure (1995), explicam que muitas vezes os pais se identificam demais com os filhos, esquecendo as necessidades dos mesmos, valorizando a si próprios em função dos resultados. Tal atitude acaba exercendo uma grande pressão, provocando um desgaste emocional que prejudica o próprio filho.

Muitas vezes os pais desconhecem os processos de aprendizagem e pedagógicos, relutam em aceitar a evolução individual de cada criança e sua maturação, comparando seus filhos com outros colegas e exigindo que a criança e o professor ultrapassem etapas prematuramente. Segundo Barbanti (2003), maturação é o avanço qualitativo na constituição biológica dos sistemas, órgãos e células na composição bioquímica. Malina e Bouchard (2002) referem-se à maturação como o tempo e a velocidade com que determinadas mudanças ocorrem no organismo, e ao “timing”, momento em que tais alterações ocorrem em direção a um estado biológico maduro. No entanto, tais eventos são individualizados e ocorrem em momentos diferentes para meninos e meninas.

Voser em seu livro sobre iniciação ao futsal (1996) descreve que a pressão que os pais exercem sobre seus filhos ao tentarem satisfazer seus próprios desejos de infância ou de projetar em seu filho um futuro promissor dentro do esporte, resultará em enormes prejuízos à criança.

Quando isto acontece os pais começam a valorizarem-se a si próprios em função dos resultados que o filho consegue alcançar, conseqüentemente transformando-se em vencedores ou perdedores através dos filhos.

Carravetta em (2001) relata que assim como há pais que contribuem para o desenvolvimento de seus filhos, tem aqueles que fazem pressão na busca de rendimento, fomentam a Especialização Precoce e utilizam-se de todos os meios para converter seus filhos apressadamente em super estrelas.

Outro importante ponto a ser considerado e trazido como um dos maiores problemas que normalmente se apontam é o mau comportamento dos pais durante as competições. Como parte integrante das suas responsabilidades, os pais devem acompanhar os filhos nas competições que eles participam; no entanto, esses comportamentos deixam a desejar na maioria das vezes.

Neste sentido, Smith e Smoll (1998) atribuem algumas atitudes e condutas dos pais em relação à participação de seus filhos nas competições, que são as seguintes:

**a) Pais desinteressados**

A característica desses pais é a ausência permanente das atividades desportivas dos filhos;

**b) Pais supercríticos**

Esses pais estão sempre criticando e censurando, parece que nunca estão satisfeitos com o rendimento desportivo do filho. Dão a impressão que é mais “o seu jogo”, “a sua prova” ou “o seu treino” do que tarefa do seu filho;

**c) Pais nervosos que gritam**

Trata-se daqueles pais que vivem gritando contra todos e contra tudo enraivecidos, não deixando que se ouça mais ninguém, inclusive o treinador;

**d) Pais treinadores**

É muito freqüente encontrar este tipo de pai junto ao banco de reservas ou à volta do local da competição, “dando instruções” aos praticantes. Essas ordens e orientações, muitas vezes, são contrárias às instruções do próprio treinador. Essa situação provoca confusão nas crianças, pois são duas pessoas diferentes, dando instruções ambivalentes sobre ações que ela deve executar nos treinamentos e competições;

**e) Pais superprotetores**

É mais comum encontrar esta situação entre as mães das crianças. É freqüente ouvi-las falar que vão retirar o filho do desporto pelos perigos que ele envolve.

As atividades e condutas dos pais são fundamentais para a motivação das crianças na prática das atividades esportivas. Uma participação equilibrada dos pais durante o desenvolvimento de seus filhos, nos programas esportivos, auxiliará para que eles se mantenham naquela atividade. A participação e a cooperação dos pais junto ao técnico é fundamental para que o filho se motive cada vez mais. Por outro lado, a participação do técnico também é fundamental para que a criança permaneça no esporte, o que será abordado a seguir.

Com estas informações pode-se concluir que os pais estão de acordo e estimulam a prática esportiva dos filhos, mas que temos que ter cuidados e esclarecer a eles todos os processos de formação da criança através do esporte, pois muitas vezes, pelo desconhecimento dos pais, há divergência com os procedimentos de ensino adotado pelos professores. Algumas vezes este conflito tem atrapalhado o desenvolvimento das crianças que se sentem divididas com as informações contraditórias vinda dos pais e professores.

Portanto, a mídia, a ascensão social, o poder aquisitivo, as técnicas de ensino adotadas e principalmente a família, serão grandes fomentadores nesta adesão, tanto positiva quanto negativamente, dependendo de como a criança se insere neste contexto.

Assim, como se tem vários fatores que levam o jovem a aderir a programas de iniciação, também temos inúmeros motivos que o levam a permanecerem ou abandonarem precocemente o esporte.

## **METODOLOGIA**

A metodologia aplicada situa-se na área da pedagogia do esporte. É um estudo do tipo qualitativo, caracterizado por uma pesquisa descritiva exploratória (GAYA, 2008).

A entrevista foi semi-estruturada (Anexo 1) com 4 tópicos de assuntos para serem desenvolvidos pelos entrevistados. As entrevistas foram feitas individualmente e gravadas num aparelho de mídia digital e posteriormente transmitidas ao computador. Num segundo momento foi feita a transcrição de cada depoimento, filtrando-se as respostas para posterior análise.

Foram entrevistados 05(cinco) pais participativos, de atletas do sexo feminino, na faixa etária entre 06 e 12 anos, alunas da equipe de Ginástica Artística de uma escola particular no município de Pelotas.

Para participarem do estudo os pais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. (Anexo 2)

## **APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Os aspectos abordados na entrevista feita com (05) cinco pais de atletas do sexo feminino de iniciação da GA foram os seguintes: como foi a iniciação da sua filha na GA; a importância da participação dos pais na vida esportiva das suas filhas; expectativas dos pais em relação à suas filhas quanto a participação delas no esporte; e se suas expectativas são as mesmas das suas filhas.

Sobre como foi a iniciação das atletas na GA observa-se que a faixa etária predominante é de 06 a 12 anos de idade e ainda que as respostas sejam bem variadas apesar destas diferenças todas as atletas começaram na GA como forma de brincadeira, Franco (2000) afirma que esta é uma motivação intrínseca, a pessoa gosta de fazer determinada coisa motivada por um desejo interno, como pode se notar abaixo:

“... faz quase dois anos nós estávamos numa festa e aí tinha os professores lá e convidaram ela para participar ela iniciou fazendo duas vezes por semana a tardinha quarenta minutos de aula e adora...”(PAI 1)

“... elas brincavam muito de fazer estrelinha de tentar fazer abertura e eu achava que elas precisavam de uma orientação...”(PAI 2)

“... ela começou na ginástica por intermédio do irmão, ele já fazia GA então ela com 02 anos e meio foi se interessando brincando de dar cambalhota os professores acharam interessante e então começou a treinar...”(PAI 3)

Outro aspecto de relevância nas entrevistas foi o de que todos os pais concordam que é de grande importância o acompanhamento por parte deles na vida esportiva de seus filhos segundo (HARRIS, 1996) ao receber o apoio e aprovação parental como “aplausos e elogios” sentem prazer e satisfação, encorajando-os e motivando-os a se comprometer com o esporte.

“... eu acho importante porque nós sempre incentivamos qualquer atividade física não interessa qual, é que a minha filha gosta da GA, mas se fosse qualquer outra... e eu acho que nós tivemos uma grande participação nisso...”(PAI 1)

“... sim eu acho que tem que acompanhar de perto até pra incentivar se for o caso se ela gostar ou não gostar, acho que os pais sempre têm que participar...”(PAI 2)

“... eu acho fundamental, eu acho que os pais próximos da criança sabendo tudo que está sendo desenvolvido dá certa segurança pra criança, eu acho que ela tende a se desenvolver melhor com a participação da família...”(PAI 4)

Quanto às expectativas dos pais em relação aos filhos, na prática da iniciação na GA, a maioria cita como questão mais importante a formação tanto física como psicológica de suas filhas. Para Vargas Neto e

Voser no livro a criança e o esporte (2001), citando Danse e Lamber, e Durand (1998), relata que para a maioria dos pais, a prática esportiva é uma necessidade. Um estudo francês revela que 95% dos pais estão a favor da prática esportiva de seus filhos e que 86% pensam que essas atividades são tão importantes quanto às intelectuais. Como se percebe a seguir;

“... a minha expectativa é de que ela continue sempre gostando... as minhas expectativas são que ela continue com uma atividade física regular que atualmente é a GA e que também ela continue gostando, que seja prazeroso pra ela...”(PAI 1)

“... eu acredito em função da disciplina organização, elas crescem nisso, apesar delas reclamarem muito porque precisa de horário precisa disso, precisa daquilo, mas eu acho importante...”(PAI 2)

“... a minha expectativa é na verdade na formação dela como individuo porque ela praticando um esporte, uma atividade física ela melhora o rendimento dela na escola ela melhora a concentração ela melhora o relacionamento a minha expectativa é nesse sentido na formação do individuo...”(PAI 4)

Quando perguntado aos pais se suas expectativas eram as mesmas das suas filhas a maior parte disse que sim, porém o que pode se observar de mais interessante foi a diferença entre os objetivos. Segundo Carravetta em (2001), é bastante significativa a influência exercida pelos pais no que se refere à adaptação e ao desenvolvimento dos filhos na iniciação e formação.

“... eu acho que ela não tem isso elaborado assim – vou ser uma atleta de alto nível- ela faz porque ela gosta, talvez nisso bata, as expectativas são as mesmas...”(PAI 1)

“... sim nós também torcemos para que ela seja uma atleta porque ela gosta da GA... aí ela fala - eu quero ser uma atleta –eu digo que fica ao critério dela se ela quer ser nós também queremos e torcemos que ela seja...”(PAI 5)

“... a minha expectativa dela participar de uma atividade física e melhorar o seu desempenho eu acho que faz parte da felicidade dela e a expectativa dela com a GA momentaneamente é ser feliz... então as expectativas são parecidas.”(PAI 4)

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor e os pais devem ser à base de apoio para a criança ter confiança em si, entendendo a importância do aprender, percebendo o seu desenvolvimento individual e coletivo. Tanto os pais quanto o professor devem respeitar as capacidades da criança, não espelhando nelas, frustrações de seus passados.

Tendo como base às entrevistas, percebe-se que os pais acham muito importante acompanhar sempre os treinos e competições de suas filhas, porém, com um olhar amplo no desenvolvimento tanto físico quanto psicológico, não especificamente naquele momento de competição, ou seja, na vitória de uma partida ou um campeonato, mas sim, na evolução individual de sua filha evitando sempre comparações. Pode-se concluir que a expectativa dos pais em sua maioria é o desenvolvimento de seu filho através do esporte e não sendo uma prioridade que ele se torne um atleta de alto nível.

Portanto, é fundamental que os pais tenham o conhecimento de que eles têm grande responsabilidade e influência sobre a escolha da modalidade e principalmente nas atitudes que seus filhos terão durante a sua vida esportiva. E que, além disso, suas expectativas interferem de maneira direta nas expectativas criadas pelos próprios filhos em relação à sua prática esportiva.

Considerando-se que a pesquisa foi realizada com uma pequena amostragem e em somente uma equipe de GA, não vemos uma possibilidade de conclusão generalizada. Fica, pois, em aberto a proposta para a ampliação da pesquisa num âmbito geográfico maior e público alvo mais abrangente.

### REFERÊNCIAS

- BARBANTI, V. J. **Dicionário de Educação Física e Esporte**. São Paulo: Manole, 2003.
- BUSTO, R. M.; Aprendizagem dos exercícios Básicos da Ginástica de Solo. Disponível em <<http://www2.uel.br/cef/SGO/ARTIGOS/SOLO.PDF>> Acesso em:12 maio 2008
- CARRAVETTA, Elio. **O Jogador de futebol**. Ed. Mercado Aberto. Porto Alegre, 2001
- CLAESSENS, A. L.; MALINA, R. M.; LEFEVRE, J.; BEUNEN, G.; STIJNEN, V.; MAES, H.; DALY, M. R.; BASS, S.; CAINE, D.; HOWE, W. Does Training Affect Growth? The Physician And Sports Medicine, v. 30, n.10, p.21-29, 2002.
- FRANCO, Gisela Sartori. **Psicologia no Esporte e na Atividade Física**. Barueri: Editora Manole, 2000.
- GAYA, ADROALDO C. **Ciências do Movimento Humano: Introdução a Metodologia da Pesquisa**. Porto Alegre: Artmed, 2008
- HARRIS, P. L. **Criança e emoção: o desenvolvimento da compreensão psicológica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- HOSTAL, P.. Pedagogia da Ginástica Olímpica. In: HOSTAL, P.. **Pedagogia da Ginástica Olímpica**. São Paulo: Manole, 1982. p. 109.
- LOPES, P. & NUNOMURA. M Motivação para a prática e permanência na ginástica artística de alto nível **Revista Brasileira de Educação Física. Esp.**, São Paulo, v.21, n.3, p.177-87, jul./set. 2007.

- MALINA, R. M.; BOUCHARD, C. *Atividade Física do Atleta Jovem: do Crescimento à Maturação*. São Paulo: Roca, 2002.
- NUNOMURA, M.; PIRES, F. R.; CARRARA, P. **Análise do Treinamento na Ginástica Artística Brasileira**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 31, n. 1, p. 25-40, setembro 2009.
- ROBERTS, G. & TREASURE D.C. **Motivational determinants of achievement of children in sport**. Revista de Psicologia del deporte. 7, 8 noviembre, 123-134, 1995
- SMITH, R.E. & SMOLL, F. **A comunicação do treinador com os pais dos atletas**. Ministério da Educação de Portugal, Lisboa. 1988
- VARGAS, F.X & VOSER, R. **A criança e o Esporte: Uma Perspectiva Lúdica**. Porto Alegre:ULBRA. 2001
- VOSER, Rogério. **Iniciação ao futsal: abordagem recreativa**. Ed. Ulbra. Canoas, 1996
- VOSER & GIUSTI. **O futsal e a escola - uma perspectiva pedagógica**. Ed. Artmed. 2002
- WEINBERG, R.S ;GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

Nicole Terres Schmitt  
Avenida José Maria da Fontoura, 1164, Pelotas, RS  
[nicole.terres@gmail.com](mailto:nicole.terres@gmail.com)

**A QUESTÃO DA AVALIAÇÃO DAS AULAS DE GINÁSTICA RÍTMICA  
EM PROJETOS SOCIAIS: A VISÃO DOS EDUCADORES NUMA ABORDAGEM DE  
TOTALIDADE**

**UMA CUESTIÓN DE EVALUACIÓN DE LAS CLASES DE GIMNASIA RÍTMICA EM  
PROYECTOS SOCIAILES: LA VISIÓN DE EDUCADORES DE ENFOQUE COMPLETO**

**A MATTER OF EVALUATION OF RHYTHMIC GYMNASTICS CLASSES IN SOCIAL  
PROJECTS: THE VISION OF THE EDUCATOR IN HOLISTIC APPROACH**

**Bárbara Raquel Agostini**

Faculdade Estácio – FIC

**Tatiane G. Gama**

Faculdade 7 de setembro – FA7

**RESUMO**

*A Educação Física tem em sua estrutura curricular diversas modalidades esportivas individuais e coletivas. Uma destas modalidades é a Ginástica Rítmica. A G.R como é conhecida pelos seus praticantes e admiradores é uma modalidade relativamente recente, pois teve maior impulso em meados do século XX. Esta modalidade teve conforme Gaio (2007) influência de quatro correntes que foram significativas para seu desenvolvimento: a pedagogia, a dança, a música e as artes cênicas. No Brasil a modalidade chegou na década de 50 impulsionada por duas professoras: Margareth Fronhleich (austriaca) que trabalhava um caráter mais educativo e Ilona Peuker (que iniciou o trabalho competitivo e demonstrativo). A partir dessa data, a G.R. passou por uma fase de expansão e consolidação (LLOBET, 1998). Com o aumento da população carente em nosso país, o número de projetos voltados para comunidades menos privilegiadas vem aumentando consideravelmente. E, o educador físico tem estado presente e atuante nestes projetos. Projetos sociais são, antes de tudo, um exercício de cidadania, pois envolvem as pessoas para além do seu campo de vivência, permitindo a transposição de barreiras e preconceitos em benefício do outro. Podem se caracterizar por iniciativas individuais ou coletivas que visam a proporcionar a melhoria da qualidade de vida de pessoas e comunidades. Levantou-se a seguinte problemática: estes projetos avaliam seus participantes? De que forma? E, neste sentido, o objetivo geral foi investigar como ocorre a avaliação do desenvolvimento físico, psicológico e inter-relacional com as praticantes de Ginástica Rítmica em Projetos Sociais. Como objetivos específicos tivemos: investigar se é realizado testes físicos de esforço ou desempenho; investigar se estes testes influenciam direta ou indiretamente na participação da criança/adolescente no projeto; investigar se ocorrem mudanças significativas no comportamento das alunas; investigar se os conteúdos utilizados foram abordados na graduação de Educação Física. A metodologia utilizada neste artigo foi, segundo Lakatos (1991), a pesquisa de campo com abordagem quantitativa. O instrumento foi um questionário composto por 11 questões, das quais oito eram objetivas e três eram discursivas. Os participantes foram educadoras e estagiárias de Educação Física responsáveis por quatro projetos de G.R. na cidade de Fortaleza/CE. A questão um perguntava se os educadores realizavam testes físicos periodicamente nas alunas. Os projetos A, B e C responderam que sim, que realizavam testes a cada três meses. Os projetos D e F responderam que já haviam realizado, mas não de forma periódica dentro do programa. A questão dois perguntava se os resultados dos testes eram determinantes para a permanência das alunas no projeto. E nenhum dos projetos respondeu que os resultados dos testes estavam ligados a permanência. E serviam sim uma forma de elaborar/reelaborar o planejamento. Além de conhecer as possibilidades e limitações do público com o qual estavam trabalhando. A questão três perguntava se era realizado algum teste psicológico inicial, ou até mesmo uma conversa periodicamente com as alunas do projeto. Nos projetos A e C eram apenas realizadas conversas iniciais com os alunos e seu familiar responsável (já que as crianças são menores de idade). Nos Projetos B, D e E não eram realizados nenhum teste psicológico. A questão quatro perguntava se os resultados dos testes psicológicos eram determinantes para a entrada da aluna no projeto. Todos os projetos responderam que não, pois não havia nenhum teste “formal” estabelecido. A questão cinco perguntava se era realizado algum teste relacional nas alunas. Os Projetos A, B e afirmaram que eram realizadas dinâmicas na primeira semana de entrada das alunas. Os projetos C e D afirmaram que não, apenas observava de maneira “informal” o desenvolvimento relacional das alunas. A questão seis perguntava se estes testes eram realizados com acompanhamento de algum profissional multidisciplinar. Em nenhum dos projetos foi relatado haver a integração de um profissional de outra área. A questão sete perguntava se a melhora do desempenho das alunas poderia ser observada indiretamente de forma padrão em todas as alunas. E também em todos os projetos responderam que não. Que a melhora é particular em cada participante. A questão oito perguntava*

qual era a percepção de melhora no desenvolvimento motor das alunas. Cada educador relatou, de forma particular, suas percepções. O aspecto comum foi a percepção de uma melhora significativa no desenvolvimento motor já no primeiro mês. Os aspectos citados foram: ritmo, flexibilidade, bilateralidade, agilidade e coordenação motora. A diferença citada foi a metodologia de trabalho no projeto C, que durante os dois primeiros meses trabalha somente de forma lúdica. A questão nove perguntava qual era a percepção de melhora no desenvolvimento psicológico das alunas. Novamente as respostas foram baseadas na vivência da experiência do espaço de cada educador. O aspecto comum foi a melhora da disciplina, da pontualidade (pois no começo chegavam atrasadas), das idéias e visão de mundo que iam se transformando. A questão dez perguntava qual era a percepção de melhora no desenvolvimento relacional das alunas. Percebeu-se, a partir das respostas dos educadores, como ponto em comum, que a o desenvolvimento relacional apresenta duas particularidades: o perceber das semelhanças e das diferenças entre as alunas. “quem é melhor, quem é “pior” e quem pode me ajudar a melhorar foram citados pelos participantes. O aspecto relacional mais forte é a integração e cooperação entre as alunas. A questão onze perguntava se os conteúdos abordados na graduação foram suficientes para a intervenção em Ginástica Rítmica. Os projetos A, B e E responderam que sim. Os demais responderam que o conteúdo poderia ser mais aprofundado. Como considerações finais podemos perceber que a avaliação nos projetos sociais onde a G.R é a prática comum não tem um suporte que possibilite aos educadores elaborarem instrumentos.

#### RESUMEN

El currículo de Educación Física tiene en su personal diverso y deportes colectivos. Uno de estos métodos es la Gimnasia Rítmica. El GR como se le conoce por sus practicantes y admiradores es una modalidad relativamente nueva, ya que tenía un mayor impulso en la segunda mitad del siglo XX. Esta modalidad fue como Gaio (2007) la influencia de las cuatro cadenas que fueron significativos para su desarrollo: la pedagogía, la danza, la música y las artes escénicas. En Brasil, el deporte se produjo en los años 50 impulsado por dos profesores: Margaret Fronhleich (Austria) un trabajo más educativo y Ilona Peuker (quien inició la obra competitiva y demostrativos). A partir de entonces, el GR pasó por una fase de expansión y consolidación (Llobet, 1998). Con el aumento de los pobres en nuestro país, el número de proyectos para las comunidades de escasos recursos está aumentando considerablemente. Y el educador físico ha estado presente y activa en estos proyectos. Los proyectos sociales son, ante todo, un ejercicio de la ciudadanía, ya que involucran a personas ajenas a su experiencia sobre el terreno, lo que permite la transposición de las barreras y los prejuicios en favor del otro. Puede ser caracterizada por iniciativas individuales o colectivas que tengan por objetivo el mejoramiento de la calidad de vida de las personas y las comunidades. Rose el siguiente problema: estos participantes evaluar sus proyectos? ¿En qué sentido? Y en este sentido, el objetivo general es investigar cómo se produce la evaluación de los médicos físicos, psicológicos e inter-relacional con la Gimnasia Rítmica en proyectos sociales. Como teníamos objetivos específicos: Determinar si la prueba se realiza esfuerzo físico o de prestaciones; investigar si estas pruebas directa o indirectamente influyen en la participación de los niños / adolescentes en el proyecto; investigar si ha habido cambios significativos en el comportamiento de los estudiantes; investigar si el contenido utilizado fueron abordados Licenciado en Educación Física. La metodología utilizada en este artículo era, según Lakatos (1991), la investigación de campo con un enfoque cuantitativo. El instrumento fue un cuestionario compuesto por 11 preguntas, de las cuales ocho eran objetivas y tres eran discursiva. Los participantes fueron los educadores y los alumnos de educación física responsable de cuatro proyectos de GR en Fortaleza / CE. La pregunta que uno se pregunte si los educadores realizan regularmente pruebas físicas en los estudiantes. Proyectos A, B y C, respondió que sí, que realiza pruebas cada tres meses. Proyectos D y F respondieron que lo habían hecho ya, pero no de forma regular en el programa. Las dos preguntas preguntó si los resultados de las pruebas fueron decisivos para la permanencia de los estudiantes en el proyecto. Y ninguno de los proyectos, dijo que los resultados de las pruebas fueron vinculados a la permanencia. Y sí sirve como una manera de dibujar / dibujar planificación. Además de conocer las posibilidades y limitaciones de la opinión pública con la que estaban trabajando. Se preguntó si los tres realizado alguna prueba psicológica inicial, o incluso una conversación con los alumnos periódicamente proyecto. En los proyectos A y C se llevaron a cabo sólo conversaciones iniciales con los estudiantes y sus familias responsables (ya que los niños son menores de edad). En el proyecto B, D y E no se llevaron a cabo cualquier examen psicológico. La cuarta pregunta se le preguntó si los resultados de las pruebas psicológicas eran cruciales para la entrada del proyecto de alumno. Todos los proyectos contestó que no, porque no había ninguna prueba "formal", estableció. La pregunta cinco preguntaba si se ha hecho en unos estudiantes de prueba relacionales. Proyectos A, B y dijo que se llevaron a cabo en la primera semana de la entrada dinámica de los estudiantes. Proyectos C y D declaró que no sólo se veía tan "informal" desarrollo relacional de los estudiantes. La pregunta seis preguntó si esas pruebas se realizaron con el acompañamiento de un profesional multidisciplinario. En ninguno de los proyectos se informó de que la integración de un profesional de otra área. La pregunta siete preguntó si la mejora del rendimiento de los alumnos se puede observar indirectamente por defecto en todos los estudiantes. Y también en todos los proyectos que respondió

que no. Esa mejora es particular de cada participante. La pregunta ocho preguntó cuál era la percepción de mejora en el desarrollo motor de los alumnos. Cada educador informado tan particular, sus percepciones. El aspecto común fue la realización de una mejora significativa en el desarrollo motor en el primer mes. Los temas citados fueron: el ritmo, la flexibilidad, la bilateralidad, la agilidad y la coordinación motora. La diferencia fue citada metodología de trabajo en el proyecto de C, que durante los dos primeros meses sólo funciona de una manera lúdica. La pregunta nueve preguntó cuál era la percepción de mejora en el desarrollo psicológico de los estudiantes. Una vez más las respuestas se basaron en la experiencia del espacio vital a cada educador. El aspecto común era la mejora de la disciplina, la puntualidad (por llegar tarde temprano), las ideas y la visión del mundo que inflexión. La pregunta diez preguntó cuál era la percepción de un mejor desarrollo relacional de los estudiantes. Se observó, a partir de las respuestas de los educadores como punto común que el desarrollo relacional presenta dos particularidades: la notificación de las similitudes y diferencias entre los estudiantes. "¿Quién es mejor, que es" peor "y que me puede ayudar a mejorar fueron citados por los participantes. El aspecto relacional es una mayor integración y cooperación entre los estudiantes. En once preguntas se le preguntó si el contenido cubierto en la graduación fueron suficientes para la intervención en Gimnasia Rítmica. Proyectos A, B y E, respondió que sí. El otro respondió que el contenido podría ser más completa. Como conclusión, podemos ver que la evaluación de proyectos sociales donde GR es la práctica común tiene un soporte que permite a los educadores a desarrollar instrumentos de evaluación más complejos e integradores.

#### **ABSTRACT**

The Physical Education curriculum has in its diversity individual and team sports. One of these modalities is the Rhythmic Gymnastics. The RG as it is known by its practitioners and admirers is a relatively new modality because it had greater momentum in the mid-twentieth century. According to Gaio (2007), this modality was influenced by four chains that were significant to their development: pedagogy, dance, music and the performing arts. In Brazil the sport came in the 50's driven by two teachers: Margaret Fronhleich (Austrian) working a more educational and Ilona Peuker (who started the competitive labor and demonstrative). Thereafter, the RG went through a phase of expansion and consolidation (Llobet, 1998). With the increase of the poverty in our country, the number of projects for the underprivileged communities is increasing considerably. And the physical educator has been present and active in these projects. Social projects are, above all, an exercise of citizenship, because they involve people beyond their field experience, allowing transposition of barriers and prejudices in favor of the other. They can be characterized by individual or team initiatives that aim to provide improved quality of life for people and communities. It was arisen the following problem: these participants evaluate their projects? In which way? And in this sense, the overall objective was to investigate how the evaluation occurs the physical, psychological and inter-relational practitioners with the Rhythmic Gymnastics in Social Projects. As we had specific goals: to examine whether testing is performed physical effort or performance; investigate whether these tests directly or indirectly influence the participation of children/adolescents in the project; investigate whether there are significant changes in the behaviour of students; investigate whether the content used were approached in the Physical Education school. The methodology used in this article was, according to Lakatos (1991), is the field research with a quantitative approach. The instrument was a questionnaire consisting of 11 questions, of which eight were objective and three were discursive. The participants were educators and trainees Physical Education responsible for four projects GR in Fortaleza/CE. The question one would ask if educators regularly performed physical tests in students. Projects A, B, and C responded that yes, they performed tests every three months. Projects D and F responded that they had already done, but not on a regular basis within the program. The question two asked whether the test results were decisive for the maintenance of the students in the project. And none of the projects said that the test results were linked to maintenance, but, they served as a way to draw/redraw planning. Besides knowing the possibilities and limitations of the public with whom they were working. The question was asked whether three performed some initial psychological test, or even a conversation with the students periodically project. In projects A and C were only held initial conversations with students and their family responsible (since children are minors). In Project B, D, and E were not carried out any psychological test. The question four asked if the results of the psychological tests were crucial for the entry of the student project. All projects answered no, because there was no "formal" test established. The question five wondered if it was done any students relationship test. Projects A, B and said they were held in the first week of dynamic input of the students. Projects C and D stated that not only looked so "informal" relationship development of the students. The question six asked whether these tests were performed under the supervision of a multidisciplinary professional. In none of the projects was reported to be integrating a professional from another area. The question seven asked whether the improved performance of the students could be observed indirectly as a pattern in all students. And in all projects the answer was negative. That improvement is particular to each participant. The question eight asked how was the perceived improvement in the student motor development. Each educator had a particular perception. The common aspect was the perceived

*significant improvement in motor development during the first month. The issues cited were: rhythm, flexibility, bilaterality, agility and motor coordination. The difference cited was working methodology in project C, which during the first two months only works in a playful manner. The question nine asked how was the perceived improvement in the psychological development of students. Again the answers were based on the experience of space of each educator. The common aspect was the improvement of discipline, punctuality (for early arriving late), the ideas and worldview that would be changing. The question ten asked how was the perceived improvement of the students relationship development. It was noticed, from the responses of educators as common point that relationship development presents two particularities: the awareness of the similarities and differences between students. "Who is better, who is" worse "and who can help me to improve, were cited by participants. The strongest aspect of the relationship is integration and cooperation among the students. The question eleven asked if the content covered in the undergraduate course were sufficient for the intervention in Rhythmic Gymnastics. Projects A, B and E responded yes. The other replied that the content could be deeper. As a conclusion, we realized that the evaluation in social projects where RG is the common practice has no support that enables educators to develop more complex instruments.*

### **INTRODUÇÃO: Ginástica Rítmica: um pouco de história**

Ginástica Rítmica ou G.R., como é conhecida, é uma modalidade especificamente feminina em nível olímpico. Conforme Toledo (2010) a ginástica rítmica teve sua história influenciada por vários métodos ginásticos por volta de 1800 entre os quais se destacam: escola alemã, escola sueca, escola francesa e escola inglesa. A partir de 1900 teve forte influência da dança e de outras manifestações ginásticas e rítmicas. De acordo com Gaio (2007) quatro correntes influenciaram a G.R.: a pedagogia, a dança, a música e as artes cênicas.

A corrente da pedagogia passa por Rousseau, Pestalozzi, Guths Muths e se confunde com a própria história da ginástica de forma geral. Na corrente da dança observamos forte influência do ballet clássico – Método Vaganova, desenvolvido por Agripina Vaganova na Rússia. Dos precursores da Dança moderna a partir da década de 20 tivemos: Isadora Duncan, Doris Humphrey, Martha Graham, Límom, Weidmam, Merce Cuniham. Na dança expressionista alemã tivemos: Laban, Mary Wigman, Pina Bausch, entre outros. Não é possível entender o desenvolvimento da G.R. sem compreender a evolução da dança, pois ocorrem paralelamente.

Na corrente das Artes Cênicas tem destaque Delsarte, que estudou, observou e desenvolveu um método de expressão corporal e facial. Relacionou movimentos/gestos e sentimentos/emoções. Pois conforme Bourcier (2001) “concentrou suas reflexões e sua experiência nas relações entre alma e corpo, mais precisamente nos mecanismos pelos qual o corpo traduz os estados sensíveis interiores.” Desenvolve um catálogo de gestos que exprimem estados emocionais a afirma que a intensidade do sentimento comanda a intensidade do gesto.

Na música destaca-se Dalcroze. Ele constata que a educação corporal pode ajudar na educação musical. Conforme Bourcier (2001) queria que o gesto fosse um produto da música, aliando sensibilidade, inteligência e corpo. A ginástica Rítmica passou por aparelhos/objetos como: pandeiros e lenços antes dos aparelhos que conhecemos hoje.

Em 1961, alguns países do Leste Europeu organizaram o primeiro campeonato internacional da modalidade. No ano seguinte, a Federação Internacional de Ginástica (FIG) reconheceu a Ginástica Rítmica (G.R.) como um esporte. A partir de 1963 começaram a ser realizados os primeiros campeonatos mundiais promovidos pela FIG. A G.R passou a integrar o programa olímpico na categoria Individual em 1984 (Los Angeles/EUA) e na categoria conjunto em 1996 (Atlanta/EUA). Portanto, como vimos inicialmente a G.R. tinha um caráter mais formativo e hoje em dia tem um caráter competitivo e acrobático. Para mulheres que apresentam melhor preparação física.

De acordo com Toledo (2010) a atual G.R. já passou por várias nomenclaturas: Ginástica Feminina Moderna (década de 50), Ginástica Moderna (1962), Ginástica Rítmica Moderna (1973), Ginástica Rítmica Desportiva (1977) e finalmente Ginástica Rítmica (1998).

No Brasil a modalidade chegou na década de 50 impulsionada por duas professoras: Margareth Fronhleich (austriaca) que trabalhava um caráter mais educativo e Ilona Peuker (que iniciou o trabalho competitivo e demonstrativo). A partir dessa data, a G.R. passou por uma fase de expansão e consolidação (LLOBET, 1998). Hoje em dia, a G.R. possui cinco aparelhos: corda, fita, bola, arco e macas. Existem dois naipes de competições: individuais e de conjunto.

### - Porque Ginástica Rítmica?

A Ginástica Rítmica é um dos componentes curriculares da Educação Física no ensino superior, nas modalidades de licenciatura e bacharelado. Esta modalidade é ministrada, na grande maioria dos currículos em apenas um semestre.

A G.R. é uma modalidade que trabalha o corpo numa perspectiva integral. No âmbito das capacidades físicas desenvolve: flexibilidade, força isométrica, potência muscular, a coordenação (e suas subdivisões) e a resistência muscular localizada. Isto incorpora uma ampla série de experiências de movimentos, para que as crianças desenvolvam e refinem suas habilidades motoras, além de promover o desenvolvimento dos domínios cognitivo, afetivo e social, a Ginástica Rítmica favorece a essa compreensão, pois é uma modalidade que tem o ritmo como um dos seus fundamentos.

No âmbito expressivo desenvolve a corporeidade, aprofunda conhecimentos sobre a cultura corporal, ensina cada participante a conhecer e desenvolver melhor suas expressões em cada parte e pequeno movimento do corpo. Como nós já sabemos o movimento é algo inato ao ser humano, e pela prática da G.R. a realização dos movimentos assume um significado: de forma, beleza e também de conteúdo. A prática também abre a visão dos participantes para novas linguagens e possibilidades artísticas como: música e teatro.

No âmbito inter-relacional, pessoal e social, as alunas aprendem a respeitar as diferenças, reconhecerem semelhanças, a cooperar umas com as outras. Conforme Agostini (2003) aprendem que competir é “concorrer com” e não “concorrer contra”, conseguindo estabelecer os limites de convivência dentro e fora da quadra. Portanto a prática da G.R. se justifica pelo fato de envolver os educandos e autores do processo de ensino-aprendizagem a uma visão de mundo interligada e globalizadora.

### - A questão da avaliação da Ginástica Rítmica em Projetos Sociais:

Uma área que teve crescente avanço nos últimos anos, especialmente no nordeste, é a intervenção do professor de Educação Física em Projetos Sociais de diferentes áreas. Estes são, antes de tudo, exercícios de cidadania, pois envolvem as pessoas para além do seu campo de vivência, permitindo a transposição de barreiras e preconceitos em benefício do outro. Podem se caracterizar por iniciativas individuais ou coletivas que visam a proporcionar a melhoria da qualidade de vida de pessoas e comunidades, em sua maioria: carentes e menos favorecidas.

Hoje em dia, vemos surgir muitos projetos voltados para a área da Educação Física que atende as necessidades das crianças e adolescentes. E não poderia ser diferente, pois o lúdico, o competitivo, o movimentar-se e interagir atrai a todos. A G.R. não fica de fora deste novo cenário. Como é uma atividade que proporciona grande vivência, muitos locais já oferecem aulas gratuitas para meninas (e meninos também!), buscando aproveitar o que de melhor este público tem e desenvolver outras habilidades que cada integrante vai (re)descobrir.

Uma pesquisa elaborada por Zaniz (2010) com crianças carentes na área da ginástica rítmica abordava a identificação dos benefícios que a modalidade proporcionou para as meninas participantes do projeto PELC. E segundo a autora foram constatados os seguintes benefícios:

Para tal, com uma visão holística, foram empregadas várias metodologias, buscando resultados imparciais e concisos. As benfeitorias ficaram constatadas no âmbito escolar, na relação familiar, nos aspectos sociais, e principalmente nas perspectivas de futuro.

Ainda sobre os objetivos desta pesquisa complementa que

Propõe pensar a partir de uma experiência prática, a atuação dos projetos sociais como potenciais transformadores, usando o esporte como facilitador da educação, agregador de valores e princípios, incentivando a alteração na visão retrograda e negativa. Por meio da ginástica rítmica, vidas foram transformadas, meninas outrora sem expectativas encontram-se hoje como ginastas conscientes, capazes de apoderar-se de seus direitos, confiantes no talento que possuem. Em fim, não incluídas na realidade que a sociedade infelizmente se depara: desprovida de valores.

Pensando na citação acima percebemos que a maior parte dos projetos sociais atende indivíduos da infância e da adolescência. Conforme Gallahue (2003) a adolescência compreende a transição entre a infância e a idade adulta, na qual o indivíduo passa por uma rápida transição física: adaptar-se. Na fase da adolescência deve mudar seus hábitos infantis, iniciará o processo de formação de seu caráter. A personalidade. Ideias, convicções começaram a ser estabelecidas nesta fase. Portanto, é de suma importância que crianças estejam amparadas neste período. Ao pensarmos na sociedade moderna e nas comunidades carentes, vemos o seguinte quadro social:

- Pais que trabalham quase o dia todo (senão o dia todo);
- Escolas que não conseguem atender a todas as necessidades e expectativas dos alunos;

- Pouco espaço para lazer e recreação;
- Tempo ocioso depois da escola;
- Marginalidade e criminalidade á porta de nossas casas.

Nesta realidade, a intervenção de profissionais de Educação Física se faz necessária, por terem facilidade de acesso a este público. A intervenção nas “meninas” ainda tem suas particularidades, pois estão numa situação de vulnerabilidade. E se tornarem público de risco, fatalmente caíram na prostituição e nas drogas.

Portanto, afirmamos novamente que os projetos sociais em G.R. são de extrema importância para estas pessoas. Porém, como toda atividade humana, sempre há uma forma de ingresso, de permanência, de apresentações, de críticas, e de testes que, são uma forma indireta de avaliação. E, falar de avaliação sempre é algo complicado.

Até alguns anos atrás, num passado não muito distante, a avaliação era estritamente tecnicista e o professor analisava somente o resultado da ação. Eram tempos em que o esporte dominava as aulas e o objetivo de todo professor era somente criar novos atletas. A individualidade do aluno e seu histórico motor eram esquecidos. Falar sobre avaliação é sempre muito complicado, por ser um tema já bastante discutido e por existirem várias linhas de pensamento. No método tradicional, não eram observados a participação, a conduta, o empenho e, o mais importante, o desenvolvimento do aluno ao longo do tempo. E toda a avaliação se resumia a um único dia, sem que houvesse interesse em saber se o aluno estava se sentindo bem ou mal na hora do teste. O que importava era que tivesse um ótimo desempenho, pois a sua média bimestral seria decidida ali, naquele momento. A avaliação quantitativa, instrumento da educação física escolar militarista clássica ressaltava a influência política e autoritária da época na escola.

Atualmente vivemos numa era onde se valoriza excessivamente a competição e a excelência, onde os avanços científicos e tecnológicos definem exigências cada vez maiores para todos. As incertezas da sociedade globalizada têm levado os jovens, cada vez mais cedo, a tentar ingressar no mundo do trabalho e, ao mesmo tempo, manter-se na escola, ampliando a demanda pelos cursos noturnos. Essa demanda impõe uma revisão dos currículos, que orientam, ou que deveriam orientar o trabalho realizado pelos professores de todas as áreas, especialmente os de educação física, pois o perfil desse jovem é muito diferente do perfil de décadas passadas.

No contexto avaliação, os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam três focos principais de avaliação na Educação Física:

- Realização das práticas — É preciso observar primeiro se o estudante respeita o companheiro, como lida com as próprias limitações e como participa dentro do grupo. Em segundo lugar vem o saber fazer, o desempenho propriamente dito do aluno tanto nas atividades quanto na organização das mesmas.
- Valorização da cultura corporal de movimento — É importante avaliar não só se o educando valoriza e participa de jogos esportivos. Relevante também é seu interesse, vivência e interação nas danças, brincadeiras, excursões e outras formas de atividade física que compõem a nossa cultura dentro e fora da escola.
- Relação da Educação Física com saúde e qualidade de vida — É necessário verificar como crianças e jovens relacionam elementos da cultura corporal aprendidos em atividades físicas com um conceito mais amplo, de qualidade de vida.

Uma pesquisa realizada por Ferreira et al (2009) com professores de Educação Física da Cidade de Fortaleza mostrou que mais da metade dos professores entrevistados, considera os aspectos físicos, fisiológicos e motores como essenciais a serem observados e avaliados durante as aulas de educação física não dando a mesma importância as questões sociais e afetivas. Foi constatado ainda que identificar e corrigir os erros e as dificuldades dos alunos bem como acompanhar o desenvolvimento dos mesmos durante as aulas é considerado como a principal razão de se avaliar. As atividades que promovem o desenvolvimento do sistema motor foi um dos métodos predominantes como forma avaliativa pelos professores estudados, no entanto a avaliação teórica também foi um dos recursos utilizados por parte dos mesmos.

No entender de Luckesi (1999, p.43) “para não ser autoritária e conservadora, a avaliação tem a tarefa de ser diagnóstica, ou seja, deverá ser o instrumento dialético do avanço, terá de ser o instrumento da identificação de novos rumos”.

Portanto a avaliação em G.R. existe, já que ela é uma parte integrante da Educação Física. A avaliação, no sentido social, integra vários questionamentos, tais como: Para que avaliar? O que avaliar? Como avaliar? Publicar os resultados? Auto-avaliação dos alunos? Auto-avaliação dos professores? Todas estas indagações estão nas mentes dos professores (as) de G.R. e também acontecem na prática. Porém, o principal foco é detectar qual é o objetivo do instrumento avaliativo, porque avaliações que rotulam e excluem não são coerentes á uma prática reflexiva e consciente.

## OBJETIVO GERAL

- Investigar como ocorre a avaliação do desenvolvimento físico, psicológico e inter-relacional com as praticantes de Ginástica Rítmica em Projetos Sociais.

## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar se são realizados testes físicos de esforço ou desempenho;
- Investigar se estes testes influenciam direta ou indiretamente na participação da criança/adolescente no projeto;
- Investigar se ocorrem mudanças significativas no comportamento das alunas;
- Investigar se os conteúdos utilizados foram abordados na graduação de Educação Física.

## METODOLOGIA

### - Tipo de estudo

A metodologia utilizada neste artigo foi, segundo Lakatos (1991), a pesquisa de campo com abordagem quantitativa. A pesquisa quantitativa é feita por uma observação direta extensiva realizada através de questionários ou formulários. De acordo com o Dicionário de termos de Marketing (1997), a pesquisa feita com questionários pré-elaborados que admitem respostas alternativas e cujos resultados são apresentados de modo numérico, permitindo uma avaliação quantitativa dos dados.

A pesquisa de campo se caracteriza pelo seu interesse estar voltado para o estudo de indivíduos, grupos, comunidades, instituições, entre outros. Tem como objetivo compreender diversos aspectos da sociedade, conseguir informações acerca de um problema e descobrir novos fenômenos e suas relações.

### - Instrumento

Como instrumento foi elaborado um questionário composto por 11 questões, das quais oito eram objetivas e três eram discursivas.

A construção do questionário consistia em traduzir os objetivos em questões diretamente relacionadas a estes. As respostas a essas questões proporcionaram os dados requeridos para esclarecer e evidenciar o problema do artigo.

### - Amostra e população

A população que participou desta experiência pedagógica consistiu-se de professoras e estagiárias de Educação Física responsáveis por quatro projetos de G.R. na cidade de Fortaleza/CE. Foram estabelecidos critérios de inclusão e de exclusão. Os de inclusão eram: ter no mínimo vinte crianças integrando o projeto, atender o público carente, atender crianças que estudassem em escolas públicas. Os critérios de exclusão foram: não ter professor formado atuando no projeto (somente na coordenação ou supervisão pedagógica), ter menos de vinte crianças, ter menos de um ano de existência.

Segue abaixo o número de educadores e de crianças pertencentes a cada projeto:

PROJETO	ALUNOS	EDUCADORES
A	60	5
B	43	4
C	27	2
D	35	2
E	40	3

### - Coleta de Dados

A ideia da pesquisa surgiu em fevereiro deste ano. Após a elaboração do instrumento de pesquisa, no mês de março, o pesquisador foi até cada um destes projetos e entrou em contato com as educadoras. Foram esclarecidos os objetivos da pesquisa, a forma de publicação e garantida o sigilo sobre a identificação de cada educador. Pois o foco não era rotular e nem realizar uma avaliação destes projetos. Já que os mesmos, em sua maioria, em função de financiamentos públicos, já passam por avaliações.

Os questionários foram preenchidos no local de trabalho dos educadores com a presença do pesquisador, porém sem a intervenção do mesmo.

#### - Análise dos resultados

Os projetos foram denominados: A, B, C, D e E, para facilitar a compreensão do leitor. As respostas das perguntas objetivas foram analisadas por medidas estatísticas simples: média. E as respostas das perguntas discursivas foram analisadas pelo conteúdo descrito em cada resposta, observando as diferenças e semelhanças nas opiniões.

#### RESULTADOS E DISCUSSÃO

A questão um perguntava se os educadores realizavam testes físicos periodicamente nas alunas. Os projetos A, B e C responderam que sim., que realizavam testes a cada três meses. Os projetos D e E responderam que já haviam realizado, mas não de forma periódica dentro do programa.

A questão dois perguntava se os resultados dos testes eram determinantes para a permanência das alunas no projeto. E nenhum dos projetos respondeu que os resultados dos testes estavam ligados a permanência. E serviam sim uma forma de elaborar/reelaborar o planejamento. Além de conhecer as possibilidades e limitações do público com o qual estavam trabalhando.

A questão três perguntava se era realizado algum teste psicológico inicial, ou até mesmo uma conversa periodicamente com as alunas do projeto. Nos projetos A e C eram apenas realizadas conversas iniciais com os alunos e seu familiar responsável (já que as crianças são menores de idade). Nos Projetos B, D e E não eram realizados nenhum teste psicológico.

A questão quatro perguntava se os resultados dos testes psicológicos eram determinantes para a entrada da aluna no projeto. Todos os projetos responderam que não, pois não havia nenhum teste “formal” estabelecido.

A questão cinco perguntava se era realizado algum teste relacional nas alunas. Os Projetos A, B e afirmaram que eram realizadas dinâmicas na primeira semana de entrada das alunas. Os projetos C e D afirmaram que não, apenas observava de maneira “informal” o desenvolvimento relacional das alunas.

A questão seis perguntava se estes testes eram realizados com acompanhamento de algum profissional multidisciplinar. Em nenhum dos projetos foi relatado haver a integração de um profissional de outra área.

A questão sete perguntava se a melhora do desempenho das alunas poderia ser observada indiretamente de forma padrão em todas as alunas. E também em todos os projetos responderam que não. Que a melhora é particular em cada participante.

A questão oito perguntava qual era a percepção de melhora no desenvolvimento motor das alunas. Cada educador relatou, de forma particular, suas percepções. O aspecto comum foi a percepção de uma melhora significativa no desenvolvimento motor já no primeiro mês. Os aspectos citados foram: ritmo, flexibilidade, bilateralidade, agilidade e coordenação motora. A diferença citada foi a metodologia de trabalho no projeto C, que durante os dois primeiros meses trabalha somente de forma lúdica.

A questão nove perguntava qual era a percepção de melhora no desenvolvimento psicológico das alunas. Novamente as respostas foram baseadas na vivência da experiência do espaço de cada educador. O aspecto comum foi a melhora da disciplina, da pontualidade (pois no começo chegavam atrasadas), das idéias e visão de mundo que iam se transformando.

A questão dez perguntava qual era a percepção de melhora no desenvolvimento relacional das alunas. Percebeu-se, a partir das respostas dos educadores, como ponto em comum, que a o desenvolvimento relacional apresenta duas particularidades: o perceber das semelhanças e das diferenças entre as alunas. Quem é melhor, quem é “pior” e quem pode me ajudar a melhorar foram citados pelos participantes. O aspecto relacional mais citado foi a integração e cooperação entre as alunas.

A questão onze perguntava se os conteúdos abordados na graduação foram suficientes para a intervenção em Ginástica Rítmica. Os projetos A, B e E responderam que sim. Os demais responderam que o conteúdo poderia ser mais aprofundado.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS ARTICULADAS

Neste pequeno artigo ficou claro para nós que a existência de projetos sociais em G.R. vem aumentando de forma significativa. Contudo, esses profissionais estão trabalhando sem um suporte adequado quanto a avaliação. A área e público de trabalho exigem uma equipe multidisciplinar, que possa observar e intervir em várias linhas de atuação.

Entretanto, este artigo é somente uma “ponta” do que está acontecendo e do que esperamos que aconteça. E, gostaríamos de chamar atenção para mais incentivos educacionais, culturais e também financeiros para esta modalidade.

Precisamos de mais apoio por parte dos governantes, mais apoio por parte da sociedade para que os educadores possam ter uma formação continuada, e desta maneira, possam elaborar instrumentos de avaliação mais coerentes. Isso irá possibilitar o desenvolvimento de uma avaliação completa, integradora e que contemple a parte física, psicológica e relacional. Sempre na intenção de proporcionar uma formação pluralista, consciente e interligada com as movimentações da nossa sociedade moderna.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- AGOSTINI, B.R. **A prática pedagógica do Professor de Educação Física no paradigma da complexidade**. 2006.140. Dissertação de Mestrado em Educação – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 03/08/2006.  
\_\_\_\_\_ **Ballet Clássico**: preparação física, cinesiologia, desenvolvimento motor e metodologia. Jundiaí: Fontoura, 2010.
- ARMANI, D. **Como elaborar projetos?** São Paulo: Alencar, 2003;
- BARROS, D. R.; NEDIALCOVA, G. T. **A B C da Ginástica Rítmica..** Rio de Janeiro: Palestra Sport, 1999.
- BARBOSA, M. C. **Planejamento e serviço social**. São Paulo: Cortez, 1990;
- BAPTISTA, M. V. **Planejamento Social**. São Paulo: Veras, 2002;
- BOURCIER, P. **História da Dança no Ocidente**. São Paulo: Martins Fontes: 2001;
- BOTT, J. **Ginástica Rítmica Desportiva**. São Paulo: Manole, 1986.
- DREYHANE, Z. **Ginástica Rítmica**. Disponível em: [www.webartigos.com](http://www.webartigos.com). Acesso em 19/08/2010;
- FERNANDEZ, A. **Ginástica Rítmica Desportiva**. Madrid: Fundamentos, 1989.
- GAIO, R. **Ginástica Rítmica Desportiva “Popular”**. Jundiaí: Fontoura, 1996  
\_\_\_\_\_ **Ginástica Rítmica Popular**. Jundiaí: Fontoura, 2007
- GALLAHUE, D.L. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte, 2005;
- SANTOS, A. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- SANTOS, E.V.N.; LOURENÇO, M.R.A.; GAIO R. **Composição coreográfica em ginástica rítmica**: do compreender ao fazer. Jundiaí: Fontoura, 2010.
- TAFNER, M. TAFNER; J. FISCHER, J. **Metodologia do trabalho acadêmico**. Curitiba: Juruá, 1999.
- TOLEDO, E. **Beleza e Estética na Ginástica Rítmica**. In: PAOLLIELO, E e TOLEDO, E. (Org.). **Possibilidades da ginástica rítmica**. São Paulo: Phorte, 2010.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR). Normas para apresentação de documentos científicos: teses, dissertações, monografias e trabalhos acadêmicos. Curitiba: UFPR, 2000a. v.2.

Bárbara Raquel Agostini

R. Ministro Abner de Vasconcelos, 1661/ 103 - Bairro: José de Alencar - Fortaleza - CE - CEP: 60830015

[bailarina23@yahoo.com.br](mailto:bailarina23@yahoo.com.br)

## APLICAÇÃO DE JOGOS COOPERATIVOS EM ATLETAS DE GINÁSTICA RÍTMICA, VISANDO O DESENVOLVIMENTO GRUPAL

### APLICACIÓN DE LOS ATLETAS JUEGOS COOPERATIVOS EN GIMNASIA RÍTMICA EN RELACIÓN CON EL GRUPO DE DESARROLLO

### APPLICATION OF COOPERATIVE GAMES ATHLETES IN RHYTHMIC GYMNASTICS WITH REGARD TO THE DEVELOPMENT GROUP

**Daniela Vieira da Cruz Matos**

Pós graduanda em Ginástica Rítmica pela Universidade Norte do Paraná, UNOPAR

**Wilson Ferreira Coelho**

Doutorado em Psicologia pela Universidade de São Paulo, USP (2004)

Universidade de Ribeirão Preto, UNAERP

#### **RESUMO**

*A Ginástica Rítmica é uma modalidade olímpica que exige do praticante movimentos corporais combinados realizados fluentemente em harmonia com o ritmo, sendo executado de forma artística e expressiva em mãos livres, como também no manejo de aparelhos próprios como: arco, bola, corda, fita e maças. É exclusivamente feminina em nível de competições, sendo individuais ou em conjunto. As apresentações em conjunto exigem das 5 atletas sincronismo, colaborações, trocas e riscos, para executarem com brilhantismo a performance. O presente estudo tem como objetivo identificar o desenvolvimento grupal em relação a aplicação de um programa de Jogos Cooperativos em atletas de Ginástica Rítmica. Estudos têm demonstrado que a prática de Jogos Cooperativos é importante na construção de valores e concepções acerca da interação humana, além de apresentar melhorias no nível de satisfação, auto-estima, integração e elevação do empenho. Foram estudados 6 atletas com a média de idade 14,1 anos, integrantes da equipe Ginástica Rítmica da Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP, no período pré-competitivo. Os procedimentos para execução deste trabalho estão organizados nas etapas de elaboração de critérios junto aos 4 juízes treinadores para avaliação de desempenho; avaliação inicial; aplicação 8 atividades de jogos cooperativos; avaliação final e comparação de dados através do Teste Wilcoxon Signed Rank ( $P \leq 0,05$ ) para verificação de alterações de desempenho. Os critérios definidos para avaliação inicial e final envolvem cooperação, criatividade, sentimento de equipe, respeito, organização, assiduidade, comprometimento, interesse e disponibilidade. Após a análise descritiva dos dados, o teste Wilcoxon Signed Rank apontou resultados não significativos em relação a alterações de desempenho. Este apontamento pode ser justificado em relação ao volume insuficiente do programa de jogos cooperativos, o número reduzido de sujeitos participantes e o nível interpessoal treinadores-avaliadores e atletas. Entretanto, observou-se relatos favoráveis dos sujeitos durante a aplicação do programa, isto indica que o grupo compreende a importância de atividades coletivas. Considera-se que os jogos cooperativos não foram capazes de alterar o desenvolvimento grupal. No entanto, entende-se que a prática destes jogos pode contemplar o treinamento semanal e em longo prazo favorecer ações coletivas relevantes para a modalidade.*

#### **RESUMEN**

*Gimnasia Rítmica es un deporte olímpico que requiere de los movimientos del médico del cuerpo en combinación con armonías que fluyen hecho el ritmo, correr por lo artístico y expresivo de manos libres, sino también en la gestión de sus propios medios al arco, pelota, cuerda, cinta y las manzanas. Es exclusivamente por mujeres a nivel de competiciones, y el individuo o grupo. Las presentaciones de los cinco atletas de todos ellos requieren la sincronización, la colaboración, el intercambio y el riesgo, para llevar a cabo con brillantez el rendimiento. El presente estudio tiene como objetivo identificar el grupo de desarrollo con respecto a la aplicación de un programa de atletas de Juegos Cooperativos en la gimnasia rítmica. Los estudios han demostrado que la práctica de juegos cooperativos es importante en la construcción de valores y concepciones de la interacción humana, y para hacer mejoras en el nivel de satisfacción, la autoestima, la integración y un mayor compromiso. Se estudiaron seis atletas con una edad media 14,1 años, los miembros de la gimnasia rítmica del equipo de la Universidad de Ribeirão Preto - UNAERP en el período de pre-competición. Los procedimientos para la ejecución de esta obra están dispuestos en los pasos para desarrollar los criterios de los jueces con cuatro entrenadores para la evaluación del desempeño, evaluación inicial, las actividades de implementación, los juegos cooperativos 8; final de evaluación y comparación de datos con el test de Wilcoxon ( $p \leq 0,05$ ) para comprobar los cambios de rendimiento. Los criterios para las evaluaciones iniciales y finales implican la cooperación, creatividad, sentido de equipo, el respeto, la organización,*

*diligencia, compromiso, interés y disponibilidad. Tras el análisis descriptivo, Wilconox Firmado resultados rank test no mostró cambios significativos en relación con el rendimiento. En esta nota se puede justificar en relación con el volumen suficiente del programa de juegos cooperativos, el pequeño número de participantes en los entrenadores a nivel interpersonal y los evaluadores y los atletas. Sin embargo, existen informes favorables de los sujetos durante el programa, esto indica que el grupo entienda la importancia de las actividades colectivas. Se considera que el juego cooperativo no fueron capaces de cambiar el desarrollo del grupo. Sin embargo, se entiende que la práctica de estos juegos se puede disfrutar de los entrenamientos semanales y largo plazo a impulsar la acción colectiva relacionadas con el deporte.*

#### **ABSTRACT**

*Rhythmic Gymnastics is an Olympic sport that requires the practitioner's body movements combined with flowing harmonies made the pace, running so artistic and expressive hands-free, but also in managing their own devices as arc, ball, rope, tape and apples. It is exclusively female-level competitions, and individual or group. The presentations of the five athletes all require synchronization, collaboration, exchange and risk, to perform brilliantly performance. The present study aims to identify the development group regarding the implementation of a program of Cooperative Games athletes in Rhythmic Gymnastics. Studies have shown that the practice of Cooperative Games is important in building values and conceptions of human interaction, and to make improvements in the level of satisfaction, self-esteem, integration and increased commitment. We studied six athletes with mean age 14.1 years, members of the team rhythmic gymnastics at the University of Ribeirão Preto - UNAERP in pre-competition period. The procedures for execution of this work are arranged in steps to develop criteria with four judges coaches for performance assessment, initial assessment, implementation activities, cooperative games 8; final evaluation and comparison of data with the Wilcoxon Signed Rank Test ( $P \leq 0,05$ ) to check performance changes. The criteria for initial and final evaluations involve cooperation, creativity, sense of team, respect, organization, diligence, commitment, interest and availability. After the descriptive analysis, Wilconox Signed Rank test results showed no significant changes in relation to performance. This note can be justified in relation to the insufficient volume of the program of cooperative games, the small number of participants in the interpersonal level coaches and evaluators and athletes. However, there are favorable reports of the subjects during the program, this indicates that the group understands the importance of collective activities. It is considered that the cooperative game were not able to change the group development. However, it is understood that the practice of these games you can enjoy the weekly training and long-term foster collective actions relevant to the sport.*

#### **INTRODUÇÃO**

A aplicação de Jogos Cooperativos em atletas visa o desenvolvimento grupal, a valorização humana, a motivação, inclusão e interação do sujeito. Esta prática permite amenizar limitações e ressaltar potencialidades.

Estudos têm demonstrado que a aplicação dos JC em atividades físicas apresentam melhorias no nível de satisfação, auto-estima, integração e elevação do empenho (CORTEZ, 1999). A prática de (JC) é importante na construção de valores e concepções acerca da interação humana (CORREIA, 2007, apud ABRÃO, 2003). O referido estudo foi baseado em questionário aplicado aos treinadores da equipe de Ginástica Rítmica, da UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto SP.

A Ginástica Rítmica (GR) é uma modalidade essencialmente feminina com elevadas exigências de rendimentos. Fundamentada na expressividade artística, requer alto nível de desenvolvimento e qualidades físicas, tais como flexibilidade, força, agilidade, equilíbrio e coordenação. Tem como principal objetivo, a perfeição técnica na execução de movimentos complexos com o corpo ou com aparelhos específicos como: corda, bola, arco, maças e fita. (BELÃO; MACHADO; MORI, 2009).

O âmbito desportivo visa índices elevados de desempenho e alto rendimento Na modalidade Ginástica Rítmica, se faz necessário fortalecer o grupo, para que o objetivo seja alcançado. Os jogos cooperativos favorecem ações coletivas e integração dos envolvidos.

#### **OBJETIVO**

Identificar o desenvolvimento grupal em relação à aplicação de um programa com Jogos Cooperativos em atletas da equipe de Ginástica Rítmica da UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto SP.

#### **METODOLOGIA**

Foram definidos os critérios de avaliação: cooperação, criatividade, sentimento de equipe, respeito, organização, assiduidade, comprometimento, interesse e disponibilidade. O instrumento de identificação destes critérios foi o questionário, elaborado e aplicado por um grupo de quatro juízes treinadores.

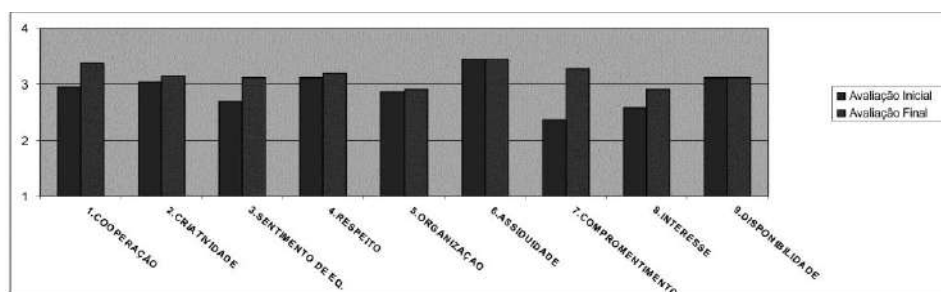
Durante o período pré-competitivo da equipe de Ginástica Rítmica UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto foram aplicadas oito atividades de jogos cooperativos, em seis atletas femininas com a média de 14,1 anos, durante quatro dias da semana, com duração de aproximadamente trinta minutos para cada atividade, concluído em duas semanas.

A avaliação final foi realizada após a aplicação das atividades de JC, com os mesmos quatro juízes treinadores, objetivando identificar o nível final de desempenho da equipe. Foi realizada também, a comparação das avaliações antes - depois da aplicação dos jogos cooperativos através do Teste *Wilcoxon Signed Rank* ( $P \leq 0,05$ ).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a análise descritiva dos dados, o teste *Wilcoxon Signed Rank* ( $P \leq 0,05$ ) apontou resultados não significativos referentes a alterações de desenvolvimento. Consideram-se índices favoráveis, questões que envolveram cooperação, sentimento de equipe, comprometimento e interesse. Os itens criatividade, respeito e organização indicaram dados irrelevantes e outros como assiduidade e disponibilidade não apresentaram variações. Estes apontamentos foram detectados em razão do volume insuficiente do programa de jogos cooperativos, o número reduzido de sujeitos participantes e o nível interpessoal treinadores-avaliadores e atletas.

Observou-se relatos favoráveis dos sujeitos durante a aplicação do programa, isto indica que o grupo compreende a importância de atividades coletivas.



Apresentação de desempenho grupal antes e após a aplicação do programa de Jogos Cooperativos em atletas da equipe de Ginástica Rítmica da UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto-SP

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que os jogos cooperativos não foram capazes de alterar o desenvolvimento grupal. No entanto, entende-se que a prática destes jogos pode contemplar o treinamento semanal e em longo prazo favorecer ações coletivas relevantes para a modalidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELÃO, M.; MACHADO, L. P.; MORI, P. M. M. A formação profissional das técnicas de ginástica rítmica. Revista Motriz, Rio Claro, v.15 n.1 p.61-68, jan./mar. 2009
- BROTTO, F.O. Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência. Santos: Ed. Projeto Cooperação, 2001.
- CORREIA, M. M Jogos Cooperativos e Educação Física escolar: possibilidades e desafios. Revista Digital EFDesportes.com, Buenos Aires, Año 12, n.107, abr. 2007
- CORTEZ, R. do N. C. Sonhando com a Magia dos Jogos Cooperativos. Dissertação de Mestrado. Instituto de Biociências, UNESP, Rio Claro, 1999
- SCHEFFER, I. R. Jogos cooperativos na ginástica rítmica. Trabalho de Conclusão de Curso. Rio Claro, Nov. 2005.

Daniela Vieira da Cruz Matos

Rua: João Medeiros Cabral, 96 - Bairro: Jardim Alvorada -CEP: 14110-000 - Ribeirão Preto – SP

[matos143@hotmail.com](mailto:matos143@hotmail.com)

## ENVOLVIMENTO PARENTAL NA TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE TALENTOS DA GINÁSTICA RÍTMICA

### ENVOLVIMIENTO PARENTAL EN LA TRAYECTORIA DEPORTIVA DE TALENTOS DE LA GIMNASIA RITMICA

#### PARENTAL INVOLVEMENT IN SPORTS CAREER OF RHYTHMIC GYMNASTICS' TALENTS

**Fernanda Soares Nakashima**

Mestre – Universidade Estadual de Maringá

**Lenamar Fiorese Vieira**

Doutora – Universidade Estadual de Maringá

#### **RESUMO**

*O envolvimento parental no esporte é entendido como a participação dos pais no processo de aprendizagem e nas atividades desportivas da criança e do jovem (TEQUES, 2009). O objetivo do presente trabalho foi analisar o envolvimento parental na trajetória esportiva de talentos da ginástica rítmica (GR) com base no modelo adaptado ao esporte por Teques e Serpa (2009), buscando verificar e comparar o envolvimento de pais e mães nas dimensões: motivação pessoal; contexto vivencial e a percepção das invocações do clube, do treinador e da atleta. Participaram da pesquisa 15 ex-ginastas da seleção brasileira de GR, seus pais (09) e suas mães (11). Para a coleta de dados foi utilizado o Inventário do Envolvimento Parental no Esporte, respondido pelos pais e pelas mães, e entrevista semi-estruturada feita com as ex-ginastas, seus pais e suas mães. A análise dos dados quantitativos foi feita por estatística descritiva e pelos testes Mann-Whitney, Wilcoxon, Anova para medidas repetidas com post-hoc de Bonferroni e dos qualitativos por análise de conteúdo do tipo categorial. Os resultados demonstraram que a motivação pessoal é a dimensão que mais justificou o envolvimento de pais e mães na carreira esportiva da ex-ginastas da seleção brasileira, sendo o papel parental o principal motivo pelos quais estes se envolveram na prática esportiva das filhas; foi verificado um envolvimento parental moderado no esporte, porém com a atribuição de muitas tarefas e atividades aos familiares, principalmente às mães. Este fato pode estar relacionado à característica amadora que predomina na ginástica rítmica brasileira, aumentando a necessidade do apoio paterno e materno, sendo a família a principal investidora da carreira esportiva da filha.*

#### **RESUMEN**

*El involucimiento parental se entiende como la participación de los padres en el proceso de aprendizaje y en las actividades deportivas de niños y jóvenes (Teques, 2009). El objetivo de este estudio fue analizar la participación de los padres en la trayectoria deportiva de talentos de la gimnasia rítmica (RG) basados en el modelo adaptado al deporte por Teques y Serpa (2009), tratando de verificar y comparar la participación de los padres en las dimensiones: la motivación personal, el contexto vivencial y percepción de las invocaciones del club, del entrenador y la atleta. Los participantes fueron 15 e-gimnastas de la selección brasileña, sus padres (09) y sus madres (11). Para coleta de los datos se utilizó el Inventario de Envolvimiento Parental en el Deporte, respondido por los padres y madres, y entrevistas semi-estructuradas realizadas con las ex-gimnastas, sus padres y sus madres. El análisis cuantitativo se realizó mediante estadística descriptiva y por testes: Mann-Whitney, Wilcoxon y ANOVA para medidas repetidas con post-hoc de Bonferroni, y cualitativos mediante análisis de contenido categorial. Los resultados mostraron que la motivación personal es la dimensión que justificó la participación de los padres en la carrera deportiva de las ex gimnastas de la selección brasileña, y el papel de los padres, la razón principal por la que están involucidos en el deporte de las hijas; se encontró una participación moderada de los padres en el deporte, pero con la asignación de muchas de las tareas y actividades para familias, especialmente las madres. Este hecho puede estar relacionado con la característica aficionada que predomina en la gimnasia rítmica brasileña, lo que aumenta la necesidad de apoyo materno y paterno, haciendo de la familia la principal inversora en la carrera atlética de su hija.*

#### **ABSTRACT**

*Parental involvement in the sport is understood as the parents' participation in the process of learning and sports activities of children and youth (Teques, 2009). The objective of this study was to examine parental involvement in sports career of rhythmic gymnastics' (RG) talents, based on the model adapted to sports by Teques and Serpa (2009), seeking to verify and compare the involvement of parents in the dimensions: personal motivation; living context and perception of the invocations of the club, the coach and the athlete.*

*The participants were 15 former gymnasts of the Brazilian national team, their parents (09) and their mothers (11). To collect data was used the Inventory of Parental Involvement in Sport, answered by parents and mothers, and semi-structured interviews with the ex-gymnasts, their parents and their mothers. The quantitative analysis was done using descriptive statistics and by the tests: Mann-Whitney, Wilcoxon, and ANOVA for repeated measures with Bonferroni's post-hoc, and categorical content analysis for qualitative data. The results showed that personal motivation is the dimension that most justified the involvement of parents in the athletic career of former gymnasts of the Brazilian team, and the parental role, the main reason for which they are involved in sports of the daughters; was found a moderate parental involvement in the sport, but with the assignment of many tasks and activities for families, especially mothers. This fact may be related to the amateur characteristic that predominates in Brazilian rhythmic gymnastics, increasing the need for maternal and paternal support, making the family being the main investor in her daughter's athletic career.*

## INTRODUÇÃO

O processo de desenvolvimento de um atleta é determinado por diversos fatores que se interagem e que podem proporcionar uma participação esportiva saudável e de sucesso. Um dos aspectos fundamentais para o estabelecimento de condições favoráveis à formação do indivíduo no esporte são as relações sociais (VILANI; SAMULSKI, 2002). As primeiras relações sociais do atleta acontecem no ambiente familiar e, por isso, os pais são os responsáveis por formar a base dos padrões comportamentais e de relacionamento deste.

Além de sofrer influências dos pais no seu desenvolvimento, o atleta está exposto às consequências do envolvimento parental no esporte. Neste contexto os familiares desempenham um papel importante, primeiramente, por serem os responsáveis por possibilitar o acesso do filho à prática, e por representarem a principal fonte de apoio, incentivo e suporte emocional e financeiro ao longo da sua participação no programa esportivo (CLARK, 2008).

Porém, por outro lado, o envolvimento parental pode significar para o atleta uma forma de ser avaliado. Brustad (1988) afirma que a percepção dos pais acerca do talento que seu filho tem para o esporte, está diretamente ligada ao autoconceito da criança acerca da sua própria capacidade. A participação da família pode causar efeitos negativos ao criar demasiadas expectativas relativas ao rendimento desportivo, fazendo com que o atleta sinta a necessidade de atingi-las ou por adotar regras demasiado rígidas em torno da vida. “Estas situações acabam por se refletir no treino e na competição e, naturalmente, no trabalho realizado pelo treinador” (GOMES, 2001, p.31).

Percebe-se que o processo de desenvolvimento de um atleta envolve muitos fatores, os quais interagem e influenciam uns aos outros. Dessa forma, ao analisar um indivíduo envolvido no esporte, é importante entender que os seus comportamentos não decorrem de aspectos isolados.

## OBJETIVOS

Com o intuito de analisar o envolvimento parental na trajetória esportiva de talentos da ginástica rítmica, foram estabelecidos como objetivos específicos: verificar e comparar o envolvimento parental na ginástica buscando observar a motivação pessoal para o envolvimento (papel e autoeficácia parentais), o contexto vivencial (conhecimentos e competências, tempo e energia), e a percepção das invocações do clube, do treinador e da atleta.

## METODOLOGIA

A pesquisa se caracterizou como descritiva e a os critérios para a inclusão dos sujeito/atletas na amostra foram: a) ter sido integrante da seleção brasileira de ginástica rítmica nas categorias individual ou conjunto entre os anos 2000 e 2010; b) ter proveniente de clubes da região sul do país (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul); c) ter idade igual ou superior a 18 anos; e d) não estar mais treinando. A limitação à região sul foi feita devido a maior parte das ex-ginastas serem provenientes do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (45,5%). Considerando os critérios adotados para inclusão na amostra, foi obtido o número de 20 ex-ginastas.

Participaram do estudo 15 ex-ginastas de seleção brasileira, nove pais e onze mães, totalizando 35 sujeitos. Considerando apenas as ex-atletas, o Paraná representou 53,3% da amostra da região sul, o Rio Grande do Sul 26,7% e Santa Catarina 20%.

O instrumento utilizado para coleta dos dados quantitativos referentes ao envolvimento parental foi o **Inventário do Envolvimento Parental no Desporto**, respondido pelos pais e pelas mães, baseado no questionário desenvolvido por Hoover-Dempsey e colaboradores (Hoover - Dempsey y Sandler, 1995, 1997, 2005; Hoover-Dempsey *et al.*, 2005; Walker *et al.*, 2005) que analisa o envolvimento parental no contexto acadêmico, mas que foi adaptado para o esporte e validado por Teques e Serpa (2009). Dessa forma, este instrumento busca identificar o grau de manifestação dos fatores: construção do papel parental, auto-eficácia parental, percepção das invocações oriundas da organização desportiva, do treinador e da atleta, conhecimentos e competências no desporto, percepção do tempo e energia empregados e mecanismos utilizados. Foram

considerados os resultados entre 1 e 2,9 como baixa, entre 3 e 4,9 como moderada, e entre 5 e 6 como alta percepção de envolvimento.

Foi ainda realizada entrevista com as ex-ginastas, seus pais e suas mães, como forma de complementar as informações obtidas por meio do questionário.

A coleta dos dados quantitativos (testes psicométricos) e qualitativos (entrevista) foi realizada no local determinado pelos sujeitos do estudo, em datas e horários pré-estabelecidos pelos mesmos.

Para análise dos dados quantitativos foi utilizada estatística descritiva, os testes Mann Whitney, Wilcoxon Anova para medidas repetidas com correção ( $p < 0,01$ ), seguida de Post Hoc de Bonferroni. Os dados qualitativos foram designados à análise de conteúdo do tipo categorial.

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O envolvimento parental é entendido como participação dos pais no processo de aprendizagem e nas atividades desportivas da criança e do jovem. É expresso por meio de um conjunto variado de atitudes, crenças e comportamentos que interferem na prática desportiva do filho (TEQUES, 2009). A participação parental no contexto esportivo pode ser estudada levando em consideração diferentes aspectos como o nível de envolvimento, a forma como este acontece e se modifica a cada fase esportiva do atleta, quais os motivos que levam os pais a se envolverem, os mecanismos que estes utilizam em sua participação e de que forma o filho percebe e é influenciado por estes aspectos.

Um dos modelos de envolvimento parental mais utilizado atualmente na literatura é o de Hoover-Dempsey e Sandler (2005), desenvolvido para o ambiente acadêmico, o qual foi adaptado ao esporte por Teques e Serpa em 2009 (Figura 1). O modelo de envolvimento parental no esporte será a base teórica deste estudo o qual, tal como o original, foi estruturado a partir de três questões principais: Por que os pais se envolvem? De que forma o fazem? Como este envolvimento influencia o desenvolvimento do filho? A combinação de variáveis estruturais e dinâmicas dispostas no modelo buscam apresentar de forma integrada os fatores que contribuem para o alcance da autorrealização desportiva do atleta, e foram classificadas em cinco níveis.

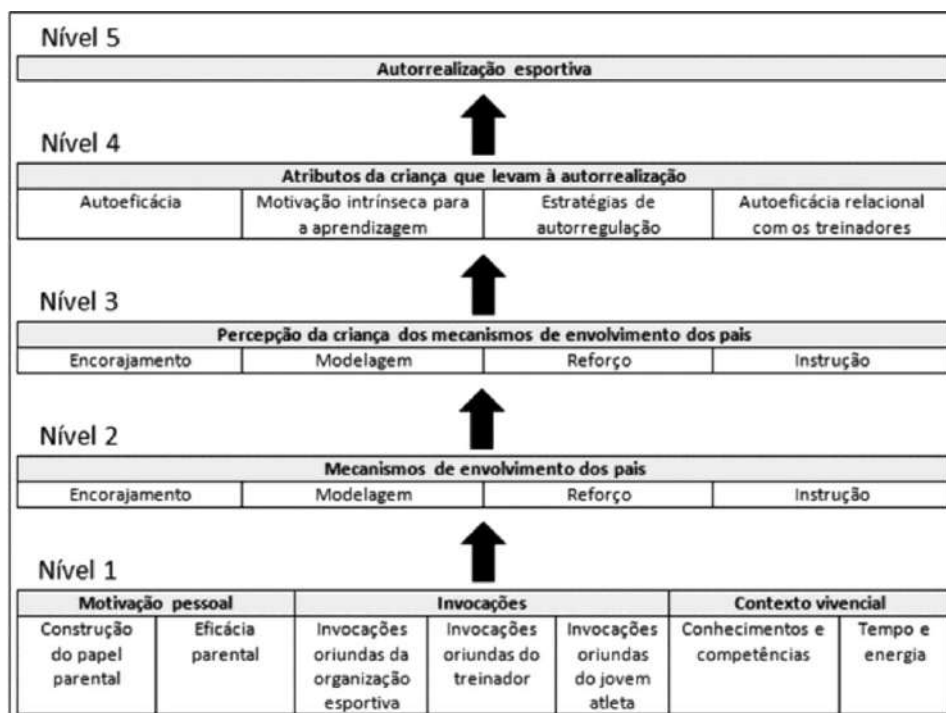


FIGURA 1. Modelo do envolvimento parental de Hoover-Dempsey e Sandler (2005), adaptado para o esporte por Teques e Serpa (2009, p.238).

No Nível 1, estão dispostos os motivos que levam os pais a participarem do contexto esportivo. Em primeiro lugar, está a motivação pessoal dos mesmos, que está relacionada à construção do papel parental e ao sentimento de autoeficácia. A construção do papel parental se baseia naquilo que os pais consideram como sua responsabilidade em relação ao atleta, determinando não somente suas ações, como também o nível de

envolvimento que terão. A autoeficácia se refere às crenças dos pais acerca de suas próprias capacidades em colaborar com o filho na prática esportiva.

Em segundo lugar, o envolvimento parental pode ser uma reação frente às solicitações da organização esportiva, do treinador e/ou do filho para participar, seja por meio de participações em reuniões, colaboração para levantar fundos para a equipe, transporte do atleta aos treinos e competições, compra de materiais necessários à prática, entre outras atividades relacionadas ao universo esportivo com as quais podem colaborar. E, em terceiro lugar, a influência do contexto vivencial, que se refere ao conhecimento que os pais possuem sobre a modalidade e sobre estratégias para lidar com o comportamento do atleta, e às competências que julgam ter para influenciar positivamente o filho, bem como, o tempo e a energia disponíveis, que também representam fatores importantes para que os pais se envolvam com o esporte.

No Nível 2, estão os mecanismos dos quais os pais se utilizam ao se envolver na participação esportiva do filho. Neste aspecto, estes podem desempenhar quatro tipos principais de comportamento: o encorajamento, que se refere ao apoio afetivo oferecido frente às experiências do atleta; a modelagem, relacionado aos exemplos de comportamento transmitidos que promovem noções de responsabilidade, competências e condutas no esporte; o reforço, que se baseia nas ações que buscam desenvolver, manter ou recompensar comportamentos positivos na prática esportiva ou inibir os negativos; e a instrução, que podem se referir às sugestões e aconselhamentos, assim como ordens, comandos e direcionamentos relacionados ao esporte, que são dadas ao filho.

O nível 3 representa as percepções dos atletas acerca do envolvimento parental. Dessa forma, demonstra a relação com o nível anterior, por se tratar do sentimento dos filhos em relação ao comportamento dos pais, se estes se sentem encorajados, modelados pelos exemplos transmitidos, reforçados em suas atitudes e/ou instruídos em suas ações.

No nível 4 estão os atributos psicológicos que levam a autorrealização. Estes elementos são considerados os mediadores entre os mecanismos de envolvimento parental e como estes são percebidos pelo atleta (níveis 2 e 3) e a autorrealização do atleta (nível 5). Dentre estes atributos estão a autoeficácia, considerada a crença do indivíduo acerca da sua capacidade de atuar e por meio de sua atuação obter os resultados esperados (BANDURA, 1994); a motivação intrínseca para a aprendizagem; as estratégias de autorregulação, que estão relacionadas à formulação de objetivos e estabelecimento de táticas pessoais para melhora do desempenho; e a autoeficácia correlacional com os treinadores, que se refere à relação treinador-atleta e a influência do primeiro sobre a autoeficácia do segundo.

Por fim, o nível 5, que representa a autorrealização do atleta em sua carreira desportiva, entendida como um produto do processo do envolvimento parental. Este último nível está relacionado com a percepção de sucesso do esportista ao longo de sua trajetória.

Diante destas considerações observa-se que a participação dos pais no esporte não é algo estático e padronizado. Seja pela fase de desenvolvimento esportivo em que o filho se encontra ou pelas características parentais demonstradas neste ambiente, os comportamentos assumidos se modificam e se diferem de família pra família. Saber de fato apoiar o atleta a alcançar o sucesso demanda dos pais entender as suas necessidades em cada momento da carreira esportiva e compreender que é preciso respeitar limites em relação ao envolvimento.

## RESULTADOS

O modelo adaptado para o esporte (Figura 3, p.19) por Serpa e Teques (2009) foi utilizado para analisar o envolvimento parental no esporte. Foram investigados, primeiramente, os elementos considerados como os motivos que levam os familiares a se envolverem (Nível 1). Neste plano foram considerados a motivação pessoal (papel e autoeficácia parental), o contexto vivencial (conhecimentos e competências, tempo e energia), e as invocações (do clube, do treinador e da atleta). Na tabela 1 é apresentada a comparação entre pais e mães em cada categoria do envolvimento parental no esporte (motivação pessoal, invocações e contexto vivencial).

**TABELA 1.** Comparações entre os pais e mães das ex-ginastas da seleção brasileira de GR em relação às categorias do envolvimento parental no esporte. (n=20)

ENVOLVIMENTO PARENTAL NO ESPORTE		PAIS		MÃES	P
		Md (Q1-Q3)	Md (Q1-Q3)		
Motivação pessoal	Papel parental	5,0 (4,6 – 5,2)	5,0 (4,3 – 5,5)		0,824
	Autoeficácia parental	4,8 (4,6 – 5,2)	4,7 (4,0 – 5,2)		0,295
Invocações	Invocações do clube	4,8 (4,6 – 5,2)	4,7 (4,0 – 5,2) <sup>b</sup>		0,824
	Invocações do treinador	2,5 (1,9 – 4,0) <sup>a</sup>	4,0 (2,8 – 5,0) <sup>a</sup>		0,046
	Invocações da atleta	3,0 (2,1 – 4,3)	3,0 (2,8 – 4,0) <sup>b</sup>		0,710
Contexto vivencial	Conhecimentos e competências	4,1 (2,5 – 4,9)	3,3 (2,9 – 4,1)		1,000
	Tempo e energia	3,0 (2,1 – 5,1)	3,7 (2,3 – 5,0)		0,656

<sup>a</sup>Diferença significativa entre a percepção de pais e mães em relação às invocações do treinador (p=0,046); para P<0,05.

<sup>b</sup>Diferença significativa entre as invocações do clube e da atleta para a mãe (p=0,003); para p<0,01.

Verifica-se (Tabela 1) que pais e mães apresentavam níveis de envolvimento muito semelhantes. Na motivação pessoal, a percepção do papel parental de pais e mães era alta (5,0), enquanto a autoeficácia era moderada (4,8 e 4,7, respectivamente). Em relação às invocações, as feitas pelo clube eram percebidas como moderadas pelos pais (4,8) e pelas mães (4,7); as da atleta, moderadas por ambos os familiares (3,0) e as do treinador diferem entre ambos, uma vez que os pais consideravam baixas (2,5) as invocações feitas, enquanto as mães consideravam moderadas (4,0). O contexto vivencial apresentou resultados moderados para os conhecimentos e competências dos pais (4,1) e das mães (3,3), bem como para o tempo e energia (3,0 e 3,7, respectivamente).

Foi encontrada diferença significativa (Tabela 1) na percepção de invocação do treinador para se envolverem no contexto esportivo ( $p=0,046$ ). As mães (4,0) demonstraram que percebiam esta invocação de forma mais acentuada que os pais (2,5). Na comparação dentro das categorias do envolvimento parental de pais e mães em relação à motivação pessoal, contexto vivencial e invocações (Tabela 1), observa-se que existe diferença significativa quando comparadas as percepções das mães sobre as invocações do clube e da atleta ( $p=0,003$ ). Estas consideraram que o clube (4,7) solicitava mais do seu envolvimento do que as atletas (3,0).

### ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

O papel parental apresentou um alto valor de percepção pelos pais e mães, se configurando como o principal motivo pelos quais estes se envolveram na prática esportiva das filhas. De acordo com Hoover-Dempsey e Sandler (2005), a construção do papel parental recebe influência das crenças paternas e maternas sobre como acontece o desenvolvimento de crianças e adolescentes e sobre as formas mais eficazes para criá-los. Além disso, é moldada pelas expectativas sociais que os familiares percebem existir, e pelas suas experiências pessoais.

Sendo assim, este resultado demonstra que o principal fator que levou os pais analisados ao envolvimento na vida esportiva das filhas foi o fato de considerarem este comportamento como parte da função que deveriam exercer como educadores, sendo responsáveis pelo suporte para o alcance do sucesso pela filha (HOOVER-DEMPSEY, SANDLER, 2005).

As invocações percebidas pelos familiares são também motivadoras do seu envolvimento no contexto esportivo. A forma como a organização esportiva, o treinador ou o atleta buscam e valorizam a participação dos pais fazem com que se sintam convidados a participar ou não (HOOVER-DEMPSEY; SANDLER, 2005).

As invocações da organização esportiva demonstraram resultados moderados tanto para os pais quanto para as mães. A percepção paterna destas solicitações se dava por meio dos convites a prestigiar os eventos e as competições, e pelas convocações para reuniões. Na percepção materna, além disso, eram feitos convites para a participação nas associações de colaboradores, que trabalhavam em conjunto com a organização esportiva.

As solicitações do(a) treinador(a) eram percebidas pelos pais como baixa e pelas mães como moderada. Foi demonstrada diferença significativa na comparação entre os familiares (Tabela 1), o que, juntamente aos depoimentos paternos, confirmou esta maior invocação feita às mães. Este resultado pode estar relacionado ao papel parental assumido, no qual, devido às funções que desempenhavam, as mães tiveram um envolvimento com o esporte mais direto, o que favoreceu o contato com o(a) treinador(a).

Sobre esta relação, Smoll, Cumming e Smith (2011) afirmam que se os treinadores mantêm os canais de comunicação aberto aos familiares, de forma que estes sintam que suas preocupações são ouvidas, têm maiores oportunidades de estabelecer um relacionamento construtivo com os estes. Os treinadores estão em uma posição em que podem canalizar as boas intenções parentais que podem contribuir para as experiências do atleta. Do outro lado, a família pode influenciar a qualidade da relação entre seu filho e o treinador, ao estimular os sentimentos de proximidade, compromisso e complementariedade.

As invocações feitas pelas atletas eram percebidas por pais e mães como moderadas, que notavam esta solicitação pelo convite da filha para assistir a competição e quando esta comentava sobre assuntos do contexto esportivo com o pai, ou quando buscavam suporte emocional da mãe.

Segundo Kimiecik e Horn (2012) a comunicação com os filhos tem sido reconhecida como um fator relevante dentro do contexto da atividade física, por ser por meio deste processo que os familiares manifestam o encorajamento e o *feedback*, que influenciam a participação. Em sua pesquisa, identificaram que crianças que percebem o suporte familiar apresentam maior facilidade em estabelecer uma comunicação com seus pais do que aquelas que sentem pouco ou nenhum suporte. Isto demonstra que o estilo parental é um aspecto relevante neste processo.

Porém, alguns pais e mães consideraram que as filhas não faziam solicitações à sua participação e em alguns casos demonstravam não gostar da sua presença. Segundo Machado e Paulinetti (1997, p.69), o comparecimento dos familiares nos treinos e competições pode despertar alguma reação no atleta, “seja ela de contentamento ou não, de aprovação ou não”. O que determinará a ocorrência de interferência sobre o seu desempenho é a forma como se desenvolveu o relacionamento entre pais e filhos, se há incentivo, apoio e

suporte adequados, ou cobranças, críticas e expectativas exageradas. Além disso, para o autor existe a influência da idade, da experiência e da personalidade.

A busca por informações pelos próprios familiares, que procuravam uma forma de se envolver quando não percebiam esta solicitação da filha, pode não ser um comportamento adequado. De acordo com Weiss (2008), apesar destes estarem tentando demonstrar interesse e preocupação sobre o que acontece no ginásio, isto pode ser percebido pela ginasta como uma forma de pressão. Wuerth, Lee e Alferman (2004) encontraram correlação entre a pressão exercida pelos familiares com comportamentos diretivos e controladores. Este tipo de interação e comunicação deixa pouca ou nenhuma possibilidade para a atleta ter iniciativa própria e pensamento independente, impedindo que esta desenvolva sua autonomia (BENGOECHEA; STREAN, 2007).

Foi demonstrada diferença significativa entre as invocações da organização esportiva e da ex-atleta para as mães (Tabela 1), apontando que a solicitação para o envolvimento desta era maior por parte do clube. Este dado pode estar relacionado à necessidade da organização esportiva da participação das mães de forma mais ativa, em atividades voluntárias, para ajudar a obter recursos financeiros e materiais para a equipe, bem como, a percepção materna do seu papel parental.

O contexto vivencial foi analisado pelos conhecimentos e competências que os familiares consideram possuir e que podem contribuir para o seu envolvimento esportivo, e pelo tempo e energia que têm disponível para tanto. Conforme verificado (Tabela 1), os sujeitos analisados apresentam um nível moderado destes aspectos.

Em relação aos conhecimentos e competências, os pais e mães demonstraram entendimento nulo ou básico das regras (código de pontuação) da modalidade, porém, algumas mães acreditam compreendê-las. A maior parte dos sujeitos afirmou que não considerava importante o domínio dos aspectos normativos do esporte, mas um conhecimento básico era importante para entender os resultados da filha, como também para facilitar a comunicação com a ex-ginasta. Para as mães, a compreensão do regulamento a capacitava a dar o seu *feedback*.

O fato dos pais e mães não julgarem necessário o entendimento das regras pode estar relacionado às atividades que atribuem ao seu papel parental. Ao considerarem esta função própria do treinador, não sentiram necessidade de ter este conhecimento. Por outro lado, a iniciativa de entender o regulamento pode ser um indicativo de envolvimento excessivo, caracterizado pelo fanatismo parental, e que pode ser prejudicial ao atleta (HELLSTEDT, 1987).

A capacidade de avaliação do(a) treinador(a) foi considerada como um dos conhecimentos e competências de alguns pais e mães, em relação à formação profissional e na conduta pessoal. Em relação às decisões técnicas e estratégias de treinamento, os familiares afirmaram que não eram capazes de fazer um julgamento por não compreenderem os aspectos esportivos específicos da GR, utilizando para isto os resultados obtidos em competições e o histórico do profissional no esporte.

Da mesma forma que para julgar o trabalho do treinador os pais e mães admitiram que não tinham os saberes técnicos necessários, o desempenho esportivo da ex-atleta durante a apresentação não era precisamente avaliado. Para os pais, o resultado na competição era o principal indicador de como havia sido a performance da filha, enquanto as mães se consideravam capazes de notar por sua feição de satisfação ou desapontamento, o que demonstra a maior habilidade que estas têm para entender as expressões da filha (MARINHA, 1989).

O tempo e a energia empregados no envolvimento com o esporte foram representados principalmente pela disponibilidade dos familiares em estarem presentes nos treinamentos e competições. Ir aos treinamentos foi apontado como uma atitude eventual, devido à falta de tempo ou por escolha dos familiares. A presença constante nos treinamentos foi uma das características do superenvolvimento parental, e pode estar relacionada à intenção de superproteger o filho, enquanto a ausência aponta para o desinteresse e rejeição. Dessa forma, o comparecimento esporádico demonstra um comportamento mais adequado e equilibrado, no qual ao mesmo tempo que busca dar suporte, permite o desenvolvimento da autonomia (HELLSTEDT, 1987; ZANDEN, 1997).

Conforme afirmaram os sujeitos da pesquisa, os principais limitadores da presença em competições foram o tempo disponível, e as condições geográficas e financeiras, uma vez que estes eventos eram realizados em cidades, estados e países distintos. Apesar disso, a presença em competições foi apontada como mais frequente que em relação aos treinamentos. De acordo com Smoll, Cumming e Smith (2011), os familiares são responsáveis por decidir quanto tempo podem dedicar às atividades esportivas dos filhos. O conflito acontece quando, apesar de interessados e motivados a incentivar o atleta, são muito ocupados. Diante deste problema, os autores afirmam que os estes não devem prometer aos filhos mais tempo do que podem se dedicar realmente para não criar falsas expectativas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação aos papéis parentais, diferenças na forma de participação entre pais e mães ficaram evidentes. Acredita-se que assim como o estilo parental pode influenciar a maneira como ocorre o envolvimento parental no esporte, os atributos paternos e maternos tal como estão estruturados na relação

familiar poderiam predispor as funções próprias do pai e da mãe no ambiente esportivo. No caso deste estudo, os pais demonstraram engajar-se indiretamente, enquanto as mães acompanhavam as ex-atletas de forma mais próxima e cotidiana.

Apesar do envolvimento parental no esporte ser observado como moderado, foram verificadas muitas tarefas e atividades que são atribuídas ao papel dos familiares no esporte. Este fato pode estar relacionado às características da modalidade. A ginástica rítmica brasileira se estabelece predominantemente de forma amadora, aumentando a necessidade do apoio paterno e materno, principalmente no aspecto financeiro para aquisição de materiais, para as viagens e taxas de competições. Assim, a família assume a posição de principal investidora da carreira esportiva da filha.

## REFERÊNCIAS

- BANDURA, A. (1994). Self-efficacy. In: RAMACHAUDRAN, V.S. (Ed.) **Encyclopedia of human behavior**. New York: Academic Press, 1998. n. 4, p. 71-81.
- BENGOECHEA, E.G.; STREAN, W.B. On the interpersonal context of adolescents' sport motivation. **Psychology of sport and exercise**, n.8, 2007, p. 195-217.
- BRUSTAD, R. J. Affective Outcomes in Competitive Youth Sport: The Influence of Intrapersonal and Socialization Factors. **Journal of Sport and Exercise Psychology**. n. 10, 1988, p. 307-321.
- CLARK, W. L'activité sportive chez les enfants. **Catalogue de statistique Canada - Tendances sociales canadiennes**. n. 8, 2008.
- GOMES, A. R. A promoção da comunicação entre treinadores e pais na iniciação e formação desportiva de crianças e jovens. **Treino desportivo**. 13, 2001, p. 30-37.
- HELLSTEDT, J. C. The coach/parent/athlete relationship. **The sport psychologist**. 1987, 1, 151-160.
- HOOVER-DEMPSEY, K. V.; SANDLER, H. M. Parental involvement in children's education: Why does it make a difference? **Teachers college record**, v. 97, n. 2, 1995, p. 310-331.
- HOOVER-DEMPSEY, K. V.; SANDLER, H. M. Why do parents become involved in their children's education? **Review of educational research**, v.67, n.1, 1997, p. 3-42.
- HOOVER-DEMPSEY, K. V.; SANDLER, H. M. Final Performance Report for OERI Grant #R305T010673: The Social Context of Parental Involvement: A Path to Enhanced Achievement. Apresentado ao monitor do projeto, **Institute of Education Sciences**, U.S. Department of Education, 2005.
- HOOVER-DEMPSEY, K. V.; WALKER, J. M. K. T. V.; SANDLER, H. M.; WHETSEL, D.; GREEN, C. L.; WILKINS, A. S.; CLOSSON, K. Why Do Parents Become Involved? Research findings and implications. **The elementary school Journal**, v. 106, n. 2, 2005. p.105- 129.
- KIMIECIK, J.C.; HORN, T.S. Examining the relationship between family context and children's physical activity beliefs: The role of parenting style. **Psychology of Sport and Exercise**, n. 13, 2012, p. 10-18.
- MACHADO, A.A.; PAULINETTI, A.P.M. Stress e a performance esportiva. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Psicologia do esporte: temas emergentes 1**. 1.ed. Jundiaí: Ápice, 1997, cap.7, p. 123-140.
- MARINHA, M.I.S. **A família na educação da criança**. (S/L): Livros Horizonte, 1989, 143p.
- SMOLL, F.L.; CUMMING, S.P.; SMITH, R.E. Enhancing Coach-Parent Relationships in Youth Sports: Increasing Harmony and Minimizing Hassle. **International journal of sports science and coaching**, v.6, n.1, 2011, p.13-26.
- TEQUES, P. H. A.; SERPA, S. O. C. Implicación parental: Adaptación de un modelo teórico al deporte. **Revista de Psicología del Deporte**, 2009. Vol. 18, núm. 2, p. 235-252.
- VILANI, L. H. P.; SAMULSKI, D. M. Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. In: SILAMI GARCIA, E.; LEMOS, K. L. M. **Temas atuais VII: Educação Física e Esportes**. Belo Horizonte: Editora Health, 2002. p. 9-26.
- WALKER, J.; WILKINS, A.; DALLAIRE, J.; SANDLER, H.; HOOVER-DEMPSEY, K. Parental involvement: Model revision through scale development. **The elementary school journal**, v. 106, v. 2, 2005. p. 85-105.
- WUERTH, S.; LEE, M.J.; ALFERMANN, D. Parental involvement and athletes' career in youth sport. **Psychology of sport and exercise**, n. 5, 2004, p. 21-33.
- ZANDEN, J. W. V. **Human development**. 6. ed. McGraw-Hill, 1997. 599 p.

Fernanda Soares Nakashima  
Rua Vaz Caminha, 877 – Zona 02 – CEP: 87010-420 – Maringá-PR  
[fernandasn@gmail.com](mailto:fernandasn@gmail.com)

**GINÁSTICA ESTÉTICA DE GRUPO E GINÁSTICA RÍTMICA: UMA COMPARAÇÃO ENTRE OS ASPECTOS DA TÉCNICA E DA REGULAMENTAÇÃO**

**GIMNASIA ESTETICA DE GRUPO Y GIMNASIA RÍTMICA: UNA COMPARACIÓN ENTRE LOS ASPECTOS TÉCNICOS Y REGLAMENTOS**

**ESTHETIC GROUP GYMNASTICS AND RHYTHMIC GYMNASTICS: A COMPARISON BETWEEN THE TECHNICAL ASPECTS AND REGULATIONS**

**Natália de Souza Henriques**

Graduada em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá

**Márcia Regina Aversani Lourenço**

Doutoranda em Educação Física pelo Programa de Pós-graduação UEM/UEL e  
Docente da Universidade Norte do Paraná

**Taiza Daniela Seron**

Mestre em Educação Física pelo Programa de Pós-graduação UEM/UEL

**Ieda Parra Barbosa Rinaldi**

Doutora em Educação Física pela UNICAMP e Docente da Universidade Estadual de Maringá

**RESUMO**

*A Ginástica Estética de Grupo (GEG) e a Ginástica Rítmica (GR) são modalidades ginásticas que se caracterizam pela beleza de movimentos, sincronia entre a música e o movimento e entre as ginastas. Ao observarmos séries de GEG e GR percebemos que existem semelhanças entre elas, especialmente no que tange aos movimentos corporais e à sua forma particular de execução. Por este motivo, traçamos como objetivo: comparar os elementos corporais/ técnicos e a regulamentação da GR e da GEG, por meio da análise dos códigos de pontuação, a fim de identificar pontos convergentes e divergentes entre as modalidades gímnicas. Caracterizamos a pesquisa como descritiva do tipo documental e utilizamos como fonte de dados os códigos de pontuação das modalidades: 1) GR - ciclo de 2009/2012; 2) GEG - versão de 2008. A partir da análise desses documentos, verificou-se que as modalidades apresentam muitas características comuns, especialmente no que se refere aos movimentos técnicos e à regulamentação. Esse aspecto levou-nos a refletir sobre a possibilidade de ampliação e popularização da GEG no país por meio da GR, além de visualizarmos possibilidades de preparação técnica semelhante das ginastas iniciantes para as duas modalidades.*

**RESUMEN**

*La Gimnasia Estética de Grupo (GEG) y la Gimnasia Rítmica (GR) son modalidades de gimnasia que se caracterizan por la belleza del movimiento, la sincronización entre la música y el movimiento y entre las gimnastas. Al observar las series de GEG e GR darse cuenta de que hay similitudes entre ellos, especialmente en relación con los movimientos del cuerpo y su forma particular de ejecución. Por esta razón, nos acercamos a los siguientes objetivos: comparar los elementos corporales/técnico da GR e da GEG, a través del análisis de los códigos de puntuación, con el fin de identificar las similitudes y las diferencias entre las modalidades de la gimnasia. Caracterizábamos la investigación como una descripción del tipo de documentos y utilizábamos los códigos de puntuación como fuente de datos: 1) GR - ciclo 2009/2012; 2) GEG - versión 2008. A partir del análisis de estos documentos, se encontró que los arreglos tienen muchas características en común, especialmente en lo que respecta al movimiento y los reglamentos técnicos. Este aspecto nos lleva a reflexionar sobre la posibilidad de expansión y popularización de GEG en el país a través de la GR, y visualizar las posibilidades para la preparación de la técnica similar de las gimnastas principiante para ambas modalidades.*

**ABSTRACT**

*The Aesthetic Group Gymnastics (AGG) and Rhythmic Gymnastics (RG) are gymnastics modalities characterized by beauty of movement, synchronization between music and movement and among the gymnasts. By observing series of AGG and GR we realize that there are similarities between them, especially in relation to body movements and their particular form of execution. For this reason, we establish the following objective: comparing the body/technical elements and regulation of GR and AGG, through the analysis of codes of points, in order to identify the similarities and the differences between the modalities gymnastics. We*

*characterized the research as descriptive of the type of documents and use as a data source the codes of points: 1) GR - cycle 2009/2012; 2) AGG - 2008 version. From the analysis of these documents, it was found that the GR and AGG have many common characteristics, especially regarding to the movement and the technical regulations. This aspect led us to reflect on the possibility of expansion and popularization of AGG in the country through the GR, also visualize possibilities for the similar technique preparation of beginner gymnasts for both modalities.*

## INTRODUÇÃO

A ginástica estética de grupo (GEG) é uma modalidade competitiva que faz parte do universo gímico e que envolve, além de outros aspectos, movimentos técnicos de elevado nível de flexibilidade e força, movimentos naturais e expressão corporal. É uma modalidade ginástica jovem, posto que suas competições somente iniciaram a partir de 1950 na Finlândia e Estônia. No Brasil, por exemplo, ainda é desconhecida pela maioria dos profissionais de Educação Física e, sobretudo, pela população. Além do mais, a primeira competição internacional só ocorreu em 1996, na Finlândia, e no mesmo país, em 2000, aconteceu o primeiro campeonato mundial (TOLEDO, 2010).

A GEG é um esporte que explora aspectos rítmicos do movimento aliados aos elementos corporais e, portanto, confunde-se com a ginástica rítmica (GR), principalmente quando observamos as séries apresentadas em conjunto, a partir das dificuldades corporais (giros/ondas, flexibilidade, saltos e equilíbrios) e dos movimentos expressivos/artísticos. Entendemos que a GEG em muito se assemelha à forma original da GR, pois é executada sem aparelhos e tem como movimentos típicos as ondas (para frente, para trás ou lado a lado), os *swings* e as contrações.

Quanto à GR, vale destacar que é uma modalidade jovem assim como a GEG, e de acordo com Gaio (1996) recebeu influências de algumas correntes do conhecimento importantes como dança, artes cênicas, música e pedagogia, tornando-se uma modalidade inovadora no século XX.

Sendo assim, nos perguntamos: qual a relação existente entre a GR e a GEG? Como se apresentam os aspectos técnicos e de regulamentação de ambas as modalidades? Existem aproximações entre eles? Buscando responder aos questionamentos estabelecemos como objetivo geral: comparar os elementos corporais/técnicos e a regulamentação da GR e da GEG, por meio da análise dos códigos de pontuação, a fim de identificar pontos convergentes e divergentes entre as modalidades gímicas.

A pesquisa caracterizou-se como descritiva do tipo documental, pois se propõe levantar, observar e analisar objetivamente os dados, sem intervenções do investigador (THOMAS; NELSON, 2002). A pesquisa descritiva tem como objetivo principal a “descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2002, p.41).

Quanto à pesquisa documental, a mesma utiliza-se de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico que pode ser reelaborado de acordo com os objetivos da pesquisa (GIL, 1999). O autor ainda classifica a pesquisa documental em dois tipos principais, as fontes de primeira mão (documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, gravações entre outros) e as de segunda mão (relatórios e tabelas estatísticas).

Assim, para compor a fonte de dados, utilizamos como fontes de primeira mão, os códigos de pontuação da GR e da GEG. Os documentos utilizados para a investigação foram: 1) GR – código de pontuação do último ciclo 2009/2012; 2) GEG – código de pontuação versão 2008. O material foi adquirido por meio da internet, nos sites da Confederação Brasileira de Ginástica Estética de Grupo (CBGEG) e no site da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG).

Os códigos de pontuação de GEG e de GR foram estudados e a partir deles realizamos uma comparação entre as duas ginásticas destacando as semelhanças e as diferenças presentes em relação à: 1) Regulamentação geral (música, composição do grupo, tempo de apresentação, entre outros); 2) Elementos corporais técnicos (saltos e equilíbrios).

Para melhor visualização dos dados, os resultados obtidos foram organizados em quadros, e a partir do referencial teórico da área da Educação Física/Ginástica realizamos a discussão do estudo destacando as aproximações e os distanciamentos existentes entre as duas modalidades.

## CARACTERÍSTICAS GERAIS DA GINÁSTICA RÍTMICA E DA GINÁSTICA ESTÉTICA DE GRUPO

O lado artístico da GR teve suas raízes lançadas por François Delsarte (1811-1871), que caracterizou o seu trabalho pela busca da expressão dos sentimentos por meio dos gestos corporais. Delsarte estudou também a relação entre a voz, a palavra e o gesto humano. A partir de suas pesquisas percebeu que o movimento humano é composto basicamente pela tensão e relaxamento dos músculos (*contraction and release*) e que, para cada emoção, existe uma correspondência corporal específica (ANDRADE, 2005; MOLINARI, 2004).

Jaques Dalcroze (1865-1950), pedagogo suíço e professor de música, iniciou a prática de exercícios rítmicos como meio de desenvolvimento da sensibilidade musical por meio dos movimentos corporais. Realizou diversos estudos fisiológicos exercendo ampla influência na formação das escolas de dança e no desenvolvimento da educação física. Concluiu a existência da íntima relação entre harmonia dos movimentos e seu dinamismo, entre o equilíbrio e os diversos estados do sistema nervoso central. A utilização do corpo no conhecimento rítmico proporciona uma maior coordenação corporal e mental facilitando a consciência e a ação, proporcionando uma educação multidisciplinar desde o desenvolvimento da psicomotricidade ao da criatividade.

Posteriormente, Rudolf Bode (1881-1971), aluno de Dalcroze, apregoava que o mais importante era o fluir do movimento e seu caráter natural e integral, quando se desenvolveu então, um sistema cujo objetivo era demonstrar por meio dos movimentos, os diversos estados emocionais do indivíduo. Acrescentou a isto, a música, a utilização de aparelhos com a finalidade de enfeitar a apresentação e caracterizar os movimentos femininos. Foi Bode, considerado criador da GR, quem estabeleceu os princípios básicos da mesma, considerados ainda hoje como importantes. Segundo Molinari (2004), suas teorias são fundamentadas no princípio da contração e relaxamento, que é a própria essência do movimento humano e forma a unidade do ritmo corporal. Quanto ao espaço, explorou as direções e planos em todas as suas possibilidades, o que constitui a base da variação dos deslocamentos na ginástica rítmica atual. Introduziu a ginástica de expressão e o trabalho em grupos, destacando a colaboração e harmonia das participantes.

Isadora Duncan (1878-1929) também contribuiu para o surgimento da GR, seguidora de Bode, a bailarina adaptou o sistema ginástico à dança e o levou a antiga União Soviética onde lá iniciou o ensino desta nova atividade como esporte independente e com manifestações competitivas. O alemão Henrich Medau estudou os exercícios rítmicos e iniciou a introdução de aparelhos como bola, maçãs e arco, dando início a utilização dos aparelhos nos exercícios femininos.

Ao recapitular o processo evolutivo da modalidade, verificamos que ela surge como uma nova concepção de ginástica para mulheres que segue as mesmas linhas de pensamento. Segundo Santos, Lourenço e Gaio (2010), o que todos os estudiosos do ritmo e do movimento humano tinham em comum era a utilização dos movimentos naturais que eram fluentes e não artificiais, de forma que os gestos fossem verdadeiros e transmitissem emoções por meio da expressão corporal.

A GR surgiu de maneira lenta, desde o século XIX com a cientificação e a sistematização dos exercícios gímnicos, e sedimentou-se gradativamente na Europa Central, se espalhando pelo mundo inteiro, principalmente nos últimos 30 anos (BARBOSA-RINALDI; MARTINELLI; TEIXEIRA, 2009).

Considerando as bases fundamentais abordadas, percebe-se que a GEG resgata algumas concepções que se encaixam aos fundamentos da GR, pois segundo a Federação Internacional de Ginástica Estética de Grupo (IFAGG), esta é uma modalidade gímica com base em movimentos estilizados e naturais, envolvendo harmoniosos movimentos rítmicos e dinâmicos realizados a partir da economia de energia, e utilizando apenas a força natural. Todos os movimentos devem ser realizados fluentemente, mostrando amplitude e variedade na dinâmica e velocidade. A composição deve envolver movimentos do corpo versáteis e variados, tais como ondas e balanços, saltos e pivôs, saltos e pulos e passos de dança. Qualidades físicas tais como flexibilidade, velocidade, força, coordenação e capacidade de se mover sem esforço também são necessárias.

A GEG tem seu conceito de movimento natural do corpo, o qual tem inspirado seu desenvolvimento. Os países da Finlândia e Estônia, dentre outros países europeus, tem desenvolvido, praticado e promovido a *Aesthetic Group Gymnastic (AGG)* há mais de 100 anos e organizam competições desde 1950. A GEG é praticada por mulheres de diversas faixas etárias, em vários lugares do mundo, e acredita-se que um dos motivos é o fato de que para a realização de suas coreografias apenas é necessário uma quadra e um carpete.

A modalidade une a arte e a expressão corporal e apresenta fluidez na execução de seus movimentos técnicos específicos, tudo interligado pela coreografia e pela música. A filosofia do esporte está voltada para preservar e fortalecer a saúde das atletas, sendo que todos os exercícios devem ser executados com os dois lados do corpo. É caracterizada por movimentos naturais estilizados do corpo, nos quais o quadril é o centro básico do movimento. Movimentos harmoniosos surgem naturalmente de um movimento para outro, como se o movimento anterior fosse uma continuidade do mesmo. A base dos movimentos corporais constitui-se de: ondas; swings; e, contrações/relaxamentos.

## APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste tópico reunimos os dados encontrados a partir da investigação junto aos códigos de pontuação da GR e GEG. Organizamos o quadro 1, mediante comparações entre as modalidades, que envolveram os fatores relacionados à competição de forma geral, desde as categorias competitivas, até as especificidades de vestimenta, música, espaço de competição e movimentos corporais.

GINÁSTICA RÍTMICA	GINÁSTICA ESTÉTICA DE GRUPO
<b>ASPECTOS COMUNS</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Categoria adulta acima de 16 anos de idade</li> <li>- Malhas bordadas/sapatilhas</li> <li>- Área de competição de 13x13m com carpet                             <ul style="list-style-type: none"> <li>- Séries em conjunto</li> </ul> </li> <li>- Séries de conjunto com duração de 2'15" a 2'30"                             <ul style="list-style-type: none"> <li>- 12 árbitros para os 3 quesitos</li> </ul> </li> </ul>	
<b>ASPECTOS ESPECÍFICOS</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Séries individuais;</li> <li>- Música sem utilização de palavras</li> <li>- Aparelhos manuais</li> <li>- Elementos corporais obrigatórios (saltos; equilíbrios; pivots; e flexibilidade/ondas) e elementos de ligação (passos rítmicos, giros, saltitos, balanceios e circunduções);</li> <li>- Dificuldades valoradas em letras (A a J);</li> <li>- Avaliação de Dificuldade (10 pontos), Artístico (10 pontos) e Execução (10 pontos) / máximo de 30 pontos;</li> <li>- Classificação geral e final separado;</li> <li>- Penalidades extras são tiradas da nota final</li> </ul> <p style="text-align: center;">8 equipes são finalistas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Séries de conjunto com duração de até 2'45";</li> <li>- Música livre</li> <li>- Séries realizadas a mãos livres;</li> <li>- Elementos corporais obrigatórios (equilíbrios estáticos e dinâmicos; saltos para cima e para frente; e movimentos corporais – ondas e swings) e outros movimentos (balanceios, circunduções, saltos pulos, saltitos, movimentos de braços, pernas, passos e combinações diferentes);</li> <li>- Dificuldades valoradas em letras (A a B);</li> <li>- Dificuldades combinadas (A+B=C; B+B=D)</li> <li>- Avaliação de Valor Técnico (6 pontos), Valor Artístico (4 pontos) e Execução (10 pontos) / máximo de 20 pontos;</li> <li>- Classificação final é dada pela soma das duas apresentações;</li> <li>- Penalidades extras são tiradas da nota final de Artístico e de Execução;</li> <li>- 10 equipes são finalistas.</li> </ul>

**Quadro 1** – Aspectos gerais comuns e específicos de regulamentação da GR e da GEG.

Percebe-se que os assuntos relacionados às categorias de competição na fase adulta são exatamente iguais para a GR e GEG, ou seja, a partir dos 16 anos, o mesmo acontece com a área de competição, indumentária e valoração das dificuldades corporais.

No que se refere ao tipo de competição, enquanto a GR realiza apresentações individuais e em conjunto, na GEG encontramos apenas competições em conjunto. As competições na GEG são realizadas a mãos livres, já na GR embora tenha competições a mãos livres nas categorias de base, em nível internacional as competições oficiais são realizadas com os aparelhos manuais: corda, arco, bola, maçãs e fita. A duração das composições também é muito parecida, mas nos conjuntos de GEG o tempo é de 15 segundos a mais, ou seja, pode ter o tempo máximo de 2'45", diferente do conjunto de GR que tem como tempo máximo 2'30". O número de ginastas para um conjunto na GR são cinco ginastas e uma reserva, e na GEG existem apenas conjuntos de seis a 12 ginastas, não existindo as provas individuais.

Nas duas modalidades encontramos elementos corporais obrigatórios muito semelhantes, em especial os saltos, as ondas e os equilíbrios. Na GR existem quatro grupos de dificuldade: saltos, equilíbrios, pivôs e flexibilidades/ondas. Na GEG são três: saltos, equilíbrios e movimentos corporais, sendo que os pivôs, os *tourleans* e os *illusions* encontram-se dentro do grupo de equilíbrios e são considerados equilíbrios dinâmicos. Quanto a estes equilíbrios, vale destacar que na GR os *tourleans* (também recebem esse nome na GR) também são movimentos de equilíbrios, no entanto, os pivôs fazem parte de um grupo específico de dificuldade e o *illusion* (também recebe este nome na GR) é um movimento típico de flexibilidade.

No que se refere à música, há diferenças entre as modalidades, sendo que a escolha da música na GR é mais exigente, pois enquanto na GEG a escolha da música é livre, na GR não é possível utilizar músicas que contenham palavras, podendo apenas utilizar a voz como instrumento. Outras exigências são observadas em ambas as modalidades.

Na GEG a música deve corresponder à ideia e à expressão da composição coreográfica e ser variada no que se refere ao ritmo. A composição deve explorar a estrutura da música, por exemplo, o uso variado entre o ritmo de fundo e a melodia. Os movimentos da composição, o estilo e o ritmo da música devem estar conectados. Se usar a estrutura da música de forma eficaz, a composição atingirá variedade e expressividade. Os movimentos dos ginastas devem formar uma unidade dentro da música.

Na GR as características do acompanhamento musical determinam a estrutura e a característica da composição. A música de uma série deve ter um caráter coerente com o desenvolvimento da série e um ritmo

bem marcado, claro e eficaz a fim de enfatizar o ritmo dos movimentos da ginasta. É obrigatória uma harmonia muito estreita entre o caráter e o ritmo da música e os da série e de seus movimentos. Uma música que concorde com a série somente no início e no final é considerada “música de fundo”. A música pode ser composta especialmente para a série ou ser modificada a partir de uma existente. De todas formas, a música deve ter uma unidade e não ser uma justaposição de fragmentos musicais diversos sem conexão entre eles.

Quanto ao número de árbitros para avaliação geral, observamos que é o mesmo, 12 árbitros que estão divididos em três quesitos parecidos: Dificuldade, Artístico e Execução (GR), que chegam a uma nota final de 30 pontos, e Valor técnico, valor Artístico e Execução (GEG), totalizando ao máximo 20 pontos na nota final. Para a GR as penalidades extras são descontadas da nota final e na GEG estas são diminuídas das notas de Valor Artístico e Execução.

A classificação do conjunto de GEG é dada pela soma de duas apresentações, uma no concurso geral e outra no concurso final que conta com 10 equipes finalistas. Por outro lado, na GR a apresentação geral dá o título de equipe campeã e na final com apenas oito equipes há o campeão por aparelho.

Além dos temas que encontramos no quadro 1, podemos descrever também a semelhança das composições coreográficas entre as duas modalidades, ambas apresentam utilização total da quadra de competição, harmonia da música com o movimento, diferentes organizações de trabalho coletivo e elementos de relação e colaboração entre as ginastas, além é claro da expressividade corporal presente nas apresentações.










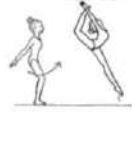

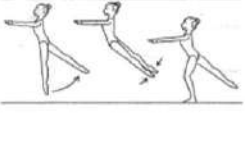



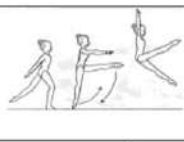
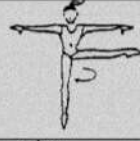




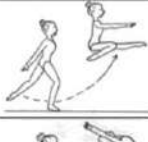
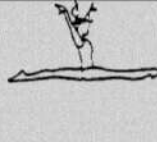



O primeiro código de pontuação de GR foi criado em 1970 e a cada ciclo olímpico, de quatro em quatro anos, ocorrem mudanças que colaboram com o crescimento da modalidade. Em relação às dificuldades, estas são valoradas por letras de A até J, enquanto que na GEG encontramos apenas valores nas letras A e B, que podem se tornar C ou D se forem combinadas, ou seja,  $A + B = C$  e  $B + B = D$ . Durante o 9º ciclo do código de GR, anos 1997 a 2000, o nível das dificuldades corporais também eram valorados desta forma. Lourenço (2010) destaca naquele período, cada letra possuía um valor próprio,  $A=0,10$ ,  $B=0,20$ ,  $C=0,30$  e assim por diante.

As modalidades em questão estão organizadas de forma muito parecida. Entretanto, estão em fase de amadurecimento distintas, em diferentes momentos de existência. Portanto, a GR possui uma gama de exercícios superior à GEG, fruto da evolução que é retratada ao longo das mudanças em seu código de pontuação. Há na GR quatro grupos corporais obrigatórios e em cada um deles um grande número de possibilidades já catalogadas e apresentadas no código atual, e nos elementos em comum presentes nas duas modalidades, saltos e equilíbrios não são diferentes.

As diferenças entre os dois grupos corporais estão na execução dos movimentos e no número de dificuldades apresentadas nos códigos de pontuação e exigidas nas composições, pois cada movimento, desde o de menor valor até o de maior valor, vai apresentar características distintas de cada modalidade gímnica. Na GR eles apresentam critérios importantes para o seu julgamento presentes como notas que vão acima das figuras de representação dos exercícios, e essas se aplicam a todos os outros grupos como nos equilíbrios, flexibilidades e pivôts.

Os saltos no código de GR aparecem de diversas formas, realizados com um ou dois pés, pernas estendidas ou flexionadas, com ou sem flexão de tronco e para valer nota deverão apresentar boa altura do centro de gravidade, boa amplitude e uma forma fixa e definida, além de obrigatoriamente ter um manejo do aparelho. No código de pontuação da GR encontramos 27 tipos de saltos exemplificados em 117 diferentes figuras (esse número se dá devido às diversas possibilidades de execução de cada um dos 27 tipos).

No código de pontuação da GEG encontramos 23 tipos de saltos ou pulos sendo exemplificados em 48 diferentes figuras que como na GR são possibilidades de execução dos mesmos. De acordo com o código de GEG, os saltos devem ser realizados de forma fixa e definida durante o voo inclusive nas rotações, ter boa amplitude de movimento e de altura, além de um bom controle corporal durante e após a realização do salto. Vejamos, no Quadro 2, alguns saltos comuns e específicos de cada modalidade.

Elementos dos grupos corporais obrigatórios			
EXEMPLOS DE SALTOS COMUNS			
GR	GEG	GR	GEG
			
			
			
			
			
			
			

Quadro 2 – Exemplos saltos comuns entre a GR e a GEG.

A partir dos saltos comuns, percebemos que as características exigidas nos códigos de pontuação das duas modalidades gímnicas são claramente visualizadas, porém no que diz respeito à amplitude de movimentos há uma exigência maior na GR, principalmente no que se refere àqueles saltos que exigem o encontro da cabeça com a perna.

As exigências para a execução dos saltos são praticamente as mesmas para ambas as modalidades. Devem ser a forma fixa e bem definida durante a fase de voo, durante a rotação de saltos com giros; boa amplitude; boa amplitude na altura e na elevação; bom controle do corpo durante e depois do salto; aterrissagem leve e macia. Na GR, além dessas exigências, espera-se que a ginasta tenha boa coordenação com a manipulação do aparelho.

Os saltos específicos, ou seja, aqueles que encontramos em apenas uma das modalidades como os apresentados no Quadro 3 demonstram características muito diferenciadas, visivelmente há uma maior exigência de amplitude das articulações envolvidas nos saltos apresentados pelo código de GR. Um bom exemplo é o primeiro salto ilustrado para a GEG, simples e sem grande exigência da flexibilidade.

Elementos dos grupos corporais obrigatórios EXEMPLOS DE SALTOS ESPECÍFICOS	
GR	GEG

Quadro 3 – Exemplos saltos específicos da GR e da GEG.







Em relação aos equilíbrios há um grande número de possibilidades na GR, os mesmos podem ser realizados na meia ponta de um pé ou ainda com apoio no joelho (visivelmente com uma pontuação menor) deve haver forma fixa, definida e ampla e como os saltos com o manejo específico do aparelho utilizado e ainda há a possibilidade de executar um giro lento durante os mesmos. Encontramos 23 tipos de equilíbrios apresentados em 115 figuras diferentes, e sendo 15 deles em comum com os da GEG. No código de GEG há 47 figuras que demonstram as possibilidades de equilíbrios nas coreografias desta modalidade que podem ser estáticos ou dinâmicos, ou seja, elementos dinâmicos que na GR são denominados de pivots e flexibilidades na GEG aparecem como equilíbrios dinâmicos. As características destes elementos na GEG são: realizados sem a meia ponta, mais com toda a planta dos pés no chão no apoio de uma das pernas; também deve ter a forma nítida e mantida por um determinado tempo e suficiente para visualizar o exercício e uma forma bem fixa e definida.

Elementos dos grupos corporais obrigatórios EXEMPLOS DE EQUILÍBRIOS COMUNS			
GR	GEG	GR	GEG

Quadro 4 – Exemplos de equilíbrios comuns entre a GR e a GEG.

Quando analisamos os equilíbrios comuns existentes entre as modalidades (ver Quadro 4), observamos que na GR esses movimentos são realizados em meia ponta e na GEG os mesmos são executados com o pé todo no solo. A amplitude dos movimentos também pode ser claramente observada nas figuras. Na prancha facial, por exemplo, há maior extensão da coluna na GR quando comparado à GEG, o no equilíbrio em pé com perna livre à frente a flexão da coluna também é mais acentuada na GR. Estes fatores fazem da GEG uma modalidade menos exigente no quesito flexibilidade, além de tornar-se mais fácil de ser executada, podendo ser considerada como mais próxima dos movimentos naturais do ser humano em relação à GR.

Apresentamos no Quadro 5 alguns exemplos de elementos de equilíbrios específicos da GR e da GEG, todos mantêm as características já discutidas e como nos saltos há visível discrepância na amplitude dos elementos da GR. Encontramos alguns exemplos de pivôs na GEG que são idênticos aos da GR, porém como já foi esclarecido, estes elementos fazem parte das dificuldades de equilíbrios.

Elementos dos grupos corporais obrigatórios EXEMPLOS DE EQUILÍBRIOS ESPECÍFICOS	
GR	GEG
	
	
	

Quadro 5 – Exemplos de equilíbrios específicos da GR e da GEG.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse estudo percebemos que, no que diz respeito à regulamentação e aos movimentos técnicos da GR e da GEG, foram encontradas muitas semelhanças, além de aspectos específicos que caracterizam e identificam cada uma das ginásticas. Estes resultados mostram que para um trabalho de alto nível as modalidades ficam distantes, uma vez que na GR a exigência de manipulação de aparelhos faz dela uma modalidade particular quando comparada com a GEG. No entanto, um trabalho de base com crianças que estão iniciando na modalidade de GR ou de GEG, pode ser enriquecido a partir da contribuição de ambas, tanto no que diz respeito aos aspectos técnicos quanto aos aspectos artísticos dos movimentos.

Esperamos que esse trabalho contribua com os profissionais que atuam na área da ginástica em todo o país e com a popularização da GEG no Brasil, ainda pouco divulgada. Além disso, que possa vislumbrar outras possibilidades de investigação na área da GEG e/ou da GR em nível nacional e internacional.

### REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carolina Romano. **O Barroco mineiro e o gestual humano**: uma ótica de François Delsarte. UNICAMP, 2005.
- ARAÚJO, C. G. S. Flexiteste: proposição de cinco índices de variabilidade da modalidade articular. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 8, n. 1, p. 13-19, jan./fev., 2002.
- BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra, MARTINELLI, Telma Adriana Pacifico, TEIXEIRA, Roseli Terezinha. **Ginástica Rítmica**: Histórico, Característica, Elementos Corporais e Música. Maringá: EDUEM, 2009.
- BLUM, J. W.; BEAUDOIN, C. M. Does flexibility affect sport injury and performance? **Parks & Recreation**, v. 35, n. 10, p. 40-45, 2000.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA ESTÉTICA DE GRUPO. **Código de Pontuação**. 2008.
- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. **Código de pontuação de ginástica rítmica desportiva – 10º ciclo**, 2009.
- GAIO, Roberta. **Ginástica rítmica desportiva “popular”**. São Paulo: Robe, 1996.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002.
- LOURENÇO, Márcia Regina Aversani. O inconstante código de pontuação da ginástica rítmica. In: PAOLIELO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana de (org.). **Possibilidades da ginástica rítmica**. São Paulo: Phorte Editora, 2010.
- MOLINARI, A. M. da P. **Ginástica Rítmica**: Esporte, História e desenvolvimento. Cooperativa do Fitness, 2004.
- SANTOS, Virgínia N; LOURENÇO, Márcia R. A; GAIO, Roberta. **Composição coreográfica em Ginástica Rítmica**: do compreender ao fazer. Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.
- SOARES, C. **Imagem da Educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas: Autores Associados, 1998.
- THOMAS, J.R.; NELSON, J.K. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- TOLEDO, Eliana. Estética e beleza na Ginástica Rítmica. In: PAOLIELO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana de (org.). **Possibilidades da ginástica rítmica**. São Paulo: Phorte Editora, 2010.

Taiza Daniela Seron  
Endereço: Estrada Pariz Lote 17, Aquidaban/PR  
[taizaseron@hotmail.com](mailto:taizaseron@hotmail.com)

## INICIAÇÃO À GINÁSTICA RÍTMICA: UMA PROPOSTA EXTRACURRICULAR

## INICIACIÓN A LA GIMNASIA RÍTMICA: UNA PROPUESTA EXTRACURRICULAR

## RHYTHMIC GYMNASTICS FOR BEGINNERS: AN EXTRACURRICULAR PROPOSAL

**Daniela Bento Soares**

Graduanda - Grupo de Pesquisa em Ginástica (GPG) - FEF – UNICAMP

**Marco Antonio Coelho Bortoleto**

Doutor - Grupo de Pesquisa em Ginástica (GPG) - FEF – UNICAMP

### **RESUMO**

*Este estudo apresenta uma proposta de iniciação à ginástica rítmica, com base numa experiência extracurricular realizada num colégio particular da cidade de Campinas-SP, junto a crianças de seis a dez anos. Considerando o objetivo pedagógico da proposta, a experiência fundamentou-se no oferecimento de uma atividade de iniciação desportiva, cujos conteúdos pautaram-se nos fundamentos da ginástica de modo geral e no desenvolvimento de um conjunto amplo de habilidades motoras específicas da Ginástica Rítmica (GR), desde os elementos corporais básicos até o manejo dos aparelhos, sob uma perspectiva lúdica e inclusiva. Observou-se melhoras significativas no que tange a aprendizagem motora, bem como na coordenação motora geral, equilíbrio, ritmo e espacialidade. Finalmente, percebe-se que o sucesso das apresentações realizadas pelas alunas em festivais de ginástica na escola e na região têm contribuído para um incremento importante de novas praticantes.*

### **RESUMEN**

*Este estudio presenta una propuesta de iniciación a la gimnasia rítmica, a partir de una experiencia extracurricular realizada en un colégio particular de la ciudad de Campinas-SP, con niñas de seis a diez años de edad. Considerando el objetivo pedagógico de la propuesta, la experiencia partió del ofrecimiento de una actividad recreativa y lúdica de iniciación deportiva, cuyos contenidos fueron los fundamentos de la gimnasia de modo general y en el desarrollo de un conjunto amplio de habilidades motrices específicas de la Gimnasia Rítmica (GR), desde las acciones corporales elementales hasta la manipulación de los aparatos. Hemos observado mejoras significativas en lo referente al aprendizaje motriz, así como en la coordinación motriz general, equilibrio, ritmo y noción espacial. Finalmente, percibimos que el éxito de las presentaciones realizadas por las alumnas en festivales de gimnasia en la escuela o en la región tiene contribuído para el aumento de las practicantes.*

### **ABSTRACT**

*This study presents a proposal of initiation into rhythmic gymnastics, on the basis of extracurricular experience held in a particular college of the city of Campinas-SP, with children of six to ten years. Considering the pedagogical objective of the proposal, the experience was based on providing an activity sports initiation, whose basic content-whether in the fundamentals of gymnastics in general and in the development of a set of specific motor skills of rhythmic gymnastics (RG), since the basic corporal elements until the management of devices, playful and inclusive perspective. Noted significant improvements in motor learning, as well as in general motor coordination, balance, rhythm and spatiality. Finally, one realizes that the success of the presentations made by students in school gymnastics and festivals in the region have contributed to a significant increase of new practitioners.*

### **INTRODUÇÃO**

A prática da ginástica durante os períodos da primeira infância e infância oferece oportunidades fundamentais para o desenvolvimento dos praticantes (DE MARCO, 2010), favorecendo aspectos como a flexibilidade, equilíbrio, força e agilidade (GAIO, 2007), bem como confiança, disciplina e criatividade (ANTUALPA, 2011), e finalmente questões rítmicas e estéticas (LAFRANQUI, 2001).

A partir destes pressupostos, o objetivo deste trabalho foi promover a iniciação gímnica, com ênfase nos fundamentos da Ginástica Rítmica (GR) a partir de uma experiência pedagógica realizada durante o primeiro semestre de 2011 como atividade extracurricular em uma escola privada da cidade de Campinas - SP, junto a crianças de seis a dez anos, todas do sexo feminino.

## MATERIAL E MÉTODO

Foram realizadas 56 aulas durante o primeiro semestre letivo de 2011, conforme o formato apresentado mais adiante. A partir das indicações de Tibeau (2010), todas as aulas foram planejadas previamente, como parte de um plano de trabalho que tinha como objetivos centrais contribuir para a iniciação gímnica, especialmente nos fundamentos da GR, com destaque para o manejo de aparelho bola e na elaboração de uma coreografia coletiva para apresentações internas e externas à escola. Considerando a natureza extracurricular do projeto, a participação das estudantes foi opcional e as aulas ocorreram fora do horário letivo, mais precisamente após a aula do período da tarde.

As alunas, quinze no total, tiveram a opção de frequentar o projeto uma ou duas vezes por semana. O conteúdo desenvolvido repetia-se em ambos os dias da semana, embora tivemos o cuidado de não repetir a dinâmica das atividades. O planejamento, assim como a aplicação das aulas, foi realizado pela própria professora de educação física da escola, e não houve a participação de outros professores, supervisores ou de estagiários.

De modo geral, todas as aulas foram compostas por duas partes principais: a primeira delas consistiu na realização de atividades de aquecimento e alongamento; e a segunda com o conteúdo gímnico específico conforme o planejamento prévio. Visando explicitar a metodologia empregada, selecionamos aleatoriamente três aulas, dentre todas as realizadas ao longo do semestre.

O registro deste processo foi realizado pela própria professora, por meio de um diário, deste o início do projeto até o mês de junho, período no qual as alunas se apresentaram no Festival “Coisas da FEF”, realizado na Faculdade de Educação Física da UNICAMP. A coreografia apresentada foi realizada com o aparelho bola e por esse motivo este material consta em nossa lista de recursos utilizados, assim como os tapetes de EVA (utilizados como solo), equipamento de som e discos de músicas (CDs), entre outros recursos. Inicialmente foi utilizada uma bola de borracha adaptada para a GR, porém durante o projeto a escola comprou bolas escolares específicas para a modalidade.

A análise dos dados, isto é, do registro no diário da professora, aconteceu por meio de uma análise qualitativa, mais propriamente, uma Análise de Conteúdo, conforme o estabelecido por Bardin (2008).

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: AS AULAS

Visando organizar a apresentação dos dados, expomos uma versão sintética das aulas ministradas em forma de quadros, seguidas de uma breve discussão de cada uma delas.

Quadro 1 – Aula 1

<p>OBJETIVO GERAL: Ensino-aprendizagem de elementos pré-acrobáticos.</p> <p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS: Apoios invertidos, ponte, parada de mãos e estrela.</p> <p>CONTEÚDO:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Parada de cabeça com as pernas afastadas – treino do encaixe do quadril, força abdominal e de membros inferiores;</li><li>- Parada de mãos com treino do encaixe do quadril, a partir do movimento “coelhinho”;</li><li>- Ponte, partindo da posição de decúbito dorsal e realizando extensão do cotovelo;</li><li>- Estrela, em dois diferentes momentos.</li></ul> <p>PROCEDIMENTOS:</p> <p>Alongamento e aquecimento com pega-pega equilíbrio;</p> <p>Ensino dos elementos pré-acrobáticos e acompanhamento direto do exercício, com auxílio;</p> <p>Prática da estrela, em duas estações: a primeira, na pista de tatames de EVA, a criança deveria vivenciar o encaixe do quadril em apoio invertido através do movimento “coelhinho”, agora sem a parede e com auxílio de outra criança; a segunda, com auxílio da professora, fazer os apoios das mãos paralelas em uma tampa de plinto e passar o quadril para o outro lado deste aparelho, passando pela posição do “coelhinho”.</p>
---

Apesar de a GR não se utilizar efetivamente de elementos acrobáticos, os pré-acrobáticos são amplamente utilizados, principalmente com relação aos lançamentos de aparelhos (LEBRE E ARAÚJO, 2006: p. 76). Embora não objetivemos para o projeto o amplo domínio dos elementos pré-acrobáticos nem mesmo dos grandes lançamentos, acreditamos que a abordagem dos mesmos foi positiva, considerando que comumente estas aulas de GR eram na referida escola a única oportunidade para a maioria das alunas de terem contato com estas ações motoras, entre elas a ponte, parada de mãos e estrela, assim como com as ações elementares da GR como as ondas, giros, balanceios e saltitos (BARBOSA-RINALDI, MARTINELLI E TEIXEIRA, 2009). De fato, estas ações representam alguns dos fundamentos da ginástica e muitas vezes já constituem parte da cultura corporal das alunas como pudemos observar em suas brincadeiras. Pudemos notar também que muitas crianças não realizavam tais movimentos por medo, por isso a presença da professora para auxiliá-las parece ter favorecido sensivelmente para que este quadro mudasse e as alunas pudessem vivenciá-las de modo seguro e motivante.

Quanto ao exercício de parada de cabeça com as pernas afastadas, optou-se por trabalhar o encaixe do quadril com o apoio da parede para que a aluna adquirisse controle corporal, principalmente no que diz respeito à força do impulso dado pelos membros inferiores. A parada de cabeça é um educativo bastante utilizado para a parada de mãos (BROCHADO E BROCHADO, 2005).

Outro educativo para este elemento pré-acrobático que foi utilizado nesta aula foi o “coelhinho”, também bastante aconselhado pela literatura, por facilitar o encaixe do quadril. Além disso, este exercício auxilia a correção de posicionamento de pescoço durante a inversão. Utilizamos da dinâmica de trabalho em duplas, pois esta permite maior dinamismo da aula, além de estimular relações de confiança e responsabilidade nas crianças. Além disso, esta ação de auxílio permite que as alunas percebam falhas na execução e ajudem e busquem soluções para a correção. O domínio mínimo da posição de apoio invertido é necessário para que outros elementos que também se utilizem desta orientação corporal ocorram (BROCHADO E BROCHADO, 2005), como a estrela, a qual o domínio é parte dos objetivos de aula.

A estrela também foi trabalhada com a sobreposição da caixa do plinto executando o movimento “coelhinho” para que fosse vivenciado o apoio invertido em movimento. A professora auxiliou durante todo o exercício, já que na iniciação o encaixe perfeito de todas as partes do corpo é bastante complicado. Já o elemento ponte foi trabalhado em sua forma mais simples, semelhante ao modelo da ginástica artística, visando que as alunas compreendessem a dinâmica do movimento para depois passassem a utilizar mais a flexibilidade de coluna conforme exige o modelo técnica próprio da GR (LEBRE E ARAÚJO, 2006). Percebe-se que muitas das crianças não possuíam as capacidades físicas necessárias para a execução deste movimento e, portanto, nosso foco foi na aprendizagem global da ação motora com plenas condições de segurança.

#### Quadro 2 – Aula 2

OBJETIVO GERAL: Ensino-aprendizagem de elementos pré-acrobáticos e manejo de aparelhos
OBJETIVOS ESPECÍFICOS: Ensino de apoios invertidos e da vela; Manejo do aparelho bola (lançamentos, recepção, quicar, ...)
CONTEÚDO: Ensino de piruetas – giros; Ensino de manejo da bola, a partir de movimentos assistidos em vídeo; Ensino da vela – treino do encaixe do quadril e força abdominal – seguido de afastamento lateral dos membros inferiores e flexão do quadril;
PROCEDIMENTOS : - Alongamento e aquecimento com a brincadeira estátua musical; - Prática de piruetas, partindo da posição “a fundo” de membros inferiores, executando rotação medial do corpo, com um joelho flexionado em <i>passé</i> . - Exercícios com ambas as pernas. - Momento de assistir o vídeo, onde são observadas ginastas de alto nível executando os movimentos tradicionais com a bola de forma pausada e bem executada, para que as alunas adquiram uma meta de exercício a ser executado e conheçam o perfil/postura adequados à ginasta; - Momento de tentar os elementos observados; - Ensino do elemento vela e alongamento dos membros inferiores.

Os movimentos de giros foram, de acordo como nossas observações, os menos conhecidos pelas crianças anteriormente a aula. Embora conheçam algumas técnicas de saltos, giros e elementos de flexibilidade, percebemos que os movimentos de giro são ainda menos conhecidos pelas alunas e, portanto, precisam ser trabalhados de forma mais objetiva. Didaticamente, utilizamos a dica da “cordinha”: a partir da posição a fundo. Neste caso, fingimos amarrar uma corda fina no tornozelo do membro inferior da aluna que está estendido, na perna de apoio posterior. A professora simula puxar a cordinha imaginária, induzindo a criança a executar uma pirueta *en dehors* e a elevar o joelho em *passé*. Esta forma lúdica e simbólica de trabalhar mostrou-se bastante eficiente para que as alunas entendessem o movimento.

A utilização de materiais audiovisuais e a exposição e vídeos durante as aulas mostrou-se ser um recurso muito eficiente, pois a maioria das crianças não conhecia a modalidade e por tanto as referências eram escassas ou inexistentes. Muitas delas nunca haviam assistido competições de GR ou uma demonstração gímnica, dificultando o processo. Neste caso tratamos de mostrar apresentação de GR de diferentes níveis competitivos, contextualizando e debatendo-as junto às alunas, relacionando com os conteúdos tratados nas aulas.

Também foi utilizado o vídeo didático “Elementos Básicos da Ginástica Rítmica Desportiva” (Souza, Toledo, Palermo, 1998), um dos poucos manuais em formato áudio-visual que conhecemos para o nível básico desta modalidade. Nos focamos nos elementos de manejo de bola, incluindo as ações de lançar, quicar, rolar,

circunduções, movimentos de oito, rotações até a elaboração de uma pequena sequência de movimentos. Após essa etapa, as alunas tiveram a oportunidade de executar os exercícios assistidos, vivenciando tais ações motoras. Com isso, buscamos ampliar o repertório ginástico visando a elaboração da coreografia no final do semestre.

Também foi trabalhado o movimento “cachorrinho” a partir do movimento de vela e posterior abdução de membros inferiores e flexão do tronco, saindo da posição sentada para a posição de decúbito ventral. Essa mudança da posição corporal foi realizada nesta fase através do impulso ocasionado pelo retorno da posição de vela, ao passo que não existe ainda flexibilidade suficiente para executar o movimento sem o impulso.

#### Quadro 3 – Aula 3

<p>OBJETIVO GERAL: Ensino de elementos pré-acrobáticos e manejo de aparelhos</p> <p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS: Vivência do rolamento à frente, desenvolvimento de sequência coreográfica e manejo do aparelho bola</p> <p>CONTEÚDO: Exercício de flexibilidade – espacatos ântero-posteriores e lateral, aprendizagem e treinamento de rolamento à frente e treinamento da coreografia</p> <p>PROCEDIMENTOS:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Alongamento e aquecimento com siga-o-mestre de diferentes formas de deslocamento;</li><li>- Aprendizagem e treinamento de rolamento à frente, partindo da posição desejada pela criança e acompanhada pela professora, tentando deixar o movimento o mais fluido possível;</li><li>- Ensaio da coreografia iniciada;</li><li>- Momento para as alunas criarem uma continuação da coreografia, trabalhando em duplas.</li></ul>
---

O rolamento à frente, popularmente conhecido como cambalhota, é um dos elementos acrobáticos fundamentais da ginástica (BROCHADO E BROCHADO, 2005), inclusive na GR (LEBRE E ARAÚJO, 2006), porém um dos mais temidos pelas crianças conforme pudemos notar. Muitas de nossas alunas nunca haviam vivenciado esse movimento e portanto este primeiro contato teve que ser bastante cuidadoso, para não ocasionar nenhuma experiência negativa. Em um primeiro momento, as crianças não receberam orientações específicas quanto à posição correta das mãos, posição de saída e outros detalhamentos técnicos, visando uma vivência ampla e descontraída. Sempre que possível incluímos algumas “dicas” técnicas visando garantir a segurança e uma aprendizagem efetiva.

O modelo técnico utilizado é o descrito por Bortoleto (2010), em que não há contato da cabeça do aluno com o solo. Informalmente, a instrução dada às crianças é a de, com as mãos e pés apoiados no solo e os membros inferiores estendidos, dirigir o olhar para o teto por baixo dos membros inferiores e rolar para frente. Percebemos que este modelo pode ser adequado para o primeiro contato com este elemento pré-acrobático, por não causar dores maiores, além de inspirar confiança.

A atividade de criar coreografias em dupla também mostrou-se agradável para as alunas e possivelmente eficaz para a socialização destas pois é nesta relação em que há o estabelecimento de relações interpessoais, no sentido de permitir à criança expor opiniões, ouvir e aceitar sugestões e encontrar consensos entre divergentes pontos de vista sobre um determinado aspecto. Além disso, a apresentação é um momento interessante em que a composição coreográfica criada pelas alunas é demonstrada às demais, permitindo que lidem com a condição de exposição e o consequente controle emocional. Deste modo, esta atividade funcionou como uma simulação da situação real de apresentação da coreografia que aconteceu posteriormente no festival. Entendemos que a apresentação constitui-se em um diferencial para as crianças favorecendo entre outras coisas o desenvolvimento de autoconfiança e coesão grupal, aspectos fundamentais para as apresentações gímnicas e também para outras esferas da vida cotidiana extra-ginástica (na escola, no vestibular, entrevistas de emprego, etc).

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de analisar as aulas que compuseram esta experiência pedagógica pudemos observar quais atividades foram efetivamente apreciadas pelas alunas, quais estratégias funcionaram de modo mais eficiente e que a proposta mostrou-se condizente com os objetivos que norteavam o projeto. O fato de trabalharmos com a GR em nível de iniciação, sem a intenção de detectar talentos ou formar ginastas visando a competição, não impediu em fazer do projeto um meio para a difusão da modalidade, nem tampouco de oferecermos uma atividade motivante e que promoveu uma aprendizagem gímnica significativa para as alunas.

Vimos com esta experiência que é possível contemplar distintos objetivos educativos, corroborando as indicações de Tibeau (2010), bem como desenvolver uma atividade com alcance participativo e lúdico para a prática da ginástica no espaço escolar, mesmo que de modo extracurricular.

Considerando ainda que as alunas não tinham, na sua maioria, experiência prévia com a ginástica de modo geral, nem com a GR de modo particular, acreditamos que abordar os fundamentos da ginástica de modo

lúdico e variado, proporcionou uma rica experiência para todas elas, do mesmo modo ao observado por Gaió (2007). Logo, os resultados do projeto, tanto do ponto de vista ginástico como educativos, foram excelentes, inclusive na avaliação dos pais que puderam apreciar os frutos do projeto durante a apresentação no festival.

#### REFERÊNCIAS

- ANTUALPA, K. A. **Centros de treinamento de ginástica rítmica no Brasil - estrutura e programas.** Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 2011. 187 p.
- BARBOSA-RINALDI, I. P.; MARTINELLI, T. A. P.; TEIXEIRA, R. T. S. **Ginástica rítmica: história, características, componentes básicos e música.** 1. ed. Maringá: EDUEM, 2009. v. 1. 51 p.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa, Portugal, 4ª. edição: Edições 70, 2008.
- BROCHADO, F. A.; BROCHADO M. M. V. **Fundamentos de ginástica artística e de trampolins.** Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2005.
- BORTOLETO, M. A. C. (Org.) . **Introdução à pedagogia das atividades circenses.** Volume 2. Jundiaí – SP: Fontoura, 2010.
- DE MARCO, A. As influências da prática da ginástica para o desenvolvimento humano na infância e na adolescência. In: GAIO, R.; GOES, A A F.; BAPTISTA, J. C. F. (Org.). **A Ginástica em Questão - corpo e movimento.** 2ª ed. São Paulo: Phorte, 2010, v. 01, p. 189-210.
- GAIO, R. **Ginástica Rítmica “popular” uma proposta educacional.** Jundiaí: Fontoura, 2. Ed, 2007.
- LAFFRANCHI, B. **Treinamento desportivo aplicado à Ginástica Rítmica.** Londrina: UNOPAR Editora, 2001.
- LEBRE, E., ARAÚJO, C. **Manual de Ginástica Rítmica.** Porto Editora, 2006.
- SOUZA, E.P.M; TOLEDO, E; PALERMO, C. T. **Elementos Básicos da Ginástica Rítmica Desportiva.** Campinas: Centro de Comunicação, UNICAMP, 1998. 35 p.: + VHS.
- TIBEAU, C. Estratégias de ensino na Ginástica Rítmica. IN: PAOLIELLO, E. e TOLEDO, E. de (2010). **Possibilidades da Ginástica Rítmica.** São Paulo: Phorte Editora, p. 269-293.

Marco Antonio Coelho Bortoleto

Faculdade de Educação Física - Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Avenida Érico Veríssimo, 701, Cidade Universitária Zeferino Vaz, Barão Geraldo - 13083-851, Campinas, SP

[bortoleto@fef.unicamp.br](mailto:bortoleto@fef.unicamp.br)

**INTERFERÊNCIA DE DIFERENTES TIPOS DE ALONGAMENTO NO ESTADO DE HUMOR DE  
ATLETAS DE GINÁSTICA RÍTMICA**

**INTERFERENCE OF DIFFERENT TYPES OF STRETCHING IN MOOD OF GYMNASTS  
RHYTHMIC ATHLETES**

**INTERFERENCIA DE LOS DIFERENTES TIPOS DE ESTIRAMIENTO EN EL ESTADO DE  
HUMOR DE LAS ATLETAS DE GIMNASIA RITMICA**

**Bruna Francalanza**

Graduanda em Educação Física – UNESP/Campus Rio Claro

**Silvia Deutsch**

Doutora – Depto de Educação Física – UNESP/Campus Rio Claro

**Laurita Marconi Schiavon**

Doutora – Depto de Educação Física – UNESP//Campus Rio Claro

**Sarah Cristine Nogueira**

Graduanda em Educação Física – UNESP/Campus Rio Claro

**RESUMO**

*A Ginástica Rítmica é um esporte essencialmente feminino e visa trabalhar movimentos ginásticos, de dança e de expressão. Como preparação física deste esporte é necessário um bom trabalho da flexibilidade. A flexibilidade pode ser trabalhada de várias formas entre elas a estática e a dinâmica. Outro aspecto importante na preparação física da ginasta é a sua condição psicológica. Assim sendo este estudo tem por objetivo verificar a interferência de dois diferentes métodos de alongamento - estático e dinâmico - nos estados de ânimo de ginastas com idade de 8 à 12 anos. Participaram do estudo nove meninas com idade de 8 a 12 anos frequentadoras do projeto de extensão de Ginástica Rítmica da UNESP de Rio Claro. As participantes passarão por duas situações experimentais distintas com intervalo de 5 dias: 1ª Situação: – Sessão de alongamento dinâmico (3S); 2ª Situação: – Sessão de alongamento estático. Para verificar a alteração de estados de animo foi utilizada a Lista de Estados Ânimo (LEA-RI). Após aplicação do teste chegou-se ao resultado de que apenas o adjetivo feliz apresentou um resultado significativo para nenhuma alteração de humor quando submetido ao alongamento estático. Isto quer dizer que apesar de terem passado por uma sessão de alongamento, este tipo de intervenção não alterou o estado de alegria de nenhuma das ginastas. Observando os resultados de forma descritiva, vemos que o alongamento dinâmico tem uma interferência maior do que o alongamento estático em modificar os estados de humor. De certa forma essa dinâmica era esperada, pois o estímulo do movimento auxilia na alteração do humor.*

**ABSTRACT**

*Rhythmic Gymnastics is a sport essentially practiced by women and aims to work gymnastic movements, dance and expression. As this sport physical preparation is necessary a good job flexibility. Flexibility can be worked in various ways including static and dynamic. Another important aspect in the physical preparation of the gymnast is her psychological condition. Therefore this study aims to verify the interference of two different methods of stretching - static and dynamic - the moods of gymnasts aged from 8 to 12 years. The study included nine girls aged 8 to 12 years attending the extension project of Rhythmic Gymnastics UNESP, Rio Claro. The participants will undergo two different experimental situations with an interval of 5 days: 1st Location: - Session of dynamic stretches (3S) 2nd Situation: - static stretching session. To verify the change of moods was used List of States Courage (LEA-RI). After application of the test came the result that only the adjective happy showed a significant result for any mood change when subjected to static stretching. This means that despite having gone through a stretching session, this type of intervention did not alter the state of joy from any of the gymnasts. Observing the results seen in a descriptive manner that the extension has a dynamic interference greater than the static stretching in modifying the mood states. In a way this result was expected, since the stimulation of movement helps mood swings.*

**RESUMEN**

*La Gimnasia Rítmica es un deporte femenino que tiene por objeto trabajar los movimientos de gimnasia, danza y expresión. En este deporte es necesario un buen trabajo de la flexibilidad, que se puede trabajar de varias maneras, incluyendo la estática y la dinámica. Un aspecto importante en la preparación física de una gimnasta es su estado psicológico. Por lo tanto este estudio tiene como objetivo verificar la interferencia de dos diferentes métodos de estiramiento - estático y dinámico - en los estados de ánimo de las gimnastas de*

*edades comprendidas entre 8 a 12 años. El estudio incluyó a nueve niñas que asisten los Proyectos de Extensión de Gimnasia en la UNESP de Rio Claro. Las participantes serán sometidas a dos diferentes situaciones experimentales con un intervalo de 5 días: 1º Lugar: - Sesión de estiramientos dinámicos (3S) Situación segunda: - Sesión de estiramientos estáticos. Para verificar el cambio de los estados de ánimo se utilizó la "Lista de estados de ánimo reducida e ilustrada" (Lea-ri). Después de la aplicación de la lista se llegó al resultado de que sólo el adjetivo feliz mostró un resultado importante para cualquier cambio de humor cuando se somete a estiramiento estático. Esto significa que, mismo teniendo pasado por una sesión de estiramiento, este tipo de intervención no altera el estado de alegría de cualquiera de las gimnastas. La observación de los resultados, documentados en una forma descriptiva, muestra que ocurre una mayor injerencia en la elongación dinámica que en la estática en la modificación de los estados de ánimo. De alguna manera esta dinámica se esperaba, ya que la estimulación del movimiento ayuda a los cambios de humor.*

## INTRODUÇÃO

A ginástica rítmica é um esporte que se consiste de movimentos de solo baseados na dança e executados com pequenos aparelhos. Oficialmente voltada principalmente ao público feminino, atualmente, já existe também a ginástica rítmica masculina, porém ainda não tão reconhecida quanto a feminina, pois ainda tem que se desenvolver até ser incluída nos Jogos Olímpicos.

“Como **arte**, a Ginástica Rítmica é conceituada como busca do belo, uma explosão de talento e criatividade, em que a expressão corporal e o virtuosismo técnico se desenvolvem juntos, formando um conjunto harmonioso de movimento e ritmo. Como **desporto**, a Ginástica Rítmica é uma modalidade esportiva essencialmente feminina, que requer um alto nível de desenvolvimento de certas qualidades físicas, com exigências de rendimento elevados, objetivando a perfeição técnica da execução de movimentos complexos com o corpo e com os aparelhos” (LAFFRANCHI, 2001).

É um esporte que se destaca pela elegância e beleza dos movimentos e requer alto nível de desenvolvimento de algumas qualidades físicas, objetivando a perfeição técnica na execução dos elementos corporais e no manejo dos aparelhos (KARLOH, 2010). Além disso, exige uma grande amplitude de movimento, fazendo com que as atletas submetam-se a horas de treino e alongamento para que possam cada vez mais superar seus limites.

Alongamento ou flexibilidade *"É qualidade física responsável pela execução voluntária de um movimento de amplitude angular máxima, por articulação ou conjunto de articulações, dentro dos limites morfológicos, sem risco de provocar lesão."* (DANTAS, 1995) ou ainda como define Weineck (1999) *"É a capacidade e a característica de um atleta de executar movimentos de grande amplitude, ou sob forças externas, ou ainda que requeiram a movimentação de muitas articulações"*. A flexibilidade é importante para: aumentar a qualidade e a quantidade dos movimentos; melhorar a postura corporal; diminuir os riscos de lesões e ainda favorecer a maior mobilidade nas atividades diárias e esportivas.

Pode se manifestar de duas formas: **Estática** - *o componente estático se refere à amplitude máxima de um movimento e Dinâmica* - *o componente dinâmico refere-se à resistência ou rigidez oferecida ao movimento dentro de uma determinada amplitude.*

Tendo em vista que todo treinamento, independente da modalidade, interfere também no stress psicológico e físico do atleta, tomamos como foco principal do estudo o quanto uma sessão de alongamento pode interferir nos estados de ânimo das ginastas. Para isso verificamos os estados de ânimo das ginastas antes e após uma sessão de alongamentos estático e dinâmico. Para verificar o estado de ânimo foi utilizado um instrumento denominado Lea-ri – Lista de Estados de ânimo reduzida e ilustrada (VOLP, 2000).

Quando comparados com emoção, a qual é vista como instigadora de uma classe relativamente limitada de resposta, os estados de ânimo são capazes de alterar nossas respostas afetiva, cognitiva e comportamental para uma ampla variedade de objetos e eventos. O estado de ânimo é um estado subjetivo de consciência como um todo. Podem ser considerados como maneiras segundo as quais o indivíduo pode perceber o mundo, tanto externa quanto internamente.

Em resumo, estados de ânimo podem ser definidos como estados afetivos que são capazes de influenciar um amplo aparato de respostas potenciais, muitas das quais parecem sem relação ao evento que precipitou o estado de ânimo. Quando comparado com emoções, os estados de ânimo são tipicamente estados afetivos menos intensos e parecem estar envolvidos na instigação de processos auto- regulatórios (MORRIS, 1989).

Para Moskotova (1998), o mais alto desempenho atingido por um atleta em uma determinada modalidade esportiva, depende de uma grande variedade de características genéticas de ordem morfológica e metabólica, além de aspectos psicológicos, cognitivos e sociais, sendo incontestável que o progresso dos records não é típico apenas aos atletas com genótipo fenomenal, mas também depende do aperfeiçoamento biomecânico dos movimentos, da metodologia de treinamento, bem como das altas capacidades de reserva do aparelho locomotor de cada indivíduo. Para tanto, acredita-se que é importante estudar como diferentes formas de alongamento possam interferir nos estados de ânimo das atletas.

## OBJETIVOS

O estudo tem por objetivo verificar a interferência de dois diferentes métodos de alongamento nos estados de ânimo de ginastas com idade de 8 a 12 anos. Mais especificamente: estático e dinâmico.

## METODOLOGIA

Participaram do estudo nove meninas com idade de 8 a 12 anos frequentadoras do projeto de extensão de Ginástica Rítmica da UNESP de Rio Claro. As participantes passarão por duas situações experimentais distintas com intervalo de 5 dias: 1ª Situação: – Sessão de alongamento dinâmico (3S); 2ª Situação: – Sessão de alongamento estático.

Procedimento: Cada sessão experimental durou aproximadamente 30 minutos com as seguintes características: a) Depois de acomodadas no ambiente experimental, as participantes receberam impressas em folhas de papel, a Lista de Estados Ânimo (LEA-RI) com as devidas instruções. As mesmas foram lidas em voz alta e as dúvidas esclarecidas. Logo em seguida, procederam ao seu preenchimento; b) Após preenchê-la, participaram de uma sessão de alongamentos dinâmicos (1ª situação), estáticos (2ª situação); c) Imediatamente após a sessão, as participantes responderam novamente à Lista de Estados Ânimo (Lea-ri). Após a aplicação do instrumento, antes e após cada uma das situações experimentais, os resultados foram tabulados. Cada um dos adjetivos apresentou uma escala de 4 valores como resposta com a seguinte pontuação: forte = 4, mais ou menos = 3, fraco = 2, nada = 1.

Além da LEA-RI para verificar o nível dos estados de ânimo antes e após a sessão do alongamento, foi também utilizado um goniômetro para medir o nível máximo de amplitude das ginastas, porém esse dado não foi utilizado nessa pesquisa. Cuidados éticos foram tomados através da utilização um termo de consentimento livre e esclarecido apresentado e assinado pelos pais dos participantes da pesquisa.

O estudo foi desenvolvido em um ginásio de ginástica artística onde foram utilizados o espaço do tablado e o espaldar.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para avaliar os estados de ânimo foi utilizada a Lea-ri que consiste em uma lista de 14 adjetivos acompanhados de uma carinha que corresponde ao adjetivo descrito: feliz, ativo, calmo, leve, agradável, tímido, cheio de energia, triste, espiritual, agitado, pesado, desagradável, com medo e inútil. A Lea-ri foi desenvolvida para determinar os estados de ânimo em diferentes populações e sua validade concorrente confirmada em crianças, idosos e pessoas com baixa escolaridade (VOLP, 2000).

Para Dantas (1997), o alongamento é uma forma de trabalho que visa a manutenção dos níveis de flexibilidade obtidos e a realização dos movimentos de amplitude normal com o mínimo de restrição física possível. Descrevendo o alongamento dinâmico 3S, temos que este tipo de alongamento consiste em três passos: 1º – mobilização do segmento corporal até o seu limite de amplitude; 2º – realização de uma contração isométrica máxima durante 8 segundos; 3º – forçamento do movimento além do limite original, durante o relaxamento da musculatura do atleta após a contração. Estes métodos utilizam-se da influência recíproca entre o Fuso Muscular e o Órgão Tendinoso de Golgi de um músculo entre si e com os do músculo antagonista, para obterem maiores amplitudes de movimento (DANTAS, 1995). Enquanto o alongamento estático consiste na amplitude máxima de movimento, onde vai permanecer na mesma posição durante 30 segundos, que é o tempo mínimo ideal para haver uma melhora na flexibilidade não só de ginastas. Move-se o membro lentamente, mantendo-se o segmento muscular determinado pela tensão muscular logo acima da amplitude do movimento habitual.

## RESULTADOS

Em função de o interesse deste estudo estar na mudança de resultados da avaliação dos participantes, entre o pré e o pós teste, em cada situação experimental, os dados brutos (1), (2), (3) e (4), foram transformados em (+1) quando os valores aumentavam do pré para o pós teste, (0) quando os valores permaneciam iguais e (-1) quando os valores diminuam. Elaborou-se, também, uma tabela com a frequência de valores dos dados codificados. Estes procedimentos permitiram a aplicação da análise subsequente.

**Análise Binomial:** Para uma verificação da significância a nível de 5% das mudanças e direções das mudanças ocorridas, cada adjetivo foi analisado, individualmente, segundo a técnica de Análise Binomial. Para avaliação das mudanças fez-se uma comparação entre as frequências dos sujeitos que modificaram suas avaliações do pré para o pós teste com a frequência dos que as mantiveram. Para avaliação da direção foram comparadas as frequências dos casos onde a avaliação aumentou e ou diminuiu do pré para o pós teste. Resultados em valor Z do teste binomial para mudanças e para direções das mudanças de avaliação de cada adjetivo entre o pré e o pós teste nas situações: alongamento dinâmico e alongamento estático.

Após aplicação do teste chegou-se ao resultado de que apenas o adjetivo feliz apresentou um resultado para nenhuma alteração de humor quando submetido ao alongamento estático. Isto quer dizer que apesar de

terem passado por uma sessão de alongamento, este tipo de intervenção não alterou o estado de alegria de nenhuma das ginastas.

Ao apresentar uma análise descritiva dos dados podemos ver que apesar de não encontrar resultados significativamente relevantes alguns dados são importantes sugerindo um estudo de maior aprofundamento:

Figura 1 – Apresentação dos resultados da Lea-ri - adjetivos que permaneceram com os mesmos resultados no pré e no pós teste comparando as duas situações de alongamento – estático e dinâmico.

IGUAIS	Feliz	Pesado	Agradá	Triste	Espiritu	Leve	C.Energ	Ativo	Agitado	Desagra	Calmo	Inútil	Tímido	C/ medo
ESTÁTICO	9	6	6	7	6	6	7	5	5	7	7	7	7	7
DINÂMICO	5	4	4	6	6	4	5	6	4	4	6	5	6	7

Figura 2 – Apresentação dos resultados da Lea-ri - adjetivos que tiveram um resultado maior no pós teste comparando as duas situações de alongamento – estático e dinâmico.

AUMENTARAM	Feliz	Pesado	Agradá	Triste	Espiritu	Leve	C.Energ	Ativo	Agitado	Desagra	Calmo	Inútil	Tímido	C/ medo
ESTÁTICO	0	2	1	0	3	2	1	1	2	1	1	1	1	0
DINÂMICO	3	1	3	1	1	1	1	2	3	3	2	1	1	0

Figura 3 – Apresentação dos resultados da Lea-ri - adjetivos que tiveram um resultado menor no pós teste comparando as duas situações de alongamento – estático e dinâmico.

DIMINUÍRAM	Feliz	Pesado	Agradá	Triste	Espiritu	Leve	C.Energ	Ativo	Agitado	Desagra	Calmo	Inútil	Tímido	C/ medo
ESTÁTICO	0	1	2	2	0	1	1	3	2	1	1	1	1	2
DINÂMICO	1	4	2	2	2	4	3	1	2	2	1	3	2	2

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Ao concluir a análise dos dados, observamos que apenas o adjetivo feliz apresentou um resultado estatisticamente significativo para a não alteração de humor. Nesse sentido podemos dizer que apesar de terem passado por uma sessão de alongamento, este tipo de intervenção não alterou o estado de alegria de nenhuma das ginastas. Independente da proposta de alongamento estático ou dinâmico esperava-se encontrar alguma alteração de humor nas ginastas após vivenciada essa situação. Para tanto seguimos observando os dados descritivamente para poder levantar algumas suposições que poderão ser estudadas com maior profundidade futuramente.

Observando os resultados vemos que o alongamento dinâmico tem uma interferência maior do que o alongamento estático em modificar os estados de humor, porém nenhum resultado com significância estatística. De certa forma essa dinâmica era esperada, pois o estímulo do movimento auxilia na alteração do humor. Outro aspecto a ser observado é que as mudanças não apresentaram uma lógica em relação à direção das mudanças. Tanto adjetivos positivos quanto negativos alteraram nas duas direções. Isso confirma a colocação de que os estados de ânimo se apresentam como sentimentos, difusos ou globais, que nos permitem ter uma ação de auto regulação do nosso organismo. Eles são um dos caminhos desta busca de equilíbrio.

Damásio (2004) coloca que o êxito ou fracasso da humanidade, depende em grande parte, do modo como o público e as instituições que governam a vida pública puderem incorporar essa nova perspectiva da natureza humana em princípios, métodos e lei. Compreender a neurobiologia das emoções e dos sentimentos é necessário para que se possam formular princípios, métodos e leis capazes de reduzir o sofrimento humano e engrandecer o florescimento humano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bom seria se pudéssemos identificar com clareza e objetividade como nos sentimos e como se sentem as pessoas à nossa volta. Poderíamos assim, optar com maior facilidade pelas coisas que nos fazem bem ou mal. Buscar o equilíbrio se resume no bem estar do ser humano e esse é o seu eterno desafio. No caso dos diferentes tipos de alongamento a serem oferecidos nos treinamentos de ginástica, é de extremo bom senso que não apenas sejam verificados os resultados dessa prática no campo da melhora da própria capacidade. O estado emocional da ginasta é de extrema importância e deve ser cuidado tanto quanto sua condição física.

Os estados emocionais estão diretamente vinculados à nossa constituição e ao nosso modo de ser. Por isso, todo indivíduo possui um ritmo afetivo próprio, uma fisionomia afetiva geral que empresta certa tonalidade característica à sua vida psíquica. Obviamente, o campo do estudo das emoções, por mais objetivo que tente parecer, ainda se apresenta extremamente subjetivo. No momento em que tentamos captar algo que ocorre no interior de outro ser, no plano da consciência (mediata, segundo Engelmann, 1997) corremos o risco de estarmos nos enganando.

Apesar dos riscos, através dos relatos verbais temos um caminho possível e acessível, que nos mostra um pouco dessa objetividade-subjetiva através da verificação de nossos estados emocionais nas duas situações de alongamento que são colocadas nossas participantes.

#### REFERÊNCIAS

- DAMÁSIO, A. **Em busca de Spinoza: prazer e dor na ciência dos sentimentos**, São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DANTAS, E. H. M. A prática da preparação física. Rio de Janeiro : Shape, 1995.
- DANTAS E. H. M, CARVALHO J. L. T, FONSECA R. M. O. Protocolo LABIFIE de goniometria. Rev Trein Desp. 1997;2(3):21-34.ENGELMANN, A. **Principais Modos de Pesquisar a Consciência-Mediata-De-Outros**. Psicologia USP, v. 8, n. 2, p.251-274, 1997.
- KARLOH, M.; SANTOS, R. P.; KRAESKI, M.H.; MATIAS, T. S.; KRAESKI, D.; MENEZES, F. S. Alongamento estático *versus* conceito Mulligan: aplicações no treino de flexibilidade em ginastas. Fisioter Mov. 2010 out/dez; 23(4):523-33.
- LAFFRANCHI, B. Treinamento Desportivo aplicado à Ginástica Rítmica. Unopar. Ed. Londrina, 2001.MORRIS, N.W. & REILLY, N.P. Toward the Self-Regulation of Mood: Theory and Research. **Motivation and Emotion**. v. 11, n.3, p. 215-249, 1987.
- MOSTOKOVA, A.K. **Aspectos genéticos e fisiológicos no esporte**: Seleção de talentos na infância e na adolescência. Rio de Janeiro. RJ. Grupo Palestra Sport 1998.
- VOLP, C.M. **Lea para populações diversas**. Rio Claro: UNESP, 2000. (Relatório Trienal apresentado a CPA, UNESP, 2000).
- WEINEK, J. **Biologia do Esporte**. São Paulo: Manole, 1991.

Bruna Fracalanza  
Av. 1A, 915, Cidade Nova, CEP: 13506-785– Rio Claro – SP  
[brunafz\\_13@hotmail.com](mailto:brunafz_13@hotmail.com)

## MOTIVOS DE INÍCIO DA PRÁTICA DA GINÁSTICA ARTÍSTICA

### DECLARACIÓN DE PRINCIPIOS DE LA PRÁCTICA DE LA GIMNASIA ARTÍSTICA

#### STATEMENT OF BEGINNING OF THE PRACTICE OF ARTISTIC GYMNASTICS

Myrian Nunomura<sup>1</sup>

Aline Dessupoio Chaves<sup>2</sup>

Michele Viviene Carbinatto<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Doutora em Educação Física e Docente da Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto

<sup>2</sup>Doutoranda em Educação Física/USP e Docente da Universidade Federal do Triângulo Mineiro  
Núcleo de Corporeidade e Pedagogia do Movimento/ NUCORPO<sup>2</sup>  
Grupo de Estudos e Pesquisa em Ginástica/ EUNEGI<sup>1,2</sup>

#### RESUMO

*A prática esportiva, de início, é normalmente entendida como um prazer, que à medida que evolui acarreta várias emoções, tanto positivas como negativas, uma vez que o esporte permite que os jovens praticantes usufruam de oportunidades de auto expressão, de esforços em busca de objetivos, de auto realização e prazer. Contudo, se prestarmos um olhar mais atento, poderemos indagar acerca dos fatores que levam os jovens a participar sistematicamente durante várias horas, vários dias, com gosto e na maior parte das vezes com grande entusiasmo em treinos e competições de Ginástica Artística (GA). Para isto foram entrevistados 156 ginastas (sendo 123 femininos e 33 masculinos) de 29 instituições esportivas do estado de São Paulo e cidades do Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre, devido à representatividade numérica e qualitativa destas localidades no contexto nacional da GA. O instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista semi-estruturada, que foram analisadas através da técnica da Análise de Conteúdo de Bardin (2006). Na análise dos resultados foi realizada a diferenciação por gênero e posteriormente comparação ou análise em função da similaridade do conteúdo dos depoimentos. Assim como as meninas, o interesse próprio na modalidade e afiliação/parentes como principal influência de escolha da prática também foram frequente nas respostas dos meninos. A escola e os clubes foram citados, por ambos os sexos, como ambientes de motivação, da mesma forma que o impacto sobre as decisões para a prática, na qual os ídolos atuais da GA foram citados. Desta forma, percebemos uma proximidade entre os motivos que levam a prática da GA entre os sexos, como a escola, o clube, a família e a mídia.*

#### RESUMEN

*Los deportes en un primer momento, se suele entender como un placer, a medida que evoluciona traemuchas emociones, tanto positivas como negativas, ya que el deporte permite a los atletas jóvenes para disfrutar de las oportunidades para la expresión de uno mismo, los esfuerzos para buscar objetivos de la auto-realización y placer. Sin embargo, si prestamos un poco más, podemos preguntarnos acerca de los factores que conducen a los jóvenes a participar de forma sistemática durante varias horas, varios días, con gusto y en la mayoría de los casos con gran entusiasmo en el entrenamiento y las competiciones de Gimnasia Artística (GA). Para ello, hemos entrevistado a 156 gimnastas (con 123 mujeres y hombres 33) procedentes de 29 instituciones deportivas del estado de Sao Paulo y las ciudades de Río de Janeiro, Curitiba y Porto Alegre, debido a la representación numérica y cualitativa de estos lugares en el contexto nacional de Georgia. El instrumento de recolección de datos utilizado fue una entrevista semi-estructurada, que fueron analizados utilizando la técnica de análisis de contenido de Bardin (2006). En el análisis de los datos se llevó a cabo para diferenciar entre el género y su posterior comparación o análisis de acuerdo a la similitud de los contenidos de las declaraciones. Como las niñas, el interés en el deporte y la familia / familiares como la opción principal influencia de la práctica también fueron las respuestas comunes de los niños. La escuela y los clubes fueron mencionadas por ambos sexos, y el medio ambiente de motivación, de la misma manera que el impacto sobre las decisiones a la práctica, en la que los ídolos de la actual Asamblea General fueron citados. Así, vemos la proximidad de las razones por las que la práctica de la Asamblea General entre los sexos, como la escuela, club, familia y medios de comunicación.*

#### ABSTRACT

*The sports at first, it is usually understood as a pleasure, as it evolves it brings many emotions, both positive and negative, since the sport enables young athletes to enjoy the opportunities for self expression, efforts to seek goals of self-realization and pleasure. However, if we pay a closer look, we can ask about the factors that lead young people to participate systematically for several hours, several days, with taste and in most cases*

*with great enthusiasm in training and competitions Artistic Gymnastics (GA). To that end, we interviewed 156 gymnasts (with 123 female and 33 male) from 29 sports institutions of the state of Sao Paulo and cities of Rio de Janeiro, Curitiba and Porto Alegre, due to numerical and qualitative representation of these places in the national context of GA. The data collection instrument used was a semi-structured interviews, which were analyzed using the technique of content analysis of Bardin (2006). In the data analysis was performed to differentiate between gender and later comparison or analysis according to the similarity of the contents of the depositions. As girls, self-interest in the sport and family / relatives as the main influence choice of practice were also common responses of children. The school and the clubs were mentioned by both sexes, and environments of motivation, the same way that the impact on decisions to practice, in which the idols of the current GA were cited. Thus, we see the proximity of the reasons why the practice of GA between the sexes, such as school, club, family and media.*

## INTRODUÇÃO

A prática esportiva pode ser considerada um dos maiores fenômenos sociais do mundo contemporâneo. Em geral, o esporte, impõe formas de extrema complexidade, tanto no que determina a estrutura da realização esportiva, como no que diz respeito à estrutura da preparação esportiva. Por esta razão, é de suma importância que o professor/treinador saiba os motivos pelos quais o aluno se dedica a esta prática (ANDRADE et. al., 2006).

Existe um elevado número de pessoas que se envolvem na prática de modalidades esportivas, por razões essencialmente sociais: para promoverem as suas relações interpessoais e para melhorarem a sua aparência física, e assim sua auto-estima (CHAVES et. al., 2011)

Compreender e investigar, em campo, a realidade de quem vive, faz e se dedica a uma modalidade esportiva em todos os seus aspectos, pode trazer indícios para novos estudos, políticas públicas, auxílio de estratégias de ensino, dentre outros aspectos importantes para o desenvolvimento esportivo em qualquer ambiente de práticas esportivas, sejam eles pequenos clubes ou grandes centros de formação de atletas.

Uma das questões mais discutidas hoje em dia, tanto na literatura especializada quanto entre os profissionais que nele atuam, são os fatores que levam as crianças e os jovens a se aproximarem e a se dedicarem àquele, bem como ao fenômeno do abandono precoce de sua prática (KNIJNIK, GREGUOL e SELENO, 2001).

Compreender esse movimento no esporte auxilia diretores, técnicos e profissionais em geral a traçarem caminhos que atendam mais diretamente o atleta, ampliando e massificando a prática e permanência no esporte, obtendo, assim, maiores chances de formação de atletas com altos índices de resultados.

Através do projeto “Diagnóstico do Processo de Formação Esportiva da Ginástica Artística no Brasil<sup>1</sup>” foi possível mapear a realidade da formação esportiva na GA, elucidando características do sistema esportivo em questão, os pensamentos e atuação dos técnicos, as dificuldades, as motivações e as expectativas dos técnicos e dos atletas, entre outros. Como consequência, alguns recortes têm sido realizados, dentre os quais, no presente artigo, que objetiva apresentar os resultados encontrados em entrevistas realizadas com 156 atletas relativas aos motivos que os levaram a prática e ‘quase’ abandono da modalidade.

## METODOLOGIA DA PESQUISA

Apoiados na pesquisa qualitativa, as federações de ginástica dos estados brasileiros foram consultadas para identificar as instituições filiadas que participava dos torneios oficiais das respectivas federações e/ou da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), nas categorias, a saber: pré-infantil, infantil, infanto-juvenil e juvenil.

A técnica de coleta de dados utilizada foi a entrevista semi-estruturada, que permite identificar opiniões sobre os fatos e a evolução dos fenômenos através do conteúdo expresso implícita ou explicitamente. Nesse tipo de entrevista, apesar de existirem questões pré-formuladas, as variações são permitidas durante a sua aplicação, caso o investigador julgue necessárias (THOMAS & NELSON, 2002). Além disso, a utilização da comunicação verbal nas entrevistas permite coletar um volume maior de dados, o que pode representar mais informações relevantes para o estudo. A participação dos sujeitos foi de caráter espontâneo, e as entrevistas foram conduzidas individualmente.

No total foram entrevistados 156 atletas (sendo 123 femininos e 33 masculinos) de 29 instituições esportivas do estado de São Paulo e cidades do Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre, devido à representatividade numérica e qualitativa destas localidades no contexto nacional da GA.

Para análise dos dados utilizamos a técnica da Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (2006), que compreende três etapas:

- Pré-Análise: realiza-se a transcrição das entrevistas, organizam-se os dados e ocorre a primeira leitura do material e quando surgem as primeiras impressões e hipóteses para as discussões seguintes;

<sup>1</sup> Apoio Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo- FAPESP.

- Exploração do Material: realiza-se a codificação dos dados, estabelecem-se as categorias e são organizadas as unidades de registro (UR: segmento de conteúdo para a categorização e a contagem frequencial) e as unidades de contexto (UC: segmentos do texto ou mensagem que confirmam as UR que, no caso, foram frases ou palavras);

- Inferência: diz respeito aos aspectos que o pesquisador pode se concentrar ao realizar uma análise, que no caso são os emissores e suas mensagens.

Na análise dos resultados optamos pela diferenciação por gênero e posteriormente comparação ou análise em função da similaridade do conteúdo dos depoimentos.

Neste artigo, os ginastas foram identificados pela letra “A” de atleta, seguido pelo número identificador do atleta; a letra “F” ou “M” era relativo ao gênero do atleta (feminino ou masculino), seguido do número da instituição em que a coleta foi feita, todos separados pelo símbolo “/”. Logo, o atleta de número 29, feminino, da federação 7 foi identificado pela simbologia: A29/F/7.

### MOTIVAÇÃO NO ESPORTE

Independente do ambiente, conteúdo ou momento, o estopim para realizarmos algo está no motivo que impulsiona a nossa ação, dando-nos uma direção e curso a um objetivo específico (WINTERSTEIN, 1992). Influente nas nossas decisões e tarefas, a motivação depende da situação, do contexto, dos gostos e desejos individuais e é por essa razão que Weinberg e Gould (2001) citam que a visão de motivação mais aceita por psicólogos do Esporte e do exercício é o modelo interacional entre indivíduo e situação que propõe que a motivação para a prática esportiva depende de fatores pessoais: aqueles relacionados às características individuais; e de fatores situacionais: aqueles relacionados às situações e condições ao redor do indivíduo e pode, portanto, ser entendida a partir de sua origem: intrínseca ou extrínseca.

A motivação extrínseca nos impulsiona a realizar certa atividade para receber recompensa ou evitar punição, para atingir um determinado objetivo que acreditamos ser importante, entre outros motivos. A motivação intrínseca impulsiona à realização da tarefa por si mesma ou pelo prazer que ela proporciona.

Apesar de autores (WEINBERG & GOULD, 2001; SAMULSKI, 1992; MARTENS, 1987) defenderem que as motivações internas são mais fortes, duradouras e permitem melhor aprendizagem e atingir o sucesso de alguma ação, é fato que os fatores externos tornaram-se grandes atrativos para trazer as pessoas à prática regular de atividade física, especialmente no esporte, no qual a recompensa material (medalhas, troféus, dinheiro, adesivos, brinquedos, etc.) é comum com o intuito de saudar os vencedores, não se restringindo apenas ao alto rendimento.

É importante destacarmos que a motivação intrínseca e a extrínseca coexistem e nunca uma age com exclusividade, ou seja, “ambas as formas, influenciam-se pelos diferentes mecanismos extrínsecos e intrínsecos de reforço; de modo que o reforço externo é mais importante para a pessoa competitiva e o interno para a pessoa cooperativa” (SAMULSKI, 1992).

Lopes & Nunomura (2007), após entrevistarem 20 atletas de alto rendimento da ginástica artística feminina, constataram que os motivos que levaram essas atletas ao treino da modalidade estavam relacionados ao gosto por características da GA (n=11); incentivo dos pais (n=6) e o fato de terem sido selecionadas por escolas de esporte (n=3). Os dados nos mostram que os motivos intrínsecos foram maioria sobre os extrínsecos.

O mesmo aconteceu quando questionadas sobre os motivos de permanecerem na GA, cujos resultados indicaram que a maioria (n= 11) permaneciam pelas características da prática; quatro atletas devido a necessidades fisiológicas ou psicológicas; duas para preencherem o tempo livre, uma atleta por considerar a modalidade diferente das demais, uma para estar com as amigas e apenas uma diretamente relacionada aos ganhos materiais.

Outro estudo relacionado a motivação e a GA, voltado para o público iniciante na modalidade, constatou que das 54 crianças entrevistadas, as motivação relacionava-se ao ambiente da prática, especialmente aos aparelhos da GA (n=40); ao próprio prazer sentido na prática (n=38), aos aspectos lúdicos da aula (n=34); seguidos por auto-superação, competências esportivas conquistadas, aspectos biológicos e da saúde adquiridos, dentre outros (CARBINATTO *et al.*, 2010).

Para Carronet *al.* (2003), o tipo de motivação apresentado pelo praticante terá reflexo sobre a seleção de atividades, no esforço, na persistência e no afeto associado à esta atividade e, portanto, é de extrema importância que os envolvidos com a modalidade se atentem para essa questão, afinal, somente com esse conhecimento poderá melhor organizar o treinamento, as aulas ou políticas que atendam os atletas e, assim, ampliarem e mantenham maior número de ginastas na prática.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor discutirmos os resultados encontrados, os motivos foram separados em dois grandes grupos: intrínsecos e extrínsecos; bem como foi feita a divisão entre os gêneros femininos e masculinos, dado ao fato de algumas diferenças entre os mesmos.

Quadro 1: Motivos para início da prática da GA (feminino)

<b>Intrínseca</b>	Interesse próprio (n=18)	A115/F/8: gosto muito, é único esporte que tenho vontade de fazer. A117/F/9: achei que era um esporte que ia gostar ai decidi GA. A54/F/9: eu gosto desse esporte. A63/F/9: comecei porque já sabia fazer algumas coisas. A114/F/11: porque eu acho legal, bonito. A79/F/12: vi o treino das meninas e gostei.
	Objetivos (n=1)	A134/F/9: eu tenho muitos sonhos, fazer muitas coisas.
	Saúde (n=1)	A37/F/13: tinha bronquite e comecei a fazer.
<b>Extrínseca</b>	Escola (n=14)	A108/F/6: o técnico mandou bilhete para teste na escola. A28/F/9: a professora falou para tentar. A56/F/12: foram na escola. A106/F/14: na aula de EF tinha acrobática.
	Técnico (n=4)	A147/F/8: ele me viu na competição e chamou para fazer teste. A159/F/9: meu técnico me inscreveu e eu passei.
	Família, parentes (n=47)	A20/F/9: minha mãe me incentivou. A22/F/9: meus pais viram e gostaram. A40/F/9: minha prima me trouxe. A96/F/9: minha mãe escolheu porque não fazia nada de manhã. A134/F/9: meu pai fez e contou e eu gostei. A148/F/10: meu pai dava treino e me trouxe. A13/F/10: pq meu irmão fazia. A154/F/10: minha mãe quis porque viu a Nádia, mas não tinha clube para fazer. A52/F/12: minhas tias falaram. A77/F/12: assisti com minha mãe e gostei. A80/F/14: minha avó quis. A152/F/14: minha mãe gostava, mas não pode fazer e me colocou.
	Mídia (n=24)	A18/F/8: vi a Daiane na TV e eu gosto. A21/F/9: vi muita propaganda e eu gostava. A6/F/9: via na TV e apaixonei, achava lindas as coisas. A86/F/10: vi a olimpíada e pedi para minha mãe.
	Clube (n=1)	A155/F/12: tinha lá e comecei a gostar.
	Outros (n=8)	A92/F/9: vi minhas amigas fazendo e a mãe dela me trouxe aqui. A16/F/11: a secretaria do meu pai fez e falou.

Constatamos como motivos intrínsecos, o interesse próprio das atletas (n= 18), os objetivos traçados para si mesma (n=1) e aspectos relativos à melhoria da saúde (n=1). Quanto ao primeiro aspecto, as crianças citaram que a decisão partiu do interesse próprio porque gostam de esporte ou porque quando viram outras pessoas, passaram a se interessar, o que pode se caracterizar por motivação intrínseca (MIRANDA & RIBEIRO, 1997).

A ginástica possui em seu núcleo principal o fato da demonstração de habilidades e capacidades inusitadas por simples prazer e auto-superação constante. Segundo Weinberg e Gould (2001), a criança necessita se sentir importante e competente, pois, a sensação de auto-confiança no desempenho de tarefas e habilidades tem relação com a manutenção da criança na prática esportiva. Os depoimentos corroboram com Roberts e Mckelvain (1987) que observaram que mostrar a evolução na modalidade é um dos fatores motivacionais entre os ginastas.

Ter interesse próprio para a prática de algo está uníssono ao prazer. Lopes (2009) cita que só fazemos bem aquilo que nos causa prazer. A alta incidência nesta categoria confirma os estudos de Xiang, Chen e Bruene (2005, p. 181) de que “as crianças são mais susceptíveis de serem motivadas pelo valor intrínseco embutido na atividade física do que pelos extrínsecos, ou seja, as recompensas que poderão receber pela participação”.

O relato de uma ginasta apresentou a motivação da prática relativa a um sonho específico. Uma meta em tão tenra idade demonstra um aspecto importante da motivação para o esporte, no entanto, é preciso que os envolvidos atentem para que a atleta tenha informações sobre tempo, dedicação e possibilidades reais para alcançá-las.

Uma das ginastas se referiu aos benefícios relativos à saúde, bem-estar e melhora de capacidades físicas. Este dado não é surpreendente, pois a mídia e profissionais da saúde, especialmente os médicos, divulgam os benefícios da atividade/exercício física à saúde, em geral.

Dos ginastas entrevistados, 98 apresentaram motivos extrínsecos como o grande responsável pela escolha de prática na modalidade de GA. Para 14 ginastas, o ambiente escolar foi responsável pelo seu início na modalidade, tanto referente às aulas de educação física escolar e sua função como divulgadora de modalidades, mas, principalmente, pela divulgação impressa e convites feitos por técnicos dentro nesse ambiente, bem como pela apresentação de ginastas para despertar o interesse das crianças. Esse fato corrobora com a descobertas de talentos na área, como o da ginasta Nadia Comaneci.

Apesar de aparecer com menor frequência (n=4), os técnicos também influenciam quando no início da prática da GA, especialmente em relação a convites e incentivo de ginastas para realização de testes em clubes e locais que permitirão melhor desenvolvimento das ginastas.

Vale salientar que para a maioria das ginastas entrevistadas (n=47), a família/parentes tem grande influência sobre as decisões das crianças em iniciar na modalidade, especialmente as de menos idade. Parece óbvio que seja assim, pois, elas dependem da disponibilidade dos pais para se deslocarem, para que arquem com eventuais custos que a participação possa acarretar, de ajudar a conciliar os horários com a escola e os compromissos dos próprios pais (CANDEIAS, 1998; BAXTER-JONES & MAFFULI, 2003; HEADSTROM & GOULD, 2004; ARAÚJO, 2005).

Como sabemos através do cotidiano da prática, certos pais engajam seus filhos no esporte porque eles próprios já tiveram a experiência (A13/F/9, A20/F/9), porque não tiveram a oportunidade de vivenciar (A154/F/10, A152/F/14) ou porque outro(s) filho(s) tem ou teve a experiência. No primeiro e terceiro casos, provavelmente, as experiências foram positivas e eles esperam que as crianças tenham a mesma oportunidade de usufruir o esporte. Mas, no segundo caso, pode revelar certa frustração deles próprios, pois, por não ter tido a oportunidade da prática (CANDEIAS, 1998). Os resultados corroboram ainda, com pesquisa organizada por Simões, Böhme e Lucato (1999) no qual constatou-se que mais de 60% das crianças afirmaram que os pais incentivaram sua prática esportiva, no caso estudado, dentro do ambiente escolar.

Sobre a influência da mídia na adesão ao programa de GA, observamos dados semelhantes àqueles de Lopes e Nunomura (2007). As autoras identificaram que 55 % das atletas praticantes de GA de alto nível se sentiram motivadas ao virem outras atletas treinando, competindo ou apresentando a modalidade. No presente estudo, 24 ginastas revelaram a influência midiática na escolha da modalidade.

Bock, Furtado e Teixeira (2007) apud Lopes (2009) e Rúbioet al. (2000) citam o impacto da mídia nas escolhas das pessoas. Os autores atentam para a influência da alta exposição de determinada modalidade na TV e de atletas que são considerados “super-homes” na motivação para prática esportiva pelo público em geral.

É comum que algumas crianças procurem por determinadas modalidades esportivas por estarem em evidência na mídia. A mídia também pode interferir na motivação pelo fato de criar um espetáculo em torno do jogo/ da apresentação, e de tornar os atletas “super-homens”, especialmente quando conquistam um lugar no pódio ou quebram um recorde esportivo (Rúbioet al., 2000).

É fato que, com as conquistas internacionais dos ginastas brasileiros, suas imagens tiveram uma circulação significativa nos meios de comunicação, sobretudo, na ocasião dos Jogos Olímpicos (RUBIO, *et al*, 2000). Dados empíricos revelam que a ginasta Daiane dos Santos teve uma aparição na mídia televisiva e impressa muito superior em relação aos outros ginastas, devido as suas chances de medalha. Em outros momentos do projeto, no qual foram entrevistados os técnicos da modalidade, alguns técnicos confirmaram o fato, e citaram que a demanda da modalidade em suas instituições cresceu, significativamente, neste período.

Assim, a mídia exerce um papel não menos importante do que a dos próprios pais, ainda que estes sejam os determinantes. Um fato negativo desta influência é o de criar uma expectativa muito alta nas crianças, as quais podem acreditar que logo farão as mesmas façanhas de seus ídolos e, se frustrarem quando perceberem que a ascensão na GA e, em qualquer esporte não é tão rápida como pensam.

Apenas uma ginasta citou o próprio clube como incentivador da modalidade por ter oferecer aulas da mesma e 8 ginastas citaram outros fatores tais quais: amigos, terceiros, dentre outros.

Em geral, a motivação extrínseca prevaleceu sobre as três categorias de ginastas analisadas: pré-infantil, infantil e juvenil. Entretanto, acreditamos que seja um somatório de fatores que levam a criança à prática esportiva que pode, inicialmente, ter uma origem externa, mas que ao longo da prática pode despertar a motivação intrínseca ou vice-versa.

De toda forma, sem a concessão e o apoio da família, certamente a criança não teria a oportunidade da prática esportiva além do âmbito escolar, quando esta existe, conforme salienta SANMARTIN (1995), que resume a participação dos pais como agentes facilitadores das situações e momentos que motivem os filhos às práticas esportivas, não por menos, na GA.

Seguimos com a análise dos motivos para a prática da GA relativo ao gênero masculino, cuja variação foi menor do que os encontrados no gênero feminino.

Assim como as meninas, o interesse próprio na modalidade (n=4), também foi frequente nas respostas dos meninos o que demonstra um bom sinal para a dedicação e permanência no esporte (WEINBERG & GOULD, 2001; LULLA, 2004; SCALON 1999). A escola (n=5) e os clubes (n=5), também foram ambientes de motivação, como já citado anteriormente, devido a possibilidade de apresentação e divulgação da modalidade bem como oportunidade de prática, através de aulas extracurriculares ou grupos de práticas de iniciação esportiva, podendo esses, serem o primeiro passo rumo ao esporte competitivo (TSUKAMOTO, 2004; ARENA, 2000).

Quadro 2: Motivos para início da prática da GA (masculino)

<b>Intrínseca</b>	Interesse próprio (n=4)	A82/M/11: porque gosto de fazer, eu quero ser grande, conseguir conquistas. A7/M/14: fazia TA e fui gostando da GA. A124/M/16: foi eu mesmo, vendo olimpíadas e achei bacana.
<b>Extrínseca</b>	Escola (n=5)	A137/M/8: me convidaram, me acharam forte, magro e baixinho. A138/M/9: a diretora me descobriu no colégio. A91/M/14: tava na escola e passaram bilhete para teste.
	Clube (n=5)	A144/M/10: o técnico me convidou. A161/M/14: fazia capoeira e cansei, ai me falaram da GA.
	Mídia (n=5)	A89/M/9: assistia as pessoas fazendo, Diego Hypolito, Moziah, achei interessante eu entrei. A90/M/10: queria ser igual, fazer aquelas acrobacias vi na TV.
	Família, parentes (n=10)	A141/M/10: minha tia falou e comecei a gostar. A143/M/10: fazia acrobacias em casa e minha mãe procurou lugar para fazer. A12/M/10: via meu primo e quis fazer tb. A1/M/14: meus pais fizeram quando pequenos, minha irmã fez e apresentou pra mim. A2/M/17: na verdade não escolhi, foi opção da minha mãe, eu nem gostava de GA, achava idiota assim, não curtia. Mas comecei a gostar. A81/M/17: meus pais queriam muito.
	Outros (n=1)	A59/M/9: tinha um amigo que fazia e me disse e achei legal.

No gênero masculino, a mídia (n=5) também teve um impacto sobre as decisões para a prática, citando especialmente os ídolos atuais da GA, o que nos parece natural em função da projeção da modalidade e de sua veiculação constante na mídia (RUBIO, et al., 2000), como também a espetacularização que aquela fez do esporte, incentivando aqueles que desejam realizar algo desafiante, no que concerne aos movimentos diferentes do cotidiano habitual.

Corroborando com os resultados do feminino, a maioria dos ginastas masculinos indicaram a família/parentes (n=10) como principal influência de escolha da prática. Neste caso, o presente estudo se diferencia dos resultados encontrados por Lopes & Nunomora (2007) e Carbinatto *et al* (2010).

Por fim, a teoria ressalta, com frequência, (Weinberg & Gould 2001; Lopes, 2009) que um dos principais motivos extrínsecos que leva um indivíduo à prática de atividade física é o fator social, evidenciado pelo convívio com seus pares, pela consolidação de novas amizades e pelo sentimento de pertencer a um grupo, identificados no estudo pela resposta de um ginasta.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que os motivos pelos quais os ginastas, de ambos os sexos, iniciaram a prática da GA, são semelhantes, tanto nos aspectos intrínsecos quanto nos extrínsecos.

Neste estudo os atletas demonstraram interesse próprio para praticarem a GA, o que facilita para que o processo de treinamento seja mais prazeroso e motivante.

A influência da mídia e de pessoas próximas como família, amigos e técnicos foi constatada através das entrevistas, o que evidenciou que a maioria dos motivos para a prática da GA são advindos de aspectos extrínsecos. Desta forma, percebemos que atitudes de orientação e incentivo dos pais e técnicos para os atletas podem ser decisivas na escolha de um esporte.

Diante destes resultados acreditamos contribuir para uma melhor organização e intervenção dos profissionais da área, pois conhecendo as necessidades dos praticantes podemos tentar reduzir o nível de abandono, aumentando qualitativa e quantitativamente o nível de envolvimento destes com a modalidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, A.; SALGUERO, A.; MÁRQUES, S. Motivos para a participação esportiva em nadadores brasileiros. **Fitness & Performance Journal**, v. 5, nº6, p. 363-369, 2006.
- ARAÚJO, C.M. O treino dos jovens ginastas. **Horizonte**, Lisboa, Dossier, v.XV, n.85, p.I-XII, Lisboa, 1998.
- ARENA, S. S. **Iniciação e especialização esportiva na Grande São Paulo**. 2000. 53f. Dissertação (Mestrado). São Paulo, 2000.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BAXTER-JONES, A. D.; MAFFULLI, N. Parental influence on sport participation in elite young athletes. **Journal of Sports Medicine and Physical Fitness**, v. 43, n. 2, p. 250-255, 2003.
- CANDEIAS, J. G. Crianças e formação desportiva. **Treino Desportivo**, Lisboa, n.1, p. 3-10, 1998.
- CARBINATTO, M.V.; TSUKAMOTO, M.H. LOPES, P. NUNOMURA, M. Motivação e Ginástica Artística no Contexto Extracurricular. **Revista Conexões**, vol 8, n.3, p. 124-145, set.dez., 2010.
- CARRON, A; HAUSENBLAS, H; ESTABROOKS, P. **The Psychology of physical activity**. Boston: McGraw-Hill, 2003.
- CHAVES, A. D.; MAGRIN, N. P.; BARBOSA, P. L.; NOGUEIRA, M. D. G. R. A motivação de adultos para a prática da natação. **EFDeportes.com Revista Digital**. Buenos Aires, Año 16, Nº 160, Septiembre de 2011. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd160/a-motivacao-de-adultos-para-a-natacao.htm>. Acesso em 14 de julho de 2012.
- HEDSTROM, R.; GOULD, D. **Research in Youth Sports: critical issues status**. Michigan: Michigan State University, 2004.
- KNIJNIK, J. D.; GREGUOL, M.; SELENO, S. Motivação no esporte infanto-juvenil: uma discussão sobre razões de busca e abandono da prática esportiva entre crianças e adolescentes. **Revista do Instituto de Ciências da Saúde**, v.19, n.1, p.7-13, 2001.
- LOPES, P. **Motivação e Ginástica Artística no Contexto Extracurricular**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo: 2009.
- LOPES, P.; NUNOMURA, M. Motivação para a prática e permanência na Ginástica Artística de alto nível. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.21, n.3, p.177-87, 2007.
- LULLA, J. **Recreational Gymnastics: Programming Philosophy and Development**. Technique, v.24, n.3, p.6-8, jun/2004. Disponível em <http://usa-gymnastics.org/publications/technique/2004/6/recreational.pdf>. Acesso em 16 de julho de 2009.
- MARTENS, R. **Coaches Guide to Sport Psychology**. Champaign: Human Kinetics Publishers, 1987.
- MIRANDA, R.; RIBEIRO, L.C. Motivação: a compreensão teórica para melhoria do desempenho atlético nos treinamentos e competições esportivas. **Treino Desportivo**, Lisboa, v.2, p.79-88, 1997.
- ROBERTS, G.C; MCKELVAIN, R. The motivational goals of elite young gymnastics. In: SALMELA et all (Org.). **Psychological Nurturing and Guidance of Gymnastic Talent**. Montreal: Sport Psyche Editions, p. 186-193, 1987.
- RÚBIO, K.; KURODA, S.; MONTORO, F.C.F.; QUEIROZ, C. Iniciação Esportiva e Especialização Precoce: As instâncias psico-sociais presentes na formação esportiva de crianças e jovens. **Revista Metropolitana de Ciências do Movimento Humano**, São Paulo, v.1, p.52-61, 2000.
- SCALON, R.M.; BECKER, JR.B.; BRAUNER, M.R.G. Fatores Motivacionais que influem na aderência dos programas de iniciação desportiva para criança. **Revista Perfil**: Porto Alegre, n.3, ano 3, p.51-61, 1999.
- SAMULSKI, D. **Psicologia do Esporte: Teoria e Aplicação Prática**. Belo Horizonte: Imprensa Universitária: UFMG, 1992.
- SANMARTÍN, M. G. **Valores sociales y deporte**. Madrid: Editorial Gymnos, 1995.
- SIMÕES, A.C.; BOHME, M.T.S; LUCATO, S. A Participação dos pais na vida esportiva dos filhos. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.13, n.1, p.34-45, jan/jun, 1999.
- THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- TSUKAMOTO, M. H. C. **A ginástica olímpica no contexto da iniciação esportiva**, 2004. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- WEINBERG, R.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do esporte e do exercício**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- WINTERSTEIN, P. Motivação, Educação Física e Esporte. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.6, n. 1, p.53-61, jan/jun, 1992.
- XIANG, P.; CHEN, A.; BRUENE, A. Interactive Impact of Intrinsic Motivators and Extrinsic Rewards on Behavior and Motivation Outcomes. Journal of Teaching in Physical Education, **Journal of Teaching in Physical Education**, n.24, 179-197, 2005.

Michele Viviane Carbinatto  
Avenida Getulio Guarita, n. 159 - Bairro Abadia - 38.026-300 – Uberaba - MG  
[mcarbinatto@ef.uftm.edu.br](mailto:mcarbinatto@ef.uftm.edu.br)

**O EFEITO DA PRÁTICA SISTEMATIZADA DA GINÁSTICA RÍTMICA SOBRE O  
DESENVOLVIMENTO EM ESCOLARES**

**THE EFFECT OF SYSTEMATIC PRACTICE RHYTHMIC GYMNASTICS ON  
DEVELOPMENT IN SCHOOL**

**EL EFECTO DE LA GIMNASIA RÍTMICA PRÁCTICAS SISTEMÁTICAS SOBRE EL  
DESARROLLO EN LA ESCUELA**

**Maria Carolina Nogueira Oliveira**

Graduada em Educação Física ESC/Cruzeiro

**Cindy Gonçalves Zeni Oliveira**

Graduada em Educação Física ESC/Cruzeiro

**Graziela de Castro Alves**

Especialista em Treinamento Desportivo e Fisiologia

Grupo de Pesquisa em Ginástica UNESP/RC

**Enrique Osvaldo Cimaschi Neto**

Mestre em Ciências Biológicas

**RESUMO**

*A Ginástica Rítmica (GR) é uma modalidade esportiva que desenvolve habilidades motoras, percepção corporal entre outras valências físicas. Esta pesquisa verificou e comparou o desenvolvimento motor de atletas, alunas praticantes de GR escolar e não praticante da modalidade inserindo exercícios básicos durante as aulas de educação física objetivando o melhor aproveitamento da criança em sua formação, especialmente o que se refere ao acervo motor. Compuseram as amostras trinta crianças com idade escolar de 6 e 7 anos divididas em grupos onde o Grupo A representado por atletas que já praticavam a GR diariamente, o Grupo E formado por crianças que praticam o esporte somente nas aulas de educação física e o Grupo C composto por crianças que não praticavam nenhum tipo de atividade física onde a aula de educação física intitulado como "movimento". Foi utilizado o checklist da matriz analítica proposta por Gallahue e Ozmum (2005). Cada criança era classificada no estágio em que apresentava mais característica podendo ser inicial, elementar e maduro. Entre os grupos analisados comparamos o resultado dos testes e concluímos que o Grupo A se encontra totalmente no estágio maduro e o Grupo E na maioria estavam classificados em elementar à maduro e o Grupo C se classificava em sua maioria no estágio inicial. Conclui-se que a GR pode ser um meio de estimular as habilidades motoras comprovando pelos grupos da amostra que praticam o esporte e aquelas que não possuem contato, pois foi nítido o grupo de atletas, as habilidades motoras já na sua totalidade se encontravam em estágio maduro.*

**RESUMEN**

*Los gimnasia rítmica (GR) es un deporte que desarrolla las habilidades motoras, la conciencia corporal y otras valencias físicas. Este trabajo se verificó y se compara el desarrollo motor de los atletas, estudiantes y profesionales no practicantes de la escuela GR del deporte entrando en ejercicios básicos durante las clases de educación física dirigidas a un mejor uso en la educación de su hijo, especialmente en lo que respecta al motor de recopilación. Las muestras compuesto por treinta niños en edad escolar de 6 y 7 años, divididos en grupos, donde el grupo representado por los atletas que practican a diario los recursos genéticos, grupo E, constituido de los niños que practican el único deporte en clases de educación física y consiste en el Grupo C los niños que no practicaban ninguna actividad física en la clase de educación física titulado "movimiento". Se utilizó la matriz de checklist analítico propuesto por Gallahue y Ozmum (2005). Cada niño se clasificó en la etapa en la que se pueden presentar más característica inicial, primaria y maduro. Entre las pruebas se comparan los resultados de las pruebas y concluyó que el Grupo A es completamente etapa de madurez en el Grupo E y la mayoría fueron clasificados como maduros primaria y Grupo C se clasificarán en su mayoría en la etapa inicial. Se concluye que el GR puede ser un medio para estimular las habilidades motoras mediante la demostración de grupos de la muestra que practican el deporte y los que no tienen contacto, estaba claro que el grupo de atletas, las habilidades motoras ya en su totalidad se encontraban en estadio madura.*

**ABSTRACT**

*The Rhythmic Gymnastics (RG) is a sport that develops motor skills, body awareness and other physical valences. This research verified and compared the motor development of athletes, students and practitioners not GR school practitioner of the sport entering basic exercises during physical education classes aiming to better use in your child's education, especially as regards the collection engine. Samples comprised thirty*

*children of school age of 6 and 7 years divided into groups where the group represented by the athletes who practiced daily GR, Group E consisted of children who practice the sport only in physical education classes and Group C consists children who did not practice any physical activity where the physical education class titled "movement." We used the analytical checklist matrix proposed by Gallahue and Ozmun (2005). Each child was classified at the stage where it can be presented most characteristic initial, elementary and mature. Among the tested comparing the test results and concluded that Group A is fully mature stage in Group E and the majority were classified as mature elementary and Group C will be classified mostly in the initial stage. It is concluded that the GR may be a means to stimulate motor skills by demonstrating sample groups who practice the sport and those who do not have contact, it was clear the group of athletes, motor skills already in their entirety were in stage mature.*

## **INTRODUÇÃO**

A Ginástica rítmica (GR) é um esporte dentro das modalidades olímpicas dos mais belos e plásticos e de maior dificuldade técnica que envolve os movimentos do corpo com a dança em perfeita harmonia com a música que deve ser instrumental e combinado com manejo de aparelhos próprios como a corda, bola, arco, maças e fita.

É um esporte essencialmente praticado por mulheres, porém já existem movimentos que se inicia a GR masculina, mas muito pouco praticada e não competitiva, em conjunto ou individual, que demonstra graça e beleza em seus movimentos criativos de muita flexibilidade, agilidade; pré – acrobáticos que são traduzidos através de expressões corporais.

Os elementos corporais são bases indispensáveis dos exercícios individuais e conjuntos, pois fazem parte dos elementos obrigatórios como: andar, saltar, saltitar, correr, balancear, movimento de circundação, girar, lançar, ondular, executar pré - acrobacias e recuperar sendo que os exercícios devem ser acompanhados por estímulo da música desenvolvendo a coreografia.

Além de oferecer à criança a oportunidade para o lazer, integração social e desenvolvimento de aptidões que levam a uma auto-estima e confiança (WEINECK, 1991). Conhecida como um esporte de alto nível de rendimento e de difícil acesso (NISTA – PICCOLO, 2005), o que faz com que a presença nas aulas de Educação Física Escolar seja muito pequena (AYOUB, 2003). Porém é um dos esportes com maior diversidade de experiências motoras possibilitando o trabalho de forma global.

## **OBJETIVO**

Avaliar e comparar o efeito da prática sistemática da Ginástica rítmica (GR) no desenvolvimento motor de atletas, praticantes escolares e não praticantes.

## **METODOLOGIA**

Abordagem de pesquisa descritiva qualitativa.

## **População e amostra**

Participaram deste estudo 30 crianças do sexo feminino com idade escolar de 6 a 7 anos de idade sendo 10 atletas praticantes da GR diariamente, 10 praticantes da ginástica rítmica somente na educação física escolar 2 vezes semanais e 10 que somente fazem educação física 1 vez semanal e não praticam a ginástica rítmica.

Foi utilizado um checklist proposto por Gallahue e Ozmun (2005), para analisar as características dos movimentos dos sujeitos, por meio de filmagem dos mesmos executando as habilidades motoras fundamentais.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A ginástica é fundamentada no aprimoramento dos movimentos naturais do ser humano, melhorando as capacidades psicomotoras, desenvolvendo as qualidades físicas e o ritmo, bem como o afetivo e social. É considerada como forma de trabalho físico, expressivo e artístico (MOLINARI, sd).

Segundo Minciotti (2005), a beleza, expressividade, técnica corporal, encontra-se fortemente associados na GR.

Róbeva e Rankélova (1991) afirmam que a Ginástica Rítmica é um conjunto de variedade das capacidades físicas e artísticas das ginastas na qual oferece criação de movimentos harmônicos que representam as potencialidades expressivas da mulher.

Inicialmente é destacado que a criança não é uma miniatura do adulto, cada uma apresenta sua particularidade, pois é necessária a consciência de um desenvolvimento específico em todos os aspectos, importantes carências e particularidades diferentes dos adultos.

Para Piaget (1973) o “desenvolvimento é um equilíbrio progressivo da inteligência e da vida afetiva”, mais tarde diz ainda que “para que este desenvolvimento aconteça é necessário a criança brincar de imitação”,

Já Leonor Kunz cita “que o movimento vivenciado serve para as crianças formular seus pensamentos e expressar através de seu próprio corpo, e como também no sentido de sua formação de sua personalidade total, colaborando com a linguagem na formação do pensamento”.

Alonso (2004) cita como trabalhar o aparelho na GR sempre foi alvo de polêmica. A autora propõe um procedimento pedagógico em que o trabalho corporal é simultâneo e com mais de um aparelho durante as aulas, não esperando o domínio de um único aparelho para se ensinar o outro. As aulas são colocadas em três momentos, com atividades/tarefas que possui como princípio a problematização do ensino como diretriz dessa proposta. Uma consideração importante da autora é não está perpetuando a aprendizagem da (GR) por meio da imitação do gesto motor do professor, e sim fazendo com que as professoras ajudem na compreensão da execução do movimento e favoreçam a criação dos movimentos da GR a partir da cultura corporal infantil.

## RESULTADOS

RESULTADOS RELATIVOS AO EQUILIBRIO EM UM PÉ SÓ			
	INICIAL	ELEMENTAR	MADURO
GRUPO 1	-	-	100%
GRUPO 2	-	20%	80%
GRUPO 3	40%	40%	20%

RESULTADOS RELATIVOS AO ROLAMENTO CORPORAL			
	INICIAL	ELEMENTAR	MADURO
GRUPO 1	-	-	100%
GRUPO 2	20%	40%	40%
GRUPO 3	80%	20%	-

RESULTADOS RELATIVOS AO ROLAMENTO DA BOLA			
	INICIAL	ELEMENTAR	MADURO
GRUPO 1	-	10%	90%
GRUPO 2	-	80%	20%
GRUPO 3	60%	40%	-

RESULTADOS RELATIVOS AO ARREMESSO POR CIMA			
	INICIAL	ELEMENTAR	MADURO
GRUPO 1	-	-	100%
GRUPO 2	-	20%	80%
GRUPO 3	30%	50%	20%

RESULTADOS RELATIVOS AO SALTO VERTICAL			
	INICIAL	ELEMENTAR	MADURO
GRUPO 1	-	10%	90%
GRUPO 2	20%	-	80%
GRUPO 3	60%	-	-

RESULTADOS RELATIVOS AO SALTO DE UM PLANO ALTO			
	INICIAL	ELEMENTAR	MADURO
GRUPO 1	-	-	100%
GRUPO 2	20%	80%	-
GRUPO 3	40%	60%	-

## ANALISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Segundo (ZAKHAROV 2003), as capacidades de coordenação se verificam na idade de quatro a cinco anos e encerra no período de sete a doze ano de idade, desta forma a fase infantil, apresentam-se como a mais favorável para o desenvolvimento das capacidades de coordenação. As habilidades estabilizadoras em crianças precisam de flexibilidade, a fim de executar movimentos diferenciados sob qualquer condição e manter relação fundamental com a força da gravidade (GALLAHUE; OZMUN, 2005).

Gallahue e Ozmun (2003) afirmam que estabilidade é o aspecto mais fundamental do aprendizado de movimentar se porque todo o movimento envolve um elemento de estabilidade.

Caçola e Ladewig (2005) pesquisaram o uso de dicas de aprendizagem na (GR) nos estágios iniciais da aprendizagem que desenvolvem atenção seletiva e facilitam a aprendizagem de habilidades específicas. É fato que com a prática suficiente de uma tarefa, pessoas distintas podem aumentar seu nível de habilidade (SCHIMIDT; WRISBERG, 2001).

Segundo Palmer (2003) estas oportunidades são infinitas, pois as crianças usam sua criatividade natural e imaginação para manipular os aparelhos com formas diferentes e divertidas.

Os movimentos fundamentais manipulativos são aqueles onde um objeto é movimentado para longe do corpo, relacionando o indivíduo com os objetos no ato da aplicação de força ou na recepção da mesma, logo, combinam dois ou mais movimentos. Para um bom desenvolvimento motor manipulativo devem-se **desenvolver antes as habilidades locomotoras e estabilizadoras, onde exigem um grau de habilidade inferior** quando comparado aos movimentos manipulativos Gallahue e Ozmun (2005).

A iniciação esportiva é um processo no qual ocorre em etapas. Os seus objetivos não se limitam somente em atingir o alto nível, mas possuem como objetivo a educação e a formação do cidadão. Portanto a iniciação e a especialização são dois momentos distintos, mas que estão interligados (TSUKAMOTO; NOMOMURA, 2005).

Constatou-se que a GR como parte das aulas de educação física escolar, pode promover um maior desenvolvimento de lateralidade, flexibilidade, consciência corporal, agilidade e coordenação motora; Conteúdos da Ginástica Rítmica, se acrescentados à aula de educação física pode contribuir no desenvolvimento, aprimoramento e melhoria das categorias motoras (estabilização, locomoção e manipulação) e desenvolvimento do corpo em sua totalidade, fundamentado no aprimoramento dos movimentos naturais do ser humano, no aperfeiçoamento de suas capacidades psicomotoras, no desenvolvimento das qualidades físicas e do ritmo, podendo ser considerada como uma forma de trabalho físico, artístico e expressivo (MOLINARI, 2007).

Todos estes aspectos nos levam a repensar a prática da iniciação nos esportes, visando despertar nas crianças o gosto pela prática desportiva e conseqüentemente pela atividade física, utilizando-se de uma metodologia que considere o esporte em sua forma global, buscando autonomia do aluno em seus atos e decisões, em harmonia com o desenvolvimento integrado e simultâneo das capacidades coordenativas, técnicas, físicas, sociais e psicológicas (GRECO e BENDA, 2001).

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apurados apontam para um melhor nível de desenvolvimento motor para as atletas que se mostraram com as análises superiores em todas as habilidades avaliadas, por sua vez os resultados do grupo controle apontam para um baixo nível de desenvolvimento motor apresentando boa parte dos seus participantes em níveis inicial e elementar. Como esperado o GP A classificou-se em sua totalidade em estágio maduro do desenvolvimento, e o GP E houve resultados dentro dos estágios elementares e maduros, já o GP C as crianças além de se classificarem na maioria no estágio inicial apresentavam déficit motor.

A prática sistematizada da GR permite o maior desenvolvimento das habilidades que são de extrema importância para o desenvolvimento da criança tanto no meio esportivo como no social. Os desenvolvimentos de tais habilidades passam de um grau de dificuldade mais simples até um nível mais complexo, facilitando assim a execução das tarefas diárias.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, H. Meu corpo, minha cultura, minha Ginástica Rítmica. 3º Congresso Científico Latino Americano de Educação Física da Unimep. In: **Anais do Segundo II Seminário Internacional de Ginástica Rítmica de Competição**, Piracicaba, p. 438, 2004.
- CAÇOLA, P.; LADEWIG, I. A utilização de dicas na aprendizagem da Ginástica Rítmica: Um estudo de revisão. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 82, abr. 2005. CAÇOLA, P.; LADEWIG, I.; RODACKI, A. Comparison between part practices versus whole practice while learning the corza jump in RG. **Fiep Bulletin**, V. 74, p. 283-284, 2004.
- GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor: Bebês, Crianças, Adolescentes e Adultos**. 3 Ed. São Paulo: Phorte, 2005.
- GRECO, P.; BENDA, R. **Iniciação esportiva universal/ 1. Da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. 1. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- PIAGET, Jean. **O juízo moral em crianças**. Tradução Elzon Lenardon. São Paulo: Summus, 1993.
- TSUKAMOTO, M. H. C.; NUNOMURA, M. Iniciação Esportiva e Infância: Um Olhar Sobre A Ginástica Artística. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 159 -176, 2005.

Graziela de Castro Alves

Rua Manoel Siqueira Vasconcelos nº 225 – Itagaçaba – Cruzeiro/SP - CEP:12330-730

[graeladecastro@bol.com.br](mailto:graeladecastro@bol.com.br)

## OS OBJETIVOS DO PROFESSOR AO MINISTRAR GINÁSTICA ARTÍSTICA COMO ATIVIDADE EXTRACURRICULAR EM ESCOLAS

### LOS OBJETIVOS DEL PROFESOR QUE ENSEÑA LA GIMNASIA ARTÍSTICA COMO UNA ACTIVIDAD EXTRACURRICULAR EN LAS ESCUELAS

### THE OBJECTIVES OF THE TEACHER IN TEACHING ARTISTIC GYMNASTICS AS AN EXTRACURRICULAR ACTIVITY IN SCHOOLS

**Rosana Sandri Eleutério de Souza**

Mestre em Educação; Grupo Estudo, Pesquisa e Experimentação em Ginástica e Núcleo de Pesquisas em Educação Física/UCDB

**Sarita Mendonça Bacciotti**

Mestre em Ciências da Saúde; Grupo Estudo, Pesquisa e Experimentação em Ginástica e Núcleo de Pesquisas em Educação Física/UCDB

#### **RESUMO**

*O presente artigo é um recorte da pesquisa intitulada: "O Fazer do Professor de Ginástica Artística na Escola: uma visão fenomenológica". A proposta de investigação da pesquisa pauta-se sobre a atuação do professor de Ginástica Artística que trabalha em escolas, especificamente com esta modalidade oferecida como atividade extracurricular. O objetivo é desvelar as práticas envolvidas na ação desse professor no âmbito escolar, identificar seus objetivos, métodos, seu ambiente de trabalho, os materiais que possui para trabalhar, enfim, investigar a forma como desenvolve a prática da modalidade com seus alunos. Neste artigo, apresentamos a análise fenomenológica dos objetivos desses profissionais. Para este estudo, entrevistamos 10 profissionais que atuam em escolas nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Bahia e Amazonas. As entrevistas foram coletadas durante o Workshop Internacional de Ginástica Artística Brasil -Estados Unidos, realizado no Rio de Janeiro entre os dias 18 e 20 de Novembro de 2011. A Fenomenologia sustenta o processo teórico na análise dos depoimentos. Identificamos que os professores possuem objetivos formativos e educativos e estão preocupados com o desenvolvimento integral dos alunos e não apenas com o ensino da modalidade. Procuram desenvolver suas atividades de maneira lúdica, estimulando em seus alunos o prazer em fazer ginástica, além de trabalharem, em sua maioria, apenas com a iniciação à modalidade sem objetivos competitivos. Identificamos, portanto, a evidência de questões pedagógico- educacionais na atuação desses profissionais, demonstrando uma preocupação com o humano e o sensível, buscando atender a todos.*

#### **RESUMEN**

*Este artículo es parte de una investigación titulada "La formación de profesor de gimnasia artística en la escuela: un punto de vista fenomenológico". La agenda de investigación propuesta es la investigación sobre el papel del profesor de Gimnasia Artística, que trabaja en las escuelas, específicamente con este método ofrece como una actividad extracurricular. El objetivo es poner al descubierto las prácticas implicadas en la acción de este maestro de la escuela, identificar sus objetivos, métodos, ambiente de trabajo, los materiales que tienen que trabajar, por último, para investigar cómo el deporte se desarrolla con sus alumnos. Este artículo presenta un análisis fenomenológico de los objetivos de estos profesionales. Para este estudio, se entrevistó a 10 profesionales que trabajan en las escuelas en los estados de Río de Janeiro, Sao Paulo, Recife, Bahía y Amazonas. Las entrevistas fueron recogidos durante los talleres de Gimnasia Artística Internacional de Brasil-Estados Unidos, celebrada en Río de Janeiro entre el 18 y el 20 de noviembre de 2011. Fenomenología mantiene el proceso teórico en los testimonios. Hemos encontrado que estos profesores tienen la formación y los objetivos educativos y se preocupan por el desarrollo integral de los estudiantes y no sólo con la enseñanza de este deporte. Que deseen desarrollar sus actividades de una manera lúdica, animando a sus estudiantes a ser feliz de hacer gimnasia, y trabajan principalmente con el inicio, sólo con el deporte sin fines competitivos. Llegamos a la conclusión, por lo tanto, la evidencia de las cuestiones pedagógicas y educativas de estos profesionales, lo que demuestra una preocupación por lo humano y lo sensible, tratando de satisfacer a todos.*

#### **ABSTRACT**

*This article is part of a research entitled "The Making of Artistic Gymnastics Teacher in School: a phenomenological view". The research proposal is to investigate the actuation of the Artistic Gymnastics teacher who works in schools, specifically with this modality offered as an extracurricular activity. The aim is to uncover the practices involved in the action of this teacher in the school, to identify his objectives, methods,*

*work environment, the sports equipment that he has, finally, to investigate how he have developed the sport with his students. In this paper, we present only the phenomenological analysis of the objectives of these professionals. For this study, we have interviewed 10 professionals that work schools in the states of Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Bahia and Amazonas. The interviews were collected during the International Workshop of Artistic Gymnastics Brazil-United States, held in Rio de Janeiro from 18 to 20 November 2011. Phenomenology maintains the theoretical process in the analysis of the statements. We identified that the teachers have training and educational objectives and that they are concerned about the integral development of the students and not only with teaching the sport. They try to develop the activities in a playful manner, encouraging their students to pleasure in doing gymnastics, and they work mostly with initiation to the sport without competitive objectives. We identified therefore, an evidence of pedagogical and educational issues in these professionals, demonstrating a worry with the human and sensible, trying to meet everyone.*

## **INTRODUÇÃO**

A prática da Ginástica Artística (GA) vem crescendo no Brasil, nos últimos anos devido aos destaques alcançados por atletas brasileiros em campeonatos internacionais e o aumento de sua exposição pela mídia. Porém, a GA brasileira ainda é pouco desenvolvida e geralmente é oferecida em clubes, escolas, projetos sociais, academias e universidades. Dentre estes o que mais nos interessa é a escola por acreditarmos ser esse um espaço viável para o desenvolvimento da modalidade desde que observadas as peculiaridades do ambiente escolar.

Acreditamos na escola como espaço para divulgação da GA, para torna-la conhecida e apreciada. Além disso, acreditamos que a GA colabora para o desenvolvimento dos praticantes para além dos objetivos técnicos e de competição, desenvolvendo capacidades físicas, promovendo a ampliação do repertório motor, a satisfação pessoal, favorecendo o desenvolvimento motor, cognitivo e sócio afetivo dos praticantes. Assim, o presente estudo tem objetivo de desvelar as práticas envolvidas na ação do professor que trabalha em escolas, especificamente com esta modalidade oferecida como atividade extracurricular e identificar seus objetivos, dessa maneira, investigar a forma como desenvolve a prática da modalidade com seus alunos.

Ao explorar a GA no cotidiano das escolas brasileiras o estudo poderá contribuir para reflexões e elaboração de proposta de ações para uma prática pedagógica consciente. Ao relatar práticas que realmente “acontecem” nas escolas, apontar caminhos e sugestões.

Investigar o fazer do professor é de fundamental importância para nós pois, esses professores já estão atuando na tarefa educativa da GA, possuindo saberes-fazeres resultantes de sua experiência, os quais são objeto de reflexão, análise e reelaboração a fim de favorecer caminhos para a prática da GA na escola.

Nossa intencionalidade é valorizar a experiência dos atores, estimulando uma reflexão sobre a prática docente em GA e um confronto entre a teoria e a prática. Ao mesmo tempo oportunizando uma reflexão, ressignificação da prática da GA nas escolas, ensejando a busca de procedimentos para aprimoramento dessa prática.

## **GINÁSTICA ARTÍSTICA NA ESCOLA**

A Ginástica Artística, pela grande variedade de gestos que sua prática exige, representa para seus praticantes oportunidade de desenvolvimento em todas as dimensões, seja física, motora, cognitiva, afetiva ou social.

Segundo Schiavon (2005) um dos caminhos para ampliar o acesso dessa modalidade esportiva a um número cada vez maior de praticantes é viabilizar a prática dessa modalidade nas escolas. A autora refere-se a inserção da GA no currículo da Educação Física, mas, acreditamos que isto se aplique também ao espaço oferecido pelas atividades extracurriculares.

Essas atividades são similares a chamada Educação Física Extra Escolar defendida por Perez Gallardo (2002) onde as crianças escolhem as modalidades e/ou elementos da Cultura Corporal que foram vistos na aula de Educação Física e que despertaram maior interesse para praticar no contra turno escolar. Pensamos que o tratamento pedagógico é fundamental nestas atividades e faz-se necessário que os profissionais que trabalham com a GA como atividade extracurricular nas escolas se utilizem sempre de uma pedagogia coerente com o indivíduo e com suas condições de trabalho. Para tanto é necessário que o professor estabeleça seus objetivos considerando o tipo de GA que melhor se adequa a sua realidade.

Gaio (2005) divide a Ginástica Artística em dois tipos: GA competitiva, representada pelas ginásticas consideradas esportes, estabelecidas pela Federação Internacional de ginástica (FIG) e GA não competitiva, apontando as atividades gímnicas pedagógicas, terapêuticas, corretivas, de condicionamento, de apresentação, de lazer, como alguns dos diversos objetivos e interesses que podem ser encontrados a partir da experiência em ginástica não-competitiva.

Estes dois tipos de GA estabelecidos pela autora ocasionam constantes momentos de superação que proporcionam prazer e satisfação ao praticante. Nos dois casos existe o desafio, pois a cada dia o praticante tem uma nova meta e a progressão é essencial. Consideramos importante que o profissional saiba diferenciar as

características e necessidades de cada etapa do desenvolvimento humano, sabendo dosar a intensidade dos exercícios e entendendo o aluno como um todo, estimulando sua permanência na prática da GA.

Sawasato e Castro (2006) dividem a GA em dois grupos de atividade: GA – atividade física e GA – esporte. A GA vista com caráter de atividade física favorece a diversidade de experiências motoras, assim como possibilita um trabalho do corpo de forma global, desenvolvendo as capacidades físicas, ampliando o repertório motor e possibilitando melhora na prática de diferentes modalidades esportivas, além disso, promove grande satisfação pessoal, proporcionando experiências motoras, cognitivas e sócio afetivas por meio da utilização de materiais em situações diversificadas, o que possibilita o enriquecimento da consciência corporal nas ações vivenciadas individualmente e em grupo.

A GA com seus inúmeros desafios a serem vencidos proporciona aos alunos, após a conquista de cada objetivo, uma grande dose de satisfação pessoal e autoafirmação. A relação do praticante com o meio esportivo (aparelhos) e com os colegas que estão ao seu lado é de fundamental importância em sua vida diária, uma vez que aprende a se socializar e compartilhar as dificuldades e acertos no processo de aprendizagem. Uma autodisciplina gerada pelas próprias características da atividade acrescenta mais um item a essa gama de valores educativos.

Diante do exposto, acreditamos que os professores de GA que atuam nas escolas devem pautar-se numa ação educativa que revele percepção e criatividade, numa ação formativa que encontre na ludicidade possibilidades de descobrir o novo, um novo jeito de ensinar, pautado na busca pelo desenvolvimento de uma prática da GA coerente com o ambiente escolar.

Caberá nas escolas, a estruturação de um trabalho com a GA abrangendo as características acima mencionadas: a efetivação de um trabalho voltado para o desenvolvimento humano e que atenda as necessidades e expectativas daquele que é o mais importante no processo, o educando.

## **OBJETIVOS**

A proposta de investigação da pesquisa pauta-se sobre o “fazer” do professor de GA que trabalha em escolas, especificamente com esta modalidade oferecida como atividade extracurricular. O objetivo é desvelar as práticas envolvidas na ação do professor de GA no âmbito escolar e identificar seus objetivos ao desenvolver a modalidade com seus alunos.

## **UM CAMINHAR EM PESQUISA: METODOLOGIA**

A pesquisa tem caráter qualitativo e as análises alicerçam-se pela Fenomenologia, buscando recolha dos depoimentos por meio de entrevista, a leitura analítica e interpretação do fenômeno.

A Fenomenologia é o estudo da essência em que, para se chegar à “essência das coisas” (MERLEAU PONTY, 2006a, p. 1), se faz a descrição das experiências. Seguindo a linha fenomenológica os dados desta pesquisa foram recolhidos por meio de entrevistas e as informações obtidas foram reduzidas pelo “processo de análise fenomenológica” (BICUDO, 2000, p.77), nos possibilitando momentos de percepção e rigor nos depoimentos de nossos sujeitos.

Para realização da pesquisa entrevistamos 10 profissionais que atuam com a modalidade Ginástica Artística ministrada como atividade extracurricular em escolas, em diferentes estados do Brasil. Todos possuem graduação em Educação Física e atuam com a modalidade GA a mais de dois anos. As entrevistas foram coletadas durante o Workshop Internacional de Ginástica Artística Brasil /Estados Unidos, realizado no Rio de Janeiro entre os dias 18 e 20 de Novembro de 2011.

Os profissionais entrevistados atuam no Rio de Janeiro (7), São Paulo (2), Recife (1), Bahia (1) e Amazonas (1). O encontro com tais profissionais foi feito de maneira informal, e percebemos um interesse em participar da pesquisa, uma satisfação em falar do próprio trabalho e uma paixão indiscutível de todos os entrevistados pelo seu “Fazer” diário com seus alunos. Ocorreu em clima de total liberdade em que os profissionais responderam à pergunta, sem limite de linhas ou tempo para sua fala ou escrita. Eles puderam exprimir a sua opinião com muita tranquilidade.

Os sujeitos escolhidos convivem com o processo de trabalho com GA nas instituições de ensino e, muitas vezes, sentem as dificuldades, prazeres e possibilidades que envolvem o seu fazer enquanto professor de GA na escola. Logo, seguindo esse pensamento, a maneira de trabalhar a GA de cada um, foi exposta à medida que as falas dos sujeitos se manifestaram em diálogo.

Para melhor organização da pesquisa os sujeitos foram nomeados pelas letras do alfabeto de A até J. O quadro a seguir apresenta um dos momentos do processo de análise: o momento da redução fenomenológica em que destacamos aqueles trechos das falas dos sujeitos, que mais se sobressaíram: as Asserções.

**Quadro 1:** Asserções dos sujeitos

ASSERÇÕES DOS SUJEITOS	SUJEITO
1. São realizados dois trabalhos, a escolinha e a equipe 2. Na escolinha (faixa etária de 5 a 12 anos) o principal objetivo é recreativo 3. Fazer a criança se apaixonar pelo esporte 4. Na equipe o trabalho tem o objetivo de competição	A
1. Objetivo: participação em copas de iniciação	B
1. Meu objetivo nas aulas é ensinar a ginástica de maneira lúdica atendendo a todos	C
1. Optamos por fazer dois tipos de planejamento: um com objetivo específico de recrear, visando o desenvolvimento das habilidades naturais e outro com cunho competitivo.	D
1. Executar da melhor maneira os exercícios da Ginástica, através de educativos e progressões pedagógicas específicas dos exercícios de forma prazerosa, respeitando a individualidade de cada criança.	E
1. Objetivos: Que a criança pratique a ginástica como uma iniciação ao esporte	F
1. Nossa prioridade é a ginástica como prática educacional e não competição.	G
1. Os objetivos são movimentos básicos da GA e a psicomotricidade na escola	H
1. Nosso trabalho não é voltado para a competição. 2. O objetivo principal é contribuir na formação das crianças, tornando-as mais autônomas, criativas, disciplinadas, etc.	I
1. O objetivo principal desse trabalho é desenvolver qualidades físicas importantes para o desenvolvimento saudável dos alunos. 2. Realizar atividades desafiadoras e prazerosas	J

Sendo assim, as asserções apresentam os aspectos mais importantes, mais significativos, do fenômeno estudado. As convergências demonstram os aspectos que embasam a estrutura geral e as divergências apresentam as reações individuais ao fenômeno. As Categorias Abertas, então, representam os resultados de toda a ação do investigador na prática da redução fenomenológica, constituindo-se em subsídios para a análise. Agrupamos as temáticas convergentes e retiramos as Categorias Abertas, fazendo uma redução, facilitando o caminho da hermenêutica. Chegamos a três categorias: FORMAÇÃO, INICIAÇÃO E DIVERSÃO. A partir dessas palavras (categorias) realizamos nossa interpretação.

#### HERMENÊUTICA DE UM MOMENTO.

Procuramos traduzir e dar sentido às categorias abertas extraídas das análises percorridas pela metodologia, referindo-se às nossas interrogações quanto ao fazer do professor de GA, ministrada como atividade extra curricular em escolas: Formação, Iniciação e Diversão são as categorias retiradas das asserções dos depoimentos de nossos sujeitos e reduzidas, fenomenologicamente, mostram-se bastante elucidativas quanto aos aspectos estudados junto à pesquisa.

Compreender tais categorias nos proporciona evidenciar possibilidades para a GA no dia a dia da escola, possibilitando novos olhares para novas dimensões, novos caminhos para o desenvolvimento dessa modalidade no ambiente escolar.

Buscamos, então, ao interpretar os achados, as vivências, o percurso de toda a pesquisa, dar um significado que ultrapasse o real, o jogo, as regras, o convencional. Apontar um sentido maior à prática da GA na escola, com possibilidades de transcender e extrapolar vivências para construir novos momentos, inovando práticas e concepções.

Em nosso estudo, realizado com dez profissionais que trabalham com a GA na escola como atividade extra curricular, por meio de conversa informal e recolha de depoimentos escritos, observamos e constatamos uma preocupação dos sujeitos com o desenvolvimento integral de seus alunos. Para além do ensino da modalidade, verificamos que os objetivos desses profissionais estão voltados para os objetivos educacionais inerentes ao ambiente escolar, mesmo tratando-se de atividade extra curricular. Apenas dois dos entrevistados disseram ter objetivos de competição e possuem turmas de treinamento, mas, ainda assim, mantem turmas com objetivos não competitivos: “*Optamos por fazer dois tipos de planejamento: um com objetivo específico de recrear, visando o desenvolvimento das habilidades naturais e outro com cunho competitivo.*” (sujeito D).

Todos os profissionais entrevistados trazem em seu depoimento a “FORMAÇÃO” demonstrando uma preocupação com o desenvolvimento dos alunos e não apenas o ensino da modalidade. Para Sawasato e Castro (2006) a GA pode receber um enfoque mais abrangente como uma atividade física de base, formativa e educativa que deve ser estimulada e difundida numa perspectiva pedagógica de vivência e experiência motora.

Segundo Leguet (1987), através da atividade gímnica um indivíduo pode ampliar sua personalidade nos três planos existentes: afetivo, cognitivo e motor; nos seguintes setores: agir, criar, mostrar, ajudar, avaliar

e organizar. Percebemos, então, a evidência de questões pedagógico- educacionais nas falas de nossos sujeitos, demonstrando uma preocupação com o humano e sensível, buscando atender a todos.

A “DIVERSÃO”, outra categoria expressa nos discursos de nossos sujeitos, demonstra a preocupação dos professores em desenvolver suas atividades de maneira lúdica e prazerosa estimulando em seus alunos o prazer em fazer ginástica. Para Russell & Kinsman (1986) o prazer em realizar a atividade é vital para a continuidade da criança num programa de ginástica. Para os autores, se a criança não se diverte, não manterá uma participação voluntária na atividade. Se uma aula não for uma experiência agradável, o nível de controle e eficácia estariam prejudicados, o que reduziria a possibilidade de atingir outros objetivos. Daí a necessidade de haver um esforço em fazer a atividade de forma motivante e prazerosa, quando se leva em consideração esse objetivo, é muito mais fácil atingir os objetivos seguintes.

A “INICIAÇÃO”, presente nos discursos dos sujeitos nos demonstra um distanciamento da GA como esporte de rendimento do ambiente escolar e uma aproximação do que Nunomura (2010) chama de Atividade GA. Para a autora, a atividade GA tem caráter formativo e a finalidade é desenvolver as habilidades motoras através de movimentos ginásticos, já o esporte GA tem caráter competitivo e a finalidade é desenvolver as habilidades específicas com alta precisão técnica. Na atividade GA há maior preocupação com o processo de aprendizagem do que com o produto e a perfeição do movimento final; as atividades são realizadas de forma lúdica e espontânea.

Percebemos a intenção de nossos sujeitos em atender ao principal objetivo da escola que é proporcionar atividades nas quais todos os alunos, independente da idade e capacidade, tenham oportunidades de participar.

Destarte, pensamos que é possível o desenvolvimento de um trabalho com a GA nas escolas que contemple o humano, respeite as crianças em suas individualidades e atenda as questões pedagógico-educacionais inerentes ao ambiente escolar. Acreditamos que esta ação será possível mediante a elaboração de propostas inovadoras e ousadas, que unam em só projeto, o esporte e a educação.

Ao pensarmos a GA como atividade extracurricular na escola, propomos um encontro dos seres e dos saberes, que a busca constante do conhecimento permita inovar práticas estabelecidas, resgatando possibilidades de fazer o novo, o diferente.

#### REFERÊNCIAS

- BICUDO, M. A. V. **Fenomenologia: Confrontos e Avanços**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- GAIO, R.; BATISTA, J.C.A. **A ginástica em questão**. Ribeirão Preto, SP: Tecmedd, 2006.
- GALLARDO, J. S. P. GUTIERREZ, L. A. L.; Educação Física Extra Escolar: Rumo à Autonomia e à Participação Social. In: **II Fórum Internacional de Ginástica Geral**, 2003, Campinas. Anais do II Fórum Internacional de Ginástica Geral. Campinas: SESC, 2003. v. 1. p. 87-93.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.
- NUNOMURA, M; CARRARA, P. D. S.; CARBINATTO, M. V. **Análise dos objetivos dos técnicos na Ginástica Artística**. Motriz, Rio Claro, v.16, n.1, p.95-102, jan./mar. 2010.
- LEGUET, J. **As ações motoras em Ginástica Desportiva**. São Paulo: Ed. Manole, 1987.
- SAWSATO, Y. Y. ; CASTRO, M.F.C. A dinâmica da Ginástica Olímpica. In: GAIO, R.; BATISTA, J.C.A. **A ginástica em questão**. Ribeirão Preto, SP: Tecmedd, 2006.
- SCHIAVON, L. M. Materiais Alternativos para a Ginástica Artística. In: NUNOMURA, M.; NISTA-PICCOLO, V.L. **Compreendendo a ginástica artística**. São Paulo: Phorte, 2005.
- RUSSELL, K; KINSMAN, T. **Coaching Certification Manual: introductory gymnastics**. Ontario, Canadian Gymnastics Federation, 1986.

Rosana Sandri Eleutério de Souza  
Rua: Dos Dentistas, 425, Bairro Tiradentes, Campo Grande -MS.  
[rosanasandri@hotmail.com](mailto:rosanasandri@hotmail.com)

**PROJETOS DE EXTENSÃO EM GINÁSTICA PARA CRIANÇAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL  
PAULISTA/CAMPUS RIO CLARO**

**EXTENSION PROJECTS OF GYMNASTICS FOR CHILDREN: EXPERIENCE REPORT FROM  
PHYSICAL EDUCATION DEPARTMENT OF SÃO PAULO STATE UNIVERSITY/RIO CLARO**

**PROYECTOS DE EXTENSIÓN EN GIMNÁSIA PARA NIÑOS: RELATO DE EXPERIENCIA DEL  
DEPARTAMENTO DE EDUCACIÓN FÍSICA DE LA UNIVERSIDAD ESTATAL  
PAULISTA/CAMPUS RIO CLARO**

**Laurita Marconi Schiavon**

Doutora – Departamento de Educação Física – UNESP/Campus Rio Claro

**Silvia Deutsch**

Doutora – Departamento de Educação Física – UNESP/Campus Rio Claro

**Bruna Gozzi Coradi**

Graduanda em Educação Física – UNESP/Campus Rio Claro

**Natássia Constanza Fosaluza**

Graduanda em Educação Física – UNESP/Campus Rio Claro

**Rebecca Fernandes Albano de Oliveira**

Graduanda em Educação Física – UNESP/Campus Rio Claro

**Tahisa Perez Penatti**

Graduanda em Educação Física – UNESP/Campus Rio Claro

**Thays Caroline dos Santos Cardoso**

Graduanda em Educação Física – UNESP/Campus Rio Claro

**RESUMO**

*Os Projetos de Extensão de Ginástica da UNESP/Rio Claro existem há mais de 20 anos e atualmente possuem uma estruturação que busca oferecer uma ampla variedade de movimentos às crianças, antes de especializarem-se em uma única modalidade. Reformulados a partir de 2011, subdividem-se em três projetos de extensão universitária: Atividades Ginásticas, Ginástica Artística e Ginástica Rítmica. Os projetos são oferecidos às crianças de Rio Claro com o intuito de oferecer essas possibilidades gímnicas à comunidade e ao mesmo tempo possibilitar aos graduandos em Educação Física a aproximação com a realidade em uma prática de ensino de modalidades ginásticas, ampliando e aprofundando os conhecimentos da grade curricular no curso de Educação Física da Unesp/Rio Claro. O projeto "Atividades Ginásticas" oferece aulas de Ginástica para crianças entre cinco e oito anos de idade, abordando os fundamentos básicos da Ginástica (RUSSEL, 2010) e apresentando as diversas habilidades e modalidades gímnicas às crianças, sempre com atividades lúdicas que privilegiam o aprender brincando. Já os projetos de Ginástica Artística e Ginástica Rítmica recebem crianças a partir dos nove anos de idade, possibilitando um maior aprofundamento em uma das duas modalidades escolhidas pela criança, ainda por meio da ludicidade, porém apresentado uma maior direcionamento técnico relativo às modalidades propostas. Nos projetos de extensão, busca-se não somente o aprendizado de novas habilidades dentro das modalidades ginásticas, mas principalmente o prazer despertado pela execução das habilidades e pela interação social entre os participantes, incentivando ao máximo o ensino por meio de atividades cooperativas (GERLING, 2009). Para os graduandos, os projetos de extensão possibilitam a descoberta da possibilidade de ensinar ginástica e reúne os mesmos no Grupo de Estudos Pedagógicos em Ginástica (GEPEGIN), refletindo sobre as dúvidas e curiosidades, podendo transformá-las em pesquisas de iniciação científica e trabalhos de conclusão de curso.*

**ABSTRACT**

*The Extension Projects of Gymnastics of the UNESP/Rio Claro there are more than 20 years and currently have a structure that seeks to offer a wide variety of moves for children, before specialize in a single modality. The Projects was reformulated in 2011, being subdivided into three university extension projects: Activities Gymnastics, Artistic Gymnastics and Rhythmic Gymnastics. The aim of these projects is to provide for the children of Rio Claro the opportunity to practice these types of gymnastics at the same time enabling the approximation of physical education students with the reality, broadening and deepening the knowledge of the curriculum of Physical Education Course UNESP/Rio Claro. The project "Activities Gymnastics" offers gymnastics classes for children between 5 and 8 years old, approaching the basic fundamentals of gymnastics (RUSSEL, 2010) and presenting the various modalities gymnastics and motor ability to children, always with*

*playful activities that emphasize learning experiences. The projects Artistic Gymnastics and Rhythmic Gymnastics welcome children from the age of 9, allowing a larger study on one of the two methods chosen by the child, still teaching through playfulness, but presented a greater technical direction concerning the manner proposed. In extension projects, the goal is not only learning new motor ability through various forms of gymnastics, but mainly to awaken the pleasure of execution abilities and social interaction among participants, promoting the maximum teaching through cooperative activities (GERLING, 2009). For undergraduates, the extension projects enable the discovery of the teaching of gymnastics, reflecting about your questions and curiosities, through discussions within the Group of Pedagogic Studies in Gymnastics (GEPEGIN), besides the possibility of conducting research and monographs.*

### **RESUMEN**

*Los Proyectos de Extensión de Gimnasia de la UNESP/Rio Claro existen hace más de 20 años, actualmente poseen una estructuración que ofrece una amplia variedad de movimientos para los niños, antes de especializarse en una modalidad. Reformulados desde 2011, se subdividen en tres proyectos: Actividades Gimnásticas, Gimnasia Artística y Gimnasia Rítmica. Estos son ofrecidos a los niños de Rio Claro con intención de ofertar posibilidades gimnásticas a la comunidad y simultáneamente posibilitar a los graduandos de Educación Física aproximarse a la realidad en una práctica de enseñanza de las modalidades gimnásticas, ampliando y profundizando en los conocimientos del currículo en el curso de Educación Física - Unesp/Rio Claro. El proyecto “Actividades Gimnásticas” ofrece clases de Gimnasia para niños entre 5 y 8 años, abarcando fundamentos básicos de la Gimnasia (RUSSEL; SCHEMBRI; KINSMAN, 2009) y presentando las diversas habilidades y modalidades gímnicas a los niños, siempre con actividades lúdicas que privilegien el aprender jugando. Ya los proyectos de Gimnasia Artística y Gimnasia Rítmica reciben niños a partir de los 9 años, posibilitando una mayor profundidad en una de las dos modalidades escogidas por el niño, todavía a través de la ludicidad, aunque presentando mayor direccionamiento técnico relativo a las modalidades propuestas. En los proyectos de extensión, se busca no solamente el aprendizaje de nuevas habilidades dentro de las modalidades gimnásticas, sino principalmente despertar el placer por la ejecución de las habilidades y por la interacción social entre participantes, incentivando al máximo la enseñanza por medio de actividades cooperativas (GERLING, 2009). Para los graduandos, los proyectos de extensión dan la oportunidad de descubrir la posibilidad de enseñar gimnasia y reúne a estos en el Grupo de Estudios Pedagógicos en Gimnasia (GEPEGIN), reflexionando sobre las dudas y curiosidades, pudiendo transformarlas en investigaciones de iniciación científica y trabajos de conclusión de curso.*

### **INTRODUÇÃO**

A extensão universitária em Ginástica na Unesp/Campus Rio Claro vem sendo desenvolvido há mais de 20 anos pelo Departamento de Educação Física, que completa 28 anos no presente ano. Atualmente coordenados pelas professoras doutoras Laurita Marconi Schiavon e Silvia Deutsch, foram reformulados em 2011 e subdividem-se em três projetos de extensão universitária desde então: Atividades Ginásticas, Ginástica Artística e Ginástica Rítmica. Os projetos têm o propósito de oferecer possibilidades gímnicas às crianças da comunidade de Rio Claro e, além disso, proporcionar às crianças o prazer despertado pela execução das habilidades e pela interação social entre os participantes, incentivando ao máximo o ensino por meio de atividades cooperativas (GERLING, 2009).

Sobre a importância da participação em projetos de extensão universitária para os estudantes de Educação Física, Betti (1992, p.248) ressalta: “creio que atividades fora da sala de aula, formais ou informais, e principalmente programas de extensão à comunidade com a imediata dialética teoria-prática, devam ser fortemente estimulados pelas instituições de ensino superior”.

A partir desse raciocínio, os projetos de extensão aqui relatados têm também o objetivo de possibilitar aos graduandos em Educação Física a aproximação com a realidade em práticas de ensino de modalidades ginásticas, ampliando e aprofundando os conhecimentos da grade curricular no curso de Educação Física da Unesp/Rio Claro.

### **MÉTODO**

Os procedimentos metodológicos trabalhados nos projetos de extensão universitária da Unesp/Rio Claro partem de uma perspectiva lúdica de aulas de Ginástica, tendo como base o “aprender brincando”. A proposta metodológica adotada foi desenvolvida na década de 90, em aulas de um projeto de extensão de ginástica, chamado Crescendo com a Ginástica, da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e posteriormente embasado teoricamente por Velardi (1997), que encontrou em Vygotsky a sustentação teórica para essa trajetória metodológica.

O método caracteriza-se por três momentos em aula: 1. Exploração de movimentos corporais de acordo com tema proposto e/ou descoberta de determinados materiais; 2. Pistas fornecidas pelos professores que possam sugerir diferentes formas de movimento; 3. Momento de interferência do professor que se dá para

que o objetivo seja atingido e todas as formas de movimento pretendidas sejam contempladas, caso não tenham sido nos momentos anteriores (SCHIAVON, 2003; NISTA-PICCOLO, 1999; VELARDI, 1997). Este tipo de proposta não exclui o oferecimento de técnicas dos exercícios, característica inerente em modalidades gímnicas, mas dá a possibilidade de explorar outras formas de movimento ao contrário do imediato oferecimento de técnicas científicas padronizadas pelas modalidades esportivas. Neste tipo de método, quanto maior a faixa etária, menor o tempo de exploração e maior o de direcionamento e quanto menor a faixa etária, maior o tempo de exploração e menor o de direcionamento.

Os três momentos são utilizados basicamente para todos os projetos de Ginástica, porém no caso dos projetos de Ginástica Artística (GA) e Ginástica Rítmica (GR) há um tempo maior destinado ao direcionamento, por serem projetos mais específicos e com crianças acima de 9 anos de idade, porém sem deixar de lado a exploração e a resolução de problemas, necessárias também em composições de coreografias de GR e séries de GA, estimulando a interação social entre os participantes, com atividades cooperativas (GERLIN, 2009).

## OS PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PARA CRIANÇAS

### Atividades Ginásticas

O projeto ATIVIDADES GINÁSTICAS após anos de desenvolvimento, foi reformulado a partir de reflexões das coordenadoras do projeto na busca de um desenvolvimento mais amplo das crianças que se iniciam esportivamente por meio dos projetos oferecidos pela pró-reitoria de extensão da UNESP. Atualmente o projeto “Atividades Ginásticas” atende crianças de 5 a 8 anos de idade, oferecendo oportunidades amplas de movimento por meio da exploração de habilidades ginásticas antes de um direcionamento técnico específico de modalidades esportivas ginásticas. Portanto, a partir de 2011, as crianças de 5 a 8 anos que se inscrevem no projeto Atividades Ginásticas participam de aulas de Ginástica como um tema mais amplo, ou seja, estão tendo a oportunidade de conhecer vários fundamentos ginásticos (RUSSEL, 2010; LEGUET, 1987) em diferentes aparelhos de grande porte, com diferentes aparelhos de pequeno porte ou mesmo sem aparelhos, oferecendo possibilidades de conhecer e vivenciar habilidades de diferentes tipos de Ginástica: Ginástica Artística, Ginástica Rítmica, Ginástica de Trampolim, Ginástica Acrobática, Ginástica aeróbica esportiva, Rope Skipping, Ginástica para todos (ou Ginástica Geral) entre outras. Desta forma, eles podem conhecer e vivenciar mais habilidades do que se restringissemos a uma modalidade apenas, diversificando o conhecimento das crianças, a sua vivência motora, as sensações proporcionadas pelos movimentos diferentes do cotidiano das crianças, aumentando os estímulos ao desenvolvimento da criança e ampliando suas possibilidades de escolhas esportivas.

### Eu pratico Ginástica Artística

O projeto EU PRATICO GINÁSTICA ARTÍSTICA está em seu segundo ano de desenvolvimento, e tem como objetivo o oferecimento de aulas de iniciação esportiva em Ginástica Artística às crianças e adolescentes da comunidade a partir dos 9 anos de idade. Com este projeto as crianças têm a oportunidade de se aprofundar em uma única modalidade, conhecendo melhor suas habilidades, aparelhos, formas de apresentação, participando de apresentações e pequenas competições para iniciantes. Ainda assim, o foco de nosso projeto não é formar ginastas, mas contribuir para o desenvolvimento das crianças e adolescentes por meio das vivências gímnicas em aparelhos de grande porte, característica principal da Ginástica Artística (GA): barras assimétricas, solo, salto sobre a mesa, cavalo com alças, trave de equilíbrio, barras paralelas, argolas e barra fixa. O trampolim acrobático não é um aparelho oficial da GA, porém é bastante utilizado também como aparelho auxiliar para aprendizagem de acrobacias.

### Ginástica Rítmica

O projeto GINÁSTICA RÍTMICA com uma trajetória semelhante ao projeto de Ginástica Artística está também focado em oferecer às crianças e adolescentes da comunidade a partir dos 9 anos de idade, um direcionamento à iniciação esportiva, mas neste caso, da modalidade Ginástica Rítmica. Com este projeto as crianças têm a oportunidade de se aprofundar na modalidade proposta, conhecendo melhor suas habilidades (TOLEDO, 1995; 1999), aparelhos, formas de apresentação, participando de apresentações e pequenas competições para iniciantes. O foco deste projeto também não é formar ginastas, mas contribuir para o desenvolvimento das crianças e adolescentes por meio das vivências gímnicas combinadas com o manejo de aparelhos de pequeno porte: Arco, Bola, Fita, Corda e Maças, característica principal da Ginástica Rítmica, e sendo complementado o trabalho com outros aparelhos alternativos, diversificando ainda mais a proposta. As aulas também se mantêm com propostas lúdicas, enfatizando bastante a utilização dos aparelhos na maior parte

da aula e a relação da música com o movimento, com explorações e composições coletivas, tendo como estratégia de criação, a interação social entre os participantes (SOUZA, 1997; AYOUB, 2007).

### RESULTADOS E CONQUISTAS

A partir de 2011, com a criação do Grupo de Estudos em Pedagogia da Ginástica (GEPEGIN), no Campus Rio Claro da Universidade Estadual Paulista, os estudantes de Educação Física começaram a compreender melhor o trabalho pedagógico envolvido nas aulas dos projetos de extensão em Ginástica para crianças. As reflexões e orientações no GEPEGIN, baseadas em autores da Pedagogia do Esporte e da Ginástica, estão aos poucos sendo transferidas para o desenvolvimento das aulas dos projetos de Ginástica para crianças.

Com a melhora na qualidade das aulas e maior divulgação dos projetos de extensão da Unesp, como as participações no VI Congresso de Extensão Universitária, em Águas de Lindóia-SP, na II Mostra de projetos de extensão do Departamento de Educação Física e o Festival de Ginástica, ambos da Unesp/Rio Claro, os projetos de Ginástica tiveram um maior reconhecimento, sendo contemplados no presente ano com seis bolsas da Pró-reitoria de extensão (PROEX) para alunos colaboradores.

Atualmente atendemos cerca de 50 crianças, que aprendem ginástica junto aos 6 bolsistas da PROEX e mais quatro alunos colaboradores voluntários, sendo um total de dez estudantes de Educação Física diretamente ligados aos projetos de extensão em Ginástica na Unesp. Todos são integrantes do GEPEGIN, exigência para participar como colaboradores da extensão. Todos os projetos são supervisionados pelas docentes coordenadoras dos mesmos.

Destes alunos, quatro estão no último ano do curso de Educação Física e desenvolvem seus trabalhos de conclusão de curso com temas ligados à Pedagogia da Ginástica, o que demonstra a concreta relação entre extensão, pesquisa e ensino na universidade.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente o principal papel dos projetos de extensão universitária em Ginástica, para com os estudantes de Educação Física, tem sido não apenas aprender a ensinar Ginástica, mas discutir como ensinar Ginástica tendo a criança como ponto central do trabalho, pensando estratégias e alternativas para que as habilidades sejam ensinadas, porém de uma forma mais prazerosa, possível para qualquer aluno e com valores que possam contribuir para a formação da criança de uma forma mais ampla, ou seja, assim como Freire (1994) nos sugere: ensinar bem Ginástica, ensinar bem Ginástica para todos e ensinar mais do Ginástica. Justifica-se, portanto, a razão da proposta metodológica de ensino (VELARDI, 1997), em processo de implantação, nos projetos de Ginástica para crianças da Unesp/Rio Claro, ensinando a criança a resolver problemas e ser criativa aprendendo Ginástica. Galatti e Paes (2006), nesta mesma perspectiva pedagógica do ensino do esporte, pontuam que mais interessante do que uma prática pedagógica rica em tarefas motoras é uma prática pedagógica rica em problemas motores.

Em relatórios parciais e finais dos projetos, elaborados pelos alunos colaboradores bolsistas e voluntários ressalta-se a possibilidade de enxergar as aulas de Ginástica com um olhar mais pedagógico, abordando que o principal aprendizado dos mesmos tem sido buscar estratégias diferentes, divertidas e criativas de se ensinar/aprender ginástica, sempre respeitando o conhecimento que as crianças trazem, e não imediatamente ensinando movimentos com técnicas científicas. Os ensinamentos técnicos também fazem parte das aulas, pois não queremos de forma alguma negá-los, mas não precisam ser a prioridade nesta fase de iniciação esportiva, afinal, provavelmente quase nenhuma criança será ginasta de alto rendimento esportivo, mas a maioria tem interesse pelos seus desafios e pelos prazeres proporcionados pela sua prática, além do direito a esse acesso com qualidade.

### REFERÊNCIAS

- AYOUB, Eliana. **A Ginástica Geral e Educação Física escolar**. 2ª. ed. Campinas: UNICAMP, 2007.
- BETTI, Mauro. Perspectivas na formação profissional. In: Moreira, Wagner Wey (org.). **Educação física & esportes** – Perspectivas para o século XXI. Campinas: Papyrus, 1992.
- FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 1994.
- GALATTI, Larissa Rafaela, PAES, Roberto Rodrigues. Fundamentos da Pedagogia do Esporte no cenário escolar. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, v.6, n.9, jul-dez 2003.
- GERLING, Ilona E. **Teaching children's gymnastics**. Maidenhead: Meyer & Meyer (UK), 2009.
- LEGUET, Jaques. **As ações motoras em Ginástica Esportiva**. São Paulo: Manole, 1987.
- NISTA-PICCOLO, Vilma Lení. Crescendo com a Ginástica. In: NISTA-PICCOLO, Vilma Lení. **Pedagogia dos Esportes**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.
- RUSSEL, Keith. **Fundamentos da ginástica e da literacia motora**. 1ª Ed. Federação de Ginástica de Portugal. Lisboa, 2010.

- SCHIAVON, Laurita Marconi. **O projeto Crescendo com a ginástica**: uma possibilidade na escola. 2003. 185f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. **Ginástica Geral: uma área de conhecimento da Educação Física**. 1997.163f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.
- TOLEDO, Eliana. **Propostas de ações motoras em Ginástica Rítmica Desportiva**. 1995. Monografia (Graduação). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- \_\_\_\_\_. **Proposta de conteúdos para a Ginástica escolar: um paralelo com a teoria de Coll**. 1999. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- VELARDI, Marília. **Metodologia de ensino em Educação Física**: contribuições de Vygotsky para as reflexões sobre um modelo pedagógico. 1997. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas., 1997.

Laurita Marconi Schiavon  
Avenida 24-A, 1515, Bela Vista, CEP: 13506-900 – Rio Claro – SP  
[laurita@rc.unesp.br](mailto:laurita@rc.unesp.br)

**SER GINASTA, SER BELA: PEDAGOGIAS DO CORPO FEMININO NA GINÁSTICA RÍTMICA**

**SER GIMNASTA, SER BELA: PEDAGOGÍAS DEL CUERPO FEMENINO EN LA GIMNASIA RÍTMICA**

**BE GYMNAST, BE BEAUTIFUL: FEMALE BODY AND ITS PEDAGOGIES IN RHYTHMIC GYMNASTICS**

**Patrícia Luiza Bremer Boaventura**

Doutoranda do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas  
Universidade Federal de Santa Catarina

**Alexandre Fernandez Vaz**

Doutor em Ciências Humanas e Sociais  
Universidade Federal de Santa Catarina/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

**RESUMO**

*Interpretar a Ginástica Rítmica no que tange aos mecanismos de aquisição da performance nos permite revelar pedagogias do corpo dessa prática, em que identidades e apropriações de gênero integram-se à formação das ginastas e contribuem para a consolidação de modelos corporais. Essa modalidade esportiva consiste em dinâmicas e ritmos específicos que surgiram de uma demanda de movimentos para o sexo feminino. Com abordagem etnográfica foi realizado um trabalho de campo em 2008 e 2010 com uma equipe de Ginástica Rítmica da cidade de Timbó - SC, quando se observou a estrutura e a organização da instituição, os sistemas de treinamentos, as rotinas, os discursos e os ambientes de competições. As observações foram registradas em diário de campo, bem como as entrevistas com atletas e treinadoras. Concluiu-se que os comportamentos criam significações que são transcendentais em relação ao dispositivo anatômico e, entretanto, imanentes ao comportamento social, pois o corpo é educado. Desde esse ponto de vista, um idealizado retorno à natureza evidencia uma tentativa de se contrapor ao modelo hegemônico de corpo, mas demonstra também uma adaptação do corpo à cultura. As análises apresentadas contribuem para um debate sobre os aspectos das pedagogias do corpo na Ginástica Rítmica, a incorporação e reprodução de discursos referentes ao corpo feminino.*

**RESÚMEN**

*Interpretar la Gimnasia Rítmica con respecto a los mecanismos de adquisición de la performance nos permite revelar las pedagogías del cuerpo de esa práctica en cuestión, en que identidades y apropiaciones de género se integran a la formación de gimnastas y contribuyen para la consolidación de los modelos corporales. Esa modalidad deportiva consiste en dinámicas y ritmos específicos que surgieron de una demanda de movimientos para el sexo femenino. Desde el registro etnográfico, se realizó un trabajo de campo en 2008 y 2010 con un equipo de Gimnasia Rítmica de Timbó – SC, cuando se observó la estructura y organización de la institución, los sistemas de entrenamientos, las rutinas, los discursos y las competiciones. Fueron realizadas observaciones registradas en diario de campo y entrevistas con atletas y entrenadoras. Se observó que las conductas crean significados que son relativos al dispositivo anatómico y, sin embargo, immanentes al comportamiento social, debido a que el cuerpo se educa. Desde este punto de vista, el retorno mítico a la naturaleza muestra un intento de oponerse al modelo hegemónico de cuerpo, sino que también una adaptación del cuerpo a la cultura. Los análisis presentados contribuyen a un debate sobre las pedagogías corporales en la Gimnasia Rítmica, la incorporación y la reproducción de discursos sobre el cuerpo femenino.*

**ABSTRACT**

*The interpretation of the mechanisms of performance acquisition in Rhythmic Gymnastics allows us to reveal pedagogies of the body in this practice, in which gender identities and appropriations are integrated into the formation of the gymnasts and contribute to the consolidation of physical models. This sport consists of dynamics and specific rhythms that arose from woman's need of movement. A fieldwork with a team of Rhythmic Gymnastics from 2008 to 2010 was carried out, with an ethnographic approach, in the city of Timbó – SC. Then, the structure and organization of the institution, training systems, routines, discourses, environment, and competitions were observed. Interventions registered in a field notebook were performed, along with interviews with athletes and coaches. The conclusion was that behaviors create meanings that are transcendental to the anatomical body and yet, immanent to social behavior, for the body is educated. From this point of view, the illusionary return to nature illustrates an attempt to counter the hegemonic model of the body, but also reveals the adaptation of the body to our manners. The presented analyses contribute to a*

*discussion about the aspects of the pedagogy of the body in Rhythmic Gymnastics and the incorporation and reproduction of discourses concerning the female body.*

## APRESENTAÇÃO

A Ginástica Rítmica (GR) tem suas raízes na Ginástica Moderna, tendo surgido no início do século XX, na Europa Central, como uma nova concepção de Ginástica para a mulher (CRAUSE, 1985). Para essa autora, a modalidade originou-se da eclosão de ideias do movimento artístico do século XIX, encontrando raízes no resultado de observações científicas, do ensino do movimento, da terapia respiratória e do relaxamento, da educação musical e da dança, da psicologia, da pedagogia, da sociologia, da biologia e anatomia.

Para Gaio e Batista (2006), os muitos mestres que contribuíram com a criação da modalidade deram à nova forma de atividade física para mulheres suas contribuições no sentido de cria-la como uma arte que exaltasse a feminilidade, diferenciando-se dos movimentos masculinos em que predominava a força. Em seu processo de adaptação como agente pedagógico e competitivo, foi encontrando aos poucos sua caracterização definitiva.

Como outras modalidades de expressão corporal e artística, a GR sintetiza elementos técnicos e estéticos que lhe são historicamente anteriores, como o balé clássico, a dança, e o circo, buscando, assim, construir uma nova estética e uma linguagem, mostrar um novo corpo portador de valores sociais e conteúdos simbólicos, explicitados e articulados por meio de movimentos e gestos. Eis, pois, uma técnica específica, uma expressão gímnica e artística, com características que lhe são próprias.

Como nos mostra Angheben (2009), é preciso entender a GR não como um método ou sistema, mas como o resultado de um movimento renovador com dinâmica e ritmos específicos que surgiu de uma necessidade de gestos para o sexo feminino, já que, nesta modalidade, oficialmente, não há participação masculina<sup>1</sup>. Assim, podemos observar que “a Ginástica Rítmica é uma modalidade essencialmente feminina, praticada a mãos livres e com pequenos aparelhos; sua beleza plástica, graça e elegância, formam um conjunto harmonioso de movimento e ritmo.” (CRAUSE, 1986, p. 96).

Este trabalho pretende analisar pedagogias do corpo na Ginástica Rítmica. As características presentes nesse universo, algumas delas relacionadas às posições de gênero, instrumentalizadas na/pela técnica, conferem, de um modo particular, as representações dos corpos – um *corpo feminino*. Pretende-se, portanto, analisar questões relativas ao corpo feminino na Ginástica Rítmica e investigar certas pedagogias corporais no treinamento esportivo e em competições. Tal quadro é norteado por algumas questões: Quais são possíveis pedagogias corporais presentes na GR? De que forma as pedagogias corporais determinam um corpo esportivo e feminino? A escolha do tema justifica-se pelo entrelaçamento entre *corpo* e *feminilidade* presente na modalidade.

Nas próximas páginas serão apresentadas algumas estratégias pedagógicas que circunscrevem as formas do corpo no que se refere à performance. Uma valorização do feminino possibilita a *beleza artística* revelada pelos gestos técnicos e por aparatos distintos. As vestimentas, a maquiagem, o embelezamento direcionam uma formação feminina em que são inscritas as possibilidades de gênero. Com essas problemáticas, a investigação abarca diferentes ambientes destinados à prática corporal da GR, como treinamentos e campeonatos refletindo sobre as manifestações corporais e artísticas dessa modalidade esportiva.

## METODOLOGIA

Considerando os objetivos já apresentados, utilizamos uma perspectiva qualitativa de pesquisa. O intuito é extrair o conteúdo simbólico da ação ou ações que configuram um determinado *campo*, isto é, compreender os significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações em um contexto. A preocupação, então, é a de descrever o significado das coisas e não as coisas em si. Dessa forma, explica Geertz (1989, p. 23), o objetivo não é encontrar padrões de comportamentos universais, mas sim “o alargamento do discurso humano”. Uma grande perspectiva da etnografia, e também dessa pesquisa, foi obter uma *descrição densa*, em síntese, tentar ler os símbolos, apreender seus significados e, por fim, apresentá-los. O que importa é o que as pessoas, em diferentes situações, disseram e fizeram sob determinadas condições, com referência ao que se estuda. Tomar acesso ao mundo conceitual dos sujeitos é compreender como estes símbolos se configuram e ganham significados em um universo específico, conhecendo como os sujeitos constroem, no cotidiano, suas relações com o corpo.

Tratando-se aqui de uma etnografia a respeito das práticas, discursos e das representações, o estudo foi realizado por meio de análise qualitativa de observações registradas em diário de campo e entrevistas,

<sup>1</sup> Prioritariamente um esporte feminino em nível de competição, a GR ganhou uma versão masculina desenvolvida no Japão durante os anos de 1970. No entanto, sob a autoridade da Federação Internacional de Ginástica (FIG), só é permitida sua prática às mulheres. (<http://www.menrg.com>, acesso em 15 de março de 2011).

durante os anos 2008 e 2010, com a equipe de Ginástica Rítmica da cidade de Timbó<sup>2</sup>. Foram observadas e entrevistadas, durante as duas incursões no campo<sup>3</sup>: treinadoras (Luiza e Carol); auxiliar técnica (Fabi) ginastas que possuíam entre seis e dezessete anos pertencentes às categorias Pré-Infantil (Cristina e Márcia), Infantil (Monique), Juvenil e Adulto (Clara, Stefani, Manoela e Gabriela<sup>4</sup>), e que dedicavam-se diariamente aos treinamentos de GR.

Mergulhamos no universo da GR na tentativa de compreender as trocas e as práticas dos sujeitos em análise. Nesse contexto, essa pesquisa tratou de lidar com percepções e opiniões já formadas, reconstruindo-as em novas bases e filtrando-as com o apoio de referencial teórico e de procedimentos técnicos.

### **PEDAGOGIAS DO CORPO: UM *DEVER SER FEMININO* NA GINÁSTICA RÍTMICA**

Na Ginástica Rítmica, o exercício físico apresenta-se regrado e constituído de símbolos, é realizado um conjunto de procedimentos que visam contribuir para incorporar cuidados de si, construir normalidades, gestos precisos, marcado por discursos especializados, tudo isso materializado em um conjunto de técnicas corporais. Os esquemas musicais e técnicos, os aparelhos e materiais, também conferem um lugar importante na formação artística desta modalidade. Conforme a história desse esporte apresentada por Toledo (2010, p. 25), talvez eivada de certo romantismo, sua prática é composta por exercícios físicos sistemáticos, “visando não à comparação de performance, mas ao condicionamento, à disciplina e à estética do corpo, entre outros objetivos.”

A dinâmica dos corpos deve corresponder à necessidade de eficiência dos gestos. São demandadas ações precisas, economia de forças exigidas pela configuração desse espaço esportivo. O corpo passa a ter toda a sua aparência “naturalmente” redesenhada, atos enquadrados, ritmos refeitos por uma educação racionalizada, no interior da qual a ideia de controle corporal é forjada. A essa constituição é indispensável um domínio do corpo, no qual um *dever ser feminino* passa a ser protagonista da condição técnica. A subjetivação feminina é sobrepujada por uma condição técnica por meio de um trabalho intermitente, compreendendo exercícios físicos e outros métodos que se enquadram nas exigências desses corpos. Como resultado de inúmeras técnicas para moldá-lo de modo cada vez mais específico e objetivo, as prescrições e detalhamentos centralizados no corpo constituem uma “*pedagogia dos corpos femininos*”. (VAZ; ALBINO, 2005). A qualidade técnica torna-se imperativa para a performance artística e feminina que, por sua vez, é resultado de um investimento sobre o corpo.

Ao corpo se designa grande parte das prescrições ornamentais, uma vez que ele parece o maior símbolo feminino de beleza. As prescrições para manter-se bela são baseadas principalmente em um discurso que é ainda higienista<sup>5</sup>, o qual se manifesta, por exemplo, no incentivo à limpeza como requisito para se obter um corpo condizente à condição feminina. Higiene e limpeza traduzem, concretamente, os cuidados necessários ao corpo feminino e aos gestos. As conseqüências e a extensão dos cuidados do corpo implicam profundas transformações nos costumes. Não basta apenas cuidar da higiene pessoal, mas, também, da aparência. A ginasta deve fazer uso de tratamentos de beleza e ter cuidados diários com a exterioridade. O uso de imagens do corpo em certas práticas e produtos de embelezamento corresponde a uma política de controle das condutas largamente utilizada nesse *campo*, no qual é preciso cuidar da feminilidade revelada:

Carol perguntou se Luiza trouxe um secador de cabelo porque queria lavar o cabelo de novo, mesmo que fez piastra/prancha de manhã. [...] Manoela comentou ao terminar o movimento, “Ai meu cabelo está todo despenteado.” (Diário de Campo – 21/05/2010) [...] Luiza e Carol olharam para algumas meninas e falaram: “Que linda que você está”, “Passou brilho? Que querida”. [...] Luiza elogiou a unha rosa que Monique estava usando. (Diário de Campo – 24/03/2010).

As ginastas são incentivadas a realizar um trabalho cuidadoso de embelezamento, em um *dever ser feminino* imposto, mas também conquistado pelos próprios sujeitos do campo. Esse caráter atinge de modo direto as ginastas, para as quais a recomendação é cuidar de si e de suas aparências, devendo manter as unhas pintadas, o cabelo penteado, o corpo limpo. O embelezamento deve, portanto, ser realizado priorizando regiões específicas: o rosto, a cabeça, as mãos e os pés, com atenção especial às unhas e, evidentemente, às partes que estão em maior evidência. Soares e Fraga (2003) explicam que se entranha nos corpos, por meio de um arsenal educativo voltado para a retidão das formas e dos costumes, uma distribuição detalhada do que deve ser vergonhosamente escondido ou orgulhosamente exibido.

<sup>2</sup> O critério de escolha das turmas observadas e das pessoas entrevistadas considerou o nível técnico das atletas, a presença nos treinamentos da equipe e a participação das competições analisadas em 2008 e 2010.

<sup>3</sup> Ver detalhadamente em Boaventura (2008; 2011). Os nomes apresentados são fictícios e escolhidos pelos sujeitos do *campo*. Nem todos os resultados da pesquisa se encontram no presente trabalho.

<sup>4</sup> Gabriela é atualmente ginasta da seleção brasileira. Fez parte da pesquisa em 2008 como atleta da cidade de Timbó e, em 2010, como atleta nacional. Na primeira etapa da investigação, participou das observações e entrevista, porém, na última parte, foi apenas entrevistada.

<sup>5</sup> Ver Soares (2003, 2009).

Exibir-se corresponde a uma declaração de fidedignidade aos inúmeros cuidados com a aparência, porém, esconder-se é imperioso quando surgem formas protuberantes indesejáveis no corpo, como, por exemplo, a obesidade, a flacidez e musculatura vista como exagerada. Quando são observadas pelos membros da banca de arbitragem, supõe-se que essas deformações chamam muita atenção. Aliado a isso, tem-se uma visão de normalidade feminina que aparece no seguinte comentário:

Algumas treinadoras comentaram que Marcia tem os pelos do buço (bigode) muito escuros e que a banca de arbitragem percebeu. Algumas árbitras comentaram que era muito visível e feio. A treinadora da ginasta comentou que não tem coragem de depilar o buço da menina e que não pode chegar para ela ou para a mãe dela e dizer que é horrível e que tem que tirar os pelos. Outra treinadora falou que chamará muita atenção se ela for para o conjunto. (Diário de Campo – 23/05/2010).

É onde se movem os ideais de beleza que as diversas e acessíveis técnicas de embelezamento sugerem uma conformação de corpo feminino. Seria necessário depilar a ginasta para que ela fosse mais harmônica no interior da quadra. Há também outras formas de manutenção da beleza e, para isso, seria preferível perder o cabelo e obter, em troca, um corpo mais bonito e mais magro, exemplificado pelo escrito que segue.

Durante o almoço da competição, uma ginasta de Blumenau comentou que estava gorda. Algumas pessoas disseram que ela estava magra. Sua treinadora não falou nada. Luiza disse brincando “É o cabelo que está pesando” e a ginasta respondeu “Então eu vou raspar.” (Diário de Campo – 21/05/2010).

Essa pedagogia dos corpos magros desencadeia obrigações, a cumprir-se qualquer preço, pela manutenção e busca pela magreza. As experiências das transformações corporais são causadas por um controle exaustivo do peso. Há um desejo desesperado por um corpo limpo e belo, sobretudo, magro<sup>6</sup>, mesmo porque, como nos mostra Porpino (2004, p. 124),

A busca por uma estética corporal que ao menos se aproxime dos padrões internacionais da modalidade começa desde a escolha das ginastas para compor as equipes e se mantém durante todo o treinamento com o controle regular do peso. A estética corporal pretendida está atrelada aos movimentos que esse corpo é capaz de realizar na modalidade e repercute também na possibilidade de manter a elegância, a graça e a exuberância nas execuções das séries. (2004, p. 124).

O que está em jogo é um corpo essencialmente magro acompanhado de um controle de peso. A necessidade de controlá-lo está ligada à tentativa de evitar falhas técnicas que podem ocorrer pelo excesso de peso. Portanto, o controle é feito tanto pelas comparações dos gestos, quanto pela influência da alimentação, a qual o regime alimentar está presente. De maneira sutil, a imagem de um corpo magro funciona como um ponto culminante de convergência no desenvolvimento de virtudes vistas como essencialmente femininas.

As vestimentas e os acessórios também são usados para conformar o corpo e valorizar o encanto das séries e a simplicidade do gesto. Tudo deve combinar entre si e ter uma medida certa: as cores, os brilhos, os tons de unha, os aparelhos que podem ser encapados, as nuances do cabelo e, até mesmo, o ritmo da música. O que é demasiado, que não combina ou que é “feio”, segundo o discurso nativo, pode prejudicar. Percebem-se esses aspectos na fala de uma mãe que estava sentada na arquibancada observando as ginastas na competição:

Uma ginasta da categoria Infantil estava competindo com um collant preto e uma mãe comentou que achava collant preto feio para as meninas menores, mas achava bonito no adulto. Para ela, só combina com as grandes porque dá impressão de seriedade. Logo depois, uma ginasta estava com um collant de tigras e a mesma mãe comentou “a música deve ser do homem nas cavernas” (risos). (Diário de Campo – 26/06/2010).

Faz parte da produção, envolver o rosto com cores semelhantes à roupa, ressaltando um tipo de maquiagem, exaltada e extremamente aparente, marcada, ainda, por uma forma de ser bela e feminina. No conjunto de embelezamento, há também certa exaltação do penteado da ginasta com uma decoraçãõ semelhante aos outros aparatos. É regularizada a utilização do coque tanto nos treinamentos quanto nas competições. Porém, a utilização desse penteado também corresponde a um interesse técnico, na medida em que sua falta pode prejudicar o rendimento: “o aparelho fita enrolou no cabelo da ginasta e a mesma perdeu pontuação porque teve que parar a série para se desenrolar.” (Diário de Campo – 22/05/2010). Por isso a necessidade de superação dos desconfortos ao fazer o coque. As ginastas reclamavam frequentemente de dores na hora de fazer esse penteado:

<sup>6</sup> Como frequentemente acontece com as ginastas, os atletas de Karatê, analisados por Turelli e Vaz (2011), também cultivam recursos simbólicos a confirmar modelos de feminilidade e masculinidade, continuamente celebrados pela dor e sua superação. A convivência com a dor, privações alimentares para que não haja ganho de peso corporal, obediência às regras, são experiências cotidianas.

Cristina estava fazendo o coque com Fabi e gritou “Aii, doeu! Aiii, aiii! Fabi tirou o grampo e o colocou novamente. Luiza fez o rabo de Clara e disse “É plástica natural”. Clara “Aiii, eu não consigo fechar os olhos direito, é sério!” Luiza disse para Clara puxar a pele para baixo. Na hora do coque, Clara gritava “Sessão tortura!” “Acho que atravessou aqui Luiza, aiii!” (Diário de Campo – 21/05/2010).

Observa-se, a partir dos relatos, o culto à beleza e os sacrifícios que em nome dela são exercidos. Estreitas relações se impõem à base de sacrifícios corporais para adequação a um modelo de feminilidade. A dosagem do corpo produzido deve, então, atender os critérios de beleza desse *campo*, amortizada pelo pagamento do preço de “ser mulher”.

As prescrições, então, atentam para as roupas e os acessórios, a maquiagem e o cabelo. No entanto, não basta apenas produzir o corpo, é preciso saber usar suas partes combinando os gestos técnicos em um ritmo adequado e coerente com aquilo que consta no Código de Pontuação. Relatos sobre isso não foram raros:

As mães e as treinadoras riram das marcações de algumas ginastas. Uma treinadora comentou que uma ginasta de Blumenau estava muito “brega”: “Se passou, foi ridículo! Ela podia perder ponto, está no código”. [...] Uma ginasta da equipe de Chapecó estava competindo e mandou um beijo durante a série. Uma mãe comentou “Sem comentários”, e riu da performance da menina. (Diário de Campo 26/06/2010).

Os gestos tornam-se tão importantes quanto a sua produção. É preciso atentar às roupas e aos acessórios que correspondem a certa feminilidade, porém, as prescrições dos movimentos devem ser moldadas em busca de uma certa harmonia. A expressão corporal, apresentada pelas imitações, pelas piscadelas, caretas, os momentos de sorrir e de mostrar seriedade, tudo é altamente treinado pelas ginastas. Esse quesito artístico corresponde a um elemento de qualidade técnica, que deve ser treinado e ritmado em momentos específicos da série. Há certos movimentos “livres”, nos quais as ginastas expressam a criatividade ao realizarem invenções a partir das montagens das séries e do envolvimento com a música. Seguem exemplos:

Stefani comentou para Luiza que vai dar uma piscadinha em uma marcação durante a música. Luiza disse “Pode, fica linda!” [...] Em um momento forte da música, Carol exigiu que a atleta imitasse um bicho: “Bem bicho. Sem vergonha, é bem bonito.” (Diário de Campo – 06/04/2010). [...] Carol comentou “Tu faz um salto tão bonito e uma marcação dessas? Eu quero sorriso e olhando para cima”. Andressa repetiu o exercício. [...] Carol corrigiu a expressão de Cristina “Cristina pára de fazer isso. Mostra os teus dentes bonitos.” (Diário de Campo – 21/04/2010).

Apresentar alegria em suas feições e estar constantemente sorrindo são também atitudes repetidamente recomendadas. A orientação para que se tenha uma “postura positiva” em relação à performance parece reforçar o ideário de harmonia. Como um modo de suscitar uma certa identificação, a alegria é citada repetidas vezes como qualidade das ginastas que são convicidas de que realizaram um perfeito gesto técnico ou, ainda, que se satisfizeram com sua apresentação. A importância de aparentar alegria e do sorriso se fortalece ainda como quesito de julgamento, já que a nota é aderida no valor artístico como expressão corporal. Por isso, a treinadora fala para uma ginasta: “Tu foste simplesmente um arraso. Não é bom sair feliz?!” (Diário de Campo – 20/05/2010).

Quando se pretende disfarçar uma emoção negativa, que seria denunciada pela expressão facial, sorrir é indispensável. Um daqueles que mostram os dentes, que vão de orelha a orelha, normalmente mascara o que está sentindo a atleta, ocultando seus reais sentimentos: as dores oriundas do treinamento e do embelezamento, o cansaço e os desejos reprimidos. Nesse contexto, o sorriso, como componente técnico, surge da necessidade de imprimir beleza ao gesto. Pode-se compreender, com base em Bourcier (2007, p. 118), que o sorriso que mascara a dor pode surgir da necessidade de dar impressão de leveza, já que como “figura magnífica, o corpo se torna imponderável, em que a aparência de esforço está completamente disfarçada.” Mesmo quando é difícil e sofrido obter uma determinada classificação, o sorriso é a melhor e mais eficaz forma de expressão facial.

Há, ainda, outras expressões que se identificam com o ideário de feminilidade, como a sensualidade.

Gabriela treinou o aparelho arco e ao se apresentar com música para as treinadoras, elas gritaram: “Isso”, “Perna atrás”, “Charmosa”, “Sensual”, “Cabeça”, “Garra”, “Linda”, “Presta atenção”, “Pra cima”, “Energia”, “Respira”, “Panca”. [...] Uma árbitra viu Gabriela de collant preto e a elogiou: “Ficasse sensual e chique”. [...] As treinadoras viram Gabriela e gritaram “Sensual Gabriela”. A ginasta repetiu o movimento e fez uma piscadinha. As treinadoras riram e Carol completou “Gostei!!!!” (Diário de Campo - 05/09/2008).

Ser ginasta também é descrito como ser “sensual”, “charmosa”, “linda”. Com “garra” e “cabeça pra cima” é que se vence as composições coreográficas. Esses elementos são abordados como qualidades da atleta, alcançando uma conotação de feminilidade, em que a busca pela adequação dos gestos vai ao encontro de uma

expressividade ousada. O corpo é educado pelas roupas, pelos acessórios, sobretudo, pela expressão corporal, que condicionam o valor artístico das séries.

Produzem-se corpos femininos em uma espécie de “repetição ritualizada” (ADELMAN, 2003), por meio das quais as normas sociais são consolidadas. Constitui-se a partir da formação às vezes ritualística, mas sempre *generificada*, uma maneira restrita de gestos técnicos e corporais, assim como suas várias expressões de embelezamento. A feminilidade consiste em regras diretamente impostas por meio dos discursos sobre o corpo vinculado às roupas, às configurações dos corpos, aos comportamentos e condutas e, por fim, aos movimentos corporais exigidos. Para Bordo (1997, p. 16), “o corpo – o que comemos, como nos vestimos, os rituais diários através dos quais cuidamos dele – é um agente da cultura.” É uma poderosa forma simbólica, uma superfície na qual as normas e os controles são inscritos e assim reforçados por meio da linguagem corporal concreta (BORDO, 1997).

A ordem feminina quanto à adequação dos gestos estimula a conquista da beleza por meio das ações realizadas pela própria ginasta em seu corpo. Isso leva a admitir que a beleza insere-se nos padrões de comportamentos, de condutas, de moral, de um *dever ser* inscrito nos corpos. Não obstante, a GR como modalidade essencialmente feminina, preocupa-se em ensinar modos e técnicas para cuidar do corpo como atitude considerada “natural” e necessariamente feminina. O corpo da ginasta apresenta-se como um eixo o qual a GR circunda, sendo que as estratégias para o aprimoramento técnico e artístico fundamentam os discursos sobre uma *educação do corpo feminino*. Deseja-se criar um corpo da mulher que, ao mesmo tempo, deve ser firme e forte, precisa apresentar-se como belo e feminino.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um modo de *dever ser feminino* foi deslocado em relação ao *dever ser ginasta*. Um modelo em que o corpo é considerado harmônico quando expressa as formas naturalizadas no meio social. Do mesmo modo, o corpo “natural” é construído segundo uma determinada concepção de natureza a ser, no entanto, dominada. A busca por essa “natureza”, por certa feminilidade, pode ser entendida tanto no que se refere ao comportamento quanto ao corpo e suas expressões. O aprendizado dos gestos e das normas de conduta, em amplitude e variações, depende muito da educação formal e racionalizada, mas também das identificações feitas em relação ao entorno do corpo feminino.

As diferentes práticas integram-se à formação das ginastas, contribuindo, talvez, para a consolidação de modelos corporais hegemônicos herdados da tradição clássica de corpo feminino. Mesmo que novas formas corporais firmem o cenário da GR, o modelo hegemônico de corpo feminino correspondente ao magro, alongado, projetado de forma singular, sem falhas ou deformações, mas também forte, com pouca musculatura e, paradoxalmente, viril. Certamente esse corpo feminino retorna ao conceito de natureza que desconsidera a inextrincável relação que o molda como constructo social. Tanto o corpo como a feminilidade demonstram as apreciações técnicas e estéticas e são constituídos pelas dimensões culturais, sociais, históricas, ainda que sobre uma base, digamos, biológica.

### REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. Mulheres Atletas: re-significações da corporalidade feminina. *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 11, v. 2, p. 445 – 465, jul/dez. 2003.
- ANGHEBEN, V. O corpo, a ginástica rítmica e a corporeidade. Relações entre o pensar, o falar e o agir com o corpo. Porto Alegre: Nova Prova, 2009.
- BOAVENTURA, P. *Feminilidade, corpo e técnica*: sobre a produção da beleza na ginástica rítmica. 2008. 79 p. Monografia (Graduação em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- BOAVENTURA, P. *Técnica, dor, feminilidade*: Educação do Corpo na Ginástica Rítmica. 2011. 156 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- BOURCIER, P. História da dança no ocidente. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BORDO, S. O corpo e a reprodução da feminidade: uma reapropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, A.; BORDO, S.(Orgs.). *Gênero, corpo conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 19-41
- CRAUSE, I. *Ginástica Rítmica Desportiva: um estudo sobre a relevância da preparação técnica de base na formação de ginastas*. 1985. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Educação Física e Desportos do Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1985.
- \_\_\_\_\_, I. *Código de Pontuação de Ginástica Rítmica Desportiva*. Rio de Janeiro, Sprint, 1986.
- GAIO, R.; BATISTA, J. (Org.). *Ginástica em questão*. Ribeirão Preto: Tecmedd, 2006.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- LOURENÇO, M. O inconstante Código de Pontuação da Ginástica Rítmica. In: PAOLIELLO, E.; TOLEDO, E. (Org.). *Possibilidades da Ginástica Rítmica*. São Paulo: Phorte, 2010. p. 113-142
- MEN RHYTHMIC GYMNASTICS. Disponível em: <http://www.menrg.com>. Acesso em 15 de março de 2011.

- PORPINO, K. Treinamento de Ginástica Rítmica: reflexões estéticas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 26, n. 1, p. 121-133, set. 2004.
- SOARES, C. Da arte e da ciência de movimentar-se: primeiros momentos da ginástica no Brasil. In: MELO, V.; PRIORE, M. *História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: UNESP, 2009. p. 133-178.
- SOARES, C.; FRAGA, A. Pedagogia dos corpos retos: das morfologias disformes às carnes humanas alinhadas. *Proposições*, São Paulo, v. 14, n. 2 (41), p. 77-90, maio/ago, 2003.
- TOLEDO, E. Estética e beleza na Ginástica Rítmica. In: PAOLIELLO, E.; TOLEDO, E. (Org). *Possibilidades da Ginástica Rítmica*, São Paulo: Phorte, 2010, p. 19-44.
- VAZ, A.; ALBINO, B. “Mulher como deves ser”: um estudo sobre a educação do corpo feminino no jornal Dia e Noite. *Temas & Matizes*, Cascavel, v. IV, n. 7, p. 63-73, primeiro semestre. 2005.
- VAZ, A.; TURELLI, F. LUTADORA, PESQUISADORA: lugares, deslocamentos e desafios em uma prática investigativa. *Rev. Estudos Feministas*. Florianópolis, v.19 n. 3, Sept./Dec. 2011.

Patrícia Luiza Bremer Boaventura  
MEN/CED/UFSC - Cx. Postal 476. (Campus Universitário) - CEP: 88040-900. Florianópolis-SC.  
[cissaboaventura@gmail.com](mailto:cissaboaventura@gmail.com)

## SUBJETIVIDADE NA AVALIAÇÃO DOS COMPONENTES ARTÍSTICOS EM GINÁSTICA ARTÍSTICA

### SUBJECTIVITY IN THE EVALUATION OF ARTISTIC GYMNASTICS' ARTISTIC COMPONENTS

### SUBJETIVIDAD EN LA EVALUACIÓN DE LOS COMPONENTES ARTÍSTICOS DE GIMNASIA ARTÍSTICA

**Fernanda Regina Pires**

Mestre-USP e Docente Universidade Guarulhos

**Myrian Nunomura**

Livre Docente - Escola de Educação Física e Esporte - USP - Ribeirão Preto

#### **RESUMO**

*Quando assistimos às apresentações de Ginástica (Artística, Rítmica, Acrobática, Aeróbica, entre outras) podemos perceber, claramente, que existem características muito particulares a este esporte e, a forma como é realizada a arbitragem é uma delas. A Ginástica Artística (GA), em especial, é uma modalidade gímnica que cresceu muito e se popularizou no Brasil nos últimos anos, devido ao desempenho expressivo de nossos atletas em competições de destaque. Assim, o objetivo deste estudo é apresentar e discutir os aspectos subjetivos da arbitragem na modalidade Ginástica Artística. Para tanto, foi utilizada a revisão bibliográfica como recurso metodológico. A avaliação dos componentes da modalidade sugerido no Código de Pontuação em GA vem sendo modificada a cada ciclo, que acontece a cada quatro anos. Hoje, com a melhora técnica dos ginastas, os descontos relativamente pequenos atribuídos às falhas artísticas, por exemplo, podem fazer com que o ginasta perca uma medalha ou uma classificação importante. Foi constatada uma grande quantidade de informações sobre a modalidade nos Códigos de Pontuação, tanto do setor feminino quanto do setor masculino (ciclo 2009-2012). Possivelmente, por esse motivo foram verificadas algumas lacunas na interpretação de certos itens. Além disso, alguns itens da avaliação entram no campo do gosto pessoal do árbitro. Assim, foi constatado que se fazem necessárias mais discussões acerca dos itens do Código de Pontuação em GA, tanto do setor feminino quanto no setor masculino.*

#### **RESUMEN**

*Cuando vemos las presentaciones de Gimnasia (Artística, Rítmica, Acrobacia, Aerobics, etc.), podemos ver claramente que hay características particulares de este deporte, y la forma en que el arbitraje se lleva a cabo es uno de ellos. La Gimnasia Artística (GA), en particular, es una modalidad gímnica que ha crecido mucho y se hizo popular en Brasil en los últimos años, debido al desempeño impresionante de nuestros atletas nacionales en las principales competencias internacionales. Por lo tanto, el objetivo de este estudio es presentar y discutir los aspectos subjetivos en relación con el arbitraje de la GA. Por lo tanto, la revisión bibliográfica fue conducida como una estrategia metodológica. La evaluación de los componentes de la modalidad sugerida en el Código de Puntuación ha sido modificada en cada ciclo, que tiene lugar cada cuatro años. Hoy en día, con la mejora técnica de los gimnastas, los descuentos concedidos a sus fracasos artísticos son relativamente pequeños, por ejemplo, y esto puede causar a ellos perdieren una medalla o una clasificación importante. Se ha encontrado una gran cantidad de información relativa a la modalidad en los Códigos de Puntuación, tanto por los sectores femeninos y masculinos (ciclo 2009-2012). Posiblemente por esta razón, algunas dudas se encontraron por diferencias en la interpretación de ciertos artículos. Además, algunos elementos de evaluación surgen en lo campo de gusto personal del árbitro. El estudio demostró la necesidad de continuar el debate sobre los artículos del Código de Puntuación de la GA, tanto por los sectores femeninos y masculinos.*

#### **ABSTRACT**

*When we watch the presentations of Gymnastics (Artistic, Rhythmic, Acrobatics, Aerobics, etc.), we can see clearly that there are particular characteristics of this sport, and how the officiating is held by referees is one of them. Artistic Gymnastics (AG), in particular, is a gymnastic modality which has grown a lot and became popular in Brazil in recent years, due to the impressive performance of our national athletes in international major competitions. Therefore, the objective of this study is to present and discuss the subjective aspects in relation to AG referees' officiating. For this purpose, literature review was conducted as a methodological strategy. The evaluation of the modality's components suggested in the AG Scoring Code has been modified in each cycle, which takes place every four years. Today, with the technical improvement of the gymnasts, the relatively small discounts granted to their artistic failures, for instance, can cause the gymnast to lose a medal*

*or one important position in classification. It has been found a great deal of information concerning the modality in the Scoring Codes, both by the female and male sectors (cycle 2009-2012). Possibly for this reason some gaps were found in the interpretation of certain items. In addition, some evaluation items come up in the field of referee's personal taste. The study demonstrated the need for further discussion about the AG Scoring Code items, both by the female and male sectors.*

## INTRODUÇÃO

Segundo Carrasco (1982), a GA é uma modalidade que está em permanente evolução e possui alto padrão de qualidade técnica e artística.

Nunomura, Pires e Carrara (2009) citam que por conta da boa performance de ginastas brasileiros no contexto competitivo internacional, a GA vem atraindo muitos praticantes, principalmente jovens e crianças. Além disso, afirmam que vários aspectos devem ser levados em consideração na prática da modalidade principalmente no âmbito competitivo, tais como as preparações técnicas, físicas, artísticas e psicológicas.

A GA é um esporte que utiliza capacidades físicas e motoras como: força, equilíbrio, resistência, potência, flexibilidade e coordenação e associado a muita graciosidade e criatividade. A estética dos movimentos é importante tanto no setor masculino quanto no setor feminino, principalmente neste segundo pois há rigor técnico na execução dos movimentos acrobáticos e ginásticos, e valorização da expressividade e criatividade na coreografia e harmonia entre o ritmo da música e os movimentos.

Além de todas estas particularidades, a GA assim como outras modalidades gímnicas, também apresenta uma arbitragem muito particular e com muitas especificidades, tanto da modalidade em si quanto por cada prova.

É importante ressaltar que a ciência e a tecnologia auxiliaram no desenvolvimento da GA e de sua complexidade, o que também tem elevado a competitividade entre os atletas.

É notável que a diferença entre a nota dos ginastas é mínima e esse fator faz com que os técnicos e os próprios ginastas pensem nos menores detalhes para se sobressair a um adversário.

Um aspecto importante, seguindo este viés, são os componentes artísticos da modalidade, que possuem uma avaliação específica e que, aparentemente, seu valor não é alto, porém, uma falha neste quesito pode fazer a diferença em uma competição, já que as notas dos ginastas estão muito equiparadas se levarmos em consideração a técnica dos movimentos.

## CARACTERÍSTICAS GERAIS DA PONTUAÇÃO

A GA é uma modalidade esportiva que se diferencia das demais, não só pelas características de seus movimentos, mas, também, por seu sistema de avaliação da performance.

São dois os painéis de avaliação, D e E. São dois árbitros que compõe o painel D, e estes são responsáveis por avaliar o exercício em seu conteúdo, ou seja, a dificuldade e a validade dos movimentos e combinações. Cada tipo de movimento possui um valor, conforme a dificuldade do mesmo e, de acordo com a natureza das combinações, também podem ser atribuídos valores específicos. No caso do painel E, este é composto por seis árbitros, os quais são responsáveis por avaliar as falhas de execução, apresentação geral e artística da ginasta.

Os árbitros do painel D, além de descreverem a série apresentada pelo ginasta através de simbologia, ainda ficam responsáveis por deduções como:

- As deduções neutras, como a ultrapassagem das linhas;
- As relacionadas à apresentação indevida, antes ou depois, da série;
- Por conta de ajudas, durante as séries ou nas saídas.

Caso algum técnico venha a apresentar conduta anti-desportiva, é responsabilidade dos árbitros do painel D comunicar o supervisor do aparelho. A arbitragem do painel D é quem determina o valor dos elementos de dificuldades e ligações bem como as exigências dos grupos de elementos. (Código de Pontuação Feminino, 2009-2012; Código de Pontuação Masculino, 2009-2012)

Existem algumas diferenças entre os setores feminino e masculino no que se refere à avaliação do painel E de arbitragem, porém, de maneira geral, são bastante similares àqueles demonstrados no Quadro 1.

Quadro 1. Itens de avaliação do painel E

GA FEMININA	GA MASCULINA
Falhas gerais (de execução técnicas)	Falhas técnicas
Falhas de execução específicas de cada aparelho	Falhas de composição
Falhas de apresentação artística	Falhas de postura

A diferença mais acentuada entre a avaliação dos setores é que no setor feminino ocorre a avaliação da apresentação artística e no setor masculino a dedução é feita por falhas de postura. Isto não quer dizer que a

postura não seja avaliada no setor feminino, mas, que no setor masculino não há a avaliação direta da apresentação artística.

Sobre a avaliação no setor masculino é importante evidenciar que o artigo 19 do Código de Pontuação Masculino (2009-2012) prevê deduções por erros estéticos, de execução técnica e de composição das séries. Outros artigos do Código de Pontuação Masculino (2009-2012) que merecem a nossa atenção são:

Artigo 20

*“1. Os ginastas devem incluir em suas séries apenas elementos que possam ser executados com completa segurança e alto grau estético e controle técnico. A responsabilidade pela segurança cabe inteiramente ao ginasta. A banca E é solicitado deduzir rigorosamente em qualquer caso de falhas de execução, técnicas, de composição e postura.”* (Código de Pontuação, 2009-2012, p.20)

Artigo 21

*“A Banca E é responsável por avaliar todos os aspectos técnicos e estéticos das séries bem como sua expectativa de construção e composição (expectativas de montagem das séries) em todos os aparelhos. Em cada caso a Banca E avalia se os elementos foram executados e finalizados com perfeição.”* (Código de Pontuação, 2009-2012, p.20)

Muito embora a avaliação artística não esteja explicitada no Código de Pontuação Masculino, podemos constatar uma estreita ligação do setor masculino com a arte, quando o Código evidencia a preocupação em avaliar os aspectos estéticos das séries bem como a construção e a composição das mesmas.

Os árbitros do painel E, além de avaliarem os aspectos estéticos da série, estes ainda criam uma expectativa em relação à série que estão prestes a assistir. Quanto mais ousado, criativo e diferente do convencional a série do ginasta for, mais ele poderá se destacar na competição neste painel.

O árbitro que compõe o painel E pode despontuar os ginastas se estes não apresentarem uma definição da posição de pernas (estendido, carpado, grupado), se os cotovelos ou joelhos não estiverem estendidos quando for exigência da técnica, se apresentar falhas na postura, falta de equilíbrio, entre outros erros estéticos ou técnicos (Código de Pontuação, 2009-2012).

Em respeito à arbitragem nas competições de GA feminina a avaliação da apresentação artística é citada no Código de Pontuação de maneira mais direta.

É importante mencionar um tópico descrito no artigo 5.2 do Código de Pontuação Feminino (2009-2012, p.18): *“A filosofia atual com relação ao conteúdo e a combinação das séries, estimula a dar ênfase no domínio da dança coreografia acrobática, apresentadas artisticamente.”* Este componente da avaliação na GA feminina nos mostra a preocupação evidente que este ciclo têm com os aspectos artísticos da modalidade e afirma, mais uma vez, a importância da Preparação Artística para a modalidade.

Outro aspecto mencionado no Código de Pontuação Feminino (2009-2012) é que toda série deve ser dinâmica, apresentar movimentos difíceis e demonstrar facilidade de execução, leveza e velocidade para atingir a posição final, postura em movimentos de dança e amplitude nos movimentos.

Além destes aspectos, o Código de Pontuação ainda prevê perda de pontos para falhas relacionados ao ritmo e ao tempo, à dinâmica de execução, à agilidade e à interpretação e expressão artística nas provas de trave e de solo feminino. Pelas características destes dois aparelhos, podemos afirmar que eles são os aparelhos nos quais a ginasta pode explorar mais a sua criatividade e expressão, pois, estes aparelhos permitem um contato direto com o público e a arbitragem.

De maneira geral, em ambos os setores, é através da nota do painel E que podemos encontrar falhas de postura corporal (forma), falhas de estética e falhas técnicas. Estes erros estão relacionados à posição de braços, pernas e joelhos, amplitude de movimento, exatidão nas posições do corpo, entre outras.

Outras deduções podem ocorrer quando há falhas no exercício como, por exemplo, aquelas de finalização do movimento, postura inadequada ou também referente à falta de flexibilidade. Além disso, a composição da série também pode acarretar em perda de pontos ao ginasta, e que afetaria o resultado final.

A série deve possuir uma composição diversificada e criativa além de diferentes elementos de ligação e a utilização e exploração de todo o aparelho (espaço e direções). Um exemplo são os descontos efetuados ao ginasta que utiliza apenas uma diagonal do tablado ou ainda que execute o mesmo elemento repetidamente ou não utilize planos altos, médios e baixos, seja no solo ou na trave. E mais, os elementos de dificuldade devem estar equilibradamente distribuídos ao longo da série, pois, haveria tendência a executar aqueles de maior complexidade no início e aqueles menos arriscados ao final devido ao cansaço.

#### **ANÁLISE DOS TERMOS RELACIONADOS NOS CÓDIGOS DE PONTUAÇÃO EM GA**

Foram encontrados, com certa frequência, nos Códigos de Pontuação (2009-2012), tanto do setor feminino quanto do setor masculino, os termos estético/a e artístico/a, porém, nestes materiais não foram encontrados nenhum tipo de definição de tais termos. Assim, é imprescindível conceituarmos estes termos para apoiar as discussões subsequentes.

Neste momento, utilizaremos as definições contidas no dicionário Aurélio, pois, é uma referência simples e de fácil acesso e, que qualquer indivíduo que lesse os Códigos de Pontuação (2009-2012), poderia consultá-lo em caso de dúvidas.

Segundo o dicionário Aurélio, o termo estético/a é definido, tradicionalmente, pelo “*estudo racional do belo, quer quanto à possibilidade de sua conceituação, quer quanto à diversidade de emoções e sentimentos que ele suscita no homem.*” (2005, p.720)

O termo artístico é aquilo que é “*relativo às artes (...) de labor primoroso e original.*” (2005, p.178)

E, por fim, a arte é a “*atividade que supõe criação de sensações ou de estados de espírito, de caráter estético carregados de vivência pessoal e profunda, podendo suscitar em outrem o desejo de prolongamento ou renovação.*” (2005, p.176)

Sabemos através da experiência profissional que a maioria dos árbitros e técnicos trabalha de uma maneira indutiva, sem distinguir a arte, o artístico, a estética, a técnica e a postura, pois, dentro da modalidade GA são aspectos bastante relacionados entre si. Entretanto, em se tratando do setor competitivo, em que muitos interesses estão em jogo, os termos deveriam estar claramente entendidos, diferenciados e para que sejam aplicados de forma adequada.

Porém, é importante evidenciar que o Código de Pontuação ciclo 2009-2012, utiliza, simultaneamente, estes termos, logo é possível afirmar que possuem significados distintos, caso contrário, seria utilizado apenas um dos termos. Um exemplo disso é o item 1 do artigo 21 do Código de Pontuação Masculino (2009-2012) p. 20:

“*A Banca E é responsável por avaliar todos os aspectos técnicos e estéticos das séries bem como sua expectativa de construção e composição (expectativas de montagem das séries) em todos os aparelhos. Em cada caso a Banca E avalia se os elementos foram executados e finalizados com perfeição.*”

Entendemos que se o Código de Pontuação menciona, separadamente, erros estéticos e técnicos estes são dois aspectos distintos, embora possam ter uma relação. Outro aspecto a ser considerado é que, muitas vezes, árbitros e técnicos entendem a estética como sinônimo de correções posturais, porém, acreditamos que o Código entende que correções posturais sejam deduções por falhas na postura e não por falha estética, pois, utilizam os termos em momentos diferentes, a saber:

#### Artigo 22

“*2. Todos os desvios da correta execução são considerados erros técnicos ou de execução e devem ser devidamente penalizados pelos árbitros. A amplitude do desconto por erro, pequeno, médio ou grande é determinada pelo desvio em relação à execução correta. A mesma dedução deverá ser aplicada cada vez com a mesma severidade para o mesmo grau de flexão de braços, pernas e do corpo.*

3. *As seguintes deduções serão aplicadas para cada e qualquer desvios técnicos e de postura em relação à perfeita execução.*” (...) P. 21

#### Artigo 23

i. “*O ginasta não pode apresentar elementos com as pernas afastadas que não tenham um propósito específico ou que interfira no aspecto estético da apresentação.*” (P. 25)

A leitura dos artigos não evidencia se o Código entende falhas posturais e estéticas como sinônimos, o que pode gerar conflitos no momento de avaliar uma série. Ora, nos dois trechos citados anteriormente, há exemplos com posições do corpo, mas, não fica claro qual é a diferença entre um erro postural ou o que sejam os aspectos estéticos, fato que pode gerar desentendimentos sobre este conteúdo.

Outra questão importante é que os profissionais, em sua maioria, percebem os conteúdos artísticos da modalidade, apenas no setor feminino, talvez pelo fato do termo *apresentação artística* ser explicitado apenas no Código de Pontuação Feminino. Porém, o fato do termo artístico não estar evidenciado no Código de Pontuação Masculino não significa que não haja este conteúdo no setor, pois, o termo artístico está bastante explicitado no próprio nome da modalidade: Ginástica Artística.

O artigo 5.2 Componentes da Avaliação do Código de Pontuação Feminino (2009-2012, p. 18) faz a seguinte menção à avaliação artística: “*A filosofia atual com relação ao conteúdo e combinações das séries, estimula a dar ênfase no domínio da dança coreografia acrobática, apresentadas artisticamente.*”

Embora neste artigo os árbitros estejam sendo motivados a, de fato realizarem a avaliação artística, a escrita deixa uma lacuna sobre o que é artística ou artisticamente para o Código de Pontuação. E mais, não existe esse tipo de explicação ao longo do Código de Pontuação Feminino (2009-2012).

É possível termos a compreensão de que o Código de Pontuação Feminino (2009-2012) é objetivo e de fato está mais objetivo, pois, aponta algumas deduções específicas sobre a apresentação artística na trave e no solo, como por exemplo:

- Variação de ritmo insuficiente;
- Fraca integração música e movimento;

- Música de fundo;
- Falta de sincronização do movimento com o ritmo da música;
- Insegurança na execução;
- Expressão artística insuficiente:
  - Falta de criatividade e originalidade na composição;
  - Falta de habilidade em expressar o tema da música;
- Gestos mímicos não apropriados.

Porém, alguns tópicos são pouco explicativos, por exemplo, no item expressão artística insuficiente a falta de discussão e entendimento do componente artístico pode fazer com que cada árbitro avalie a mesma série de uma forma. Algumas dúvidas podem ser levantadas a partir destes tópicos:

- O que caracteriza a criatividade e a originalidade de forma que não seja um gesto mímico não apropriado?
- O que faz com que um gesto mímico seja não apropriado?
- Quão insuficiente é uma variação rítmica ou uma expressão artística?

Estas questões podem dificultar no momento da avaliação e necessitam ser discutidas. Sobre os aspectos artísticos, a única e breve explicação apresentada no Código de Pontuação Feminino (2009-2012) é sobre o ritmo, no artigo 5.3.4 (p.21), e está se referindo às ligações diretas:

- *É a sensação de ritmo contínuo, dinâmico sem perda de velocidade ou interrupção entre aterrissagem e repulsão.*
- *Sem efeito de repulsão, como é visto quando são apresentados 2 elementos acrobáticos na mesma direção – para frente ou para trás.*

Apesar do atual ciclo do Código de Pontuação Feminino (2009-2012) ser um pouco mais objetivo do que os anteriores, é notável que ainda persista uma subjetividade no texto.

No Código de Pontuação a frase “*dedução por falhas da apresentação artística*” realmente só está presente nas regras do solo e da trave. Porém, a falta de discussão sobre o que é artístico e sobre o que é estético e suas relações faz com que os árbitros entendam que não há a avaliação artística ou uma relação com a mesma nas outras provas. É válido lembrar que existe uma avaliação de estética dos movimentos em todas as provas.

É importante esclarecer que não pretendemos com este texto eliminar o caráter subjetivo que acompanha o tema, porém, essa discussão é importante para diminuir os impactos ou ainda reduzir e/ou organizar esta subjetividade que poderia motivar falhas de interpretação e injustiças nas competições.

Segundo Nunomura e Nista-Piccolo (2003) uma característica quase primordial aos técnicos de GA, é que os mesmos apresentam experiência prévia na modalidade mesmo que não tenham a formação na graduação em Educação Física. E mais, afirmam ainda que grande parte dos técnicos que se formam na graduação em Educação Física estão insatisfeitos com a disciplina GA cursada.

É possível notar assim que os cursos de graduação tem um público variado sendo experientes e não experientes na prática da GA. Essa análise das autoras reforça ainda mais a ideia de que são necessárias discussões e cursos específicos sobre os aspectos relacionados a GA.

Essa falta de reflexão nos leva a mais um aspecto importante, a experiência em arbitragem. Sabemos que a experiência, tanto profissional com a GA quanto em arbitragem, é o que faz com que de fato se consiga avaliar alguns dos componentes da modalidade.

Por esse motivo, acreditamos que seja o momento de discutirmos os aspectos mencionados no Código de Pontuação, bem como uma possível utilização de um material de apoio, principalmente, para os técnicos e árbitros.

Este material de apoio poderia ser escrito, em um primeiro momento, no formato de um glossário conceituando assim alguns termos importantes da modalidade nos Códigos de Pontuação Feminino e Masculino. Após a utilização deste material inicial, o mesmo será ampliado com pesquisas e discussões acerca da avaliação em GA.

O ideal é que este material seja elaborado a partir de discussões entre alguns árbitros, técnicos, acadêmicos e membros da Confederação, para que assim a GA possa ser entendida sob todos os ângulos de sua aplicação e para que o material não seja tendencioso em qualquer de suas partes constituintes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram verificadas algumas fragilidades com relação a alguns itens dos Códigos de Pontuação Feminino e Masculino da GA (2009-2012). Assim, faz-se necessário que a Confederação e as Federações estimulem as discussões em torno da avaliação na GA.

Uma alternativa possível seria a elaboração de material de apoio para que haja um entendimento satisfatório em relação aos Códigos de Pontuação e a elaboração de uma espécie de glossário, em que estejam definidos os principais termos envolvidos na modalidade.

Além disso, é importante ressaltar que o treinamento em GA, bem como o aprimoramento dos técnicos e árbitros deve ser constante, pois, as regras da modalidade sofrem alterações a cada ciclo de quatro anos e é preciso um período de adaptação desses profissionais às novas normas. E, principalmente, é preciso tempo para que os ginastas possam transitar de um Código para outro.

#### REFERÊNCIAS

- CARRASCO, R. **Ginástica olímpica: pedagogia dos aparelhos**. São Paulo: Manole, 1982. 164 p.
- FERREIRA, A.B.H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2. ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL GINÁSTICA. **Code of points: women's artistic gymnastics**. Ciclo 2009-2012. 53 p.
- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL GINÁSTICA. **Código de pontuação em GA masculino**. Ciclo 2009-2012. Trad. Julio Marcos. 51 p.
- NUMOMURA, M.; NISTA-PICCOLO, V.L. Ginástica Artística no Brasil: Reflexão sobre a formação profissional. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v.24, n.3, p.175-194, 2003.
- NUMOMURA, M.; PIRES, F.R.; CARRARA, P. Análise do treinamento na Ginástica Artística Brasileira. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v.31, n.1, p.25-40, 2009.
- Fernanda Regina Pires  
Avenida Brigadeiro Faria Lima, 2935. Cocaia – Guarulhos – São Paulo - CEP 07130-000  
[fr\\_pires@hotmail.com](mailto:fr_pires@hotmail.com)

**TENSÕES DA GINÁSTICA: ENTRE A PRÁTICA ESPORTIVA ACROBÁTICA E OS  
FUNDAMENTOS DA GINÁSTICA SOCIAL**

**TENSIONES DE GIMNASIA: ENTRE LA PRÁCTICA DE DEPORTES ACROBÁTICOS Y EL  
ENTORNO SOCIAL DE GIMNASIA**

**TENSIONS OF GYMNASTICS: BETWEEN THE ACROBATIC SPORTS PRACTICE AND SOCIAL  
BACKGROUND OF GYMNASTICS**

**Bruno Barth Pinto Tucunduva**  
Circocan – International School of Circus

**RESUMO**

*O presente trabalho se desafia a apresentar uma discussão relevante ao universo da ginástica, tendo o firme intuito de problematizar, questionar e estimular a reflexão sobre a tensão entre uma ginástica esportiva espetacularizada, que contrapõem valores fundamentais presentes em diversas obras da gênese da ginástica moderna, as quais são responsáveis pela sua essência filosófica e ideológica, sua difusão e desenvolvimento na sociedade contemporânea. Nessa lacuna de pesquisa, a discussão apresenta questionamentos sobre as relações históricas de desenvolvimento do esporte ginástico, destacando-os como um campo específico das expressões da ginástica na atualidade e apontando algumas de suas fragilidades frente aos aspectos gímnicos de formação cidadã. Em seguida, questiona-se os meios pelos quais esses esportes surgiram, levando em consideração a aversão do discurso da ginástica em seu primeiro século de existência a competição pautada na performance corporal. Analisa-se a legitimação da ginástica esportiva através de um olhar centrado na acrobacia da ginástica, compreendendo-a em uma perspectiva sociológica de exploração das capacidades do corpo, e explorando-a como um elemento importante no contexto esportivo. Assim, indica-se que a acrobacia é um possível comburente que impulsiona a ginástica a sua expressão esportiva espetacularizada. No entanto, preserva-se na discussão a preocupação sobre a importância de se resgatar o vasto conteúdo ideológico e filosófico da ginástica em sua origem, aparentemente ausente no treinamento esportivo tradicional, indicando-se a relevância desse tipo de reflexão no contexto de trabalho.*

**RESUMEN**

*El presente trabajo se trata de presentar una discusión relevante para el mundo de la gimnasia, con la firme intención de discutir, cuestionar y estimular el estudio de la tensión entre la gimnasia esportiva que contradice los valores fundamentales presentes en diversas obras de la génesis de la gimnasia moderna, que son responsables de su esencia filosófica e ideológica, su difusión y el desarrollo en la sociedad contemporánea. En este vacío en la investigación, la discusión plantea preguntas acerca de las relaciones históricas de desarrollo de las gimnasias, destacando como expresiones de un campo específico de la gimnasia de hoy en día y señalando algunas de sus debilidades en comparación con los aspectos de gimnasia para la educación cívica. También se interrogó a los medios por los cuales estos deportes han surgido, teniendo en cuenta la aversión de los discursos de la gimnasia en su primer siglo, frente a la competencia basada en el rendimiento del cuerpo. Se analiza la legitimidad de las gimnasias a través de una mirada centrada en los aspectos de la acrobacia de la gimnasia, la comprensión de que en una exploración sociológica de las capacidades del cuerpo, y la exploración como un elemento importante en el contexto deportivo. Así, se afirma que las acrobacias son uno posible combustible que impulsa las expresiones de deportes de gimnasia. Sin embargo, se conserva en la discusión, las preocupaciones acerca de la importancia de rescatar el vasto contenido ideológico y aspectos filosóficos de la gimnasia en su origen, al parecer ausentes en la formación tradicional de los deportes, lo que indica la relevancia de este tipo de reflexión en el lugar de trabajo.*

**ABSTRACT**

*The present work challenges itself to present a discussion relevant to the world of gymnastics, with the strong intention to discuss, question and stimulate the study of the tension between a sportive gymnastics that contradicts core values present in various works of the genesis of modern gymnastics, which are responsible for their philosophical and ideological essence, its diffusion and development in contemporary society. In this research gap, the discussion presents questions about the historical relations of development of the sportive gymnastics, highlighting them as expressions of a specific field of gymnastics today and pointing out some of its weaknesses compared to the gymnastics aspects of civic education. It's also questioned the means by which these sports have emerged, taking into account the aversion of the discourse of gymnastics in its first century, against the competition based on body performance. It is analyzed the legitimacy of the sportive gymnastics*

*through a focused look at the acrobatic aspects of gymnastics, understanding it in a sociological exploration of the capabilities of the body, and exploring it as an important element in the sporting context. Thus, it is stated that the acrobatics is a possible fuel that drives the expressions of gymnastics sports. However, is preserved in the discussion, the concerns about the importance of rescuing the vast ideological content and philosophical aspects of gymnastics in its origin, apparently absent in traditional sports training, indicating the relevance of this type of reflection in the workplace.*

## INTRODUÇÃO

Atualmente as principais expressões da ginástica no mundo são as suas diferentes modalidades esportivas, sobretudo aquelas reconhecidas pela Federação Internacional de Ginástica (FIG): Ginástica Artística Masculina, Ginástica Artística Feminina, Ginástica Acrobática, Ginástica Aeróbica, Ginástica de Trampolim, Ginástica Rítmica<sup>1</sup>. O esporte ginástico possui uma forte característica estética, sendo composto por séries de demonstração das capacidades e habilidades do ginasta, através de composições de técnicas e movimentos em aparelhos de grande ou pequeno porte; coletivas, em grandes ou pequenos grupos; com ou sem acompanhamento musical; entre outras variáveis dependentes do esporte em questão.

Em todas as modalidades, a dificuldade técnica e a qualidade de execução das séries são essenciais, somando-se a esses quesitos a qualidade artística da composição, em alguns desses esportes. A competição se constitui a partir de uma avaliação externa, realizada por uma banca de árbitros que utilizam como parâmetros de avaliação códigos de pontuação, que padronizam o nível de dificuldade, caracterizam a execução ideal, as bonificações de combinação de elementos e demais quesitos pertinentes a qualidade da performance apresentada.

Observando os aspectos internos do desenvolvimento dos esportes ginásticos, percebe-se que progressivamente as modalidades ampliam os conteúdos performáticos relacionados a elementos acrobáticos, notadamente atrativos por sua estética, alta complexidade e dificuldade de realização. Por exemplo, no caso dos esportes ginásticos presentes nas olimpíadas, a cada ciclo olímpico o código de pontuação sofre alterações, em muitos casos, diminuindo o valor de movimentos mais comuns presentes em cada competição e aumentando o valor de movimentos mais complexos. Assim, os esportes ginásticos se conduzem a conteúdos que demonstrem um profundo domínio das capacidades físicas, conduzindo a técnica gímnica a limites cada vez mais complexos e desafiantes.

Analisando-se princípios que regem a ginástica esportiva, assim como as suas raízes históricas ancestrais (artes circenses), a presente reflexão aponta para a acrobacia como um conceito que traduz essa exploração constante das capacidades corporais do ser humano em uma busca progressiva de uma prática expressiva comprimida aos limites da complexidade do movimento humano.

Assim, analisa-se o esporte ginástico a partir de uma ótica que o considera como uma competição na qual o ginasta busca demonstrar suas competências de domínio do corpo, dentro de regimentos e direcionamentos próprios de cada modalidade, espetacularizada através da performance acrobática, uma verdadeira demonstração dos extremos da capacidade corporal do homem. Para isso, seleciona-se um conceito de acrobacia que a aborda em uma perspectiva qualitativa, na qual ela se traduz enquanto um princípio espontâneo do homem explorar criativamente os limites máximos da sua expressão estética através da performance corporal, segundo Peignist (2010):

[A acrobacia é] uma técnica ou arte de ajustar seu corpo às extremidades, uma arte de extrair as pontas e harmonizar os pontos-chaves, uma arte de equilíbrios sutis [...]. [O acrobata é] aquele que está na extremidade, que vai às extremidades, que conduz o gesto às extremidades” (op. cit., p.11, tradução do autor)

Toma-se como figura ilustrativa o extremo da coordenação motora na Ginástica de Trampolim, o extremo da flexibilidade na Ginástica Rítmica, o extremo da potência e versatilidade na Ginástica Artística, o extremo do ritmo e dinamismo na Ginástica Aeróbica, e o extremo da acrobacia coletiva na Ginástica Acrobática. Proporcional a esses extremos cada vez mais evidentes, estão os questionamentos sobre os rumos assumidos pela ginástica na contemporaneidade, e, específico a essa reflexão, o grande distanciamento entre a expressão esportiva e os fundamentos ideológicos e filosóficos essenciais da ginástica original, aquela que deu origem a esse conhecimento: será que a ginástica original<sup>2</sup> ainda é reconhecida como uma prática hegemônica? Ou teria ela sucumbido à esfera competitiva? Os valores que fundamentam a ideologia de criação da ginástica em seus 219 anos de história estão presentes e evidentes na prática da ginástica esportiva? Ou em

<sup>1</sup> A Ginástica Para Todos também é considerada como um esporte pela FIG, porém como essa modalidade segue uma lógica diferente dos demais esportes, valorizando a cooperação, a não-competição e o lazer através da ginástica, e pelo fato das competições dessa prática ainda serem limitadas e altamente questionadas, optou-se por não integrá-la ao contexto dessa reflexão.

<sup>2</sup> “Ginástica original” é um termo meramente ilustrativo para descrever os esportes ginásticos como derivados de um conhecimento central das expressões da ginástica como prática corporal social, voltada para a educação do corpo, formação humana integral, e desenvolvimento cidadão.

contraposição ao discurso de autores como Francisco de Amorós, Ludwig Friedrich Jahn, George Hebert, Nicolas Cuperus, e ao próprio objetivo de Johann Cristof Friedrich Gutsuths, a ginástica passou a ser regida pelo espetáculo acrobático das performances de seus ginastas? Qual então é o contexto desses questionamentos, quais são os argumentos que fundamentam cada vertente, e como se pode conceber e conciliar frentes aparentemente conflitantes?

## OBJETIVOS

O presente trabalho se desafia a apresentar uma discussão relevante ao universo da ginástica, sem a intenção de apresentar conclusões e afirmativas, mas com o firme intuito de problematizar, questionar e estimular a reflexão sobre a tensão entre uma ginástica esportiva espetacularizada que contrapõem valores fundamentais presentes em diversas obras ontológicas da ginástica moderna, as quais são responsáveis pela sua essência filosófica e ideológica, sua difusão e desenvolvimento na sociedade contemporânea.

## METODOLOGIA

Revisão literária e reflexões a partir de obras históricas da ginástica.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A ginástica nasce em 1793 com a obra “Gymnastik fur die jugend”, ou Ginástica para a Juventude, escrita por Johann Cristof Friedrich Gutsuths, na Alemanha, posteriormente traduzida para o inglês, “Gymnastics for the youth”, em 1800, e difundida pela Europa (GUTSMUTHS, 1800). Nessa obra, descreve-se uma prática que, conforme o próprio autor destaca na contra-capá do livro, visa apresentar um guia prático de exercícios para o uso em escolas, lançando um questionamento voltado para a melhoria da educação ao que tange o trato com o corpo na escola. Gutsuths prescreve uma ginástica que abrange a prática de jogos sociais para a juventude, saltos, lançamentos e arremessos, corrida, luta, escalada, atividades de equilíbrio, saltos com corda ou arcos, erguer e carregar, dançar, caminhar, exercícios militares, nadar, declamar ou cantar, e exercícios para os sentidos.

Posteriormente, o trabalho de Gutsuths serve de inspiração para outros autores em diferentes áreas da Europa, o que configura o Movimento Ginástico Europeu (LANGLADE, LANGLADE, 1986). Nas três principais escolas de ginástica desse movimento, a Escola Francesa, a Escola Sueca e a Escola Alemã, a ginástica é empregada com intuito de promoção social, seja para a pedagogia e a formação de um cidadão forte e disciplinado com grande capacidade de trabalho, seja na promoção da saúde e prevenção de problemas posturais e ortopédicos, ou ainda na formação do soldado para a guerra, conforme slogan da ginástica francesa de Amorós: “Da flexão muscular ao sucesso nas lutas industriais e na guerra” (Amorós, 1839, apud Soares, 1998, p. 62). Posteriormente, em 1839, com a obra “Nouveau Manuel d’Éducation Physique, Gymnastique et Morale” ou “Novo Manual de Educação Física, Ginástica e Moral”, de Francisco de Amorós, na França, fica evidente a sua associação com a Educação Física, áreas que se unem nos métodos de educação do corpo, elemento tão bem explorado por Soares (2001).

O marco que destaca uma prática esportiva de ginástica ocorre somente após 103 anos de sua criação, após um século inteiro de produções gímnicas voltadas para as suas mais diversas aplicações sociais, juntamente com a primeira edição dos Jogos Olímpicos Modernos, em 1896 (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA, 2012a). Nesse evento, oficializa-se e reconhece-se uma ginástica competitiva, onde homens competiam a partir de séries de movimentos sobre aparelhos de ginástica. Como forma de identificar essa modalidade de ginástica que era competitiva e fazia parte das olimpíadas, surge o esporte Ginástica Olímpica, que posteriormente, após a inserção de outras modalidades esportivas de ginástica nas olimpíadas, passa a se chamar Ginástica Artística, mudança de nomenclatura para fazer jus a origem real dessa primeira competição de ginástica, que é a Ginástica Artística Alemã, praticada sobre aparelhos (NUNOMURA, NISTA-PICCOLO, EUNEGI, 2004).

Posteriormente, ao longo do séc. XX, surge a Ginástica Rítmica, que foi reconhecida pela FIG nos anos 50, advinda da Educação Rítmica e práticas de ginástica que se direcionavam para a formação e desenvolvimento do ser humano através de movimentos harmoniosos e ritmados, acompanhados por música, e, em seguida, dos anos 80 aos anos 2000, a FIG reconhece a Ginástica de Trampolim, a Ginástica Aeróbica e a Ginástica Acrobática (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA, 2012a).

Apesar da ascensão da prática esportiva, destaca-se que Nikolas Cuperus, o fundador da Federação Européia de Ginástica, órgão que posteriormente se transformaria na Federação Internacional de Ginástica, opunha-se ferrenhamente a ginástica competitiva, profetizando uma possível inversão de valores entre a ginástica em sua origem e o derivado esporte ginástico (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA, 2012b). O grande objetivo de Cuperus era constituir a ginástica como uma atividade a ser praticada por seus valores de promoção humana e saúde. A sua crítica se estabelece na possibilidade de que uma ginástica esportiva, juntamente com os valores atribuídos a competição, sofresse um esvaziamento de sua essência

ideológica, partindo rumo a uma prática gímnica espetacular, pautada principalmente na qualidade técnica desenvolvida, sobrepondo o valor humano de execução, treinamento e desenvolvimento dessas capacidades.

My ideal remains unchanged and I dream of the day when competitions will be superfluous, when gymnasts will compete for the infallible prize of their own effort, the exact equivalent in health, strength, flexibility, tenacity.” (CUPERUS, 1897, apud FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA, 2012b)

“Meu ideal continua o mesmo e eu sonho com o dia em que as competições serão supérfluas, quando os ginastas competirão pelo prêmio infalível de seu próprio esforço, o exato equivalente em saúde, força, flexibilidade e tenacidade.”(Tradução do autor)

Em crua análise, Cuperus estava certo. Atualmente, percebe-se que a ginástica esportiva em muitos casos está centrada no regime de treinamento técnico visando o desempenho máximo do ginasta, restando pouco ou nenhuma referência ao conteúdo essencial e constitutivo da ginástica, a sua exata proporção filosófica de prática voltada para o desenvolvimento humano integral (NUNOMURA, CARRARA, TSUKAMOTO, 2010).

Logo, a ginástica segue duas vertentes distintas: a ginástica original idealizada por Gutsmuths, popularizada e expandida por outros grandes autores rumo a uma prática social, que objetiva a formação cidadã, o domínio das forças físicas para a atuação proativa na sociedade e o desenvolvimento humano integral, saudável e viril; e a ginástica esportiva e competitiva, voltada para o rendimento das forças físicas em busca do domínio máximo do corpo em modalidades organizadas e direcionadas para explorar determinados conjuntos técnicos daquela ginástica original.

A ginástica original é reconhecida popularmente tão só como um conjunto de exercícios sistematizados com a finalidade de promover a saúde e o condicionamento físico, conforme descrito pelo dicionário da língua portuguesa:

Ginástica [Do fr. *gymnastique* (s. f.) < gr. *gymnastiké* (téchne).] Substantivo feminino. 1. Arte ou ato de exercitar o corpo para fortificá-lo e dar-lhe agilidade. 2. O conjunto dos exercícios corporais sistematizados, para esse fim, realizados no solo ou com auxílio de aparelhos. 3. Fig. Fam. Conjunto de movimentos, providências, expedientes, etc., para um dado fim: Para sustentar mulher e cinco filhos tem de fazer ginástica.” (FERREIRA, 2004)

Essa interpretação da ginástica é reducionista e não abrange a formidável estrutura filosófico-ideológica de uma prática corporal que partilha objetivos similares aos mais nobres valores da atual Educação Física, composta por métodos claros e objetivos para atingi-los. Aproveitando a oportunidade, destaca-se que essa generalização da ginástica original ocorre até mesmo na formação inicial em Educação Física, na qual a sua presença é extremamente limitada (SCHIAVON, NISTA-PICCOLO, 2007; RINALDI, PAOLIELLO, 2008).

Já a ginástica esportiva gradualmente conquistou seu espaço e reconhecimento. A valorização da competição esportiva na sociedade atual, onde o campeão esportivo é tido como um herói nacional, um símbolo de poder, capacidade, força e trabalho, contribui fortemente para a sua ascensão (SANFELICE, 2011). Esses valores são especialmente evidentes nos esportes gímnicos, já que a sua expressão não se dá através de uma disputa estratégica em um jogo entre adversários, mas na demonstração individual ou em equipe de movimentos que buscam principalmente a máxima dificuldade técnica e a execução a mais perfeita possível.

Pensando em aprofundar a problematização dessas questões, talvez a prática esportiva de ginástica seja realmente algo que se propõe ao enfoque tecnicista e o processo de desenvolvimento humano integral através de sua prática realmente ocorra de forma não intencional e subjetiva, paralelamente ao treinamento esportivo. Talvez essas práticas componham um nicho no qual a ginástica deva ser limitada aos seus conteúdos práticos, às técnicas e acrobacias, ao regime competitivo, a uma organização na qual a modalidade prevalece sobre o sujeito, e na qual se devam selecionar os melhores e mais capazes e mais responsivas máquinas humanas. Talvez aquelas centenas de ginastas que ficam no caminho do alto nível e da glória olímpica não se frustrem e tenham real conhecimento sobre os aspectos de formação humana atrelados ao treinamento da ginástica, sendo esse um aspecto naturalmente desenvolvido juntamente com o aprendizado técnico, algo perene e natural aos conteúdos gímnicos e seus métodos, estando plenamente satisfeitos com os evidentes frutos que obtiveram com sua prática, associando-os ao princípio de integração social frequentemente mencionado nas obras de criação da ginástica moderna.

Ainda assim, a referência popular, quase que hegemônica de ginástica atrelada a sua vertente esportiva é algo que incomoda aqueles defensores dos seus fundamentos histórico-filosóficos. Ao pensarmos nessa perspectiva, ressaltando em especial o período de início do treinamento de alto nível em ginástica, onde crianças a partir dos 5 anos de idade muitas vezes já se submetem a cargas intensas de treinamento, prevendo também que esse treinamento se estenderá pelo resto de sua infância e por toda a sua adolescência, a intervenção tecnicista de ginástica esportiva é ainda mais questionável, sendo que a mesma tem um infundável potencial, historicidade, métodos e fundamentos para um trabalho capaz de formar um cidadão.

Ainda que existam conflitos ideológicos sobre as expressões sociais e competitivas de ginástica, o esporte ginástico surge em um contexto aversivo a sua legitimação, enfrenta e supera o próprio fundador da FIG e alcança extrema popularidade e difusão. Se durante os 100 anos iniciais de sua criação o discurso dos grandes autores da ginástica, aqueles responsáveis por erigir o Movimento Ginástico Europeu, de reconhecida influência sobre aquilo que compreendemos sobre educação física na atualidade, opuseram-se a prática da ginástica competitiva e sobretudo a uma ginástica pautada na demonstração frívola de capacidades e habilidade corporais, como então, foi possível romper essas barreiras?

Sem ignorar que nesse contexto existem diversas outras situações sociais que certamente influenciam o desenvolvimento da ginástica esportiva, aponta-se para um único elemento que pode ser essencial para a compreensão desse contexto: a acrobacia.

A acrobacia é observada como um princípio de movimento que compele ao espetáculo e que esse conteúdo é vivo na prática da ginástica, e, portanto, é um comburente que estimula espetacularização das capacidades corporais ou, no mínimo, a expressividade do gesto nas demonstrações gímnicas, fator esse, tido como inútil aos comandantes da ginástica oitocentista, como observado na fala de Amorós: “Nosso método começa onde o funambulismo para, e aqui começa a utilidade de um exercício, onde o nobre motivo da ginástica que é fazer o bem e sacrificar o frívolo prazer de divertir e proezas de força.”(AMORÓS, 1834, apud PEIGNIST, 2010, p. 24).

O conceito que inspira essa reflexão é bem retratado por Hauw, 2010: “uma acrobacia é sempre a expressão original de um engajamento emocional, de um controle preciso do gesto, de uma coordenação entre vários atores ou entre um homem e objetos, e de um esforço fisiológico singular.” (HAUW, 2010, p.9, tradução do autor). Logo, os conteúdos da ginástica são evidentes em sua prática acrobática, principalmente ao que tange o trato com o corpo e a busca pelo domínio das capacidades físicas, que, mesmo sendo em perspectiva funcional, conduzem a um aprofundamento progressivo e infindável de pesquisa e exploração das possibilidades de movimento.

Quiçá, a presença da acrobacia na ginástica tenha sido uma fonte de contaminação dessa prática supostamente estéril e formal com a criatividade, a inventividade e o desafio de dominar o corpo em uma perspectiva ontogênica da acrobacia como princípio natural ao homem. Consequentemente, o espetáculo esportivo seria um progresso inevitável.

Tem-se, portanto, duas esferas de observação da ginástica. Uma é apresentada por Vigarello, 2003, ao se referir sobre uma ginástica que se estabelece na secção de movimentos por articulações, que preserva e dá continuidade aos seus aspectos sociais de educação do corpo. Não obstante, o esporte ginástico herda uma estética pautada na retidão dos movimentos e no alinhamento biomecanicamente eficaz. Outra esfera (e a mesma) é aquela ginástica que promove apresentações e demonstrações públicas das capacidades dos seus ginastas, que, mesmo que tendo o intuito de expressar a funcionalidade do método para a promoção de cidadãos úteis ao Estado, conduz naturalmente a busca de elementos técnicos cada vez mais impressionantes em suas composições.

Seria essa esterilidade e funcionalidade das demonstrações de ginástica uma simples máscara para o evidente espetáculo acrobático que posteriormente seria simplesmente normatizado em uma competição? Ou ainda uma tentativa de manter uma diferenciação elitizada da ginástica funcional com aquilo que é dito como “inútil” da expressividade do corpo nas acrobacias circenses, mas que em sua essência são muito próximas? Uma disputa ilusória e dicotômica de o ginasta e o circense, entre a ciência positivista e a arte, entre uma prática que visa o condicionamento, a disciplina e a obediência, e uma arte que visa explorar o corpo, libertária e rebelde, mas que representam diferentes interpretações de duas faces complementares e explícitas da motricidade humana?

Sob o ponto de vista estético, a ginástica possui uma clara presença da apresentação (quem sabe um exibicionismo?) de suas técnicas e métodos, elemento impossível de eximir de características artísticas. Buscando outros argumentos, não seria o esporte ginástico, em uma perspectiva subjetiva de busca de seus valores, algo inspirado em uma comoção artística através da estética de seus movimentos, arte evidente já na própria obra de Jahn, considerado o pai da ginástica, “Die Deutsche Turnkunst” ou a “Ginástica Artística Alemã”? O viés estético está constantemente atrelado a valores morais e a disciplina e a organização – raízes militares e pedagógicas, sob um modelo de educação com características formatadoras.

## CONCLUSÃO

Certamente que essa reflexão não dará conta de refletir sobre os diversos encaminhamentos da ginástica, no entanto, aponta-se a influencia desses fatores em duas grandes áreas da ginástica, durante o seu desenvolvimento, complementares e interdependentes, certamente. Por um lado temos uma ginástica social, voltada para a formação do cidadão, com práticas cada vez mais segmentadas e direcionadas para o efeito fisiológico de seus exercícios, bem como à máxima otimização de seus esforços para a saúde corporal. Com isso, a acrobacia própria a ginástica deixa de ser atraente, pois os movimentos complexos vão contra essa

tendência de otimização dos resultados, presentes tão vastamente na atualidade, em especial nas ginásticas de promoção da saúde. Assim, a demonstração da ginástica ocupa um lugar ora voltado para a socialização e princípios de formação cidadã, ora para apresentar a efetividade e a capacidade do ginasta em realizar trabalho com o seu corpo, comprovando a efetividade biofisiológica do método.

Por outro lado, encontra-se uma viva e pulsante herança das artes circenses, ou como indica Peignist, 2009, da própria motricidade humana, a acrobacia. Uma de suas propriedades especiais é conduzir o gesto aos extremos das capacidades humanas, em busca de um controle e domínio das extremidades de movimento (PEIGNIST, 2009). É evidente na ginástica a presença de uma sedução da acrobacia, que conduz uma prática pensada primariamente como uma atividade de formação cidadã para a estética de domínio do corpo em movimentos performáticos.

Encerra-se esse trabalho, que tem mais intenção de gerar dúvidas do que conclusões assertivas, que a ginástica é extremamente complexa. Proporcional a sua complexidade, que contempla mais de dois séculos de história, deve ser a capacidade reflexiva do profissional que trabalha com essa prática corporal. Atuar na ginástica sem ao menos ter uma breve curiosidade sobre a sua origem e seus fundamentos ideológicos é inadequado. Nesse domínio, reflexões e questionamentos sobre a própria atuação profissional, seja qual for a área de intervenção, conduzem a busca pelo conhecimento que trará sustentação para opções metodológicas coerentes com a herança cultural da ginástica, algo que supera a atuação alienante e alienada da reprodução de técnicas e métodos profissionais supostamente tradicionais, apresentando a responsabilidade da construção do universo da ginástica no cotidiano.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. 2012b. “**History of Gymnastics for all**” Disponível em: <http://www.fig-gymnastics.com>. Acesso em junho de 2012.
- FERREIRA, A. B. H. “**Novo dicionário eletrônico da língua portuguesa**” V. 5.0 São Paulo: Positivo Informática; 2004.
- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. 2012a. “**History of Artistic Gymnastics**” Disponível em: <http://www.fig-gymnastics.com>. Acesso em junho de 2012.
- GUTSMUTHS, J. C. F. “**Gymnastics for the youth**” Londres: St. Paul’s Church-Yard, 1800. Disponível em: <http://books.google.com.br/>. Acesso em junho de 2012.
- LANGLADE, A.; LANGLADE, N. R. “**Teoria general de la gimnasia**” Buenos Aires: Editorail Stadium, 1986.
- NUNOMURA, M., NISTA-PICCOLO, V., EUNEGI, G. “Ginástica olímpica ou ginástica artística? Qual a sua denominação?” **Revista Brasileira de Ciências e Movimento**, Brasília, v. 12 n. 4, p. 69-74, dezembro 2004
- NUNOMURA, M.; CARRARA, P. D. S.; TSUKAMOTO, M. H. C. “Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão” **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 305-314, jul/set 2010.
- PEIGNIST, M. “L’*homo acrobaticus*” p. 11-28. In: Hauw, Denis. **L’Acrobatie**. 128 p. Ed. Revue EP.S, Paris, 2010.
- PEIGNIST, M. “Homo acrobaticus et corps des extrémités” **M@gm@ - Revue Electronique en Science Humaines et Sociales**, v. 7, n.3, set/dez 2009.
- RINALDI, I. P. B.; PAOLIELLO, E. “Saberes ginásticos necessários à formação profissional em educação física: encaminhamentos para uma estruturação curricular” **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 2, p. 227-243, jan. 2008.
- SOARES. **Educação física: raízes européias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- SCHIAVON, Laurita; NISTA-PICCOLO, Vilma. “A ginástica vai à escola”. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 131-150, 2007.
- SANFELICE, G. R. “A construção midiática de daiane dos santos nos jogos olímpicos de atenas 2004” **Revista da Educação Física/UEM** Maringá, v. 22, n. 3, p. 349-359, 3. trim. 2011.
- VIGARELLO, G. “A Invenção da Ginástica no Século XIX: Movimentos Novos, Corpos Novos” Tradução: CAMARÃO, M.S. T. R., Revisão técnica: SOARES, C. L. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, V. 25, N. 1, P. 9-20, set. – 2003.
- Bruno Barth Pinto Tucunduva - Rua Lodovico Geronazzo, 249 – Bairro Boa Vista – Curitiba – PR - CEP 82.560-040 - [btucunduva@gmail.com](mailto:btucunduva@gmail.com)**















